



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realidade moderna como unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6, pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient, t. 1, pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico, em que a accão do governo sera reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 149.

N.º 9 COIMBRA, 22 DE JANEIRO DE 1882 ANNO 4.º

O CENTENARIO DE POMBAL

A academia de Lisboa está actualmente empenhada com todo o entusiasmo na celebração do centenario de Pombal.

Este entusiasmo é justo e elevado, como o é sempre o entusiasmo da mocidade, e deve communicar-se a todo o paiz, que não pode, que não ha de ficar indifferente perante a solemnidade d'esta commemoração.

A academia tomou a iniciativa, e pertencia-lhe a ella tomal-a, porque a obra mais valiosa de Pombal, cuja inquebrantavel energia se revelou nos casos mais diversos, o de certo a reforma do ensino, a secularisação da instrucção publica. Foi sempre o ensino o baluarte mais bem defendido pelos jesuitas; foi tambem ali que Pombal os atacou com mais vigor. E conseguiu o que, ha bem pouco ainda, tanto custou a Jules Ferry e Paul Bert.

Mas, além d'esta obra, que já de si bastava para lhe conquistar o reconhecimento da nação, elle tem muito mais titulos á immortalidade e á gloria.

O papel politico do grande ministro só pôde ser justamente apreciado se o considerarmos na epocha em que viveu. Grande parte dos erros que lhe são attribuidos provem de se avaliar os factos do passado com as opinioes do presente.

Sebastião de Carvalho conheceu, quando esteve no estrangeiro, as ideas dos encyclopedistas, que, partindo da França, revolucionavam o mundo. Chega a Portugal e vê a nação nas mãos dos jesuitas. A corte era uma sacristia. Pombal passa na historia como um clarão, rasgando as trevas que nos avassallam; no tempo de D. João V medra o jesuitismo á sombra do rei; extinto o meteoro, o jesuitismo renasce sob a protecção de D. Maria.

Nestas condições poderia o revolucionario, — Pombal representava a revolução no poder; querendo fazer triumphar ideas que lhe pareciam boas, empregar meios differentes dos que empregou?

Alguns dos crimes imputados aos jesuitas não eram talvez verdadeiros; mas não seria exagerando as culpas d'elles que o ministro podia fazer interessar D. José na batalha que ia principiar?

Travou-se a lucta; Pombal venceu e os jesuitas foram expulsos. Não foi este o unico golpe vibrado ao clericalismo. Pombal, ao passo que dava a Inquisição o titulo de magestade, diminuiu-lhe de tal forma o poder que quasi a extinguiu: a magestade inquisitorial era uma irritação. O index expurgatorio, foi abolido, e a censura dos livros, que pertencia á Inquisição, passou para a Real mesa censoria, cujo presidente, esclarecido e tolerante, animava as letras, fazendo reim-

primir os livros portuguezes e importar as obras estrangeiras.

A reforma do ensino e o seu desenvolvimento tambem foram fataes para os jesuitas, que o marquez dispensou das funcções de professores regios.

A Universidade passou para o poder do Estado, e os seus estatutos, banindo a preponderancia do direito romano e canonico, representam um verdadeiro progresso para aquelle tempo.

Pombal fundou a Escola de navegão, e o Collegio dos nobres, subsidiou 840 professores para ministrarem o ensino gratuitamente, estabeleceu aulas de portuguez e latim em todas as villas, organisou lyceus, e estendeu a instrucção elementar a todas as possessões portuguezas.

Além do clericalismo, Pombal atacou a nobreza: os proprios irmãos do rei foram exilados por ordem do ministro. Tirou aos grandes o direito de subtrahirem os criminosos á accão da justiça, impondo-lhes penas severas. Fez-lhes sentir, como diz Schaefer, por actos de rigor a que não estavam habituados, que se deviam submeter ás leis a que obedeciam os outros cidadãos.

Egualou as classes, extinguiu as categorias. Aboliu a escravatura no reino, declarando os escravos com direito a exercerem todos os empregos. Acabou com a distincção entre os christãos novos e os christãos velhos.

E a par de tudo isto reedificava Lisboa, e dividia a sua attenção pela defeza do reino, que mandou fortificar, pelo commercio, pela agricultura, pelas colonias, pelo exercito.

Um historiador francez justifica os actos de Pombal pela necessidade que havia de os praticar; e nós lembraremos que: — se na vida d'este homem ha manchas de sangue, se o ministro foi ás vezes violento, cruel, sanguinario mesmo, — em todas as revoluções são immoladas victimas innocentes. Não nos admiremos, pois, de que na revolução, de que Pombal foi agente, se dessem factos iguaes.

O absolutismo, perante o qual o marquez de Pombal egualou todas as classes, está sem vida; a aristocracia, que humilhou, e o clericalismo, que venceu, conservam-lhe um odio profundo.

E ao povo, que elle nobilitou, egualando todos os portuguezes, que pertence honrar-lhe a memoria, celebrando o seu centenario.

E esta commemoração é, no momento presente, da maior oportunidade, da mais alta significação.

Quando os jesuitas, expulsos da França republicana, procuram estabelecer-se de novo em Portugal, é bom commemo-

rar o nome d'aquelle que vibrou com o seu rijo pulso de athleta o golpe que mais profundamente os lanceou.

Quando a nobreza celebra festas abjectas em honra d'um rei estrangeiro e justo que o povo celebre tambem as suas festas nacionaes e dignas.

Quando os governos portuguezes pretendem ceder gratuitamente Lourenço Marques; quando se prepara o tratado de commercio com a França, altamente nocivo para a nossa industria rudimentar; quando a agricultura se definhava de dia para dia: — é justo recordar a sabia administração colonial de Sebastião de Carvalho e Mello; é justo lembrar que elle creou a industria nacional, que reanimou o commercio, e que fez dos terrenos incultos do Alto Douro uma das regioes mais ferteis e mais povoadas do paiz.

Quando pensando a Hespanha na possibilidade de ser invasora, se descarta a defeza nacional, cujo plano, meio realzado apenas, tem consumido a quasi totalidade da quantia em que foi orçado, deve-se recordar que o marquez de Pombal, organisando o exercito e fortificando o paiz, nos habilitou para sustentarmos com exito a nossa existencia autónoma.

Quando a instrucção publica se acha n'um estado cahotico, que as successivas reformas só têm conseguido aggravar, é uma necessidade fazer sentir que a reforma do ensino feita pelo ministro de D. José foi uma investida valorosa contra o velho espirito romanista e clerical, foi um a verdadeira secularisação do ensino, foi, quanto a nós, o seu mais bello titulo de gloria.

Quaesquer que sejam, pois, os defeitos de Sebastião de Carvalho e Mello, defeitos que aliás não negamos, devemos desculpar-lhe muito em consideração do bem que elle fez á sua patria. É conyem lembrar aqui as palavras d'um escriptor francez. — Odiado pelos nobres por causa do seu nascimento e do seu liberalismo, pelos inquisidores por causa da sua tolerancia, pela população por causa da sua severidade e das suas doutrinas, pelos inglezes por causa dos esforços que incessantemente empregava contra a omnipotencia commercial da Inglaterra, o marquez de Pombal não poupou os seus implacaveis inimigos, e caminhou sempre em linha recta para um fim — a grandeza do seu paiz.

Sebastião de Carvalho exerceu em Portugal como Richelieu na França e Aranda na Hespanha, a nova força politica que Augusto Comte denominou o poder ministerial.

O sr. Theophilo Braga diz que Pombal favoreceu o advento das instituções liberaes, enfraquecendo a aristocracia e

o clericalismo, e annullando, com o novo poder ministerial, o antigo poder da monarchia hereditaria.

O marquez de Pombal encontrou a nação bestificada pelo jesuitismo, o commercio paralysado, o thesouro esvasiado por um rei perdulario, via Lisboa destruida por um terremoto, e a todos estes males a sua energia proligioza, multiforme acudiu com um remedio sempre prompto, embora ás vezes inefficaz.

A aristocracia beata e pusilanime de D. Maria I mandou o ministro para o exilio e entregou Portugal ao jesuitismo, mas não ponde esmagar o germen lançado á terra por este valente semeador, germen que, como é facil ver, não foi de todo infructifero.

E se aos grandes caudillos se desculparam as violencias e os morticínios quando combatem por um ideal levantado, saibamos nós tambem perdoar a Pombal a injustiça com que muitas vezes condemnou a criminalidade com que muitas vezes feriu, porque o ideal sublime que elle tinha em vista era a regeneração e o engrandecimento da patria.

Acompanhemos, pois, a academia de Lisboa no seu louvavel empenho, e cumpramos um dever de justiça, de patriotismo e de gratidão celebrando com todo o entusiasmo o centenario do marquez de Pombal.

Extinguiu-se o ultimo rumor das festas.

Os regios visitantes vão caminho da sua capital: os forasteiros, que a fama de tão estrondoso acontecimento atrahiu, recolhem aos lares e começam a longa serie dos seus commentarios; as attencões voltaram-se para outros assumptos; tudo entrou no equilibrio anterior.

Não será tempo agora de fazer das festas uma apreciação despreocupada e franca?

Não é a descripção minuciosa dos bailes, das touradas, das recitas de gala ou o longo menu dos festivos reaes que mais interessa a grande maioria da nação.

E para tudo isso já houve lugar. O paiz já está ao facto dos incidentes mais insignificantes dos festejos, desde a entrada de s. m. e. na estação de Santa Apolonia á caçada de Villa Viçosa.

Tudo isso elle já sabe; a imprensa cansada dos assumptos serios, deu-se feriado, e foi sollicita em contar-lhe os mais insignificantes detalhes.

Pois bem, agora que o esplendor das festas nos não fascina, é tempo de reflectir sobre o estranho espectáculo a que acabamos de assistir.

Para justificar a visita do rei de Hespanha, escolheu-se como pretexto a abertura da Exposição de arte ornamental. O paiz sabe os desvelos com que s. m. e. honra a arte, para ver que elle não poderia faltar a esta festa artistica.

Mas ha quem agoure mal d'estas visitas repetidas com tanta frequencia.

Já não ha incantos que se ceguem com tal poeira. Lavra com intensidade um senti-

mento de desconfiança surda, ácerca d'estas manobras mysteriosas.

E effectivamente qual seria a causa real d'esta visita, que a todos se apresentava tão pouco sympathica?

Um simples cumprimento?—não cremos. O rei de Portugal já por duas vezes tinha tido ensejo de manifestar ao de Hespanha os seus respeitos e o seu affecto.

Estreitar as boas relações entre os dous povos peninsulares?—não nos parece este o meio mais efficaz.

Demais, essas boas relações são actualmente evidentes, e por vezes tem produzido brilhantes manifestações de confraternidade.

Por consequencia, existe incontestavelmente no fundo de todos estes apparatus festivos, d'estas visitas e entrevistas regias, algum trama odioso, que não convem manifestar á nação. Falla-se em combinações diplomáticas contra a França, e recorda-se a phrase do estadista hespanhol—*algum dia a Hespanha ha de ser invasora*— Não sabemos; mas desde já agouramos um resultado triste para essas machinações imprudentes e loucas.

A nação aprecia muito as suas boas relações internacionaes para não sancionar qualquer tentativa perturbadora.

A França é o representante mais distincto da raça latina, e deverá ser o seu guia, o seu mestre. Pela sua illustração, pela sua generosidade, pela sua politica que ultimamente tem seguido, a França vai-se habilitando a representar com honra a hegemonia dos povos latinos, e tem conquistado em todos os corações a mais fevorosa sympathia.

E nas altas regiões do poder tramam-se combinações diplomáticas contra ella!

Simplemente deploravel!

Por isso a população de Lisboa, a mais sensata e illustrada do paiz, assistia n'uma attitudie serena e fria ao desfilar dos reaes cortejos. Mais pareciam as homenagens de um povo conquistado do que a visita cordeal de uma nação amiga.

As festas não conseguiram a mais breve vibração de affecto da alma popular, pelo monarchia hespanhol. Um simples movimento de curiosidade dirigia as massas.

A mesma população que no centenario de Camões desenvolvia o enthusiasmo mais delirante, que precisamente ao mesmo tempo dava plena expansão ao seu temperamento peninsular assistia n'uma reserva glacial ás exhibições da corte hespanhola.

O que significa esta extranha e inesperada recepção? Uma desillusão para a Hespanha monarchica, e uma lição mais á dynastia de Bragança.

Que os partidos monarchicos de Hespanha fiquem sabendo que em Portugal se lhes

repelle com vigor qualquer accordo politico.

Sabemos que de qualquer natureza que elles sejam, não de ter como objectivo final uma opposição á revolução peninsular, e por isso os desadorámos e repellimos.

Quanto á dynastia de Bragança, que se mire n'esse espelho; que veja a somma de affecto que lhe dedica o povo de Lisboa, que a conhece de perto, e que está nas mais vantajosas condições para lhe fazer justiça.

Que se convença de que as repetidas folias com que pretende enervar as forças vivas da nação, e distrahir as attentões da nossa miséria e do abysmo de que nos aproximamos a passos largos, são completamente impotentes para o conseguir e que melhor seria renunciar aos seus tramas odiosos, dando liberdade de acção áquelles que por via do interesse traz acorrentados ás suas ignominias, e satisfazendo aos votos patrioticos e generosos da parte mais illustrada e honrada da nação, que lhe tinha confiado os destinos.

Não esperamos tanta generosidade, mas vemos com satisfação que já esteve mais longe o dia, em que a isso se ha de ver obrigada.

A ORAÇÃO DO FRADE

(Na Cella)

Uma por uma, as camandulas
Do rosario desfiando,
Perdão supplica, chorando,
Das pequeninas escandalas...

Mais diz que ha noticia unica,
Em tempos do velho Egypto,
De alguém resistir no attricto,
Deixando estendida a tunica...

E como, *ad aeternam gloriam*
Quando subir de mansinho,
Pretenda cantar a *historiam*

Do celestial carinho,
A Deus pede (*ad rei memoriam*)
Mais um pipito de vinho.

COIMBRA

LUIZ OSORIO.

CAMARA OPTICA

(Suelto)

Comprehendes, leitor, a razão porque eu não te descrevo nem o *aplomb* marcial do rei de Hespanha, nem a insistencia com que

cas, as mais pobres, bem como as mais ricas, recebam um certo grau de instrucção, porque sómente a instrucção as pôde tornar um dia cidadãos livres; e para isso é necessario que ella propria institua, para obviar á falta ou á insufficiencia das escolas particulares, escolas publicas em que a admissão seja feita gratuitamente. Nenhuma creação, nenhuma despesa é mais necessaria e mais frutifera. Instruir o povo é arrancar o ao imperio dos appetites brutaes, de que nasce o vicio, que o degrada, e o crime, que povoa as prisões; é eleva-lo á vida moral; é tornal-o digno da republica. É por isso que vemos os paizes republicanos, como a Suissa, consagrar a esta despesa a verba do seu orçamento que outras applicam á manutenção d'uma corte e d'um exercito.

A instrucção indispensavel a todo o homem, a todo o cidadão, a *instrucção primaria* deve ser gratuita, afim de que nenhuma creança, por causa da pobreza de seus paes, seja privada d'esta alimentação espirital não menos necessaria que o pão do corpo. Ella deve tambem ser *obligatoria*.

E não se diga que decretar a obrigação da instrucção primaria, é attentar contra a liberdade do pae de familia. Só teria fundamento a objecção se os paes fossem obrigados a enviar seus filhos ás escolas publicas; mas desde que tem a liberdade de escolher entre estas escolas, e qualquer ou-

a *joven austriaca* espreitava a multidão atravez da sua *lorgnon* de tartaruga.

Tudo isto é muito interessante para o reporter d'um jornal diario que se vê obrigado a espiolhar em todos os factos um por menor curioso, uma minuciosidade ignorada para offerecer aos leitores da provincia, a quem o monte-pio official não forneceu o peculio necessario para vir deleitar a vista com o espectáculo que todos nós gosámos a semana passada.

A imprensa diaria, os jornaes affectos e não affectos á situação já se encarregaram de te orientar, em estiradas de prosa, muito bem recheada de amabilidades e matizada de *salamaleks*, sobre o alinhado das fileiras, o caracter reservado, a cordura do povo portuguez.

Um d'elles chegou mesmo a offerecer aos seus freguezes em telegramma, uma phrase (hoje historica) que o rei hespanhol soltou ás brisas da Pena no auge do seu enthusiasmo hippico.

Olé burrico.....

Foi assim que se exprimiu o regio estroina!

Esta particularidade que o noticioso atirou aos quatro ventos de Portugal, talvez seja mais alguma cousa do que uma phrase inoffensiva; em todo o caso é d'uma amabilidade a toda a prova. Passamos adiante.

Lisboa, a pacifica burguezia, que se ufana de ter por symbolo da sua administração municipal, o mais rotundo abdomen de que ha memoria, este *jardim* onde florescem os Jaymes de todos os calibres, os Theophilos Ferreiras e tantas outras plantas parasitas, teve ha pouco uns espasmos idiotas de admiração e curiosidade quando recebeu a visita d'um rei estrangeiro.

Desacostumada d'estas cousas, e iniciada n'uns certos habitos pouco conformes á pragmatica da corte, não teve um viva, um brado enthusiastico, um hurrah para saudar os reaes forasteros.

Dir-se-lia que, a nota viva, expansiva e elastica do caracter peninsular, que tão brilhantemente se expandiu no jubileo camoneano, se extinguiu atravez das influencias *mesologicas* ou das modificações *cosmicas*!.....

Não nos admira pois, que os periodicos indigenas quizessem attribuir esta indifferença ao *caracter reservado* do povo portuguez, sómente achamos novissima a descoberta, e interessantissima para a sciencia.

Mas, perguntar-me-hão, a que attribuo o phenomeno da frieza glacial.....

tro ensino, a objecção não tem valor. A liberdade do pae de familia não poderia ir tão longe que lhe permittisse deixar seu filho rastejar na ignorancia, quando está na sua mão porporcionar-lhe a instrucção necessaria. Não tem este direito como não tem o de o deixar morrer de fome; e a sociedade não faz senão representar e proteger o direito da creança, quando obriga o pae a dar-lhe, além do alimento material, a instrucção indispensavel, que aliás põe gratuitamente á sua disposição.

Emquanto ás objecções que se tiram, já da impossibilidade de achar uma sancção efficaz á lei que prescreve esta obrigação, já dos obstaculos que encontraria a execução d'esta lei, estão resolvidas pelos factos. A lei vigora em certos paizes, na Suissa, por exemplo (apraz-nos invocar os exemplos d'esta terra republicana), e é ahi perfeitamente observada.

Além de gratuita e obligatoria, a instrucção primaria, pelo menos aquella que se ministra nas escolas publicas, deve ser exclusivamente secular. As igrejas e seu ensino devem ser separadas d'ella, porque a liberdade de consciencia, ou mais geralmente a liberdade de pensar, este direito imprescriptivel do homem, seria lesada se a sociedade (o municio ou o Estado) fizesse ensinar ás creanças uma religião que, embora admittida pela maioria dos cidadãos, iria ferir a fé ou a razão dos dissidentes. Pertence á consciencia livre de cada um decidir o que lhe convém, para seus filhos, bem como pa-

A culpa foi dos proprios jornaes que pejarão as columnas de reclames pomposos. Ao passo que ensarilhavam as armas, para aconselhar uma recepção brilhante, emquanto faziam insinuações ao silencio da colonia hespanhola, á medida que atavam por todos os modos o enthusiasmo, iam tambem revelando umas verdades amargas, duras e pungentes.

Todos elles transcreveram a noticia de que o monte-pio official effectuára n'aquelles dias transacções superiores a oitocentos contos!....

Por isso é que o *Zé Povinho* descrente, se via passar uma longa fila de carruagens de praça, ou sentia o «fru-fru» dos vestidos de preço, tinha logo umas phrases sublinhadas de malicia, e esfusiantes de verve canalha.

Por outro lado os bailes deslumbrantes da corte, o fogo d'artificio no Tejo, a parada, a tribuna real, emfim tudo isso de que ouviu fallar ou que observou, affigurava-se-lhe como uns meios engenhosos e bonitos de gastar mil e tantos contos (que elle tem de pagar) e punha-lhe na physionomia *borralesca* esse tom de frieza que todos lhe reconheciam.

Então a sua consciencia severa e justa, sentia o remorso a espicçal-a, e chegava a arrepende-se de ter assim confiado o seu dinheiro a uns dissipadores espaventosos.

Agora digam-me se não fica bem explicado o caso, sem recorreremos ao sentido mysterioso que podem ter as beijocas e os abraços dos reis.

Esses apontamentos, essas impressões que nos ficaram da comedia dos festejos lembram-nos uma *orgia* do imperio. Só com uma differença; é que Napoleão tinha deslumbrado o povo francez com o fulgor da sua espada victoriosa emquanto que o nosso senhor que *reina* mas não *governa*, elle proprio vai abrindo os olhos ao povo. Haja vista o tratado de Lourenço Marques.

BINOCULO.

LISBOA

HENRIQUES NOGUEIRA. — FUNDAÇÃO D'UM NOVO CENTRO

A democracia portugueza, depois de amanhã, commemora uma triste data — o 24.º anniversario da morte de José Felix Henriques Nogueira. E esta data é de triste recordação para nós, não só pelo simples facto da morte d'um republicano convicto, do mestre de nós todos, mas pelas consequencias que resultaram do desapparecimento d'esse cidadão.

ra si mesmo, em assumptos de religião. A sociedade civil não se deve importar com isso, e por consequente os ministros dos cultos não devem ter accesso nas escolas publicas. As familias enviarão seus filhos ás igrejas, se quizerem porporcionar-lhes a instrucção religiosa que se dá n'estes sanctuarios; isso pertence-lhes a ellas e não ao Estado.

Não temos fallado até aqui senão da instrucção primaria. Mas este primeiro grau do ensino não é o unico de que uma sociedade republicana tem de occupar-se. A sua acção deve exercer-se em mais larga escala. Sigamol-a em toda a extensão.

A instrucção primaria, ou o grau d'instrucção sem a qual nenhum homem poderia elevar-se á dignidade de cidadão, sendo necessaria a todos, deve ser o primeiro cuidado d'um governo republicano. O ensino secundario, porque forma um grau mais elevado, quer na ordem das letras, quer na das sciencias ou da industria, não é tão indispensavel; mas apezar d'isso não se deve considerar como um luxo superfluo. Uma nação em que não fosse convenientemente desenvolvido ficaria n'um estado inferior do cultura e de prosperidade. A republica deve pois interessar-se por elle. Deve ter as suas escolas ao lado d'aquellas que os particulares fundarem, porque estas não podem corresponder sufficientemente a uma necessidade

FOLHETIM

A INSTRUÇÃO PUBLICA

O suffragio niversal reclama a instrucção universal.

Sem a instrucção, que esclarece os cidadãos sobre os seus direitos, deveres e verdadeiros interesses, os votos são necessariamente cegos, e é então que o suffragio universal, em vez de ser a expressão das vontades d'um povo livre, se torna um instrumento de despotismo. O que se pôde esperar, com effeito, de homens que nem sabem ler a lista que são chamados a lançar na urna, ou que, sabendo talvez ler e escrever alguma cousa, são incapazes, por lhes faltar a instrucção devida, de dar conta do sentido e do alcance dos seus votos? Deixam-se illudir por aquelles que tem interesse em enganar-os, e, dando á usurpação a forma da legalidade, consummam pelas proprias mãos a sua servidão e a sua ruina. A ignorancia das massas tem sempre sido para o despotismo um meio de reinar; ella seria, em um governo republicano, um contrasenso e uma causa infallivel de morte.

Segue-se d'ahi que, em todo o governo que se chama e quer conservar-se republicano, a instrucção do povo deve ser elevada á altura d'uma instituição publica. É preciso que a sociedade vele por que todas as crean-

José Felix Henriques Nogueira era o chefe moral d'uma pleiade de moços que n'aquelle tempo começaram a envolver-se na politica e os quaes obedecendo á corrente revolucionaria da França e enthusiasmando-se com as victorias que as ideias republicanas alcançaram n'aquelle paiz, promettiam prestar valiosos serviços no sentido da nossa regeneração social. Mas a prematura morte de Henriques Nogueira, um caracter honesto, um republicano sincero, um modelo de virtudes civicas, occasionou a sua separação e uns bandearam-se para a monarchia e outros tornaram-se indifferentes para a politica; dos companheiros de José Felix só tres militam ainda hoje nas fileiras republicanas. Esqueçamos aquelles e consagremos os nomes d'estes: — Gilberto Rolla, Sousa Brandão e Elias Garcia.

Ha um anno foi este anniversario pela primeira vez—commemorado, sendo uma das manifestações mais significativas, a inauguração do *Club Henriques Nogueira*. Este centro politico, bastante conhecido pelos seus trabalhos de propaganda democratica realisada durante o anno findo, vae agora solemnizar não só o seu primeiro anniversario, mas prestar pela segunda vez uma homenagem á memoria de quem lhe dá o titulo.

Honremos a memoria de José Felix Henriques Nogueira, proseguindo todos no caminho por elle iniciado, trabalhemos todos pelo decisivo triumpho das ideias generosas por elle espalhadas e sustentadas nos seus preciosos escriptos, nomeadamente nos *Estudos sobre a reforma em Portugal*.

—Emquanto a monarchia e os seus aulicos assistiam ao espectáculo brutal e estúpido d'uma tourada, como complemento d'uma semana inteira de festas e de bambuchatas, semana em que se não tractou d'uma unica cousa util para o paiz (talvez quem sabe! se se tractou d'alguma cousa bastante prejudicial.....), os republicanos fundavam com todo o socego mais um centro republicano juncto do palácio d'Ajuda.

A realeza e os seus dilectos hospedes dissipavam o dinheiro do povo em festas espectaculosas e improductivas; os republicanos abriam para esse mesmo povo mais uma escola de politica, mais um centro onde elle vá aprender a exercer os seus direitos politicos para deixar de ser o ludibrio dos seus exploradores nas luctas eleitoraes.

Os centros republicanos da capital estão todos a promover a criação de aulas d'instrução primaria pelo methodo *João de Deus* para os seus associados, e é este tambem um dos fins que tem em vista o novo *Centro eleitoral republicano* de Belem. Temos por isso de nos felicitar duplamente para com os patrióticos iniciadores do movimento democratico n'aquella localidade.

21 — 1 — 82.

Antonio Furtado.

de tal natureza; e deve abri-las gratuitamente a todos os mancebos que forem julgados aptos para encetar este genero de estudos e segui-lo com proveito.

Não é inútil acrescentar que estas escolas publicas, que são geralmente designadas pelo nome de *lyceus*, não devem ser mais que simples externatos. O Estado não póde dar outra educação a não ser a que resulte da instrução; sómente esta é da sua competencia; a outra pertence exclusivamente ás familias. É preciso deixar ás monarchias estas casernas ou seminarios de creanças de que o Estado se serve para predispor as almas para a obediencia passiva. Em uma republica, o Estado deve abandonar aos paes o cuidado e a responsabilidade da educação de seus filhos, offerendo-lhes sómente o que é da sua attribuição: um ensino publico o mais perfeito possivel.

Digamos ainda que, em uma sociedade republicana, este ensino deve ter por fim formar, não funcionarios de officio, ou ociosos que se sobrecarregam a si e á sociedade, mas cidadãos aptos para exercer utilmente as suas faculdades em todas as profissões livres que podem apresentar-se deante de si.

Tal é a razão porque tambem é conveniente, sobretudo n'uma epoca em que o trabalho da industria adquire tão grande importancia, collocar, entre o ensino primario e o ensino secundario propriamente ditos, escolas *profissionais*, destinadas a formar excellentes operarios.

LYRISMO

Teus olhos grandes, formosos, são dois lagos transparentes, onde se espelham trementes os astros silenciosos.

Tem o brilho deslumbrante da superficie do mar, quando um raio, (um diamante!) da lua, o vae pratear.

A limpidez ineffavel do sereno azul dos ceus; o fulgor immareavel d'um raio do olhar de Deus!

Se um teu olhar triumphante sobre mim vem a pouzar, eu amo mais do que o Dante mais que o Tasso pode amar!

COIMBRA

HENRIQUE PEREIRA.

NOTICIARIO

Continua a merecer as mais serias attentões o estado economico das provincias vinícolas do norte. O *phylloxera* continua na sua tarefa devastadora.

A experiencias feitas com o sulfureto de carbone não tem conseguido animar os infelizes proprietarios. Ou por não ter sido convenientemente applicado, ou porque o mal seja sem remedio já, o facto é que as tentativas não deram os effectos desejados. E para fazer cortejo a estes factos desoladores e á catastrophe eminente que a todos ameaça, a ultima colheita não se recommenda pela qualidade. Em alguns sitios o vinho tem soffrido graves deteriorações.

Que os agricultores se convençam de que nada tem a esperar das esferas superiores do poder. As reclamações dos proprietarios, que até hoje tem conservado a mais reprehensivel abstenção na gerencia superior dos negocios publicos, que quando muito vão coadjuvando levemente e sem criterio as eleições dos deputados que o governo lhes impõe, não tem echo nas secretarias. Primeiro é necessario attender aos descontentes e ambiciosos.

Folgamos de saber que alguém se preoccupa a serio com a sorte d'esta valiosa parte da população portugueza, e applaudimos sem reserva todos os esforços que se dirijam á solução d'este grave problema.

Eis algumas medidas que n'uma confe-

Ha enfim um ultimo grau de ensino que, sem excluir as escolas privadas, precisa mais do que os precedentes, de escolas publicas. O ensino superior, na verdade, por causa da sua propria elevação e dos recursos que exige, morreria e vegetaria, com grande prejuizo da republica, se a sociedade não fosse a primeira a encarregar-se d'elle. É d'este luxo principalmente que se póde dizer que é necessario; mas é preciso tambem applicar-lhe as regras que acabamos de indicar para o ensino secundario.

«Luz, mais luz ainda», tal deve ser a deviza de todo o governo republicano. O ministerio da instrução publica deve occupar o primeiro logar. É preciso que seja nas republicas o que o da guerra é nas monarchias.

A obra da instrução publica ficaria incompleta se não abrangesse o sexo femenino. Sem duvida, as mulheres não são chamadas como os homens, a tomar parte nas questões politicas; a vida publica não se coaduna geralmente com a sua natureza, e o seu logar é principalmente no lar domestico porque é ali que o seu destino lhes assignou deveres, como filhas, como esposas e como mães; mas a republica não é por isso menos interessada em assegurar-lhes a instrução sem a qual não poderiam desempenhar dignamente o seu papel na sociedade.

rencia, feita na Sociedade de Geographia do Porto pelo sr. conde de Samodães, são apresentadas á consideração dos lavradores:

Os lavradores do paiz vinicola do Douro, devem desde já formar uma associação com estatutos e uma direcção encarregada de estudar as questões que importam a esta região agricola, e representar os seus interesses.

A cultura intensiva e preferivel á extensiva.

A cultura do tabaco deve ser auctorizada, mas sujeita a uma fiscalisação tal, que a folha colhida produza para o thesouro publico tanto como se fora importada.

Esta cultura, porém, não póde fazer-se antajosamente, senão em terrenos substanciaes, adubados e abrigados do norte.

É mister uma lei de marcas, de modo que se mantenha o credito do vinhos finos.

É necessario crear o credito agricola, experimentado em Italia e já admittido em França.

É preciso modificar a lei sobre as annullações de contribuições por sinistro, de forma que a isenção de contribuição para terrenos, que não dão rendimento liquido, seja uma realidade e não uma ficção.

Chegou a esta cidade e acha-se no Novo Hotel de Coimbra o sr. dr. Abel de Jesus Ribeiro. Acompanha-o sua ex.^{ma} esposa.

Abriu no dia 16 de corrente a aula de musica da Universidade.

É regida interinamente, no impedimento do sr. dr. Simões, pelo sr. conego Brandão.

Estão matriculados mais de cem alumnos, sendo a maior parte estudantes da Universidade. Matricularam-se tambem muitos estudantes de preparatorios e alguns individuos estranhos á academia.

Os alumnos estão divididos em duas classes; á primeira pertencem os que já têm alguns conhecimentos musicaes, e á segunda os que são leigos na materia.

A imprensa socialista da Allemanha contava em 1878 setenta e cinco publicações diversas, jornaes e revistas, com a cifra total de 135:000 assignantes.

No anno anterior a esta data eram 57 as publicações.

São os effectos da politica absorvente de Bismarch, o qual vai n'um plano inclinado com uma intensidade de tal ordem, que nada ha que o ampare na queda.

Anda agora a embalar os reaccionarios. Não podia ser outro o fim d'este vulto politico, que produziu á humanidade a maior somma de males.

A Italia anda desconfiada com as maqui-

Esta questão tem sido até hoje, entre quasi todos os povos, demasiadamente desprezada, por causa do absurdo preconceito que rebaixa as mulheres á classe de creaturas inferiores, e fazia dizer aos nossos antepassados, segundo a asserção referida pelo *Chrysale* de Molière:

... Qu'une femme en sait toujours assez Quand la capacité de son esprit se hausse A connaitre un pourpoint d'avec un haut-de-chausse.

É assim que, conservando-as systematicamente na ignorancia de tudo o que esclarece o espirito e eleva a alma, tem desenvolvido n'ellas as ideias falsas e os gostos frivolos, que, em logar da acção benéfica que ellas deveriam exercer, tornam o seu imperio a maior parte das vezes pernicioso. É necessario combater a ignorancia como um flagello não menos funesto nas mulheres que nos homens, e instrui-las de tal modo que possam tornar-se para seus maridos dignas companheiras, dar a seus filhos uma boa educação, e espalhar por toda a parte uma salutar influencia.

A republica terá pois escolas para ambos os sexos. Terá escolas *primarias* em que offerecerá gratuitamente a instrução elemental de que nenhuma mulher deve carecer. Terá, além d'isso, escolas *profissionais* em que formará habéis operarias, capazes de viver honestamente do seu trabalho. Terá tambem escolas *secundarias* onde as que possam levar mais longe os seus es-

nações politicas de Bismarch, mas talvez elle seja o auxiliar mais fecundo para a manifestação clara e real das forças republicanas que no paiz do rei Humberto se acham como que comprimidas.

Não se luta impunemente contra o movimento das ideias, tão forte e tão irresistivel, que nem o desprezo nem a força o podem suspender.

O numero de livros publicados em Londres em 1877 foi de 5095.

Em 1876 haviam-se dado á luz 4888 e em 1875 imprimiram-se 4854.

Dos 5095 publicados em 1877, eram livros novos 3049 e novas edições 2046.

Eram assim divididos:

Romances	1034
Obras de theologia	737
« de educação	529
« para uso de creanças	522
« de historia e biographia	373
« de litteratura	364
« de poesia e drama	402
« de medicina	215
« de viagens	209
« d'artes e sciencias, illustradas	489
« d'economia politica	189
« de direito	118
Diversas	214

Total 5095

O numero de obras publicadas na Allemanha em 1877 eleva-se á totalidade de 13:925.

Em 1876, esta cifra era de 13:356.

Houve portanto uma differença a maior de 569 livros.

—As monarchias não agradam estas estatísticas.

Recebemos um folheto intitulado *Os devassos ou a republica em Portugal*, por Henrique da Cunha.

Ao seu editor agradecemos a offerta.

Tem-se fallado ultimamente na fusão do partido constituinte com o partido progressista. Acreditamos que a fusão não se realisa enquanto pertencer ao partido progressista o sr. Luciano de Castro, porque s. ex.^a é incompativel com os srs. Dias Ferreira e Vaz Preto. Com o primeiro existem rivalidades surdas e invenciveis; com o segundo é impossivel, porque toda a gente se lembra das scenas desagradaveis, monarchicas que se deram na camara alta. Muitos sabem tambem que o sr. Luciano de Castro escrevera no *Progresso* um artigo violento contra

todos receberão uma instrução mais extensa, mas sempre solida e pratica. Terá mesmo escolas *superiores* onde serão ensinadas, para seu uso, os conhecimentos litterarios e scientificos que lhes abrião certas carreiras para as quaes são perfeitamente aptas, mas cujo accesso lhes foi até aqui vedado, por exemplo, a de medicina (fallamos, já se vê, da medicina do seu sexo). Todas estas escolas concorrerão para arrancar as mulheres á miseria, á frivolidade, ao vicio; para as tornar capazes de comprehender e de cumprir os seus deveres em toda a extensão; para elevar enfim o seu papel na sociedade.

Não se trata de as egualar absolutamente aos homens, como sonharam alguns reformadores. Visto que a natureza lhes deu faculdades e funções, não inferiores, mas distinctas, é preciso que a instrução que lhes offerecem as escolas publicas lhes seja appropriada. Mas é desnecessario que esta diversidade continue a servir de pretexto para conservar-as n'uma igoarancia, e por consequencia, n'uma inferioridade systematica. Com isto a sociedade inteira se ressentiria e a republica perderia uma grande parte da sua força.

Podemos, pois, repetir aqui o que mais acima dissemos: a republica não fará nunca despeza mais util do que a consagrada á instrução publica.

JULIO BARNI.

o sr. Vaz Preto, por causa do qual se tra-
vou o famigerado duello entre este ultimo e
o sr. E. Naya-ro. Ou o sr. L. de Castro são
do partido progressista ou não são. Se são
é provavel a fusão; se não são, escusado é
pensar nisso.

Na correspondencia de Coimbra para a
Folha Nova de 21 do corrente diz o sr.
Oliveira Ramos:

Um semanário democratico nascido ha
pouco — a Evolução, ou morreu, ou está
estas horas incubando algum processo sinis-
tro, tenebroso para implantar a república
por estes dias. A Porta-ferrea metteu a
viola no sacco ou foi andando. Ninguém me
dá noticias d'esta senhora.

Dois mortes! Que horror! A Evolução
não morreu, nem incubo processos sinistros.
Deus nos livre de tal incubar processos si-
nistros! Pavorosa cousa!

A Evolução tem saído regularmente, e
continuará a sair, se a protecção do publi-
co a acompanhar, como até hoje tem succe-
dido.

O sr. Oliveira Ramos não tinha que dizer
na sua correspondencia; elle proprio o con-
fessa. Encontra na Feira o seu amigo Feijó,
que lhe diz:—arranje você um emard. E o
correspondente arranhou dois. Eis tudo.

Matricularam-se no abastado e populoso
concelho d'Abrantes em instrucção primaria
official, durante o anno lectivo de—1880 a
1881—686 varões e 162 meninas, ficando
promptas no fim do anno 26 alumnos e 4
alumnas.

Fizeram exame d'admissão aos lyceus 7
alumnos do sexo masculino.

Abrantes, uma das localidades que mais
tem cuidado da instrucção, tem tido também
um collegio, onde se ensinam quasi todas as
disciplinas d'instrucção secundaria.

Por falta de espaço retirou-se uma peque-
na resposta que a Evolução dá a uma cor-
respondencia d'Odemira publicada no Diário
de Portugal. Não perde pela demora.

Por igual motivo retiramos a continuação
da correspondencia da mesma localidade.

Transcrevemos do nosso estimavel collega
de Lisboa—O Seculo—a seguinte noticia que
honra sobremaneira a digna camara de Rio-
Maior.

Os povos d'aquelle concelho vão sentir
brevemente as salutaes consequencias de
uma administração municipal que servirá
d'exemplo e modelo a todos os demais conce-
lhos do districto de Santarem, a que per-
tence o honrado concelho de Rio-Maior.

Lemitrophe d'este concelho fica o Gartaxo,
que elego uma camara, presidida por Anto-
nio Gomes da Silva.

Que notavel differença!!!!

Rio-Maior.—Communicam-nos o seguin-
te:

No dia 2 do corrente mez foi dada a pos-
seja nova camara municipal d'este concelho.
Um dos novos vereadores, no acto do jura-
mento, declarou que não jurava pela parte
1.ª do art.º 15.º do Cod. Adm., que manda
guardar fidelidade ao rei, etc. Depois fez
profissão de fé republicana, stymatisando a
carta Constitucional e as leis monarchicas,
observando que lhe obedecia, em parte, por
não poder deixar de o fazer, como cidadão
portuguez.

Em seguida, procedeu a camara á vota-
ção do presidente e vice-presidente, sendo
eleito presidente, o mesmo individuo, que
tinha feito taes declarações.

Não quero aqui declarar o nome de s.ª,
declarando apenas que é um dos mais sym-
pathicos filhos da minha terra, seguindo em
tudo as tradições de seu honrado pae, ho-
nra e a que luctava no campo politico (eleitoral)
a par de Passos Manuel, e do Barão de Al-
meirim sendo considerado por estes na esti-
ma d'intimo amigo.

Em Ferreira do Zezere matricularam-se
370 alumnos do sexo masculino e 67 do sexo
feminino, ficando promptos d'aquelles no fim
do anno 18.

Foram approvados em exame nos lyceus
3 varões e 2 meninas.

Quando estivemos ultimamente em Lisboa
tivemos occasião de visitar o club republi-
cano, denominado Henriques Nogueira.

Esta associação acha-se estabelecida n'uma
bella casa, excellentemente mobilada, e
adornada de retratos dos principaes republi-
cianos portuguezes e estrangeiros.

O gabinete de leitura, onde se encontram
os principaes jornaes e revistas, a sala do
bilhar e a das assembleias geraes são nota-
veis pelo bom gosto da ornamentação.

Este club conta hoje perto de 400 socios
e é dos mais importantes, se não o mais im-
portante, do partido republicano. Foi elle
que tomou a iniciativa da candidatura de
Manuel de Arriaga, que, como é sabido teve
uma esplendida votação, e com certeza ven-
ceria se os nossos dignos correligionarios
quizessem empregar o meio de que se ser-
viram os antagonistas, a compra de votos.

Os elementos mais importantes da classe
commercial acham-se reunidos n'esta asso-
ciação, que conta também muitos socios es-
tranhos ao commercio.

Que o club Henriques Nogueira continue
gozando das maiores prosperidades, como
tanto merece, é o que lhe desejam estes
seus humildes correligionarios.

Recebemos e agradecemos O Microscopio,
folha quinzenal que começou a publi-
car-se em Messegana.

Diz-se que os objectos provenientes do
districto de Coimbra que fazem parte da ex-
posição de arte ornamental serão, logo que
ella finda, expostos durante algum tempo
n'esta cidade.

Cremos que se projecta o mesmo relati-
vamente aos outros districtos.

Prevenimos os nossos assignantes de Lis-
boa e Coimbra que procedemos n'esta se-
mana á cobrança das assignaturas.

Noticias de Santarem

O seminario d'esta cidade continúa ainda
sob a direcção do reitor Pinto Homem, que
a principio foi considerado o individuo, capaz
de reformar e pôr no são um estabelecimen-
to d'instrucção de tamanha importancia. Pas-
sado pouco tempo, reconheceu-se a sua in-
competencia para realizar tão util e indispen-
savel melhoramento. O sr. Pinto Homem li-
nhá andado melhor avisado, se tem chama-
do á sua confiança um Botto e um Jeronymo,
aceitando-lhe as indicações, e não lhes pre-
ferindo, como fez, um Agostinho qualquer.

Ali predominam os elementos reacciona-
rios que levam a dissolução a tudo quanto
bafejam e tocam. As ideias de accentuado
caracter liberal causam horror á maior parte
dos sotainas que no seminario se abrigam.
A sua administração economica cae de dia a
dia, peorando sempre o seu regimen inter-
no.

As intrigas representam o pão quotidiano
d'aquella casa. O sr. Agostinho que era hon-
tem um amigo dedicado, um alter ego do rei-
tor, é hoje um indifferente senão um in-
imigo.

Todos reconhecem que o seminario jámais
se levantará do nivel a que desceu, emquan-
to o patriarchado for governado pelo sr. D.
Ignacio ou pelo Arcebispo de Mytilene. Se
alguem reune as condições necessarias para
no seminario introduzir uma reforma com-

pleta e radical, será talvez o cardeal, Bispo
do Porto, D. Americo.

OMZIRYJ

A companhia Dalot que aqui tem estado
propocionou aos Santarens um passa-tem-
pos agradável, roubando-nos á samsaboria
incrível que nos asphixia. Todos corriam
ao espectáculo; todos o apreciavam.

De resto, as coisas começam a complicar-
se; a concorrência diminue e adquire-se a
pouco e pouco a convicção de que é uma ver-
dade o adagio popular—voz populi, vox
diaboli.

Urde-se uma teia immensa. Não preten-
demos desembrulhal-a e pomos ponto final
n'este assumpto.

Termo esta correspondencia, dando-lhes,
caros amigos, a agradável noticia do bom
acolhimento que a Evolução aqui teve.

Não desanimem os bríosos moços, porque
prestam ao partido republicano um assigna-
lado serviço. Prestam-no por igual ao paiz,
que era digno d'uma administração mais li-
beral, descentralisadora, honesta e fecunda
em prosperidade.

X.

CORRESPONDENCIAS

Ribeira de Santarem

Teve lugar no dia 8 do corrente a eleição
da nova mesa da assembleia geral do Mõn-
te-pio de Nossa Senhora da Conceição. Pre-
sidiu a sessão o sr. José Thomaz Duarte Coe-
lho, distincto cavalheiro d'esta localidade, e
que por vezes tem exercido differentes car-
gos n'aquella associação com o zelo e intel-
ligencia que o caracterizam.

A nova mesa ficou assim composta—Pre-
sidente o ill.º sr. José Estanislau Nunes da
Cruz—Secretarios os ill.ºs srs. Antonio de
Almeida e João Maria de Sousa. E de espe-
rar que s.s. ex.ªs empreguem todos os seus
esforços para levar aquella associação á altu-
ra a que deve estar.

Cada vez se torna mais urgente a refor-
ma dos estatutos. E' vergonhoso que uma
associação tão digna e respeitavel se esteja
regendo por uns estatutos cheios de erros e
absurdos: isto n'um dos bairros da cidade
capital do districto e concelho. Têm sido já
nomeadas algumas commissões para tratar
d'essa reforma, porém ainda nenhuma foi
capaz de levar a cabo tão importante mel-
horamento. Chegada a occasião da discussão
de approvação de estatutos, os socios não
apparecem, sendo os primeiros a faltar
aquelles a quem mais interessa o aumento
e prosperidade de associação; caso identico
se dá todas as vezes que são avisados para
qualquer reunião extraordinaria. Nas reu-
niões ordinarias é obrigatorio, como os que
faltam são multados, raros são os que não
comparecem, porém depois da chamada vão
sahindo todos ou quasi todos, chegando ás
vezes a ficar só os socios que compõem a
mesa de assembleia geral.—Isto é pouco di-
gno e decente; não tem comentarios. Tudo
porém se remedia com a reforma dos esta-
tutos.

Consta que o prior da freguezia de Santa
Iria vai metter a um processo, alguns rapa-
zes d'aqui, porque—diz elle—lhe chamara
galego. Corre como certo que houve des-
compostura de parte a parte, não sendo os
rapazes os provocadores.

Achava muito mais fasoavel e gracioso
que o sr. prior esperasse a occasião de os
agarrar na igreja e descompol-os depois do
pulpito abaixo, como ha pouco acontecceu
pela festa de Nossa Senhora da Conceição.

Ao menos na igreja pode ter a certeza
que lhe não chamam galego.

Espero o resultado d'estes acontecimen-
tos para depois dar algumas informações.—
Deve ser uma grande chuchadeira.

Passou aqui no dia 10 o rei d'Hispanha;

era grande a affluencia de povo na estação
para o ver, dizia-se que se demorava meia
hora para mudar de fato; mas o (comboy)
quasi que nem parou. Ficaram todos a
apitar. El nino fez-se muito corado, quan-
do viu, quando viu....

O tempo por aqui tem corrido muito bom
para a agricultura; téem-se feito bastantes
sementeiras. As podas vão adiantadas. Os
vinhos obtiveram um preço lisougeiro.

Tem estado bastante doente d'um péo
nosso particular amigo Joaquim da Costa
Maffetto, achá-se agora um pouco melhor.
Por hoje basta.
Janeiro de 1882.

Barracana.

EXPEDIENTE

Encarregam-se de receber a
importancia das assignaturas da
'Evolução' em Tavira o sr. Se-
bastião Galvão e em Lagoa o sr.
Domingos Faria.

Os srs. assignantes das local-
dades onde não temos correspon-
dente, obzequeiam-nos enviando
em estampilhas a importancia de
suas assignaturas á Administra-
ção da 'Evolução' na Couraça
dos Apostolos 29, 3.ª

Este jornal vende-se em Lisboa
na Tabacaria do sr. João José
Baptista, Kiosque do Rocio.

Encarrega-se de receber a im-
portancia das assignaturas da
'Evolução' em Alcaçova o sr.
Antonio Mendes Garcia.

ANNUNCIOS

CIRURGIÃO DENTISTA
CEREGHETTI DOMINIQUE

COIMBRA

POSSUE todos os aparelhos anestheticsos
e chloroformisadores para extrahir dentes e
raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor
dor.—Empasta e orifica os dentes cariados,
garantindo todos os seus trabalhos. Eguala
os dentes demasiadamente compridos, se-
para os unidos e firma os vacillantes. Lim-
pa os dentes com toda a perfeição. Tem
muitos especificos para a conservação e lim-
peza da bocca e cura o escorbuto radical-
mente.

Tira callos sem dor alguma podendo o
operado calçar o calçado mais apertado, e
andar com todo o desembaraço como se nu-
ca houyera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na
Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérto, que não faz uso da cha-
ve ingleza para extrahir os dentes. As suas
operações são feitas perpendicularmente.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.

A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 4.º pag. 430.

SEMANARIO REPUBLICANO

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

CONDICÕES DA ASSIGNATURA

COIMBRA, 30 DE JANEIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

ANNO 1.º

N.º 10

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

EXPEDIENTE

Tendo a administração d'este jornal reconhecido a impossibilidade de o dar regularmente ao domingo, resolveu, a contar d'este numero, fazel-o sair com a possível pontualidade ás segundas feiras.

Aos nossos assignantes das localidades onde não temos pessoa encarregada da cobrança das assignaturas, pedimos encarecidamente o obsequio de mandarem satisfazer a sua importância, enviando-a directamente em estampilhas a esta administração.

Pedimos igualmente o favor de reclamarem sobre irregularidades da recepção d'esta folha para serem immediatamente reparadas.

Temos correspondentes, ou pessoas encarregadas da cobrança de assignaturas nas seguintes localidades: Lisboa, Coimbra, Santarem, Cartaxo, Chamusca, Alcanena, Odemira, Lagoa e Tavira.

A NOSSA DECADENCIA

Ha poucos factos unanimemente reconhecidos pelos partidos politicos. A decadencia do paiz pertence a este numero restricto.

Constituintes, progressistas, regeneradores, republicanos e socialistas todos estão de accordo sobre este facto capital.

Se se trata, porém, de investigar a causa d'essa decadencia, o accordo desfaz-se n'um instante, os argumentos emaranham-se, levanta-se a calumnia, complica-se a discussão, cresce o tumulto e é quasi impossivel apurar a verdade.

Analysando a questão imparcialmente, nós vamos encontrar essa causa na fórma de governo.

O Estado é o poder que coordena e dirige todas as forças vitas d'um paiz, e é claro que a direcção que elle imprimir a estas forças é melhor ou peor, conforme são justos ou injustos os principios que lhe servem de base. Organizado o Estado pelos principios republicanos o seu fim é, como temos demonstrado, mais justa, mais digna, mais racionalmente cumprido. E n'um paiz de fracos recursos, como o nosso, o principal merito dos estadistas consiste em sabel-os aproveitar o melhor possível.

É isto o que a sciencia demonstra, é isto o que a pratica nos aconselha.

Contudo ha ainda em Portugal pessoas sinceras que dizem: sendo a monarchia economica e moral póde ainda trazer a este paiz a riqueza e a feicidade.

Entendamo-nos, porém, sobre este ponto.

Quem diz monarchia economica e moral faz uma junção de palavras contradictoria e absurda. Não póde haver economia nem moralidade fóra das condições em que a economia e moralidade são possíveis.

A monarchia não convence pelo raciocínio; d'ahi a necessidade de fascinar pelo delumbramento. As embaixadas pomposas, o brilho offuscador das festas regias, os grossos ordenados dos palacianos, e a lista civil, que se estende a toda a familia real, pondo a cargo da nação um onus pessadissimo,—todas estas condições, indispensaveis para conservar o prestigio monarchico, são essencialmente oppostas á pratica de qualquer economia.

Se o regimen monarchico é incompativel com a economia, sel-o-ha tambem com a moralidade?

Em Portugal raro é o homem publico que não tenha sido accusado de peculato, de nepotismo e até de traição. Estes homens em regra não se defendem.

Qual é razão, pois, por que aquelles que pugnam com todo o ardor pela integridade do seu caracter, como particulares; qual é a razão porque esses homens, alguns dos quaes são exemplos de integridade e honradez no lar domestico, se tornam nos bancos do poder dignos das mais asperas e tantas vezes justificadas accusações? Qual é a razão porque em geral se considera politico synonymo de *traficante*?

E' porque todo aquelle que entra na politica monarchica fica sujeito a um sistema de mentira e embuste, onde quasi sempre se lhe despedaça o caracter, se lhe deprime o cerebro, se lhe antesquinha a intelligencia.

E não ha furtar-se a este destino. Uma vez dado o primeiro passo poucos retrocedem; as mais das vezes não se pára senão no fundo do despenhadeiro. Felizes os que podem subtrahir-se a tempo a este ambito deleterio; enquanto n'elle permanecem soffrem fatal, inexoravelmente a influencia de um meio infecto.

É doloroso ver quantas bellas intelligencias, quantos nobilissimos caracteres se tem perdido para sempre nas luctas deploraveis, deprimentes da nossa funesta politica constitucional!

A estes factos incontestaveis ha quem responda: Mas que qualid-de de garantias nos dá a vossa republica? Esses homens que com tão negras côres nos descreveis são, os que hão de servir no futuro regimen, o qual, portanto, virá eivado dos vicios que condemnaes.

Esta objecção tem o seu valor, que, de resto, diminue bastante, se nos referirmos a Portugal.

É certo que o caracter d'um povo determina em parte a natureza do seu governo, mas é certo tambem que quando este tolera e até premeia, como succede entre nós, o desbragamento e a infamia, é a causa da corrupção e não o effeito d'ella. Quando o que se vende ao partido contrario é logo premiado por aquelles a quem se vendea; quando os ministros não se vexam de conferir os empregos mais rendosos e mais importantes aos homens mais desacreditados, preterindo os que teem uma vida limpa, é justo que se diga: a corrupção deriva do poder para o paiz, e não do paiz para o poder. Se os governos não premiassem taes actos elles deixariam de se repetir.

Póde-se ainda dizer que, se os agentes do governo teem até aqui sido immoraes e perjurarios, se devem escolher outros que não tenham as mesmas qualidades. Diz-se n'este caso um grande absurdo.

Suppunhamos que ha um sitio pantanoso, insalubre que arruina a saude dos desgraçados que n'elle teem a imprudencia de habitar. Pretendeis remediar este mal, conservando o mesmo estado de cousas, e substituindo apenas os habitantes enfermos por homens validos e robustos? Tal remedio seria apenas a prova da vossa insensatez. O que com elle conseguiríeis seria fazer definhar completamente uma raça pela permanencia das mesmas causas morbidas.

O remedio effectivo, radical é outro. Desinfectae o sitio insalubre, dissecae os pantanos, purifica o ar, removei todas as causas deleterias, e só então reaparecerá a saude, o trabalho, a abundancia.

Tal é o que nos cumpre fazer com relação á monarchia. Extirpal-a de vez, destruindo o meio mephitico por ella creado, para que se reanime a vida nacional, para que a dignidade impere no governo do paiz. Atirar-lhe homens novos para ella inutilizar parece-nos um contrasenso.

Admittamos, porém, que com a mudança de instituições os homens ficam o que eram. Pois bem; o complexo das leis republicanas assegura á nação a moralidade no poder.

Ao passo que nas republicas se torna effectiva a responsabilidade de todos os magistrados, por mais alta que seja a sua posição, em Portugal um alto personagem pede aos ministros que não processem os homens da Penitenciaría.

São estes e outros factos intimamente ligados com as instituições monarchicas que nos levam a achar n'ellas a causa da nossa decadencia. É, pois, em nome da prosperidade d'este paiz que pedimos a eliminção do regimen monarchico.

LISBOA

HENRIQUES NOGUEIRA

A commemoração do 24.º anniversario da morte de Henriques Nogueira foi uma festa republicana realisada no domingo pelos republicanos de Lisboa.

Nós não assistimos a ella mas vamos procurar dar aos leitores da *Evolução* uma ideia rapida do que alli se passou pelo que os jornaes disseram e pelas informações que pudemos colher dos proprios oradores que n'ella tomaram parte.

Ainda ha um anno foi preciso um grande esforço para que além da inauguração do *Club Henriques Nogueira* se fizesse mais alguma cousa em homenagem do primeiro republicano portuguez; mas agora o nome de Henriques Nogueira já é mais conhecido, os seus escriptos têm sido procurados, e o partido republicano portuguez, conquanto não fizesse n'este anno ainda o que devia, já commemorou dignamente esta triste data da democracia portugueza.

A sessão no *Club Henriques Nogueira* em que se commemorava tambem o primeiro anniversario da existencia d'este centro republicano federal foi imponente e são dignos de louvor todos os que se esforçaram para lhe dar o esplendor que ella teve. As 8 horas, estando as salas completamente cheias, o presidente do *Club*, o sr. Silva Lisboa abriu a sessão, pronunciando um brilhante discurso em que explicou os motivos d'esta reunião e lembrou os serviços prestados por Henriques Nogueira á causa republicana no nosso paiz; os discursos do sr. Silva Lisboa agradam sempre pelo seguro conhecimento que revela ácerca do que está fallando e pela phrase correcta e entusiastica com que os pronuncia.

Em seguida foram lidas na mesa adhesões de alguns republicanos que não poderam comparecer como Oliveira Marreca, Latino Coelho, Anselmo Xavier, Bernardino Pinheiro e Teixeira de Queiroz e tambem dois telegrammas do Porto assignados por Julio de Mattos, Alves da Veiga e outros nossos correligionarios d'aquella cidade.

O sr. Sousa Brandão foi ouvido com muito interesse, como companheiro que foi de Henriques Nogueira e prendeu a attenção da assembleia com a narração d'alguns factos particulares da vida d'aquelle de quem foi tambem collaborador nos esforços para a regeneração da sociedade portugueza.

Seguiram-se-lhes os srs. drs. Manuel de Arriaga e Gomes Leal que confirmaram os seus justos creditos, um de orador eloquente, outro de revolucionario ardente.

Entraram vindo de assistir á inauguração da escola da *Associação Pinto Ribeiro* os srs. drs. Theophilo Braga, Magalhães Lima e Jacintho Nunes. O dr. Theophilo Braga, que n'aquella associação havia por espaço de mais d'uma hora prendido a attenção dos que lá estiveram, fallando ácerca das vantagens do derramamento da instrução pelas classes populares e referindo-se tambem á individualidade historica do eminentemente patriota Pinto Ribeiro, ainda aqui tomou a palavra e discorreu larga e sabiamente sobre Nogueira e as suas convicções politicas, e mostrando que a Portugal nenhuma outra forma de governo lhe é applicavel senão a federativa, para a qual nós todos devemos trabalhar com perseverancia e coragem.

O sr. Magalhães Lima, o tribuno querido das assembleas populares, o republicano sincero, disse que depois de se fallar tanto e tão proficuamente da individualidade de Henriques Nogueira apenas lhe estava reservado o papel de se congratular cada vez mais com o partido republicano portuguez pelo seu extraordinario movimento; que percorrerá a Suissa e ali vira praticamente realizadas as doutrinas de Henriques Nogueira; que n'um momento em que no paiz se manifestava uma perfeita antinomia entre o poder central e o poder municipal como ainda ha pouco se vio pelos acontecimentos de Grandola, era asada a occasião para prestar homenagem a todos os grandes descentralistas como Henriques Nogueira. Que o meio de commemorarmos essa data, era trabalhar pela implantação proxima da republica, porque a epoca é de acção e é justo que o moderno Sansão chamado o povo portuguez em vez de ficar debaixo das ruínas, como o antigo Sansão biblico, abalasse por sua vez as columnas do templo ficando victorioso sobre as ruínas como eterna lição infligida aos reis e aos tyrannos do mundo.

Por ultimo fallou o sr. Jacintho Nunes a quem a assembleia victoriou bastante, testemunhando-lhe assim o apreço em que tinha o modo independente e digno como elle, ultimamente se havia portado na celebre questão de Grandola. O sr. Nunes aproveitou esta primeira occasião que se apresentava aos seus correligionarios de Lisboa para lhes narrar rapidamente o que havia succedido e protestar ao mesmo tempo contra tão desvairadas arbitrariedades praticadas contra um povo trabalhador e conhecedor dos seus direitos civis e politicos como o do municipio de Grandola. O sr. Silva Lisboa ainda tomou a palavra para encerrar esta sessão que é uma das mais memoraveis que o partido republicano tem realisado. Esquecia-nos dizer que nos intervallos foram executados ao piano varios trechos de musica, entre elles o hymno de 1820 e a *Marseilha*.

Associaram-se á commemoração Henriques Nogueira os jornaes *O Seculo*, que publicou o seu programma politico e umas notas biographicas; *A Folha do Povo*, dando na sua primeira pagina um artigo commemoratorio.

A Folha Nova publicando o retrato de Henriques Nogueira com a biographia escripta por Julio de Mattos transcripta do *Plutarcho Portuguez*, o seu programma politico

co e as notas biographicas transcriptas do *Seculo*; *A Democracia*, transcrevendo as mesmas notas e a *Galeria republicana* sae no proximo domingo com o retrato de José Felix Henriques Nogueira acompanhado d'um estudo biographico de Theophilo Braga. No Porto tambem em homenagem á memoria d'este eminente vulto da democracia portugueza foi inaugurada uma escola de instrução primaria pelo methodo *João de Deus* no *Centro republicano*, a cuja sessão presidiu, orando muito eloquentemente, o dr. Alves da Veiga.

27 — 1 — 82.

António Furtado.

DESTRUIÇÃO

Aonde páras tu espirito perverso?
Quem é que te conduz aos paramos do nada?!
De toda a parte estruge a eterna gargalhada
que mata o infinito e abala o universo!

Essencia immaterial, ideias absolutas,
vão rolando no pó do eterno esquecimento,
como nuvens no ar levadas pelo vento
e que se perdem lá n'essas aereas luctas.

Crenças, religiões, n'um vasto abysmo somem
o poder colossal! Não pode o extemporaneo
resistir longo tempo aos males que o consomem

E o pensador audaz, o atheu contemporaneo
fecha, materializando, o espirito do homem
n'um cofre de calcareo... (horror!) dentro d'um
craneo!

COIMBRA

HENRIQUE PEREIRA.

CAMARA OPTICA

Ainda ha pouco Alexandre da Conceição, n'um bello folhetim, com o seu fino stylete de critico punha a descoberto todos os defeitos e vicios que accumulam os nossos politicos; isto a proposito do *Grande Homem* do sr. Teixeira de Queiroz. Entre outros traços, com que elle delineava o typo característico do politico que se gera á sombra da Carta, um dos mais frisantes de verdade está consubstanciado n'esta phrase felicissima: «Quando está na opposição chega a proferir esta phrase chinezmente subversiva: É preciso reformar a carta!». Não ficámos, pois, extraordinariamente surprehendidos quando, através do nosso

E seguia pausadamente, feliz, satisfeito, com a consciencia tranquilla.

Os rapasitos, que passavam para a escola, descobriam-se respeitosamente, e vinham beijar-lhe a palma da mão.

E ficava a vel-os caminhar, com um sorriso de bondade, até que elles se perdiam além n'uma curva do caminho onde havia muitas arvores.

Se encontrava algum em flagrante delicto, espreitando um ninho em que piavam pequenas cabeças, implumes, o seu rosto cobria-se d'um mau humor.

— Espera, espera, brejeiro, que te arranço as orelhas. Se has de estudar a doutrina, andas a fazer mal aos passarinhos.

E as creanças desciam apressadamente da arvore com o medo d'um grande criminoso deante do juiz.

A residencia, uma velha casa amarella, era n'um pequeno monte, d onde descobria toda a aldeia, e via-o lidar das suas ovelhas. Depois de jantar, sentava-se debaixo da figueira, que estava ao pé da porta, n'uma cadeira de couro com pregos de metal amarello, e d'ahi, sorvendo estrondosamente as suas pitadas, enquanto digería a farta refeição, lançava os olhos pelos campos de milho, e pelos pinheiraes fronteiros. Seguía com a vista um lavrador que ao longe conduzia o seu carro assobiando as modas populares: olhava outros que regavam etc. Depois lançava mão do seu breviario, um velho livro dourado, e lia as orações do dia em tom baixo, monotono. As vezes levantava a cabeça e enquanto repetía machinalmente alguns versiculos, pensava, espriando a vista:

— Está bom aquelle trigo; aquelle milho não vai longe.

E continuava resando sempre, até que a cabeça descaia-lhe, os olhos fechavam-se-lhe,

binoculo, vimos agora na camara baixa o sr. Dias Ferreira pedir a palavra, levantar-se, olhar obliquamente os seus collegas e mandar para a mesa uma longa fila de numeros cabalísticos, instando ao mesmo tempo pela reforma dos §§ a que elles se referem. Só nos surprehendeu um pouco a desfaçatez com que uma parte dos deputados tolerou a segunda leitura do projecto.

Este facto novo, desusado, parece que nos revela uma certa disposição iconoclasta da parte dos senhores representantes; dá-nos umas esperanças animadoras, a ponto de nós pedirmos aos jornaes progressistas o obsequio de não tornarem a chamar-lhes *camara Angoche*, propondo-lhes ao mesmo tempo que substituam este epitheto selvagem, pelo de *camara chinez*, que tem mais cor local, com a devida venia do sr. Alexandre da Conceição. Este adjectivo quadra-lhe melhor.

O chinez é o symbolo do trabalho paciente applicado ao genero *mignon*; entretem-se a burilar pequeninos objectos de marfim, com uma paciencia só comparavel ao affan com que os nossos legisladores forjam em casa imagens, flores de estylo, apostrophes, invocações, allegorias, figuras e tantas outras bagatellas com que se enche uma sessão em S. Bento.

A não ser este acontecimento subversivo, o parlamento nada nos offerrece digno de registar-se..... ah! perdão!! ha mais alguma cousa.

Um deputado pelo Porto leu o projecto de um monte-pio para os operarios invalidos. Até aqui vai bem, apoiado.....

Para arranjar a receita que havia de dar os fundos necessarios, lembrou o imposto eleitoral, especie de contribuição sobre a consciencia. Nada mais justo e sensato applicado ao nosso systema de eleições. Todos sabem que o voto, entre nós, é uma mercancia, um negocio, uma coisa que se vende, como qualquer genero de mercearia, uma industria emfim. Quem ignora o que se passa por essa Parvonia em dias de eleições?

Nós se tivéssemos assento na camara, entre os Cebós, teriamos apoiado o imposto sobre a lista com todas as véras.

Longe de lhe acharmos os inconvenientes que todos lhe attribuem, cremos até nos effeitos moralisadores d'esta medida, visto que ella encareceria o preço das consciencias.

e o breviario, rolando por sobre as pernas, ia cair ao pé do abbade, com as folhas abertas, deixando para um lado o retrato de S. Pedro e para outro um bilhete de confissão.

Este somno era sempre interrompido pela chegada de Augusto Gomes, um rapaz d'aldeia, que tinha uma estatura regular, cabello louro, olhos azues e um signal na face esquerda.

Fôra estudante no Porto durante alguns annos, e nunca conseguiu fazer exame algum mais do que instrução primaria, por se entregar aos theatros, cafés, passeios etc. Conservava o tradicional chapéu posto ao lado com a aba levantada na frente, e usava-o ainda na aldeia, com grande escandalo d'aquelle povo, que o tomava por extravagante. Era vaidoso; suppunha que todas as mulheres o amavam, desde que a filha d'um negociante do Porto, menina excessivamente romantica, se apaixonára por elle a ponto de querer fugir ao pae. Era uma proesa que elle contava aos amigos todo ufano rindo-se muito e exagerando mais; uma entrevista de noite, com a lua a illuminar a scena; ella de branco com o cabello cahido, muito chegada a elle.

Estavam sentados n'um banco do jardim, fallando baixo umas palavras amorosas que ella aprendera n'um romance.

E com um rapido encolher de hombros batendo com a bengala na perna:

— Tolices!

Nas horas vagas que eram quasi todas, compunha versos d'um sentimentalismo piegas, e publicava-os n'um jornal, que, á fome de assumpto, acceitava tudo. Estava á espera d'um despacho, mas nunca chegava, ape-

Por estas e outras muitas razões é que nós não hesitamos em chamar á lembrança do sr. Joaquim Antonio, uma..... *uma idea luminosa*.

Deixando por agora a camara chinez, com todos os seus exemplares raros da fauna politica, entremos na dos próceres.

Limpemos as botas ao tapete da entrada, vamos devagarinho, nas pontas dos pés, tomemos uma attitude digna, á altura do logar.

Penetremos n'aquelle recinto sagrado, com todo o respeito com que um mahometano entra na *mesquita*, e sobretudo lembramos cautella para não pizar os callos dos sacerdotes.

Logo á entrada surprehendemos o sr. Serpa, atropalhado, confundido regougando umas explicações sobre a *carta*.

Ficámos seriamente intrigados com esta palavra, e chegámos a attribuir um certo grau de caruncho aos esteios das instituições, imaginando que tambem elles queriam reformar a *carta adorada*.

Applicámos melhor o ouvido: tratava-se da missiva de S. Magestade Fedelissima a magestade sterlina..... que digo?!... a magestade britanica.

Fallaremos para outra vez.

BINOCULO:

As nossas Colonias

Sabemos bem que a nossa voz será mais uma — *voz clamans in deserto*; embora, continuaremos a insistir sobre este assumpto, porque estamos convencidos de que serão as colonias que nos hão de levantar ao que fomos, se forem bem administradas, e se a ellas se prestar a attenção de que são dignas.

Nenhuma nação tem na Africa o prestigio, que ainda ali conserva o nome portuguez, é certo; se porém os governos continuarem a proceder como até aqui, esse prestigio em breve desaparecerá, para ser substituído por uma dominação ingleza.

Ha annos tivemos na nossa provincia d'Angola guerra com os Dembos e a maior parte dos soldados que foram bater (?) aquelles Sôbas, iam armados de espingardas de pederneira e algumas d'estas sem caçoleta!

O Tenente Oliveira que estava em um presidio do interior com uma pequena força teve que retirar por falta de munições!

sar do pae em todas as eleições trabalhar polo influente que lh'o promettera.

O abbade afeçoara-se ao rapaz por ser alegre e o fazer rir. Passeavam sempre juntos por entre os campos, fallando a maior parte das vezes da politica que segundo o padre, arrastava o paiz para a perdição. Caminhava devagar, parando a cada momento enquanto o abbade sorvia as pitadas, e lhe expunha algum pensamento que Augusto approvava, sempre, e lhe ouvia com muita paciencia. Á noite jogavam o gamão n'um taboleiro escuro com o verniz tirado em partes, posto sobre os joelhos dos dois adversarios.

A irmã do abbade, a D. Rosa, fazia meia ao pé d'elles. Era uma senhora de 40 annos, trigueira, cabello alguma cousa branco, pelos crescidos na cara, sobre tudo aos cantos da enorme bocca. Usava uma saia de cor de café com barras de veludo, e um chabre branco de botões de madreperola, que contrastava com a cor da cara. Namorara, quando nova, um cadete de cavallaria filho d'um morgado da aldeia, e ainda conservava umas quadras que elle lhe fez ao partir para o regimento. Cantava muitas vezes a ultima n'uma toadilha triste:

Mas embora a sorte dura
nos vá breve separar,
ai! eu sempre te hei de amar,
meus suspiros serão teus.

Quando o mano jogava com o Augusto, sentava-se ao pé d'elles; tirava do bolso uma caixinha de papelão escuro e punha nns oculos de ferro que a tornavam mais feia. Ao ouvir algum dos parceiros dizer — *gamão* — baixava a cabeça para olhar por cima dos oculos, e ria-se mostrando os dentes pouco limpos.

FOLHETIM

ESPERAR POR SAPATOS

DE

DEFUNTO

Era um velhote alegre o bom do abbade. Contava muitas historias á noite, á porta, aos rapazes da aldeia, rindo-se muito e mostrando a falta dos dentes. Era baixo, obeso, muito corado, d'uma cor de saude creada com o ar puro dos campos e o vinho da adega. Tinha pouco cabello, e esse mesmo era branco, encoberto com um barretinho de retroz preto, terminado por uma pequena maçaneta levantada para o ar. Não gostava de camisas engomadas, incommodavam-o muito e desesperava-se quando a irmã lhe queria fazer collarinhos.

— Isso é bom para a cidade, mana, que os de lá nem são padres nem são nada. Eu ando com o meu cabeção, não preciso. O peito não se vê, e os punhos engomados alligem-me, parece que nem deixam mover a mão á vontade.

Usava a batina já um pouco esverdiada, um capote e um chapéu alto muito velho.

Celebrava missa todos os dias muito cedo, e voltava para casa por entre os campos, embrulhado no seu capote, cheio d'um bom appetite ao almoço.

As vezes parava a olhar as arvores, que, por sobre os muros, pendiam para o caminho cheias de fructos vermelhos, maduros. E deliciava-se com uma pitada contemplando os productos da natureza, n'uma admiração mystica do poder de Deus.

— Boa fructa.

A coragem do então capitão Matta se deu à salvação da força que estava sob o seu bom commando, ao passo que outro official de quem calamos o nome, deixava trucidar um destacamento commandado por um alferes, por não lhe mandar munições que aquelle tinha pedido!

Agora vemos no *Seculo* uma transcrição que em seguida inserimos, que vêm mais uma vez demonstrar que o estado nas nossas colonias não melhorou.

Lê-se também n'um jornal:

Em outubro revoltou-se uma parte do batalhão da guarnição em Tete por falta de pagamento, que não se realisava havia cerca de 9 mezes.

A maxima parte da força tinha descido para Quilimane, e depois d'isso o governador enviou uma diligencia de poucas praças a 6 dias de marcha de Tete. Quando estes soldados regressaram, verificou-se que tinham vendido a pólvora aos indigenas afim de adquirirem mantimentos. O governador castigou os soldados com algumas guardas mas elles tentaram revoltar-se.

Sufocada a tentativa de insubordinação o governador não pôde reunir conselho de investigação, porque em Tete só havia dois officiaes. Pouco depois chegou uma das alas do batalhão, que estava em Quilimane e constituiu-se o conselho. Mas como punir uns desgraçados que faltos de pagamento, venderam a pólvora para não morrerem de fome?

Que juizo formarão os indigenas quando virem os nossos soldados rotos, esfomeados, com pessimo armamento, e ainda vendendo as munições para alcançarem alimento?

Se os indigenas não estivessem costumados a respeitarem-nos, onde parariam as autoridades e o bello exercito que temos nas colonias?

É certo que os governos só conspiram para cada dia mais nos desacreditarem aos olhos dos indigenas e dos estrangeiros!

Como querem o soldado morigerado ou regenerado nas colonias, se lhes faltam com o alimento, com o vestuario e com um bom tractamento, quando doentes?

Se o nosso soldado não fora tão soffredor há ha muito que nas colonias teria havido exemplos bem para lastimar.

Mandam o soldado para paizes d'um clima relativamente máu, abandonam-o ahí aos proprios recursos, e o que querem que elle faça? o que naturalmente succede, ou de-

serta para as colonias inglezas, ou se aos soldados nada falta, ou rouba.

Pelo que respeita á officialidade as coisas não correm melhor.

O official chega ás nossas colonias, é mal retribuido, a alimentação é cara; portanto o seu *desideratum* é obter uma commissão em qualquer concelho do interior; para ali vai como chefe; mas como o seu soldo é pequeno, elle não tarda em procurar augmental-o; para isso emprega todos os meios, as estorsões não tardam e o indigena caçado por fim revolta-se, porque tudo tem um limite; depois as guerras de S. Salvador do Congo, da Zambezia, dos Dembos, e as que se lhes seguirão se tudo assim continuar. Continuaremos.

NOTICIARIO

E Coimbra uma terra excepcional. Arroga-se a classificação de terceira cidade do reino e todos os dias mostra bem claramente que em iniciativas de qualquer ordem é sem duvida a ultima.

Se não vejamos: funda-se em Coimbra uma associação commercial e não tardam as pequeninas intrigas, os mesquinhos atritos a esfacerar uma associação de que esta cidade com razão devia eperar muito, muitissimo.

Funda-se a associação liberal onde se encontram espiritos elevados e talentos reconhecidos de todas as classes; pois essa mesma só agora parece querer despertar do letargo em que por tanto tempo jazeu.

Organizou-se ha poucos dias nesta cidade uma delegação da sociedade de geographia do Porto, e tambem essa que a principio nos pareceu caminhar para um fim útil, já periclitada, já começa uma vida arrastada, e podemos dizel-o, é isto devido a indiferença com que a maior parte dos filhos d'esta terra olham para coisas serias e que podem e devem levantar esta cidade á devida altura.

Nem todas as verdades se dizem; algumas ha porém que embora amargas se não devem callar.

A delegação compõe-se de 30 membros, e entre estes dois jornalistas, pois tem deixado de celebrar sessões por falta de numero legal!

Coimbra é uma cidade dormente; desperta por um pouco, quando ouve dizer que qualquer via ferrea vaé passar, com grave in-

justiça, a dez leguas da cidade; então faz representações, grita, esfalfa-se, nomea commissões etc., para logo cair no marasmo habitual, para em seguida ir eleger deputado o primeiro individuo que qualquer governo lhe impozer.

Succede isto todos os dias e assim continuará em quanto esta cidade, por todos os títulos digna de melhor sorte, não quizer comprehender que acima das mesquinhas machinações de corrillo politico está a sua dignidade.

O curso que actualmente frequenta o 4.º anno de direito, tem soffrido profundos desgostos na sua carreira academica.

No 2.º anno, perdeu um dos seus membros mais sympathicos—Roberto Woodhouse. Na vespera do fallecimento, conversava elle com os seus amigos despreoccupado e alegremente; e no outro dia de manhã, corria já pela cidade a triste noticia de que tinha succumbido, victima d um ataque epileptico, de que não dera conta ninguem de sua familia.

Deu-se uma scena inesperada que era de fazer enlouquecer. Alfredo Paço, seu condiscipulo e amigo intimo, que estivera com elle no Theatro Academico até á meia noite, foi procural-o de manhã.

Entrou no quarto, correu as cortinas do leito, viu-o debruçado para o lado da parede; chamou-o, convencido que estivesse brincando e depois... encontrou sómente um cadaver gelado... inerte.

A um grito afflictivo, quasi d'um louco, accudiu a familia do finado; e a pobre mãe, a sr.ª viscondessa de Balsemão, ao ver seu filho estremecido já morto, sem ter sequer recebido o seu ultimo beijo, desfalleceu com tão profundo desgosto e esteve bem proximo de se ir juntar com elle na eternidade.

A noticia espalhou-se rapidamente pela cidade e todos sentiram deveras a morte de Roberto Woodhouse, porque era uma perola.

No principio do 4.º anno, deu-se um outro acontecimento funebre.

Pe. Antonio d'Almeida, rapaz distincto e trabalhador, depois d'uma tísica prolongada, resultante talvez do excesso de trabalho para grangear meios de subsistencia para si e poder socorrer ainda sua familia, falleceu em 12 de dezembro, deixando a todos na maior tristeza.

Mas o que aggravou ainda mais esta dôr, foi o abandono a que o votaram os seus que,

— Um militar não usa isso.

E caminhava para a igreja com as mãos nos bolsos das largas calças, a cabeça baixa e a cara contrahida por causa das gotas que cahiam. Augusto Gomes ia acompanhado pelo abade, ouvindo sermões de moral com a sua paciencia enorme; e paravam a cada momento enquanto o padre dizia.

— Esta é a carne da tua carne! e sorvia estrondosamente uma pitada. Por tanto vós ambos fareis um só.

E olhava para Augusto que abanava a cabeça em signal de assentimento e comprehensão.

— Era da minha obrigação dizer-lhe isto, pensava o abade.

O casamento celebrou-se depois de terem ouvido a missa, uma grande missa. Voltaram entre os convidados, radiantes; o boticario sentia vontade de dançar.

— Honorio, dizia elle. já me não fuge. Que riqueza que a pequena vai ter; e eu não tornarei a trabalhar. E ria-se muito, como se já estivesse livre do almofariz. Augusto trazia a noiva pelo braço, embaçado, sem saber o que havia de dizer; ella vinha corada, pouco á vontade. A festa correu alegre. Ao jantar, Pedro brindou toda a gente; o abade aconselhou-os. até que mais tarde tornou-se vermelho, fallador, alegre... a irmã olhava os noivos suspirando; o militar descreveu batalhas medonhas; só os noivos fallavam pouco.

A noite o boticario não podia dormir pensando na riqueza: Augusto dizia á mulher:

— Deixa-me tudo; não tem herdeiros; é muito meu amigo; aturei-o sempre com uma paciencia, que só eu a tinha... com esperanças de herança.

durante a sua longa enfermidade em Coimbra, nem sequer o visitaram!! Morreu nos braços dos amigos e condiscipulos que lhe improvisaram uma familia, formada pelos laços de amizade sincera, já que a familia natural não quiz cumprir o seu dever sagrado.

Agora veio um outro passamento contristar o curso do 4.º anno. O telegrapho communicou-nos a morte de Miguel Baptista da Silva em Souzaellas, comarca de Louzada, no dia 26 do corrente.

Era um moço de talento, incontestavelmente um dos mais distinctos da actual geração academica; mas tão modesto, que quem o não conhecesse de perto, julgava-o um insignificante, uma nullidade.

Quando estudava Theologia em Braga, fundou um periodico — *Jornal Academico* — em que publicou artigos que mereceram já os elogios da imprensa, não obstante elle ser então ainda uma criança.

Na Universidade, no 2.º anno, imprimiu um *Resumo* das prelecções de Direito Publico, feitas pelo sr. dr. José Braz, em que se nota claramente o vigor da sua intelligencia. Agora andava publicando no *Instituto* a sua dissertação para a cadeira de Finanças, que tencionava colligir em livro para offerecer aos seus amigos.

No desalento que se tinha apoderado do seu espirito, dizia a um seu condiscipulo: «E talvez um livro posthumo!» E não se enganou nas suas conjecturas!

A tísica pertinaz que o impossibilitára de se matricular no 4.º anno, consumiu-o dentro em pouco tempo; roubou-o aos seus amigos, tendo apenas 24 annos e um futuro, cheio de aspirações...

Ao ver tão lugubres acontecimentos, apodera-se de nós o desalento... domina-nos completamente o presentimento da morte! Achando-nos á beira d'um tumulto, derramemos lagrimas de saudade sobre a memoria d'um amigo que se finou; e ao mesmo tempo, sentimos uma tristeza inundar-nos o espirito... tristeza que é o prezagio de que talvez em breve haja de cerrar-se sobre nós tambem a louza d'um sepulchro!

Ai! que é preciso muito para se não cahir no desespero, quando, aos 24 annos, vemos afundar-se na valla d'um cemiterio um talento e uma esperanza!

Novo centro. Fundou-se em Lisboa um novo centro eleitoral na freguezia de S. José denominado, *Club Eleitoral Democratico*. É presidente o sr. Francisco Guilherme de Sousa.

Tornára-se notoria na aldeia a amizade do padre para com o Augusto Gomes, e dizia-se que elle herdava tudo, muito dinheiro, muitas terras, eu sei lá, o Brazil. O Pedro boticario lembrava-se de casar a filha com o rico herdeiro, e sorria-se de contente, estregando as mãos. Já tinha dito a um seu amigo o Honorio, capitão reformado, de grandes bigodes espetados. Era n'uma tarde de muito calor; havia enorme socego apenas interrompido pelo barulho monotonico d'uma fonte, e pelo acalantar d'uma creança. O boticario, em mangas de camisa mexia unguentos, fazendo a sua confidencia; o amigo espalhava o meio deitado sobre umas cadeiras, fumando.

— Então que me diz a isto? perguntou Pedro limpando o suor.

— Digo que é um bom partido. O caso é que o abade lhe faça testamento.

— Ora! isso nem admitte duvida.

— E abanando a cabeça:

— O rapaz é cabeça no ar, mas aquillo passa em casando. E demais não vejo outro por ahí.

— Isso é verdade, respondeu o militar olhando para o fumo que subia em largos zueis azulados. E resolveram tractar do casamento o mais breve, não fosse prender-se a outra, e perder-se uma conveniencia tão grande.

— Eu sustento-os dizia Pedro, enquanto o padre não morrer; depois deixo isto. Que diz você, Honorio, em me vendo sem trabalhar?

E esfregava as mãos de contente, doido de prazer.

— Arranjou-se o casamento. O abade não desgostou; era uma conveniencia boa para

o rapaz que nada tinha e precisava de se «arrumar». O pae de Augusto consentiu, e em setembro uniram-se para sempre na igreja d'aquella freguezia, adornada convenientemente para esse fim. Estava um dia triste, enevoado; cahia uma chuva miuda, fria, acompanhada por um aspero vento do sul. Era um successo na aldeia; as creanças espreitavam curiosas ao fundo das escadas do boticario, e outras apanhavam na igreja as flores que cresciam do adorno dos vasos, espetando-as no chapéu. Algumas raparigas esperavam os noivos para lhe lançarem confeitos e flores desfolhadas. De vez emquando, algum pequeno mais atrevido subia pelas escadas da torre e repicava freneticamente, desordenadamente, os sinos, até que uma chibatada do sacristão o fazia deixar o brinquito. Entretanto os noivos esperavam que a chuva passasse; o boticario olhava os ares impaciente; vinha receber os convidados, e voltava para a janella radiante de contentamento, esfregando as mãos.

— Então, Honorio, conseguí o que queria.

— É verdade, respondeu o velho militar compondo a farda que vestira para aquelle dia.

— O rapaz vem a ter muito dinheiro, segredava Pedro. E ia para a janella com impaciencias febris.

O tempo não melhorava; resolveram-se e partiram para a igreja. A noiva ia com o vestido levantado deixando ver uma saia branca e umas botas da mesma cor; levava um véu cahido, e uma corôa de flores de laranjeira, tudo vindo do Porto. O boticario, com a casaca do seu casamento abrigava a filha com um chapéu de chuva cor de castanha, já debutado. Quizeram tambem dar um guarda-chuva ao Honorio, mas elle desera imponente:

Foram passando alguns annos. O boticario continuava a trabalhar sempre, sustentando os dois esposos. Augusto ajudava-o alguma cousa; mas não ganhava, não chegara ainda o prometido despacho. O abade passeava com elle, jogavam o gamão, discutiam a politica. o que o fazia ter muitas esperanças.

Mas um dia o padre sentiu-se incommodado, e morreu com uma apoplexia Augusto e o sogro correram a consolar a irmã e a ver o testamento.

— Amanhã já não abro a botica, pensava pelo caminho. Chegaram. D. Roza chorava com saudades do seu bom irmão, muito seu amigo. o seu amparo, viver agora só, sem parentes! uma infeliz!

Sobre uma mesa estava o testamento. Deixando tudo a irmã, e por morte d'ella á misericordia do Porto. Mais nada. Os dois olharam-se involuntariamente, o apressaram-se a voltar a casa.

— Mal empregadas horas que o aturei, dizia Augusto á mulher. Sempreu sou um tolo! Nem cinco réis!

— Então, Pedro, você ainda tem a pharmacia aberta? perguntava Honorio com um tom ironico.

— Ora pelo amor de Deus! Esta só commigo.

— E agora?

— Agora tenho de os sustentar sempre, e trabalhar para isso.

— Quem espera por sapatos de defunto... dizia Honorio rindo-se muito.

— Toda á vida anda descalço. A minha vida, a minha vida!

E foi pisar linhaça muito desconsolado.

FERNANDO COUSIN.

Recebemos e agradecemos a visita de dois novos collegas:

O *Picaro*, periodico quinzenal, instructivo e noticioso: é natural de S. Roque (ilha do Pico), e filho dos Barões de Santo Emycio como elle proprio declara no seu folhetim. Propõe-se «contribuir para o bem estar os povos da ilha»... «fazer o povo conhecedor das suas regalias» e «permanecer affastado de politica e de tudo quanto respeita a questões meramente pessoais». É digna a missão que se impoz, e oxalá a fortuna o bafeje para proseguir intemerato no desempenho d'ella.

O *Pero Gallego*, de Vianna do Castello, folha semanal, litteraria e scientifica. São seus redactores os srs. Pereira da Cunha, Silva campos, e Rocha Páris. A sua administração é na rua de S. Sebastião n.º 74, Vianna. Insere prosa e versos de incontável merecimento e no muito bem redigido artigo programma, assignado pelo sr. Silva Campos explica a razão da denominação que adopta. É interessante e curiosissima a razão d'ella. Insere «duas quadras» do festejado poeta, e nosso collaborador e amigo, Antonio Feijó. Terminamos esta breve noticia, recommendando o *Pero Gallego* aos nossos leitores e desejando que tenha bastantes occasiões de cumprir o seu programma, que é prestar concurso á meritoria e sobre todas digna crusada do ensino e instrução.

Lemos um documento estatístico relativo á India ingleza, na qual se contém as seguintes curiosas indicações.

O territorio sujeito á administração britannica comprehende 909:834 milhas e uma população de 191.065:415 habitantes. Os estados indigenas comprehendem 573:052 e uma população de 48.233:987 habitantes.

A superficie total da India, abrangendo as possessões portuguezas e francezas conta 1.434:150 milhas quadradas com uma população de 239:978:595 habitantes.

Os 191 milhões de habitantes da India ingleza, considerados em relação ás creanças religiosas, estão assim divididos: Indous, 139,343:820; Sikhs, 1:174:436; mahometanos, 40,867:125; budistas, 2,832:851; christãos, 897:682. Acresce ainda que existem 5,417:304 de creanças diversas e 652:227, cuja religião se não conhece.

Ainda ha bem pouco tempo se notava que o casamento puramente civil era consideradaavelmente mais commum na Paussia do que na França.

A media das creanças, baptisadas, calculada sobre toda a população da Prussia, é de 92,29 por 100. Convém observar que os protestantes baptisam seus filhos muito mais tarde que os catholicos, donde resulta um notavel augmento na cifra das creanças falecidas sem baptismo, até entre as populações mais religiosas.

Mundo Academico—Vai publicar-se por iniciativa d'alguns estudantes de Lisboa o numero unico d'um jornal illustrado, que se denominará *O Mundo Academico*.

Esta publicação representa a homenagem prestada pelos seus iniciadores á memoria do grande estadista Marquez de Pombal e a solemnização que elles fazem do primeiro centenario da sua morte. O producto d'esta edição revertirá em favor dos estudantes necessitados. Louvores aos estudantes de Lisboa pela alta comprehensão dos seus deveres civicos.

Foi transferido, a seu pedido, do concelho de Belmonte para o de Villa Velha de Rodão o digno e intelligente medico, dr. João Paes da Cunha Mamede: deixa em Belmonte muitas saudades e muitos amigos e será difficil a reparação da perda, que a ausencia de sua ex.ª vai causar aos povos d'aquelle concelho.

Pedimos desculpa aos nossos estimaveis correspondentes de Odemira e de Santarem do atrazo que tem havido na publicação das suas correspondencias.

Thiers deixou os seguintes manuscritos:

Uma obra incompleta sobre a origem e destino do homem.—Historia da indemnização dos cinco mil-milhões.

Este ficou ultimado; comprehende as negociações com a Allemanha e as transações que respeitam ao emprestimo.—Fragmentos acerca de diversos acontecimentos politicos do tempo de Luiz Philippe.—A Historia de muitos episodios da presidencia de M. Thiers, alguns dos quaes são a abertura da Assembléa nacional em Bordéus, Versailles durante a communa e a eleição Barodet.—Uma correspondencia volumosa sobre variados assumptos.

Recebemos o n.º 2 da *Canastilla Infantil* periodico de modas, mensal e illustrado, dedicado ás creanças. Traz interessantes artigos litterarios, e além das gravuras no texto uma folha separada de desenhos. drées. É publicado em Paris e escripto em hespanhol sob a direcção de Faustina Saez de Melgaz. A assignatura por anno custa 7 pesetas. Toda a correspondencia deve ser dirigida para—Paris Cité Trivise 8.

Agradecemos.

Eis a estatística criminal das cadeias da relação do Porto no anno findo:

Existiam encarcerados em 31 de dezembro de 1880 n'aquellas cadeias 289 pessoas, sendo 267 homens e 22 mulheres.

Durante o anno de 1881 entraram 1230 pessoas, sendo 1073 homens e 157 mulheres; sahiram 1199 individuos, pela seguinte forma:

Soltos 572 homens, e 134 mulheres; afiançadas, 32 homens e 5 mulheres; removidas para outras cadeias 322 homens e 3 mulheres; seguiram para a Africa 120 homens e 6 mulheres, evadiu-se um homem e falleceram quatro.

A lista dos jornaes estrangeiros, cuja entrada era permitida na Russia em 1868, é a que segue e que transcrevemos d'uma Revista franceza.

Jornaes d'Allemanha, 186; da França, 135; d'Inglaterra, 63; d'Italia, 13; da Grecia, 7; da Suecia, 13; da Noruega, 3; de diferentes linguas slavas, comprehendendo 6 da Polonia, 28. Total: 448.

Na Allemanha eram na mesma epocha permitidos pela censura Prussiana 6:822 jornaes, incluindo-se n'este numero 3 de Portugal.

Observa ainda a Revista, donde extractamos estas indicações que os jornaes slavs, auctorizados na Allemanha, perfazem a cifra de 167, ao passo que na propria Russia apenas se publicam 122 jornaes slavs, mettendo em linha de conta 28 que vem de fóra. Vé-se, pois, que na Allemanha se publicam a mais 45 do que na Russia.

Diz a Democracia:

Por proposta do sr. Paul Bert, ministro da instrucção publica em França, resolveu-se conceder pensões ás familias dos sabios que morrerem feridos, fazendo investigações, scientificas ou viagens.

É digna de elogio a proposta. A sciencia tem os seus martyres, porque a natureza revela os seus segredos, em troca da vida dos que os investigam.

Recebemos e penhorados agradecemos o folheto *Zé Povinho* ou a *Victima do regimen parlamentar*, por um veterano da liberdade. Sentimos não poder já formular sobre elle a nossa opinião, fal-o-hemos porém do melhor grado no proximo num ro. Vende-se por 100 réis na Livraria Portugueza e franchezza da Viuva Campos Junior, rua Augusta 76 a 80, Lisboa.

REVISTA ESTRANGEIRA

Nas noticias vindas pelo telegrapho vemos que o ministerio presidido por Gambetta pedio a demissão em consequencia da vota-

ção desfavoravel que teve na camara dos deputados. Ainda ha pouco o *Times* affirmava que a estada de Gambetta á frente dos negocios francezes se tornava necessaria para o bem estar da Europa; parece-nos que Gambetta andou mal avisado, não sacrificando o seu amor proprio ao interesse do paiz. O tempo o dirá.

A reacção não descança e para levar a fim os seus tenebrosos planos, uma sociedade clerical franceza acaba de comprar alguns jornaes italianos, onde em breve ostentará a mansidão de linguagem que já lhe conhecemos. Este facto levou os redactores do *Diritto* e da *Liberta* a pedirem a sua demissão.

Bismarck continua empregando todos os meios para atrahir o partido catholico allemão e para isso não ha transacção que lhe não pareça boa.

Rebentou a insurreição na Bosnia e na Herzegovina. Diz-se que não é estranha a este movimento a Russia e que no gabinete de Vienna existem provas d'isso. Ha de succeder isto sempre que se disponha dos povos como de rebanhos de ovelhas.

Na Russia continuam os nihilistas a sua cruzada; e o seu magnifico Czar enforcando os seus respectivos subditos, em vez de lhes conceder as reformas liberaes que elles desejam!

Muito pôde a cegueira!

Em Hespanha—*el nino*—passou uma revista aos 10:000 homens e condecorou o sr. Sagasta com a grã-cruz de Isabel Catholica e... divertiu-se.

Noticias d'Odemira

A miseria tem suas manifestações, que, como effeito, partilham das propriedades da causa, são portanto miseraveis.

Apareceu aqui como um cão hydrophobo, uma correspondencia do *Diario de Portugal*, perseguida nas ruas fugiu a esconder-se pelos matos.

Ha esperanças de não voltar, contudo façamos votos a S. Romão para que nos proteja d'uma mordedura.

D'esta vez até o typographo se amedrontaria se compozesse a transcripção, é que a doença é contagiosa.

Contente-se com esta resposta.

(CONTINUAÇÃO)

Mas as cousas tinham de mudar de feição...

Caia o ministerio progressista e com elle a sua maioria; outro o veio substituir e tinha de reunir a sua gente, faria eleições.

E, que melhor occasião para cada um tractar dos seus negocios?

Propunham-se por Odemira dois cavalheiros, haveria portanto divisões, qualquer pedido de seus partidarios seria mais facilmente attendido.

O padre viu n'este estado de cousas, a melhor solução do seu problema: se elle offerecesse os seus serviços a algum dos pretendentes? demais um d'elles (o progressista) tinha influencia no povo, e podel-o-bia libertar das testemunhas de accusação. Um inconveniente encontrava: não serem amigos.

O desejo de victoria porém d'um lado, a falta de dignidade do outro, saltaram sobre tudo, o padre humilhava-se, offerecia os seus serviços, e em paga abstinham-se os seus accusadores. Fazia-se então o depoimento das testemunhas, e todas eram de defeza ou quasi defeza; em todo o caso o processo tinha de seguir os seus tramites. O padre não cabia em si de satisfeito, nunca esperou que as cousas corresseem tão bem, e mal imaginava o que ainda succederia!...

O sr. Vigario Geral em virtude d'altas conveniencias episcopaes, deixava os seus amigos constituintes-progressistas e estava regenerador.

Este facto que parecerá talvez vir isolado, tem contudo grande importancia.

Ao padre convinha-lhe ser um manequim nas mãos do seu superior, porque d'outro modo não poderia continuar com as suas virtudes, ser procurador e prior.

Tinha de mais um exemplo recente: um prior d'uma freguezia do concelho, e todo do illustre Vigario Geral, cahira por uma insignificancia, da sua graça e ia-lhe sahindo cara a brincadeira, fal lava-se em suspensões, castigos etc.

Convinha ao nosso heroe por todos os motivos conservar boas relações com o seu superior. E que melhor occasião para dar uma prova da sua amizade, e respeito pelas suas ideias? *In mente* já era regenerador, e dentro em pouco esquecia o beneficio e manifestar-se-hia.

Tinha concebido para ultimar a questão, appellar para a Relação, e fel-o. Faltava-lhe um empenho para alli lembrar o andamento, e dar uma sentença favoravel o que não era difficil.

Tudo isto se deu entre fins de maio e agosto.

No meado de julho achava-se em Odemira o candidato regenerador. Tinha por si as primeiras influencias da terra *sub conditione* de melhoramentos para a mesma.

O padre teve ideia de trahir o seu preito de fidelidade ao candidato progressista, offerecendo-se ao regenerador, e acabar d'uma vez com toda a historia. Temia porém que este o não recebesse, cumtudo tentaria.

O candidato progressista via-se rodeado d'alguns homens com muito boa vontade de o servir, mas sem a influencia precisa para fazerem vingar a sua eleição; desistiu pois da empreza.

Ficava em campo sómente o seu antagonista.

O padre resolvera emfim offerecer-lhe os seus serviços, e sabendo depois da desistencia do que fóra seu bemfeitor, disse comsi-go (ao menos não me perguntação pelos remorsos?), e logo, logo foi a casa do que no momento lhe servia.

Provavelmente em casa estudou o que havia de dizer, humilhou-se mais uma vez e bajulou, mostrando assim o que valia; homem despresivel, padre detestavel.

O candidato regenerador ambicionava agora ser eleito por unanimidade, o que lhe custaria pouco, bastava satisfazer o pedido do padre, que ainda lhe custava menos, e assim tinha certo o voto d'este e do sachristão.

Poucos dias depois partia o futuro deputado para Lisboa, e dava d'alli a noticia de que a Relação dera sentença favoravel ao padre, em virtude de não achar provas sufficientes no processo.

Como as havia de achar se lh'as tira-ram!... Até aqui o prior-opportunista. Deixem que os factos fallem....

Odemira, janeiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de sementeira, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Olivares, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.

CIRURGIÃO DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE COIMBRA

POSSUE todos os apparatus anestheticos e chloroformisadores para extrahir dentes e raizes sem comoção alguma.

Tira dentes, molas, raizes sem a menor dor.—Empasta e orifica os dentes cariados, garantindo todos os seus trabalhos. Eguala os dentes demasiadamente compridos, separa os unidos e firma os vacillantes. Limpa os dentes com toda a perfeição. Tem muitos especificos para a conservação e limpeza da bocca e cura o escorbuto radicalmente.

Tira callos sem dor alguma podendo o operado calçar o calçado mais apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca houvera tido callos.

Tem a sua residencia e laboratorio na Praça 8 de Maio—Coimbra.

N. B. Advérte, que não faz uso da chave ingleza para extrair os dentes. As suas operações são feitas perpendicularmente.

A EVOLUÇÃO

SEMENARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral, o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realidade moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 11

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

O CENTENARIO DE POMBAL

Convocada pela redacção da *Evolução*, reuniu no dia 1 de fevereiro a academia de Coimbra para tratar d'este importante assumpto. Já era tempo que o fizesse: a Universidade, que, como todos sabem, não costuma andar muito depressa, tinha-nos precedido e já resolvera mandar dizer a sua missa.

Presidiu á assembleia o sr. José de Ornellas e serviram de secretarios os srs. Eduardo Campos e Vicente Gomes. Depois d'alguma discussão resolveu-se convocar nova assemblea para o dia seguinte afim de que podesse tomar parte nas decisões maior numero de academicos.

No dia 2 reuniu-se de novo a academia, pela uma hora da tarde. O sr. presidente pôz á discussão se a academia devia celebrar em Coimbra o centenario de Pombal.

Tomaram a palavra varios oradores propondo um d'elles, o sr. Nobre Falcão, que se celebrasse em Coimbra um sarau litterario, e outro, o sr. Sebastião Peres, o seguinte:

- 1.º Que se officie á commissão de Lisboa, adherindo ao seu pensamento;
- 2.º Que se promova um sarau no club Academico, cujo producto se applique á fundação do Instituto que a academia de Lisboa tenciona crear;
- 3.º Que para o mesmo fim se abra uma subscrição academica;
- 4.º Que a academia de Coimbra se faça representar nas festas de Lisboa.

Levantou-se n'este ponto um incidente lastimavel, que fez prolongar a discussão. Não temos espaço nem tempo para referirmos circumstanciadamente o que se passou, e por isso limitar-nos-hemos a historiar os successos a traços largos.

O sr. padre Silvano, estudante de theologia, apresentou algumas duvidas relativas ao merito de Pombal. A assembleia não o recebeu muito bem, tornando-se por vezes tumultuosa. Inscreveram-se alguns estudantes de theologia, que ficaram com a palavra reservada para o dia seguinte.

Reunida a academia no dia 3, os estudantes inscriptos desistiram da palavra, fazendo uso d'ella os srs. Antonio Pinto de Mesquita, Lobo d'Avila e João Pinto, que oraram brilhantemente, censurando o procedimento dos academicos que tinham desistido da palavra.

Inscreveram-se então os srs. padres Silvano e Mariz, que combateram abertamente a ideia da celebração do centenario. A academia mal os escutava. Os oradores, principalmente o sr. padre Mariz, que teve finalmente de calar-se, eram interrompidos por continuos ápartes.

Não approvamos o procedimento da

academia porque entendemos que todos teem direito a que lhes respeitem as opiniões, por mais absurdas que sejam; mas devemos desculpar-a, porque era quasi impossivel ouvir a sangue frio tantos e tão grandes disparates.

Fizeram-se muitas propostas apresentando alvitres para a commemoração. É-nos impossivel citar-as todas. Recordamo-nos de que foi proposto que se pedisse ao governo para estabelecer a liberdade de ensino em todo o paiz, e para substituir a faculdade de theologia por uma faculdade de letras.

Finalmente approvou-se uma proposta do sr. Antonio Feijó que prejudicou todas as outras. Pedia esta proposta que se nomeasse uma commissão para tratar do assumpto.

A commissão ficou composta dos srs.: Antonio Henriques da Silva, Gabriel Samora Moniz, José Ornellas Cysneiros, Antonio Padua Bandarra de Seixas, Carlos Lobo d'Avila, Roque de Seixas, Antonio Pinto de Mesquita, Luiz de Magalhães, João Pinto Rodrigues dos Santos, Leopoldo Mourão, Pedro Gaivão, Passos e Sousa, Antonio Feijó, Narciso d'Oliveira, Arthur Teixeira, Francisco Pinto Coelho de Moura, Alfredo Paço Vieira, dr. Antonio Centeno, Alfredo de Mendonça David, Vicente Gomes, e Sebastião Peres Rodrigues.

Approvou-se ainda uma proposta do sr. Moura para que a academia fizesse as suas festas completamente separadas e distinctas das festas do corpo docente da Universidade.

Esta proposta foi recebida com uma prolongada salva de palmas.

A assembleia deu um justissimo voto de louvor ao seu presidente pela maneira como dirigiu a discussão.

Pelo que lhe diz respeito, a *Evolução* resolveu:

- 1.º Pôr o seu prestimo disposição das commissões academicas de Lisboa e de Coimbra.
- 2.º Publicar um numero especial destinado a commemorar o centenario.
- 3.º Concorrer com 50\$000 reis para a subscrição nacional destinada á creação do Instituto de ensino livre que se deve inaugurar no dia 8 de maio.

A Federação Academica

Se ha ideia generosa, capaz de levar o entusiasmo aos corações mais apathicos do gremio academico, essa é de certo a nobilissima ideia da *federação academica*. Como todos os grandes pensamentos, tem este levantado contra si as mais fortes contrariedades; porque é uma lei necessaria que toda a cogitação destinada a traduzir-se n'um facto de maior alcance tenha a impugnal-

o esforço dos que vêem no que é novo, no que é ainda desconhecido um perigo, embora imaginario, para o *statu quo* das cousas. Essa opposição porém, longe de constituir um mal para a ideia nascente, concorre poderosamente para a avigorar, depurando-a no cadinho do espirito de tudo que poderia desfigural-a aos olhos dos que adoram o conservantismo e temem a innovação sob qualquer das suas manifestações.

A federação academica achava-se de ha muito em embryão na mente da mocidade que vive de ideias alevantadas, que aspira a alguma cousa mais profica do que a leitura esteril, senão embrutecedora, das annosas sebtentas por onde têm passado os olhos de cincenta gerações: da mocidade que se emancipou da tutela do metaphysismo antigo e procura na realidade, que só nos pertence, as noções positivas, as unicas que podem volver-se em utilidade para os homens.

Os bellos exemplos que nos offerecem os academicos allemães e d'outras nacionalidades, a força com que intervêm no andamento dos negocios publicos, já pela representação directa, já pela opinião passiva, como na França, já emfim pela actividade energica, como na Russia e hoje na Italia, uma incontestavel influencia que tende a produzir um facto notavel—a federação academica.

De cada vez que a lei dos acontecimentos aproxima a grande maioria dos nossos academicos o pensamento que logo se accentua entre elles, procurando transformar-se n'uma realidade objectiva, é o da federação academica. O centenario de Camões, mais recentemente o centenario de Calderon e hoje o do marquez de Pombal são provas do que affirmamos. Dificuldades mal previstas; opposição dos que se arreceiam d'esta nova potencia cujos resultados, ainda que isoladamente, já se fazem sentir d'um modo sobremaneira glorioso para a classe academica: rivalidades emfim mal cabidas entre diversas escolas têm prorogado a realisação de tão grandioso projecto.

Todavia o pensamento tem já de sobejo tempo para se apresentar maduro, e fora imprudente que ora surgissem novos obstaculos que traziam como resultado fatal fazer caducar o almejado intento—quem sabe por quantos annos ainda. Se já dois acontecimentos de importancia tamanha como foram o centenario camoneano e de Calderon trouxeram a lume, sem a poderem em contudo realisar, a necessaria federação, é mister que est'outro centenario nacional, uma vez que é devido quasi exclusivamente á iniciativa dos academicos, tenha como fructo principal tornar effectiva a união moral de todos os estudantes disseminados pelo paiz.

É a academia coimbricense que mais importa esta momentosa questão, e vergonhoso seria para a Universidade conservar-se indifferente ou desdenhosa perante os esforços que a academia de Lisboa está empregando para conseguir a convocação d'um congresso academico que realise emfim a federação. É a academia de Coimbra que mais do que a nenhuma outra compete tomar parte activa n'este tentamen, para que se não diga que o antigo e generosissimo pensamento da Universidade deixou de ter effeito por um mau espirito de rivalidade, por uma tacita disputa de primazias entre escolas. Oh! não, não o cremos nós que muito prezamos a academia de Coimbra; porque sabemos que as ideias mais nobres e desam-

biciosas têm d'ahi partido; porque confiamos que os estudantes da Universidade não reneguem o seu querido pensamento da federação, quando a classe a que pertencem mais precisa de fazer convergir para um determinado ponto os esforços que empregados separadamente nenhum effeito têm surtido, mas que bem dirigidos e multiplicados, de accordo com o proloquio inglez—*union makes strength*, hão de trazer as reformas cuja necessidade mais se faz sentir.

N'este momento em que a instrucção secundaria se acha pesadamente tributada, o ensino primario se faz por uma forma incompleta e vergonhosa, e a propria Universidade se lamenta do seu velho regimen dogmatico, metaphysico, importa confraternisarem e obrarem de commum accordo todos os que têm o nome de academicos; importa mostrar que a academia portugueza é digna dos respeitos do paiz, porque comprehende que a sua missão civilisadora começa logo nos bancos escolares, procurando o desenvolvimento intellectual dos seus concidadãos, promovendo a remoção de todas as peias que entravam o alargamento do ensino, sem para isso esperar que se haja despido a batina academica, porque os estudantes devem com a sua opinião consensualmente no espirito dos homens que dirigem os negocios publicos.

A academia de Lisboa compenotrou-se bem da elevada missão da classe, quando pela commissão do centenario de Pombal formulou o desejo de que o dia 8 de maio seja para os estudantes portuguezes duplamente festivo—pela commemoração do centenario do grande reformador e pela inauguração da federação. A academia coimbricense ha de certo responder com enthusiasmo ao apello que lhe vae ser feito pela academia de Lisboa para a celebração do congresso academico. O fervor com que em Madrid foi acolhida a ideia da federação peninsular não pôde ter-se exaurido d'uma vez; se sobrevieram attritos que impediram se effectuassem os compromissos tomados na capital de Hespanha, agora nenhumas considerações politicas nem d'outro genero nos inibem de levar á practica o projecto mais sympathico a todos os membros da classe academica.

Que á grata recordação do centenario do marquez de Pombal fique para sempre alliada est'outra não menos grata—a da federação dos estudantes portuguezes.

Lisboa, fevereiro de 1882.

PAULA NOGUEIRA.

CAMARA OPTICA

Tantos são os lados sobre que poderia fixar o meu instrumento d'observação, que realmente não sei bem por onde começar. Principiarei pelo mais sympathico, que não pôde deixar de ser o brioso procedimento da *Evolução* para com a commissão academica do centenario de Pombal.

Ao passo que uma parte da imprensa seria, guarda um silencio systematico perante o movimento dos estudantes, e continua a preoccupar-se diariamente com os dentes do sr. Fontes e com os annos do higg-life, é bonito e consolador ver a maneira cavalheiresca como a *Evolução* desempenha a verdadeira missão da imprensa, secundando tão brilhantemente a generosa iniciativa da academia. Comparando as resoluções da *Evolução*, d'essa cidade, na parte que se refere ao

centenario, com asdecisões do *claustró pleno*, o contraste é frisantissimo, separa-o uma tão grande distancia como a que vae do canto roufeno das missas religiosas até ás enthusiasmo arrebatador das modernas manifestações civicas. Valha-nos isso ao menos para accentuar ainda mais a profunda dissidencia que existe entre o elemento official, que arasta pesadamente uma existencia miseravel jungido a uma rotina bestialisadora, e o fervor verdadeiramente animador com que o publico illustrado, especialmente a geração nova vae protestando contra o dominio intolerante d'aquella tyrannia, desbastando e abrindo no meio d'esta sociedade um caminho novo, que ha de conduzir-nos fatalmente a um estado mais perfeito.

Bravo!! avante collegas...

Permitta-se esta expansão d'um espectador entusiasta. De boa vontade colloco o meu binoculo entre os joelhos para vos dar palmas. Bravo!

As brisas do norte trouxeram-nos esta semana uns echos de batalha, que foram estrugir no parlamento, traduzindo-se em discursos estirados, em phrases vehementes, em gestos descompostos e attitudes de pugilato, dignas manifestações do periodo agudo da rhetorica nacional.

Ninguem pensa já no tratado de Lourenço Marques nem na carta de S. Magestade.

Estão agora na ordem de todos os dias os acontecimentos do Porto.

O tratado do commercio com a França tambem já permite aos industriaes dormirem socegados sobre as promessas esperançosas do sr. Serpa. Tudo o mais foi posto de parte para se discutir uma coisa que com uma simples leitura da lei eleitoral ficava resolvida.

Realmente nós não comprehendemos como se gastam sessões inteiras, com um assumpto d'esta ordem. Ou a lei foi violada ou não foi. Se houve abuso da auctoridade, castiguem-se os culpados, de-se uma satisfação aos offendidos, que n'esse caso são o Porto, é o paiz inteiro, é a consciencia nacional, tanto tempo perdido a repisar o mesmo assumpto?

Esta questão assim tratada só tem demonstrado que no nosso paiz os homens publicos não entendem as leis, ou antes que as interpretam diversamente conforme estão no poder ou na opposição. Eis em que se emprega o nosso parlamento, em discutir de novo uma lei que já foi approvada. Acabem com isso, senhores, e passemos a outro assumpto, que não lhes falta em que se occupem.

Para fechar esta com chave de ouro, vou dizer-te, leitor, qual é a generalidade do programma do centenario de Pombal que a academia de Lisboa pretende celebrar.

A ideia fundamental é a fundação de uma escola de ensino livre por subscrição nacional, dependendo a latitude da sua acção educadora dos meios de que dispozer a commissão. Insiste-se tambem no programma na apresentação de um manifesto ao paiz, reclamando dos governos a expulsão dos jesuítas.

Realisar um congresso academico onde se discutam as bases da futura federação dos estudantes portuguezes, traduzindo este pensamento, que ahí nasceu nas festas de Camões, a necessidade que tem a academia de se constituir definitivamente n'uma entidade distincta, independente, e abrindo assim um vasto campo ás nossas iniciativas, que são sempre elevadas, mas a que até hoje só tem faltado o prestigio da união. Haverá tambem um cortejo civico, trasladação dos ossos do marquez do jazigo de familia para os Jeronymos, abertura d'uma exposição dos trabalhos de pintura e desenho dos alumnos de todas as escolas publicas e particulares do paiz, sarais, recitas, etc. etc.

Ora ahí tens o que elles querem fazer. Agora diz-me se isto tudo não merecia da maior parte da imprensa ao menos uma noticia; mas estamos certos que merece a tua adhesão e que terá tambem o apoio do paiz...

BINOCULO.

CAMBIANTES

TENTAÇÃO

Era muito galante a Paulinita. Tinha dez annos. Via-se passar todas as manhãs para o collegio, com o seu cazaco claro sobre o vestido preto, os cabellos caídos, louros, anelados, sob um chapelinho de veludo com tiras de setim.

Ao lado ia a creada, uma rapariga alta, vermelha, toda saúde e vida, embrulhada n'um chale cinzento de barras pretas, cujas franjas, na frente, caíam sobre um grande avental branco.

Paulina era delgada, viva; tinha uma physionomia insinuante, meiga, onde sobressaíam dois bellos olhos azues, doces como veludo, espreitando por entre as compridas pestanas. Quando lhe fallavam, corava muito, e parecia que se lhe humedeciam os olhos; pintava-se-lhe então toda a innocencia no rosto.

Era adoravel assim!

Quando a via passar com as pequeninas mãos no seu regalo branco, e lhe dirigia alguma palavra que lhe despertava o rubor, sentia desejos de a beijar na face immaculada, onde se mostrava aquella alma branca e impolluta.

Seguia-a muito tempo a admirar a gentileza do seu corpo de creança.

Eu adoro as creanças! Aquella fronte serena, aquella limpido olhar, onde não transparece ainda um leve vestigio das mil paixões humanas, encanta-me. Sinto-me atrahir pelas suas almas candidas ainda a desabrochar, como uma pequenina flor de suavissimo perfume; almas transparentes como um formoso lago dormente, tranquillo, que nem a brisa agita. Quando as vejo no seu pequeno e casto leito branco, dormindo mansamente com os labios descerrados n'um sorriso, sinto atravessar-me o espirito uma saudade vaga e indefinida. As suas conversas francas, sem um unico pensamento reservado, delicia-me.

Por isso eu olhava sempre Paulina com uma viva sympathia, e nunca deixava de vir muito seria, como uma pequenina senhora, subindo-lhe ás faces um rubor intenso.

Um dia a minha ousadia foi mais longe—pedi-lhe um beijo. A creada olhou-me com espanto por sobre o chale cinzento, e a Paulinita toda afogueada apressou o passo.

Nesse dia nem ficou por muito tempo, como costumava, a admirar uma grande boneca n'uma *vitrine* ao fundo da rua. Aquella boneca, possuir aquella boneca, eis o pensamento fixo, o unico que occupava a sua mente de creança. E todos os dias, enquanto a creada escutava os protestos d'um policia de grandes bigodes torcidos, Paulina, encostada á *vitrine*, fazia os calculos da toilette e do berço que arranjaría para aquella *menina*, se a possuísse.

Mas os meus pedidos repetiram-se tantas vezes, que a creança acostumou-se, e já parava novamente na sua contemplação.

Um dia approximei-me.

—Gosta d'essa boneca? perguntei.

—Gosto, respondeu muito corada.

Era a primeira vez que me fallava.

—E se lh'a desse, tornei eu, dava-me um beijo em paga?

Paulina envolveu-me com um olhar dos seus grandes olhos azues e fugio.

Sucedeu-me mais algumas vezes assim.

Um dia ao passar para o collegio, encostou-se á *vitrine*, mas de repente o seu formoso rosto encheu-se de tristeza.

A boneca não estava lá.

Olhou silenciosamente para a creada, como se quizesse mostrar-lhe o seu pezar, e seguiu para deante com um suspiro.

São assim as tristezas das creanças!

Na manhã seguinte, quando a Paulinita passava por mim, desembrulhei um jornal e mostrei-lhe a boneca.

—Ah! exclamou ella; e a fronte toda afogueada illuminou-se-lhe com um sorriso.

—Então dá-me o beijo pela boneca?

Não me respondeu; continuou a andar, mas voltou-se muitas vezes para traz.

No dia immediato mostrei-lh'a outra vez.

—Então dá-me o beijo?

Paulina olhou para mim muito corada, e voltando-se para a creada com um sorriso encantador:

—Tu não dizes nada?

—Nada, menina.

Então a creança pegou-me na mão, e, levando-me ao vão d'uma porta, apresentou-me a face aveludada onde imprimi um beijo.

Depois pegou na boneca e fugio radiante de contentamento.

Quando agora a vejo, admiro a belleza da mulher, mas tenho saudades da graça da Paulinita.

COIMBRA

FERNANDO COUSIN.

Vivia-se bem, ainda ha pouco, n'uma serena existencia de tranquillidade.

A lei da divisão do trabalho actuando n'esta sociedade docil dava os resultados mais satisfactorios, os fructos mais saborosos.

Cada cathogoria, dentro da sua esphera, ia cooperando no concerto consolador d'uma enorme paz, a paz de quem se sente com a consciencia regañada e a bolsa rica.

Era magnifico! Quanta harmonia se não continha n'este agoismo de cada classe, na delimitação precisa, sem invasão sensível, de cada uma das funcções!

O agricultor tratava das vinhas e pensava no phylloxera, cuidava das terras e dos gados, e importava-lhe pouco o que fazia a arte, a sciencia ou a politica.

O industrial e o commerciante iam realisando as suas transacções, felizes com a tranquillidade que lh'as fecundava.

O jornalismo realisava verdadeiros *tours de force* para encher as suas columnas de alguma coisa que satisfizesse as exigencias dos leitores. (Quantas vezes o coaseguio, illustre leitor?)

As acallemias tambem como sempre; arastando aquella vida que todos lhe conhecem.

O parlamento, a fina flor das individualidades eminentes de todo o paiz, o que o cadinho infallivel da eleição pôde apurar de mais sabio e digno, o que ha de mais augusto n'este canto occidental, o parlamento ia produzindo rhetorica.

Soberbo! Que outra coisa se ha de fazer n'este bello regimen constitucional?

Ainda assim era a obra mais innocente d'estes senhores. Sempre é melhor do que approvar eleições como a de Angoche.

E as cousas não iam mal assim n'esta tranquillidade de quem trata do que lhe pertence e não se mette na vida alheia.

De repente porém uma nota discordante vem quebrar esta santa harmonia.

Foi o tratado, o maligno tratado de commercio.

Em seguida os acontecimentos do Porto, e por ultimo o pugilato no parlamento.

Dir-se-ia que um espirito mau abria entre nós a fatidica boceta da discordia.

Aquella divisão de funcções, inalteravel, quebrou-se.

O operario deixa a officina e corre ao *meeting*, o negociante ameaça fechar a loja, o patrão a fabrica, o parlamento abandona a rhetorica e começa a usar de outra especie de argumentos com certeza mais poderosa o—sóco.

E a academia envolve-se nas agitações do Porto, dá vivas ao partido progressista e faz ovações aos mestres.

De todos estes acontecimentos o que nos dá margem a considerações mais lisongei-ras é, não podemos negal-o, o pugilato no parlamento.

Temos em alta consideração o movimento contra o tratado. É certo que elle contraria o desenvolvimento das nossas industrias e revela no contratador qualidades que nada o honram. É certo que as reclamações dos industriaes e commerciantes são perfeitamente justas e dignas. Apoiámos sinceramente o seu resentimento contra a burla do inquerito, mas toda esta questão não vem revellar-nos nada de novo nem a respeito dos governos nem dos industriaes. Por um lado conhecemos de sobre o patriotismo e capacidade de quem nos dirige e por outro sabemos que todos os tratados tem produzido mais ou menos agitações da parte dos grupos menos favorecidos.

Quanto aos acontecimentos do Porto, sabemos tambem que os portuenses são bem

capazes de repellar com energia as prepotencias dos governos. Terão muito que repellar porque no plano inclinado em que se acha, o governo representativo precisará repetidas vezes de lançar mão de expedientes d'essa ordem.

Ora a nota caracteristica da semana é, quanto a nós, o pugilato.

Bravo, srs. deputados, gosto de os ver assim com um pouco menos de rhetorica e um pouco mais de dignidade.

Cincoenta annos de rhetorica tem já causado e enjoado toda a gente.

As vossas retumbantes apostrophes, os vossos tropos exquisites, as vossas arengas rendilhadas iam produzindo na nação um effeito simplesmente soporifero.

De tempos em tempos apparecia algum artista de mais nomeada que conseguia prender um pouco as attentões; no debate alcançava enchente, mas pouco a pouco o publico rareava.

Tornava-se necessaria, urgente, uma nova ordem de espectaculos, para brilho da instrucção e proveito do empresario. Era realmente difficil, attento o descrédito da companhia, que não era capaz de alterar o estado repertorio de ha 50 annos.

O problema resolveu-se e parece-nos que d'aquí por diante as enchentes se contarão pelos dias no circulo de S. Bento.

Salve gloriosos atletas do parlamento! As instituições estão salvas e prestes para os mais rijos embates.

Uma nova era acaba de abrir-se na politica portugueza. Para que serve a sciencia e que prestimo pôde ter a palavra? De hoje por diante o que se quer é musculo. A educação nacional deve dirigir-se exclusivamente á perfeição muscular. Viva a gymnastica, viva o mudo de Alcantara!

As nossas Colonias

É na realidade de extranhar o procedimento dos nossos governos no que respeita ás nossas colonias em presença da admiravel insistencia dos inglezes em quererem absor-

Era hontem o tractado de Lourenço Marques, que n'aquella nossa possessão e em toda a Africa Oriental apenas nos deixava uma dominação nominal o qual para gloria dos nossos governos será approved!

Temos na costa occidental vastissimas possessões; temos no territorio ainda não avassalado uma via fluvial de commercio, a mais importante n'aquellas paragens, o Rio Zaire; e os nossos governos sempre têm olhado com indifferença para uma região tão valiosa, ou por desleixo ou com receio da nossa *fiel aliada* que, a nosso ver, tem sido o unico obstaculo á occupação portugueza das duas margens d'aquelle importante rio.

É não querer ver. Logo que o Zaire seja occupado por qualquer outra nação que não sejamos nós, o importantissimo commercio de marfim e borraça que ainda hoje vae ao Ambriz, Quicembo, Ambrisete e Mucula man-gue etc. isto é aos pontos comprehendidos entre o Loge e a margem esquerda do rio Zaire, excepto o Ambriz, cujo commercio de borraça e marfim ainda lhe vem pelos nossos caminhos, deixará d'alli apparecer, como já vae succedendo, e a razão é obvia; os negros que conduzem aquelles productos ao litoral tem de fazer viagens longas, atravessando territorios sujeitos a diversos regulos a quem tem de pagar tributos, quer na ida quer na volta, enquanto que descendo pelo rio trazem os seus productos mais commodamente em canoas, e não estão sujeitos ás extorsões dos regulos e ás vezes ao roubo da totalidade das suas mercadorias.

Quando Stanley chegou a Bôma, na margem direita do rio Zaire, ainda alli se não comprava um kilo de borraça; hem pouco depois, ou porque os negros comprehenderam que lhes era mais conveniente trazer os seus productos aos estabelecimentos do Zaire, ou em virtude de sugestões d'aquelle homem benemerito da humanidade, o commercio da borraça desenvolveu-se por tal forma que hoje contam-se aos milhares as toneladas d'aquelle producto, que annualmente sahem pela foz do rio Zaire; e devemos notar que a qualidade de borraça que alli se compra, é a melhor e a que melhor preço obtem nos mercados europeus.

Hoje os estabelecimentos, a que acima nos referimos, já se resentem da concorrência do mercado das feitorias do Zaire e isto que se dá em relação á borracha, succederá em breve com o marfim.

Os negros das duas margens do Zaire têm a superstição de que o individuo que traz ao mercado um dente de elephante, conduz dentro d'elle a alma, ou *muçuo*, na linguagem do Congo, de alguém que elle como feiteiro matou.

Em virtude de tão arreigada e detestavel superstição, se alguma vez pretende vender algum dente de marfim, é preciso que o negro o traga muito escondido e faça a sua transacção sem que outros pretos o saibam, porque se nas povoações, por onde têm de passar ou d'onde veio, chegam a descobrir que elle leva marfim, aprehendem-l'ho, e fazem-no pagar uma grande multa a que elles chamam *mocano*.

É esta uma das razões porque o marfim escasseia no mercado do Zaire; porém com as missões inglezas que para alli têm ido e ultimamente com a missão de Stanley as superstições, como a que mencionámos, desaparecerão e o Zaire ha de ser o primeiro mercado da Africa occidental; o Ambriz ficará limitado ao commercio do café e da ginguba, e assim os outros estabelecimentos ao norte d'este ponto até á Ponta do Padrão.

Uma vez que fallamos em Ponta do Padrão será bom mencionar um facto que bem caracteriza o interesse, que a nossa *boa aliada* tem por nós. Quando Diogo Cam descobriu a foz do Zaire, collocou na margem esquerda na ponta extrema sul um padrão de pedra, como era costume dos nossos primeiros navegantes, o qual attestasse aos vindouros que nós tínhamos descoberto aquella região, e tínhamos sido os primeiros europeus que por alli tinham passado. Com o andar dos tempos o padrão foi destruido, e o Marquez de Sá da Bandeira que sempre procurou tornar bem patente o que fizemos e o que valem, mandou alli collocar novo padrão; pois bem querem saber o que fizeram os inglezes? Ponco depois de retirar o navio de guerra portuguez que tinha conduzido e collocado a pedra que devia continuar a servir de prova dos nossos direitos áquella região, foram para alli fazer exercio de artilheria, servindo-lhe de alvo o padrão que hoje lá jaz em ruínas, ou de que talvez agora nem essas existam.

E os nossos governos abandonam o Zaire e não procuram occupar uma possessão *nossa* e de tanta importancia?!

Continuaremos.

A *Evolução* vem hoje pedir licença, para apresentar nas suas columnas o nome do maior benemerito, do caracter mais altruista e mais abertamente grandioso e nobre que a um misero mortal é dado conhecer.

Honrando-nos em citar o heroe—astro luminoso, de que nos confessamos humilimo sabeista—temos orgulho de prestar homenagem ao vulto mais singular e phenomenalmente extraordinario não só da peninsula mas da Europa inteira.

Se ainda não advinhastes o nome de quem me inspira. O povos que me escutaes,—atenção, que eu vol-o digo. É....., não se perca uma syllaba, é... Joaquim...—*Bertholdinho*? não, mais ainda: Antonio Gonsalves.

Quem conseguiu ser mais depressa conhecido? quem, como elle, soube alliar á velha theoria d'uma fita sobre um feltro a theoria moderna e genial do imposto sobre o voto?

Porque lançar o imposto sobre o feltro e o voto n'uma fita—de papel, é verdade—já alguns utopistas tinham imaginado, tomados d'exaltação febril em momentos anormaes d'um arrojo delirante.

Mas, ah! pensadores incompreendidos, só viram scepticos sorrisos, não ouvindo mais do que agudos epigrammas. Ao Joaquim do voto—assim é conhecido nas lides hollernas—estava destinada a gloria impericivel de bem estabelecer e sabiamente resolver o intrincado problema. Fallou Joaquim Antonio e, sulcando de rugas graciosas o seu lindo rosto chinez, elle serenou as multidões inquietas e dizendo:

A fita sobre o feltro. o imposto sobre o voto.

Como é sympathico! Modesto, por natureza, de recursos extraordinarios, não quiz matar pelo confronto as notabilidades que

encontrou. Elle podia mostrar-se intelligente, espirituoso e fino. Não quiz.

Salvé! Joaquim Cezar Gonsalves! sobre uma chapelleira trinta formas te contemplam. És grande! serás immortal! Tu, que assentaste a mão na força de tuas obras, soubeste assentar as convicções no pello do teu engenho... Ó ineffavel Joaquim, já nos deslumbra a gloria que irradias. Queriamos dizer o contrario; queriamos fallar no pello dos teus chepeus e nas tuas forças d'engenho. *Errare humanum est*. Se tens a curiosidade de saber a significação dos signaes mysteriosos: *Errare humanum est*, deita sobre nós o chapeu largo do perdão e dar-te-mos a chave d'aquella cifra. Mas guarda segredo.

Agora, um pedido. Hão de dizer-te alguns collegas teus: Um deputado, se representa, em especial, o seu circulo, é para os interesses geraes, representante de todo o paiz. Isto é verdade, fica sabendo, que podes alguma vez, precisar. És portanto meu representante e eu lembro-te a seguinte proposta para tu apresentares:

Propozho que seja exceptuado no pagamento do voto o eleitor que desconhecer a importancia d'este direito.

Approvada como é de esperar, livra-te de pagares 35000 reis que pechincha, seu Joaquim!—em cada eleição. E, se chegares a ser o unico eleitor nas condições de ficar dispensado, dou-te já meus parabens, pela massada, a que te poupam, de visitar S. Bento.

BABINET.

NOTICIARIO

Onde está a estação civilisadora do Zaire? Isto faz-nos lembrar esses papeluchos que por ali se vendiam trazendo enigmas, como este:—onde está o gato?

A sociedade de Geographia de Lisboa despertada pelo exemplo que nos deu a Belgica e animada pela boa vontade e espirito patriótico que a caracteriza, conseguiu (?) do governo a promessa do estabelecimento de missões civilisadoras no Zaire no Bihé e Nyassa. A primeira parecia assumpto decidido e sobre o qual não havia duvida alguma; já havia chefe para a estação; o pessoal estava contractado, os estabelecimentos comprados e já para armar ao effeito se tinha posto em espectáculo no nosso bello arsenal da marinha, a casa em que devia residir o chefe da estação; mas quando todos nós pensavamos que a estação civilisadora no Zaire era ponto assente, o sr. Queriol, nomeado chefe d'aquella estação, pede a sua demissão, motivada pelas desconsideações d'um ministro, que, ao que parece, é leigo no que respeita a assumptos colonias, e as nossas estações civilisadoras ficarão em embrião (?) e o Vilhena irá para a estação naval d'Angola ter o destino dos nossos navios de guerra que estacionam n'aquellas paragens... ficar em breve a servir alli de pontão de registo, como succedeu com a celebre D. Henrique e outros navios na nossa armada!

O sr. Mello Gouvêa bem merece da patria e se s. ex.^a não tivesse outro jus á sua consideração, bastava o ter s. ex.^a conseguido que a unica estação civilisadora que havia probabilidades de levar a effeito, no ponto mais importante nas nossas colonias, ficasse em projecto, para nós pedirmos para s. ex.^a uma commenda qualquer... a de Isabel a Catholica por exemplo.

Pessoa que nos merece toda a confiança, comunica de Santarem á *Evolução* a existencia d'um duello a socco e murro classicos.

Não se pareceu com os duellos dos srs. Navarro e Vaz-Preto, Marianno e Thomaz Ribeiro, nem ainda com um outro onde se apresentou o sr. visconde d'Altas-Moras.

Travaram-se os antagonistas de razões que não convenciam a qualquer d'elles e terminaram com argumentos decisivos, pesados convicentes a valer.

Esmurraram-se.

Têm os ociosos pábulo para trez dias, tempo que uma novidade dura. Esquece-se em seguida até vir novo escandalo que entretenha os parceiros.

As causas da lucta foram questões relativas á arrematação da carne.

—Nós sentimos estes factos, porque—elles envolvem sempre uma apreciação desfavoravel.

Matricularam-se no concelho da Gollegã em instrucção primaria o anno lectivo de 1880 a 1881—70 varões e 68 meninas. Nem do sexo masculino nem do feminino se apurou um só alumno.

—É facil de ver quanto a instrucção anda descurada n'este concelho, que representa uma das localidades mais abastadas e mais trabalhadoras da Borda d'Agoa. É realmente pena que se deixe chegar a tão desastrado atraso o que deveras importa á mocidade actual.

—A quem competir, ousamos pedir providencias energicas, acertadas e urgentes. Veja o sub-inspector de instrucção primaria da respectiva circumscripção o que lhe incumbe fazer e não demore os seus serviços n'este sentido. Estamos certos que não teremos de reprehender ninguem e antes nos apraz elogiar quem digno credor se torna dos nossos louvores. Diga-se ainda que sabemos castigar, quando for necessario.

O official que commanda o Julio de Vilhena que irá acabar no porto de Loanda chega a Lisboa a tempo de poder ainda assistir ás melhores recitas em S. Carlos, e passará os mezes de fevereiro e março em Portugal onde o tempo não é n'estes mezes tão aspero como em Londres! Sempre é bom ter padrinhos, como o sr. Mello de Gouvêa. Que importa o paiz se ha a satisfazer os desejos d'um afilhado? Assim, assim!

Zé Porinho ou a victima do regimen parlamentar.—É o titulo de um folheto de 71 paginas, em que o seu auctor—um veterano da liberdade—apresenta desafogadamente as suas idéas politicas.

Transparece, em todas as paginas, tão sincera e viva convicção que mal permite notarmos que uma ou outra ideia é impraticavel, que ha periodos em contradicção. O pouco espaço, de que dispomos, obsta a prestarmos a homenagem d'uma longa critica, o que a obra aliás merecia pela sanidade de intenções que á sua feitura presidiu. O auctor julgára possivel, dentro da monarchia representativa, todos os progressos, se esta não sofismasse o desempenho da sua missão; reconhecendo porém, que outra coisa não acontece, faz profissão de fé republicana nas palavras que seguem: «*Que caia (a monarchia) para nunca mais se levantar, porque já está plenamente demonstrada a sua incapacidade governativa, e com ella o povo continuaria a ser mais escravo ainda do que no regimen do governo absoluto.*» O partido republicano não tem senão que felicitar-se com adhesões convictas como esta.

Permittindo-nos o direito de differir das ideias do opusculo n'um ou n'outro ponto, reconhecemos que elle encerra enorme copia de verdades, cuja vulgarisação nunca é excessiva.

Agradecemos novamente a offerta do exemplar, que devemos á amabilidade do auctor.

Recebemos o 4.^o fasciculo d'uma publicação d'uma evidente utilidade pratica. Queremos referir-nos ao *Conselheiro do povo—Manual pratico dos cidadãos portuguezes*—para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos tribunaes e repartições publicas, segundo as leis do reino.

Seria ocioso encarecer o merito da obra que se propõe tão importante serviço. A obra será distribuida em 10 fasciculos: 1.^o tribunaes civis, 2.^o tribunaes criminaes, 3.^o tribunaes administrativos, 4.^o tribunaes commerciaes, 5.^o repartições ecclesiasticas, 6.^o contribuições, 7.^o recrutamento, 8.^o guia dos candidatos a empregos publicos, 9.^o direitos civis e policos, 10.^o contratos, procurações e testamentos.

Ao seu editor, o sr. João José Baptista, nossos agradecimentos.

A commissão dos estudantes de Lisboa prosegue incansavel os seus trabalhos tendentes a commemorar dignamente o centenario do nosso eminente estadista—marquez

de Pombal. Na sua sessão de 27 de janeiro, decidiu ella: 1.^o Que se realice na noite de 8 de maio, dia do centenario da morte do marquez, um grande sarau litterario-musical cujo producto será destinado ao instituto que pretende fundar em sua memoria; 2.^o Que haja cortejo civico.

Tomou outra resolução que, embora não esteja intimamente ligada ao fim principal, servirá contudo para abrilhantar a festa; é ella: 3.^o Que um passio fluvial em honra dos estudantes que forem assistir ao congresso academico que por essa occasião se ha de realisar com fim de firmar a confederação dos estudantes portuguezes, ideia que nasceu por occasião da celebração do centenario de Camões em Coimbra. Deve já ter reunido a grande commissão para continuar os seus trabalhos.

Que os nossos amigos e collegas de Lisboa recebam as mais cordeaes e entusiasticas felicitações pela sua extraordinaria e intelligente actividade.

Publicámos na *Evolução* de 29 de janeiro ultimo o mappa estatistico de instrucção primaria official em Abrantes, relativo ao anno lectivo de 1880 a 1881; dissemos ser esta villa notavel uma das localidades que mais tem cuidado da instrucção.

Deprehendemos, porém, de uma noticia da *Porta-Ferreira* que Abrantes não merecia ser elogiada sob este ponto de vista.

Quem redigiu a local da *Evolução* tinha diante de si, sobre a sua mesa d'estudo, um mappa estatistico, official, das escolas d'instrucção primaria, pertencentes ao districto de Santarem e pelo qual se regulou.

Confrontando os resultados obtidos nos diversos concelhos que constituem o districto, reconheceu-se que Abrantes se avanta-java e distinguia.

O que é certo e seguro é que os dados officiaes garantem a veracidade das nossas indicações.

Não nos importa, ou antes e melhor, não cuidamos de indagar os meios de prova que presidiram á confecção da estatistica official.

Agradecemos á *Democracia portugueza* as transcripções que fez do penultimo numero do nosso jornal.

Prevenimos os nossos estimaveis correligionarios da *Folha Nova* de que não temos ha dias a honra da sua visita.

Diz a *Folha do Povo*:

«Ha dias o sr. Oliveira Ramos escreveu na *Folha Nova* o necrologio da *Evolução*...»

Agora o sr. *Accademicus*... vem dizer-nos no *Diario da Manhã* que se acha só gravemente doente, e, como eximio medico que é, diagnosticou a enfermidade de anemia. Santo Deus, que terrivel molestia! Então, se algum santo lhe não acode, *vae para as malhas*, na sua opinião! Pois olhe, aqui estou eu que, não acreditando nada no poder dos santos cá para estas coisas, estou plenamente convencido de que a sua anemia doente ainda não vae d'esta. Algum milagroso santo pedirá por ella. São modos de pensar, e por isso não se zangue se a vir continuar robusta e sã.

Sempre estas invejinhas de soalheiro para descoroçoar as melhores vontades! Mas perdem o tempo.

Agradecemos estas palavras que nos dispensam de fazer qualquer rectificação.

Noticias d'Odemira

Em nome da verdade.

Não quizemos deixar passar sem um correctivo, o menos veridico facto, de que o prior em questão, tinha respondido em 1872 a uma policia correccional.

Pezavam sobre elle as accusações expostas no n.^o 7 da *Evolução*, mas um caso imprevisto o libertou d'aquelle incommodo.

Foi elle o ter-se dado como suspeito o juiz e seus substitutos!

Na comarca mais proxima onde tinha de responder, em vista do succedido, aconteceu uma outra imprevisão, e assim ficou livre.

O nosso estimavel correspondente confun-

diu este facto com outro. Queria de certo referir-se ao prior-pharmaceutico (1), outro aspecto sob que se apresentou tambem.

Metteu-se um dia com drogas e deu em droga, pois que em maio de 1874 respondia a uma audiencia por ter vendido um producto prohibido. Foi porém absolvido.

Deu-se aqui um acontecimento que me impressionou desagradavelmente.

O sr. Augusto Neves dos Santos, logista, tinha á venda uma pequena porção de arroz, que lhe sobejara de dezembro, e que em tempo competente dera ao manifesto; este anno já, o fiscal do real d'agua tomou conhecimento do facto, julgo que até participado pelo proprio interessado.

O fiscal aconselhou-o então a que vendesse o arroz por todo o mez de janeiro, que não lhe adviria responsabilidade alguma.

Agora, caso inaudito, o genero é apprehendido e o dono multado! A occasião foi azada porque o manifesto, como inutil, rasgára-se.

Aconselhamos o sr. Neves a proceder contra quem não sabe ou não pôde cumprir com as funções do seu cargo, caso tenha testemunhas.

Se os poderes competentes tomassem em conta estes desvarios de auctoridade, para os castigar, era um grande bem para os povos, onde representam a justiça e moralidade.

Temos por cá uns policiaes a fazer não sei o que.

É Odemira uma terra tão pacifica a ponto de os aturar; verdade é, que temos aturado o tal celebre prior e ha muito tempo.

N'outras eras, em que não havia candieiros de iluminação publica e menos ordem do que hoje, vivemos bem sem estes beleguins.

Não posso harmonisar a civilização e liberdade d'um povo, com estes espiadores do seu semelhante.

A sua ignorancia e pouca educação, fal-os julgar superiores, e nas terras pequenas, onde se distinguem pelas fardas e são objecto de admiração do Zé, incham-se de importancia e eil-os a serem o incentivo de desordem.

O povo, que se aquietaria com uma admoestação de pessoa conhecida, reage á intimidade d'um beleguim, que não viu mais gordo, cuja auctoridade desconhece e portanto o surprehende.

O ex.^{mo} administrador d'este concelho poder-nos-ia libertar d'estes homens, que nos provocam com a sua presença, e aqui o mais que fazem é ganhar o seu soldo sem trabalho e prender ás vezes por entretenimento.

Ao enviar-lhe esta correspondencia, preoccupa-me a falta de espaço no seu semanario; desejava tractar d'um assumpto que me merece importancia.

Direi pouco sobre elle e se um dia poder fallaremos.

Em conversa, ouvi fallar da possibilidade de formação d'um centro republicano em Odemira.

Julguei que não passaria d'uma conversa a proposito, vejo porem que se alimentou esperanças de o realizar.

Se ao menos permittirem a minha opinião, que não aspira a impôr-se, dir-lhe-hei que é muito melhor no estado actual, organizar uma escola primaria onde se ensine a ler o povo analfabeto, e assim ter-se-ha dado um passo mais avançado no caminho da civilização e practicado um acto mais concernente ao fim a que nos dirigimos.

O padre que se submetteu ás leis da Reglegião de Christo, sem as comprehender; que é um ministro d'essa Reglegião sem a servir; que é um escriba sem o poder; este padre a quem a opinião publica stigmatizou por vezes com epithetos apropriados aos actos que praticava, deu ha poucos dias uma prova eloquente de seguir o exemplo do Divino Mestre, mas em contrario. Aquelle recebia insultos, este insulta.

Mas, o que se espera de espiritos fracos, d'almas pequenas? Podem elles dar o que não tem?

A falta de delicadeza, a appareição de qualidades que rebaixam o homem, encontram-se em todos os actos com que este padre faz lembrar a sua existencia.

Para um secular era muito, para um sacerdote não ha classificação!

Continue, pois, padre, o premio espere-o..., um dia chegará.

Lembre-se que os mãos, se se furtam á punição das leis dos homens, ainda outras sobre si imperam, e crueldade até, no leito da dôr, na despedida da vida, é que são implacaveis para quem tão mal soube comprehender a sua missão na terra. Avante, pois.

Não nos occupemos mais com o modo de manifestação d'um padre que segue a *pragmatica*.

Segue-se tractar agora d'um assumpto que vem bem exposto no n.º 122 da *Liberdade* de 4 de novembro de 1880, e que transcreveremos com a devida venia, ou resumiremos n'uma noticia mais fundamentada.

Odemira, fevereiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

Ribeira de Santarem

Amigo.

Veio produzir uma grande sensação n'esta terrinha, (berço dos *Lés Gallegos* e outros typos mais ou menos reinadios e arentos) a minha ultima correspondencia.

Todos pretendem ter advinhado quem é o sujeito que se acha envolto no pseudonymo de *Barracana*. Uns dizem — vi-o, falei-lhe, apalpei-o, é muito meu amigo, esteve aqui ha bocca de deitar o monoculo para a *Raposa* e foi mesmo agora ali para Traz do Tejo com a tia Narcisa que anda á procura d'uns frangãos etc.

Outros dizem: eu é que sei quem é o typo, é alto, tem o cabelo preto, bigode pequeno, nariz comprido, usa calças de bocca de sino e chapéu á Marialva sempre deitado para trás, é empregado, não é máu rapaz mas têm cinco namoros etc. etc. etc.

Finalmente outros não pretendem ter advinhado quem é o *Barracana* e limitam-se á leitura da correspondencia sem commentarios.

O que é certo é que o pretendido auctor da correspondencia vai-se rindo de *toda esta pagode* (phrase muito sua predilecta) sem se importar nada com isso, e eu embrulhado no meu capote de gola de... vou continuando na tarefa que me propuz; e vou-lhe gritando de vez em quando, *cá está o Dequinquin*.

Teve lugar, hontem 26, a audiencia para se julgar a causa em que era auctor o parcho da freguezia de Santa Iria e réo o sr. José Montez dos Reis.

Foi cheio de peripecias engraçadas este acontecimento.

Depuseram contra dois policiaes, um dos quaes, segundo me affirmaram, estava metido, como vulgarmente se diz, em *Valle de Lenções* (se lá n'aquelle valle ha lenções) sonhando talvez que o escutar ás portas é a sua missão cá n'este mundo.

O que valeu muito ao pobre réu foi o depoimento favoravel do sr. prior que, apesar de ter muita vontade *d'ensinar esta sucia*, (como ainda ha poucos dias disse) desculpou o procedimento do réu n'um discurso breve e recheado de bons conselhos mostrando mais uma vez a sua particular predilecção pelo sexo a que pertence.

N. B. No discurso, o sr. prior não se serviu d'umas phrases bonitas, mimosas e delicadas de que se serviu outro dia na occasião d'um casamento. O réu foi condemnado em 40 dias de prisão removíveis a 100 réis e nas custas do processo.

Não em breve realizar-se quatro casamentos civis cá no concelho. Um na freguezia da Povoá, outro na de S. Vicente, e dois na d'Abet, tudo por questões com a padralhada. Hurrah pelos noivos.

O tempo continúa muito regular. Os trabalhos do campo estão bastante adiantados.

Vai arborisar-se a nova rua de—Traz do Tejo, onde deve ficar um passeio lindissimo para que as nossas elegantes e formosas patricias vão respirar um ar purissimo.

Fica um passeio lindissimo, e deve-se tão util melhoramento ao sr. Adrião da Costa Malleito vereador encarregado das obras d'esta freguezia.

Adeus até breve.

Barracana

Do poema inédito RODOLPHO

C'etait un des matins si tristes de l'automne
Où tout semble obscurci par un sombre brouillard,
Où dépouillé, l'arbuste en gémissant frissonne
Où l'aspect de la terre attriste le regard.

L'univers endormi ne sent plus dans ses veines,
Comme aux jours du printemps, la sève tréssaillir;
Et l'amant qui, pensif, s'égare dans les plaines,
N'entend plus dans les fleurs un amoureux soupir.

Une alouette au loin vole, seule et muette,
Elle a froid et la brume étouffe sa chanson,
Aussitôt que l'aurore a paru, la pauvre mignonne
Pour monter au soleil, a quitté le sillon.

Sans doute elle ignorait que parfois la lumière
Peut tromper, n'être pas l'indice d'un beau jour
Et l'imprudent monte, alerte, matinière,
Cherchant un rayon d'or pour chanter son amour.

Mais, hélas! de partout le brouillard l'environne;
Elle vole au hasard; la terre a disparu;
Le ciel est toujours sombre, et la pauvre mignonne
Sent sa plume tremblée sous un vent inconnu.

Ah! tremble, c'est le vent de toute chose humaine
Qui depuis six mille ans gèle l'humanité,
Qui porte la poussière aux arbres de la plaine:
C'est le vent glacial de la réalité.

E. ZOLA.

REVISTA ESTRANGEIRA

Foi substituido o ministerio presidido por Gambetta por outro presidido por Freycinet que nas duas casas do parlamento fez a seguinte declaração:

«Um paiz como a França necessita de liberdades e de progresso. Vós nos auxiliareis para realizar e assegurar estes altos fins.

Talvez que os reaccionarios exultem com a nomeação de Freycinet para presidente do conselho; mas é certo que ao lado d'elle está Ferry que saberá moderar qualquer desvio d'aquelle estadista.

Em vista das affirmações de Freycinet feitas no seu discurso em Montauban é de crêr que em breve retirará de Tunes grande parte das tropas francezas que alli se acham.

Gambetta prometteu o seu apoio ao actual ministerio, e temos uma prova d'isso na declaração que o actual ministerio fez ás camaras de que addiava a revisão da constituição.

Apesar do que nos diz o telegramma que abaixo transcrevemos; não duvidamos affirmar que a insurreição da Herzegovina e da Dalmacia é devida a machinação da Russia, servindo-se para isso como meios da Servia e do Montenegro e leva-nos a pensar assim a declaração que a Austria ha pouco fez de que se os insurgentes se acitassem em qualquer d'aquelles paizes, os occuparia militarmente durante a insurreição.

VIENNA, 1.—O ministro da fazenda referiu á delegação hungara varios pormenores acerca da revolta da Herzegovina; disse que alguns agitadores estrangeiros poderam cooperar para o movimento, mas que os governos dos estados visinhos foram absolutamente estranhos á agitação; fez notar os sentimentos pacificos da Russia, e declarou que ninguem pôe em duvida a lealdade do czar.

Parece que continúa a pensar-se na alliança d'um dos membros da casa de Bragança com uma princeza de Hespanha: a este res-

peito com a devida venia transcrevemos do nosso collega a *Folha do Povo* o seguinte:

«O *Jornal da Manhã*, do Porto, diz que em Hespanha não cessa de existir a persuasão de que mais ou menos brevemente se realisará uma alliança entre Portugal e Hespanha, e escreve n'outro lugar:

«Dizem de Madrid que os reis de Portugal irão em maio áquella capital, com o fim de pagar aos monarchas hespanhoes a visita de que foram objecto.

«Por esta occasião haverá em Madrid grandes festas, entre as quaes figuram funcções regias nos theatros Real e Hespanhol, corrida de touros com cavalleiros em praça, baile no paço, grande parada militar e caçada em Riofrio.

«El-rei D. Luiz assistirá á funcção do Dois de Maio, e a rainha D. Maria Pia presenciará ao lado de S. M. a rainha e infantas o desfile dos 30.000 homens que formarão na grande parada.»

O periodico a que nos referimos é monarchico, e por isso deve ser insuspeito n'estes assumptos.

Que se trata d'uma alliança intima, e que foi com esse fim que se fizeram as entrevistas a Caceres e Villa Viçosa, é ponto de fé para nós, Este facto porém não nos assusta, se a alliança não tiver um caracter menos digno para Portugal, isto é se em troca das sympathias da corôa hespanhola, a portugueza lhe não quizer fazer quaisquer concessões, contra que o povo portuguez se revoltaria.

As allianças dos reis significam apenas a necessidade que todos elles têm de se colligar para assim melhor poderem resistir á corrente democratica.

Mas trata-se agora d'uma visita do rei de Portugal a Madrid e fixa-se já o mez em que se devem realizar os festejos, etc., o que não deixa de ser significativo.

O paiz fará o que entender.

A hespanholada dos 30.000 homens é engraçada.

Falleceu n'esta cidade o ex.^{mo} sr. Alexandre de Campos que occupava o logar de substituto do governador civil. S. ex.^a era tio do nosso amigo e collega n'esta redacção, o sr. Manuel Gayo ao qual, assim como a sua ex.^{ma} familia, enviamos os nossos sentimentos.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das localidades onde não temos pessoa encarregada da cobrança das assignaturas, pedimos encarecidamente o obsequio de mandarem satisfazer a sua importancia, enviando-a directamente em estampilhas a esta administração.

Pedimos igualmente o favor de reclamarem sobre irregularidades da recepção d'esta folha para serem immediatamente reparadas.

Temos correspondentes, ou pessoas encarregadas da cobrança de assignaturas nas seguintes localidades: Lisboa, Coimbra, Santarem, Cartaxo, Chamusea, Alcanena, Odemira, Lagoa e Tavira.

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de sementeira, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Oliveaes, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient, t. 1.º pag. 430.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para o ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 12

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Cada serie de 13 numeros 300 reis.

COIMBRA, 13 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

OS PARTIDOS MONARCHICOS

Pelo velho principio de que tudo o que se corrompe tende a extinguir-se, os partidos monarchicos, cuja corrupção é manifesta, hão de de ter um fim proximo, hão de succumbir fatalmente dentro em pouco perante a força e a dignidade do partido republicano.

Elles podem chamar-se progressistas ou conservadores, radicaes ou ordeiros, isso nada importa. Pela falta de comprehensão do que seja a ordem e o progresso, tornam-se anarchicos, se querem ser progressistas, e reaccionarios, se querem ser ordeiros.

A inanidade fundamental dos seus esforços provém da falsidade dos principios que seguem. A metaphysica constitucional, de que são os sectarios entusiasticos, impede a percepção lucida e nitida do novo estado social.

Se o velho partido absolutista desconhece que os antigos principios, correspondentes a um regimen extinto, não podem reger uma sociedade nova,—pela sua parte os partidos constitucionaes, fallando muito na liberdade, que não sabem comprehender nem amar, desconhecem que os principios metaphysicos, criticos, que demoliram o antigo regimen, teem até hoje mostrado d'um modo categorico a sua incompetencia radical para organisarem o regimen novo. E, porque fizeram muito, não é razão para que lhe peçam que façam tudo.

O absolutismo, fundado exclusivamente na ordem, leva ao retrocesso; o constitucionalismo, dizendo-se fundado no progresso e na ordem conjuntamente, dá-nos a anarchia, sob todas as formas, anarchia moral, anarchia politica, anarchia financeira.

Não comprehende, nem póde comprehender a mutua correlação d'estes dois principios—ordem e progresso—porque parte d'uma theoria falsa, á qual, de resto, deve a sua vitalidade politica. Se a abandonasse, morria com ella.

O que pretendemos provar é que tem de a abandonar n'um praso breve: a corrupção que o invade confirma pelos factos o que theoreticamente se póde prever com toda a segurança.

O funcionalismo das sociedades modernas funda-se simultaneamente sobre a ordem e sobre o progresso, que não são idéas contrarias, mas identicas.

Apesar da demonstração lucida d'um illustre publicista inglez esta affirmação ainda hoje se contesta. É, porém, n'ella que a politica scientifica encontra o seu fundamento.

O partido republicano, o unico que toma por guia a sciencia, reconhece com Stuart Mill que a ordem é a conservação

dos bens existentes, o progresso o augmento d'esses bens, e que, para os conservar e augmentar, os meios são da mesma natureza, com a differença unica de serem mais poderosos n'um caso do que n'outro.

É na harmonia d'estes dois principios que reside a sua força; é pela comprehensão de que a ordem é a primeira condição do progresso que o partido republicano, sem se inclinar para a anarchia nem para a retrogração, se conserva n'um terreno firme e livre de oscillações perturbadoras.

Todas as facções monarchicas, setembristas e cartistas, historicos e reformistas, apesar do merito incontestavel dos seus chefes, cahiram n'uma fatal dissolução. Os progressistas dissolvem-se pelas discordias que lavram no seu seio, devidas a não terem um principio justo que os dirija, uma idéa sã que lhes dê cohesão. Os regeneradores decompõem-se na mais sordida das corrupções: os meios governativos de Rodrigo da Fonseca teem sido aperfeiçoados pelo partido de que foi chefe; a gangrena alastrou, e hoje do que foi um partido só resta a podridão mais ascorosa.

Nem a poderosa intelligencia d'um Costa Cabral, nem a stoica probidade d'um Passos, nem a sagacidade proverbial d'um Rodrigo da Fonseca poderam sustentar por muito tempo os partidos a que deram vida.

Qual a razão d'isto? A falta de principios scientificos. Quando, cheios de confiança, julgam pisar um terreno seguro, esse terreno oscilla e sepulta-os no seu seio. Victimias d'uma illusão que os allucina, joguetes d'um erro que não sabem desfazer, os partidos succedem-se aos partidos, praticando actos cada vez mais incoherentes, augmentando a confusão cada vez mais inextricavel.

E ao passo que elles cahem, verberados pela indignação publica, eleva-se gradualmente o partido republicano, oppondo á ignorancia d'elles a sua sciencia, á corrupção que os avassalla a sua austeridade politica.

Este partido novo tem mostrado, pela probidade dos seus membros, pelo verbo eloquente dos seus tribunos, pela penna auctorizada dos seus publicistas, e pelo apoio decidido de todos os homens sinceros, que póde e deve substituir no governo os velhos partidos sem dignidade e sem sciencia.

Lisboa que passa

I

Deixo em paz as sessões da camara os folhetos tolos que percorrem os livreiros, os nocturnos macilentos que percorrem as batotas, e os rumores que vão correndo sobre as falcatruas e quebras proximas. Tão pouco

me preocuparei com as sessões tumultuosas dos jornalistas alvorotados, com os episodios dos banquetes e digressões fluviaes em honra dos reporters de Hespanha, com os contos de reis atirados á decoraçao das tribunas reaes e aos deslocamentos de tropas em paradas theatraes. Tudo isto são alvos gafados por occasião das festas, dos que nada têm que contar—exactamente como eu. A provincia, onde me refugiei para dormir uns dias, em solidão tranquilla e n'um canto de quinta bucolica, das minhas fadigas de obreiro chlorotico, vedou-me pelo menos a evidencia absoluta, da decadencia adeantada em que vai declivando o systema governativo, que tendo-nos constituido como nacionalidade ha mais de setecentos annos, preside ainda agora aos destinos da mãe patria. A frieza altiva e desdenhosa, com que a multidão viu desfilar os potentados e os medalhões, accusa em totalidade, que o paiz se sente fatigado d'esta decrepitude politica, que não terá forças sequer, para marchar ao par do franco refflorir, que em toda a nação se accentua dia a dia, qualquer que seja o ramo de actividade humana que se fixe. Desola ver envelhecer uma actriz que foi bonita, como tambem desolam as rugas d'uma formula que foi util.

Mas os tempos passam, tudo se transforma—e vai sendo necessario erguer sobre as ruinas do templo velho, a mole marmorea e severa do santuario novo.

No retiro onde de avental e sachola, floricultei um pouco pelos meus canteiros e pomares, nem sequer atravez de jornaes tive coragem de ver passar as bellas equipagens de gala, os regimentos e os crachás.

Só ha dias me contaram tudo, n'um café onde a má lingua é tão porverbial, que deu nome a um nosso escriptor de talento, mercê de Deus! E ali sem uma contracção fibrillar, sem a nota cava do remorso ou da ira, friamente, intencionalmente, me referiram tudo o que v. ex.ª fizeram, senhores convidados do baile do commercio, n'essa noite de festa, em que tantos se constiparam de sahir sem casaco, e outros tantos, bem ceados e bebidos, com Madeira no cerebro e par-dessus surripiados nos hombros, apanharam da excessiva abafadura, suores de tal monta, que viram raiar o dia seguinte, curados de defluxos chronicos que coziã desde 33. Passo em claro, a alcatifa de croquettes e foie-gras que vestia o parquet do bufete, os ventres dos divans e sophas extirpados por maldade a golpes de canivete, vomitos pelos cantos, e outras torpezas da promiscuidade anonyma dos indigenas de armazem, suas namoradas e tias accessorias. Oh! Lisboa é realmente um grande e civilisado curral, em que os chibatos abundam, e os cordeiros fazem, na maioria dos casos, papel de lobos!...

E isto me surprehende e me adormenta—conheço esta livida cidade, desde que me tiraram a mama, e n'ella hei soffrido os dissabores da vida imberbe, e antegosado as alegrias que chegam sempre, como um sol molhado, apoz esses dissabores.

Foi n'esta boa terra que vi o sr. Thomaz Ribeiro, tão idealmente pallido, tão escañoado de face, hirto e theatral como a sua obra—e foi aqui tambem, que obtive a primeira trança do cabelo amado, negro de azeviche, perfumada e gordurenta de unguentos de bergamotta. Lembro-me agora d'esse idyllio doce, vago como um poente adormecido, musical como os trechos de Schu-

bert, todo em palpitações de azas e fulgores de carbunculos lapidados. Era uma loira franzina, vesga d'um olho, um cheiro a alho!... Sonhos de amor primeiro, spasmos no langor das primeiras concessões e dos primeiros beijos!... Tinha então o seu capote verde, uns formosos oculos de metal, unha chata de brucha; e, ao coxear da perna, toda se requebrava como recitando so-laus de Serpa Pimentel.

Fôra uma conscienciosa comparsa das Variedades, e de alcapões tenebrosos, surgira á flôr da scena, de fada, de filha do inferno, de borboleta e de tambor-mór.

E a pobre gallinha da India, morreu convencida que o popular escriptor José Carlos tinha um fraco pelo ella, — muitas vezes m'o disse, atafulhando as ventas de simonte, e revirando os olhos de paixão.

Aberta a Exposição de Arte Ornamental, no palacio das Janellas Verdes, futura residencia do museu portuguez de Bellas Artes.

Os jornalistas de Hespanha, que fidalgadamente tinham recebido os seus collegas de Portugal pelo centenário de Calderon, levando-os a gozar em viajatas e romagens, dos panoramas, museus e monumentos de Madrid, mandaram por seu turno ás nossas festas uma deputação de reporters, muito secundarios como talento, e tres ou quatro jornalistas de nome, desde Sajsedo até Alcalá Galiano. Os reporters de lá foram recibidos pelos reporters de cá na maior parte das vezes, nem tinham mais a desejar.

Molestados porém, de não ver a seus pés todas as camadas litterarias da cidade, tiveram um reviramento de humores, e fervilhando em bilis, inundaram de inexactidões, ironias dessoradas e até falsidades intencionaes, as correspondencias que aos seus periodicos mandavam, datadas de Lisboa. Que chovia copiosamente, que eramos um povo de tres mil pessoas, grosseiros, intractaveis, o demónio!...

Ouvi brindes de alguns d'esses senhores. Nem bons nem maus—antes pelo contrario.

Correu por ahi tambem que esta visita dos reis hespanhoes aos reis portuguezes, era um começo de alliança defensiva contra a lepra democrata que por cá e por lá, vai ameaçadoramente invadindo a opinião, mesmo ignorante como é. Parece mesmo, que um certo cazamento vai tornar o primogenito real em cunhado de Afonso XII.

Estê iberismo das côrtes peninsulares, iberismo moderado, disfarçado e feito a capricho, para apodentrar uma reacção que surdamente rumoreja, vai dar grandes cuidados de certo, ao visconde Sanches de Baena, e ao reverendo prior da Pena, que Nosso Senhor guarde para continuação dos votos do campo de Sant'Anna e Bemposta.

N'este cyclo historico, tão falso e tibio para as dynastias da terra e do ceu, os reis desilludidos e aterrados pelas machinações populares, torpedos da politica, e ambições das grandes nacionalidades de que são joguete ephemero, não cuidam senão de colligar-se, pensando salvaguardar por algum tempo mais as corôas e thronos, que rolam ou estalam ao menor piparote.

Em Portugal, a fibra patriótica é ainda rija e vibratil, fallando serio. E o povo, que ri do palacio dos Almadas illuminado no 1.º de dezembro, como d'uma rethorica postica e occa, tem lucidamente inveterado o espirito da independencia, com um brio de que

poucos o julgam capaz. De Hespanha, arte samente.

Zarzuella, toreros, mulheres, quadros e as magnificas passas de Malaga.

O que não ha em Portugal. Mulheres sobredito. Oh, as hespanholas!., Peccados mortaes disfarçados em virtudes. O estrangeiro que escreve sobre as nossas mulheres acha-as trigueiras e plasticamente detestaveis, pela maior parte.

Ainda não ha muito, li eu no Temps, que acima dos trintas annos, toda a portugueza de raça deixa crescer bigode—medonha affirmacão! O pintor que reclame modelo, o esculptor que rebusque pelos nossos bairros um corpo perfeito, de curvas nobres e pommas crespas, elasticidade graciosa e graça pudica, em balde gastarão seus dias espianando os mercados, a vida das ruas, e os tristes genyceus, em busca do ideal porque suspiram. Somos uma raça physicamente cavilecida.

Aos vinte e tres annos a femea portugueza emirchece e fana-se. Faltam as sadias epidermes, as formas amplas em que effloresce a força e a belleza. Maus dentes, labios pallidos, cabellos ceifados pela molestia capillar, uma tristeza bassa nas attitúdes, nos me-neios e nas fallas. A hespanhola não. Ou é prodigiosamente feia, e elimina-se—ou é prodigiosamente bella e fresca, e aproveita-se! Nada de meio termo. Este triumpho da mulher, é um grande collaborador nas artes, a esculptura, a poesia, o theatro.

A Exposição é d uma riqueza e profusão, além de toda a expectativa. Quatorze salões estão patentes aos visitantes, e novas salas serão abertas dentro de pouco tempo.

As colleções não se acham classificadas nas vitrines com extrema regularidade, nem era possível fazel-o no curto tempo que houve para reunir e dispor as peças. Nessa confusão, de tapeçarias, trajos bordados a ouro, colchas da India, paramentos religiosos, vasos sagrados, moveis, ceramicas, fa-yanças, quadros e joias de todas as castas e estylos, ha um pictoresco scintillante, de matizes e tons. As capas de asperges abrem as azas fulvas, de alto relevo, como grandes aves reaes, agazalhando os filhos. Nas cazulas de lhama e brocatel, em cujos fundos velados, bordaduras espanejam os seus grupos de santos e santas, armas e até scenas da mythologia, esfiam galões de ouro, e prata, no corrosivo dos seculos. Os missaes encadernados de velludo e ouro, fechos cinzelados, armas ao centro e cantos de arabescos finos, assentam em estantes de prata, lavrada em fosco, sobre que as rendas tomam uma ligeireza firme e delicada. A Exposição dos manuscritos illuminados, missaes, livros de Horas, biblias, livros de armaria e hieraldica, é um assombro artistico, uma maravilha de frescura, de gosto e opulencia.

As orlas de pagina sobre tudo, no missal de Estevão Gonçalves, no livro de oração da rainha D. Leonor, no livro Sententiarum e na extraordinaria Biblia que D. Manuel doou aos Jeronymos em fins do seculo XV, synthetizam esse trabalho asperrimo e divino dos miniaturistas, que devorados de genio e de fome, passavam a vida illuminando um livro, em paga do osso que as casas nobres lhe deixavam roer todos os dias, na cosinha dos seus palacios e solares.

Sobre pergaminho, cheirando á cera amarelha dos officios funebres, das semanas santas e dos terços mysticos, nos oratorios fidalgos e principescos, rodopiam cercaduras phantasticas de flores e folhas, evoluções de nervuras verdes, rozas d'onde sahem pequeninos monstros, em carantonhas sarcasticas. E nos recantos do desenho, de ramo para ramo e flor para flor, as figurinhas barbadas dos monges e dos guerreiros, dos pagens e das princezinhas doiradas ou cor-de-roza, esgrimem, oram ou fazem idyllo, tão pequeninos que se abrigam ás vezes, sob o docel d'uma folha de avenca.

Ha um movimento symphonico nos nervos d'aquelles ornatos, no turbilhão das folhitas recortadas em palmas, na imprevista maneira de accumular volutas, para as desenrolar depois engalpinhando-as no ensemble geral da bordadura.

A espaços, a pintura mais ampla e menos imaginativa, fixa de subito uma scena biblica na pagina toda; riem os presapes

nas alvoradas da primavera, reis que offecem incenso, myrrha e vasos de luxuosa entalhadura, pastores em joelhos sorrindo, a deporem nas palhas do estabulo, os productos da vida rustica, ovos, leite, cordeiros e ingenua fé—e no fundo, paisagens sem perspectiva, de biombo japonéz, riem no azul purissimo dos ceus tranquillos, mysticamente perfumados por toda essa arte innocente e cahida.

Que imaginação expendida a mãos plenas, que adoravel humor de palheta e fina execução de conjuncto!... E como é bom ter nervos, para vibrar em commoções assim profundas, absorventes e castas!...

A Exposição das rendas é, pelo menos até agora, muitissimo pobre. Rezuma-se nas duas vitrines centraes da segunda sala, alguns vestidos de creancinha, não sei quantas camisas de cambraia, romeiras de pellica em arabescos, cabeções de França, e fragmentos de rendas de ouro, prata, algodão e linho. Lembro com admiração os trabalhos antigos sobre pellica branca. Deslumbrantes pela graça, harmonia e audaciosa execução.

Ha por exemplo, uma romeira de pellica branca, pertencendo á Bibliotheca d'Evora, altos relevos de applicação—um cabeção do mesmo estylo, da bibliotheca tambem—e a admiravel romeira do conde da Praia de Monforte, com applicações intrincadas, destacando em grande relevo, sobre fundo picado de ilhozes e pequeninas estrellas.

Um lenço de cambraia de Holanda, tem a um canto, bordada a cabelo uma scena pastoril, e em volta esta legenda, em bastardinho:—Basta de guerra, basta. Que mais quereis? Algum namorico terminando em casamento. Que bello riso complacente, terrão os velhos esposos hoje, se ainda vivem, sobre esse lenço tão idealmente pingado de sentimentalidade...

Duas vitrines com leques do seculo pasado, alguns deliciosos. Varetas em marfim, madeira, prata, ouro, tartaruga, e madreperola; pannos de seda adornados de pinturas e bordados; extrema ligeireza no cinzelamento de alguns; estylo decorativo quasi identico; varios extremamente monotonos, tambem, para contrapór.

Muito poucas armas, apenas uma couraça na exposição portugueza, nada de utensilios domesticos, talheres, louças ou vestuarios—parecendo que por seculos, a vida portugueza era levada a commungar nas capellas adornadas de incomparavel ourivesaria gothica, ou em joelhos ante os thronos encimados das monumentaes custodias manuelinas.

Na sala de D. Fernando, muitas peças de ceramica, da celebre fabrica do Rato, espe-lhos, figuras diversas, grupos piedosos. Belleza no detalhe d'esses especimens, muita arte expendida, mesmo.

VALENTIM DEMONIO.

LIVRE

Face mimosa e pallida, em ti penso, n'este ignorado e tacito recinto; escondo-me eu aqui; mas o que sinto não pudera contel-o o mundo immenso.

A ti minh'alma sobe como incenso; e bem sabes (porque eu nunca te mint) que, de ti perto ou longe, eu sou faminto da eterna fome—o amor!—que nunca venço.

Fechado aqui, tão só, quebro a cadeia; transponho campos, serras, mar undoso; desprendo pelo azul est'alma ardente.

Pode mais que a prisão a livre ideia; vence as serras e o mar meu peito ancioso; e assim... serei contigo eternamente!

TAVIRA

ANNES BAGANHA

CAMBIANTES ROZINHA

HISTORIA SIMPLES

Não havia amigos mais intimos que o sapateiro Francisco da Silva e o alfaiate Antonio Nunes, moradores na mesma rua—este casado e sem filhos, aquelle viuvo e com uma filha. Compadres d'aguas bentas, como se ufanavam de ser, nenhum d'elles decidia qualquer negocio, sem ouvir a opinião do outro.

A mulher do alfaiate, a sr.ª Antonia Rita, estimava a afilhada, como filha, e a bella Rozinha pagava em mil caricias e affagos o muito amor que devia aquella boa mulher.

Muitas vezes Antonio Nunes previa a triste sorte da afilhada, no caso de ficar orfã; e, manifestando á mulher estas apprehensões, sobresaltou a santa creatura, cujo principal empenho era a felicidade da sympathica rapariga.

Roza vivia despreocupada e alegre, trabalhando todo o dia, e rivalisando com as aves do quintal na sua voz pura e argentina que modulava com todo o mimo de 15 primaveras. Mal pensava que o tempo demonstraria em breve serem fundados os receios do alfaiate.

Num dia de julho, tropicalmente abrasador, tendo ido Francisco da Silva levar ao armazem a importancia d'um cabedal, que havia comprado, sentiu um mal estar, que singularmente lhe perturbou a vista, obrigando-o a calir sobre uma cadeira. Transportado para casa, disse um medico, que logo chamaram, ter o enfermo poucas horas de vida.

Antonio Nunes e a mulher, que logo vieram auxiliar Rozinha, nos socorros que a santa rapariga desejava prestar á seu pae, tranquilisaram o moribundo com a promessa de que tomariam a seu cargo proteger a rapariga. Parecia viver, apenas, para adquirir esta certeza, porque falleceu pouco depois, ciciando o nome de Roza.

Duplamente orfã, Rozinha dedicou á memoria de seu pae as lagrimas da saudade mais viva, e desde aquelle dia ficou a gentil rapariga filha adoptiva d'aquelle santo casal.

Era raro o dia que entre marido e mulher não se trocava este dialogo:

—Afinal de contas, eu já me sinto cansada e doente; e bem precisava de quem me ajudasse nas voltas da casa—dizia Antonia Rita, limpando uma lagrima, que, indiscreta, lhe descia pela face. Coitada! queira attribuir a egoismo um acto que só lhe fora dictado pelo seu coração generoso!

—Olha, mulher—respondia o alfaiate—emquanto eu tiver forças para trabalhar, e não escassearem os freguezes, sempre ha de haver um bocadinho de pão, para repartirmos com a pequena.

Numa palavra, Rozinha era tractada como uma pessoa de familia; dourando com a expansiva alegria de sua juventude, a vida de seus protectores, quando tiveram logar os acontecimentos que vamos expór.

Um dia, entre alguns papeis do fallecido sapateiro, encontrou por acaso Antonio Nunes um decimo da loteria.

O economico alfaiate lamentou que Francisco da Silva tivesse empregado tão mal os seus pouco avultados capitais. Qual não foi, porém o seu espanto, quando viu na lista premiada aquelle numero?! Chamou a mulher, chamou a afilhada, que andavam entretidas na sua tarefa domestica, mostrou o decimo e sem dar mais explicações sabiu precipitadamente.

Meia hora depois apresenta 500:000 réis á afilhada, dizendo-lhe que eram d'ella.

—Nada, não senhor, isso é do padrinho que me tem sustentado. Tinha que ver—eu senhora rica, e os padrinhos sem nada.

E, dizendo isto, a encantadora Rozinha foi abraçar a senhora Antonia Rita, enternecendo pelas suas caricias a bondosa mulher que, assim como o marido, era dominada por uma viva commoção.

Concedidos alguns minutos á expansão affectuosa de enternecida amizade, Antonio Nunes, abraçando a afilhada, diz-lhe, com a voz ainda tremula de lagrimas:

—Obrigado pela amizade, rapariga, não queres aceitar este dinheiro, não é isso? pois bem eu cá farei o que me parecer, que sou um homem honrado.

E não fallou mais em tal.

No predio fronteiro á loja do alfaiate foi estabelecer-se o serralheiro Ignacio da Cunha. Sentindo-se já velho e enfermo confiou a seu filho Pedro, a direcção da officina. O novo mestre, activo e intelligente, captara pela sua presença agradável e pelo respeito que dedicava a seus paes, sympathias numerosas.

E singella, como a verdade, esta breve historia e o leitor já provavelmente está imaginando o que muito naturalmente aconteceu. Alguns mezes depois, o prior da freguezia cazava o nosso Pedro com a graciosa Rozinha, que bem merecia o nome pelo pudibundo carmin da sua cutis delicada, ao passo que pelas suas qualidades, amavam-na quantos a conheciam.

Realizada a cerimonia e pouco depois de chegarem a casa, noivos e convidados, Antonio Nunes, lançando o braço ao hombro de Pedro, diz-lhe, todo alegre e risonho:

—Vem cá, meu rapaz desculpa o desgosto que te vou dar.... E entraram ambos na casa proxima.

Então o alfaiate, apresentando a Pedro alguns cartuchos de dinheiro, disse-lhe:

—Anda, guarda; que estás a olhar pasmado para elle? é teu. É o dote da Roza. Não estejas a dizer que não queres. A coisa é esta: entre a papelada velha de teu sogro, achei um decimo da loteria e sabiu premiado—o que eu não esperava, sou muito franco.—O dinheiro esteve na mão d'um negociante, que en já conhecia; mas agora governa-o como te der na cabeça.

Chamou Pedro a mulher e os convidados, unicamente pessoas de familia e muito soffreu a modestia do alfaiate com a entusiastica admiração de todos.

Antonio Nunes e a mulher ficaram em casa dos noivos, pela instancia com que foram rogados e especialmente porque não podiam habituar-se a estar separados da sua querida Rozinha.

Como artista tem Pedro da Cunha elevado consideravelmente a officina e orgulha-se, com razão, de terem os seus trabalhos obtido varios premios, sobremaneira honrosos.

BABINET.

CAMARA OPTICA

No campo arido em que sopra a furia incommoda dos ventos politicos, avulta agora uma necropole, respeitavel porque encobre os restos d'um homem justo, d'um character rigido, vasado nos moldes d'uma austeridade e rudeza primitivas. Curvamo-nos reverentes perante a lousa que guarda o cadaver do bispo de Vizeu, porque, abstrahindo da distancia que o separava de nós, apraz-nos prestar homenagem a tudo quanto symbolisa na terra a incarnação d'uma virtude social. Sobretudo é consolador e grato, para quem colloca acima das distincções de escolas, os laços que unem os homens n'uma solidariedade paternal, calar á beira d'uma campa, que se encerra, a differença de principios, e deixar pulsar o coração.

Foi um homem severo e firme nas suas creanças. Lutou sempre sem transigir, expoz as suas opiniões sem rebuço, sem os receios accomodaticos, que caracterizam a totalidade dos nossos homens publicos. Por isso não hesitamos em fazer-lho, e até apontal-o aos nossos como um exemplo a seguir na senda que as convicções de cada um hão de traçar no meio da adversidade, na luta intransigente que encetamos contra o statu quo.

A camara dos communs distinguuiu-se esta semana, por um d'esses actos que a hão de levantar até ao nível superior onde pairam os manes de Costa Cabral; e tantos outros tyrannetes que fizeram a apothese da Carta.

Não permittiu que um cidadão qualquer viesse á barra defender a sua eleição. O regimento que todos os dias está desempenhan-

do, o papel d'uma formalidade, muitas vezes dispensavel, serviu agora de pretexto para se folhear ao queixoso o direito de expor as suas rasões. Uma camara illustrada, recta, o inspirada nos principios sacrosantos da liberdade, teria adherido unanimente a um desejo tão justo. Porém a senhora maioria approva sem discussão tratados ruinosos, e guarda argumentos capciosos para negar um direito justissimo, legitimo e legal.

Não é a verdade, a justiça, o direito que lhe dirige os passos, é o frio com que o senhor destes dominios, a guisa ao sabor da sua vontade omnipotente.

Na camara alta, uma somnolencia sorumbatica e pesada perpassa sobre aquellas calvas luscidas, orladas de pellos brancos, que pelo aspecto só ousariam comparar a outros tantos esteios das instituições. O discurso da corôa, essa cerimonia biblica, especie de libação com que se aplaca uma divindade, ou melhor, um aranzel onde a grammatiga e a rhetorica, se atropellam e abrem caminho á lisonja mentirosa, com que se promettem coisas impossiveis, reformas, melhoramentos etc, serve de pretexto para algumas horas de convívio animado.

E assim se passam uns mezes de parlamento, de caçaco massador, em que as opiniões se manifestam por bocejos famintos, gestos descompostos, e indignações ficticias.

Depois fecham-se as sessões, e a lista civil continúa entornando sobre nós a cornucopia do seu influxo benefico; o paiz saturado de eloquencia e de imagens parece-lhe que a nau do estado navega n'um mar de rosas, seguindo a derrota que lhe marca um piloto habil, intelligente e corajoso.

Ora aqui está como isto caminha.

INOCENSO.

LISBOA

10 de fevereiro de 1882

A classe academica do paiz preoccupa-se vivamente com a celebração do primeiro centenário do marquez de Pombal, e por esse facto não temos senão a congratularmo-nos com ella pela iniciativa e esforços que faz para que essa festa seja em tudo digna da memoria do eminente estadista. O marquez de Pombal é credor do nosso respeito e da nossa gratidão não só pelas importantes reformas que marcaram uma nova era de civilização para Portugal, mas também e principalmente pelo golpe profundo e certo dado no jesuitismo, cuja influencia se exercia em todos os ramos da administração publica. Consta-me que a commissão academica Lisboa trabalha activamente e que aplanará todas as difficuldades que surjam para levar a effeito esta solemnisção com o brilho que ella deve ter.

Portanto foi muito bem acolhida a adhesão que a mocidade estudiosa d'essa cidade prestou no dia 4 do corrente, associando-se, e distincta da Universidade, ás festas commemorativas. Também as resoluções tomadas pela Evolução são bastante sympathicas e foram, como não podiam deixar de ser, recebidas com enthusiasmo. E' bello ver esta solidariedade, esta completa communição de ideias entre todos os estudantes do paiz affim de prestarem uma homenagem justa, como é a que em 8 de maio proximo se vai prestar ao ministro de D. José I.

Louvemos todos esses esforços e que ninguém regeite auxilio algum aos promotores d'esta festa nacional.

Acabamos de nos referir á solidariedade academica, vamos também appresentar um facto que attesta eloquentemente a solidariedade n'outro campo—entre o partido republicano.

Um operario laborioso, honrado e de convicções arregaadamente republicanas precisava d'uns certos recursos economicos affim de minorar a sua pobreza e a da esposa e filhos, pobreza motivada pela falta de trabalho. Alguns membros do partido republicano promovem-lhe um sarau que se realiso no dia 3 do corrente e que deu os melhores resultados. Foi uma festa commovedora, pois que todos os que n'ella tomaram parte ou que a ella concorreram, estavam possuidos da mais verdadeira dedicação e manifestando uma comprehensão nítida de como cum-

priam gostosamente um dever, que lhe era imposto pela sua consciencia.

Oraram sobre o assumpto os já conhecidos trabalhadores da democracia portugueza: Elias Garcia, Theophilo Braga, Magalhães Lima, Augusto Figueiredo, Antonio Ignacio d'Almeida e Xavier da Silva.

Mais um centro republicano, mais uma escola politica para o povo, acaba de se fundar em Lisboa no dia 2. Tomou o nome de Club eleitoral democratico e tem a sua sede na freguezia de S. José.

Este centro iniciou a sua carreira civilisadora por um acto que merece todos os nossos applausos. Procedeu á sua inauguração, pagando ao mesmo tempo um tributo de gratidão que o partido democratico devia á memoria d'um lutador tenaz, d'um sincero e persistente propagador dos principios republicanos—José Guilherme dos Santos Lima, collocando na sala das suas sessões o retrato do malogrado cidadão.

Fallaram a proposito dos dois actos honrosos para a democracia portugueza, entre outros nossos correligionarios, cujos nomes nos não recordam agora nem temos de momento meio de os saber, Elias Garcia, Magalhães Lima, Victoriano Braga, alguns representantes de varios centros, etc. Todos se congratularam com a fundação de mais um centro para a propaganda das nossas ideias e rememoraram sentidos e cheios de reconhecimento os serviços prestados por Santos Lima.

Enquanto o partido republicano desenvolve uma crecente actividade na fundação de centros esportivos, de escolas de leitura e escripta, na propagação dos principios verdadeiramente liberaes e emancipadores do povo, servindo-se para isso dos seus jornaes, cuja circulação já é significativa, os monarchicos dão-nos espectaculos curiosissimos nas casas do parlamento.

Numa das ultimas sessões o recinto da camara dos deputados parecia um logar de fadistas do que de homens que se dizem legisladores da nação; houve descompostura, houve effeitos e muitas cousas mais, todas ellas edificantes e dignas da monarchia constitucional. A não ser estas e outras scenas que todos os dias se repetem no parlamento, nada mais ha digno de registrar-se. D'alli nada sae que seja util para o paiz. O povo gosta e el-rei ainda gosta mais, de modo que tudo vae bem.

Não nos cansaremos de applaudir estes actos, porque a simples exposição d'elles é uma prova irrefutavel da corrupção e desmoralisação que lavra no seio dos partidos monarchicos.

Antonio Furtado.

A Instrução

L' instruction fait tout; c'est la source féconde de l'ordre, du repos et du bonheur.—(Voltaire).

Resolvemos analysar minuciosamente e apreciar com imparcialidade e justiça o estado da instrução publica, despertados pelos inumeros defeitos das ultimas reformas no ensino, que trouxeram á maior parte das familias difficuldades tão inveciveis que milhares d'individuos, podemos affirmar-o, estão privados de adquirir conhecimentos nos institutos d'ensino official, especialmente nos estabelecimentos secundarios, accessiveis quasi só á classe aristocratica, como havemos de provar.

Sairá imperfeito o nosso trabalho pela incompetencia de quem o produz, mas seja elle ao menos incentivo para chamar a attenção de todos os cidadãos que amam a grandeza nacional, cooperando com energia e perseverança no sentido de arrancar á ignorancia os nossos irmãos e trazel-os á luz radiante que illumina a intelligencia. Fazamos de cada escravo da estupidez um cidadão livre e benemerito.

Vamos n'uma decadencia esmagadora; a marinha está arruinada, o commercio tolhido, a industria quasi paralitica, a agricultura desanimada e definhada, estão portanto viciados os elementos mais fecundos da vitalidade material do paiz.

Mas não é isso ainda a verdadeira origem do abatimento que nos persegue. A decadencia nacional provém em subida escala da

falta de patriotismo, consequencia forçada da degradação dos costumes.

A França em 1870 ficou mutilada, caiu até onde ella o não esperava, porque desconhecia a completa dissolução do imperio. As suas provações exacerbaram-se ainda com a monstruosa indemnisação de guerra (800 mil contos); mas a sua reabilitação vai caminhando com intensidade notavel, cuidando-se com bastante sollicitude da instrução onde a florescente republica vê a causa primordial do seu futuro engrandecimento. Assim é que em 11 annos a patria de Gambetta amortisa a colossal contribuição, reorganisa o exercito, anima as artes, commercio, industria e agricultura, diminui os impostos, e obtém no anno economico findo um saldo de 810 contos.

Lá, o engrandecimento da patria é tudo, cá, o bem do paiz está sujeito ao egoismo pessoal. A França dirige especialmente as suas vistas para a educação litteraria, como a mais solida e firme columna da sua independencia. Os nossos estadistas permitem-se outro modo de pensar; para elles a politica, embora virulenta e vil, é tudo; a illustração do paiz é uma questão sem importancia.

Ha quem diga que o Estado tem creado muitas escolas para educar o povo que é ignorante porque quer. Podemos sustentar que o Estado pouco tem contribuido para o derramamento da instrução, porque se por um lado tem creado escolas, por outro lado não lhes dá os elementos indispensaveis para progredirem e prosperarem, de modo que isto equivale á sua—não existencia ou creação.

Multiplicuem-se as escolas, ampliem-se os programmas, augmentem-se as escolas normaes, haja inspectores e sub-inspectores, imagine-se enfim uma reforma perfeitissima; tudo cae e se desmorona, quando se não remunerar condignamente o professorado.

O paiz está compenetrado d'esta verdade, mas quasi ninguém trabalha para sanar esses inconvenientes, porque a sua opinião é que as nossas finanças, por mal concertadas, o não consentem.

A falta de protecção do poder central accresce ainda a indiferença dos municipios e juntas de parochia, que não auxiliam o ensino, porque carecem de fundos, e os individuos que mais se interessam pela educação dos alumnos, não podendo vencer embaraços gravissimos, conservam-se immoveis, e assim ficam as coisas.

E' certo também que muitos paes retiram seus filhos da escola, ou porque não querem a sua cultura, ou porque em virtude da sua ignorancia entendem que o ensino deve ser tradicional.

Diga-se porém em abono da verdade que os chefes de familia tem direito a ter uma tal ou qual repugnancia em mandar os filhos frequentar as aulas do primeiro ensino, porque ellas, em regra, reúnem maior numero de condições, para atrophiar as creanças do que para auxiliarem o seu desenvolvimento.

(Continúa.)

NOTICIARIO

Recebemos o seguinte officio que com a devida venia publicamos:

Senhores redactores do jornal democratico A EVOLUÇÃO

O Directorio do Centro Eleitoral Democratico Republicano de Coimbra, reconhece e applaude a illustrada, energica e bem dirigida cooperação, que o jornal democratico —A Evolução—está prestando á propagação republicana e á educação democratica do povo portuguez, e como demonstração d'este seu reconhecimento e applauso resolveu lançar no livro das suas actas um voto de louvor á benemerita redacção d'este jornal. Coimbra, sala das sessões do Centro Eleitoral Democratico Republicano, 4 de fevereiro de 1882.

M. A. Rodriguez da Silva. Secretario.

Agradecemos estas palavras immerecidas que só a muita benevolencia dos nossos illustres correligionarios poderia ter dictado.

Quarta feira, 8 do corrente, houve no Club Academico um sarau litterario-musical offerecido pelo conselho d'esta associação a todos os seus socios.

Os bilhetes eram intransmissiveis e preceituavam o demi-toilette para as senhoras e a casaca ou a capa e batina para os homens.

A sala onde se realiso a festa estava ornada com simplicidade e elegancia. Ao entrarmos ficámos deslumbrados pelo fino ar distinguível, pelo realce brillantissimo dado ao apprezzavel recitativo: senhores combricenses, que contorrem ali em grande numero para ouvirem a recitação dos versos esplendidos e a execução dos bellos trechos musicaes expendidos n'aquella noite de gratissimas recordações.

Escusamos de elogiar as pessoas que tomaram parte no sarau; basta a simples indicação dos seus nomes para supprir os maiores elogios.

PARTE MUSICAL

Symphonia da Dinorah, pelo sr. Cardoso. La sirène, para flauta e piano, pelos srs. Augusto Paes e Alfredo de Castro.

Souvenir de Andalouzie, para piano, Gottschalk, pelo sr. José Julio Forbes.

Souvenir du Faust, flauta e piano, pelos srs. Augusto Paes, e A. Castro.

Le lac de Niedermeyer, pour voix de basse e piano, pelos srs. José Taborda e A. Castro.

Sanctissima Virgine, para tenor e piano, pelos srs. A. Rego e A. Castro.

Marcha arabe, por Prudent, para piano, pelo sr. J. J. Sequeira.

Concerto de guitarras, pelos srs. José Julio e Fogaca.

PARTE LITTERARIA

Progresso, pela ex.ª sr.ª D. Amelia Janay.

Delmirita, Jesus te valha, e No album d'uma senhora, pelo sr. Luiz Osorio.

A Roberto Woodhouse, pelo sr. Alfredo Paço.

A Caridade, pelo sr. Costa Macedo. Quadras a M., pelo sr. E. Araujo.

Quadras á visinha, e Idyllio rustico, pelo sr. A. Feijó.

A morte d'um pintasilgo, Je vous aime, e Paqueta, pelo sr. A. Flor.

A mosca, de F. Caldeira, pelo sr. Ferreira da Silva.

O actual conselho do Club Academico, saindo da rotina e procurando elevar aquella casa á sua verdadeira altura, é digno de todo o louvor.

E que n'estas nossas palavras não se veja predilecção politica pelo partido representado pela direcção do Club. Feliz ou infelizmente, temos andado sempre afastados das luctas politicas da academia, e n'esta abstenção desejamos continuar.

O Seculo, a Folha do Povo e a Democracia têm louvado a attitudé dos estudantes de Coimbra relativamente ao centenario de Pombal.

E' bem que a academia se rehabilite perante aquelles que a têm julgado severamente, e que não lhe poupam elogios quando vêem que os merece.

A occasião é propicia; não a deve perder. Cumpra-lhe aproveitá-la, mostrando que sabe reagir forte e dignamente contra o clementical que pretende reassumir a sua extincta preponderancia.

Para que as festas não tenham um character ephemero, aconselhavamos á commissão que dirigisse principalmente os seus esforços para a criação do Instituto de ensino livre.

Tudo o mais passa, e dentro de breves dias extingue-se a recordação do que se fez. O Instituto, porém, permanecerá, attestando no futuro a utilidade e a elevação dos esforços dos estudantes portuguezes.

E' por esta instituição que teremos de ser julgados; é portanto para ella que devem, sobretudo, dirigir-se o nosso trabalho e os nossos recursos.

Recebeu-se no governo civil d'esta cidade participação official, dando conta de que foi attendido o pedido da commutação da pena

de morte ao primeiro condemnado, que a comissão representante da academia nas festas de Calderon formulou ao rei de Hespanha.

Os hossos sinceros parabens aos sympathicos commissionedos que com tanta distincção se houveram. A suppressão radical da pena de morte constitue hoje uma aspiração das almas generosas e é sustentada pelos mais auctorizados criminalistas.

A comissão era composta dos srs. Eduardo d'Abreu, Domingos Ramos, João Arroyo e Nabaes Caldeira.

Ontem, pelas 6 horas da tarde houve um grave conflicto entre a academia e a policia, de que resultaram alguns ferimentos.

Foram presos alguns estudantes. O sr. commissario de policia soltou-os pouco depois.

A policia, em Coimbra, tem sido sempre a causa d'estes lastimaveis acontecimentos. Promettem-se e já se deram, em parte, satisfações á academia.

Os policias que fizeram os ferimentos estão presos.

Mas o que é certo é que ha males que não se podem reparar, e estes são d'esse numero.

Dão-se todas satisfações mas os estudantes vão ficando com os ferimentos.

O unico remedio que tinha este mal era a completa extincção do corpo de policia.

Antes da sua existencia não succediam tão frequentes vezes casos como acabamos de narrar. Além d'isto as represalias são sempre terriveis, e não é facil contel-as nos casos como este.

A pressa com que escrevemos impede-nos de fazer todas as considerações acerca d'este facto. Voltaremos, porém, a occupar-nos do assumpto.

Retirou para Tavira o nosso bom amigo e assignante da *Evolução* o cidadão Joaquim Peres.

Uma pertinaz doença o obrigou a deixar este anno os estudos universitarios que cursava.

Oxalá que encontre na terra que lhe foi berço e junto dos carinhos de sua familia a saude vigorosa e robusta de que tanto carecia. Um cordeal aperto de mão lhe envia um amigo dedicado.

Chegou o vapor *Julio Vilhena* destinado desde o seu começo á missão civilisadora do Rio Zaire.

Auctorizados pelo que se dizia na imprensa affirmámos que aquelle navio do estado iria ter na estação naval d'Angola o mesmo destino de outros navios que alli têm acabado e que não têm sido substituidos por outros melhores; chegámos até a pensar que irá concorrer para a obstrucção do porto de Loanda; porque, como alli se diz, uma das causas que para isso concorre, é a longa estadia dos navios destinados á estação—d'Angola, n'aquelle porto; pois que os chefes da estação alli encontram maior numero de commodidades e por isso mais tempo alli demoram, entulhando o porto com ossos de galinhas, ou se alguma vez sahem aproam ao sul e lá seguem caminho de Mossamedes onde encontram todas as commodidades europeas.

Devemos salvar honrosas excepções, mas é certo que a maior parte da nossa officialidade de marinha estremece quando tem que ir ao Zaire, a S. Thomé ou a Ajuda.

São todos muito patriotas, desejam o desenvolvimento das nossas colonias, o augmento da nossa armada mas isto no gabinete do ministro, na arcada do arsenal, ou em pingues commissões.

Diz-nos o *Diario de Noticias* do dia 8 que o *Julio de Vilhena* irá para o Zaire, destino que sempre teve. Folgamos por isso e com todo o gosto damos esta boa noticia aos nossos leitores; lastimando ao mesmo tempo que o governo esteja á espera da contribuição nacional para o fundo africano das missões civilisadoras, quando ainda ha dias esbanjava 1000 contos de reis em paradas e festas de que nenhum resultado ha de provir para o paiz.

Recebemos: O n.º 6 da segunda serie do *Instituto*, revista scientifica e litteraria, Coimbra. Summario:

Visconde de S. Jeronymo, por F. de C. F.;

Discurso funebre por J. Marcelino Arroyo, Estudos financeiros, por M. Baptista da Silva; Catalogo das Plantas medicinaes que habitam no continente portuguez, por A. Frederico Moller; Je vous aime (poesia), por A. Horta e o Boletim Bibliographico, por A. F. de Castilho.

O *Jornal de Horticultura practica*, n.º 2 do volume XIII correspondente a fevereiro, Porto. Summario:—Algumas palavras sobre as Ervilhas, por Duarte de Oliveira Junior (uma gravura); A cultura da Ramie em França, por M. de Freitas; Supportes de metal para plantas (duas gravuras) por M. P. de Sousa Freire; A proposito da cultura das plantas que dão a quina, por J. A. Henriques; Picea Morinda (uma gravura), por A. F. Moller; Methodo de enxertar garfo, por M. de Lemos Azevedo; Instrucção technica e rural, por A. de la Roque; Algumas palavras sobre a horticultura Japoneza (tres gravuras, Pinus Densiflora), por E. A. Carrière; Varias Noticias, por Silva Rosa Junior e Chronica horticolo-agricola por D. Joaquim de C. A. Mello e Faro.

A *Coimbra Medica* (revista quinzenal, de Medicina e Cirurgia,) Coimbra. Summario: Portugal e os Congressos Medicos, Augusto Rocha; Hygiene Publica—A variola em Coimbra (continuado) J. Nazareth; Clinica Cirurgica, A. A. Cortezão; Variedades—A Meca da Syphilis, Augusto Rocha. A tizana de Zittmann em Faro, Manuel Aguedo; Revista de Jornaes, Hospitales da Universidade de Coimbra—Eugenio A. N. Elizeu; Obituario em Coimbra nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1884; Miscellanea.

O *Contemporaneo*, n.ºs 106 e 107. Traz os retratos dos srs. Fialho d'Almeida e Eduardo Garrido com as respectivas biographias, por Fortunato da Fonseca e M. Pina. Inere alguns artigos e poesias de muito merecimento. Administração, rua do Arco da Graça, 30, J. d'Almeida Pinto, Lisboa.

A *Encyclopedia Republicana*, Revista de Ciencia e litteratura ao alcance de todos. Cada folha de 8 paginas, 20 reis. Publica-se uma vez por semana. Recebem-se assignaturas em varias livrarias de Lisboa, uma das quaes é a livraria Ferreira, rua do Ouro, 432-434. Magnifica e utilissima publicação, tratando de varias questões com toda a proficiencia. Não amontoaremos elogios á nova publicação porque para se recomendar, basta vermos os nomes dos seus collaboradores.

As 48 paginas que recebemos vem magnificamente impressas em muito bom papel e trazem artigos de Silva Lisboa, Theophilo Braga, Teixeira Bastos, Reis Damaso, Feio Terenas, Xavier de Paiva, Angelina Vidal, Ernesto Pires, Martins Contreiras, Fernando Leal e Annes Raganha, do qual temos a satisfação de publicar n'este numero uma excellente poesia.

A *Galeria Republicana*. Estão publicados dois numeros. O 1.º contém o retrato de Gomes Leal e o perfil biographico d'este distincto poeta feito por G. Benevides, além de outros artigos e poesias assignados por Gomes Leal, Jacintho Nunes, Anselmo Xavier, Costa Godolphim e Silvio. O 2.º apresenta o retrato de José Felix Henriques Nogueira, biographia por Theophilo Braga, duas poesias de Rekkaredo e uma de Xavier de Paiva, artigos de Teixeira Bastos e Silvio e notas democraticas, por A. F.

Esta publicação extremamente interessante, é muito bem impressa em papel pergaminho. Recommendamola. Toda a correspondencia deve ser dirigida a João José Baptista, Kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa. O preço d'assignatura é: Lisboa 6 numeros, 240; para fora 12 numeros, 300 reis, pagamento adiantado sem o que não se satisfaz pedido algum. Avulso 50 reis e 15 dias depois da publicação 100 reis.

Devemos á obsequiosidade d'um amigo dedicado algumas notas de que nos servimos nas considerações que hoje encetamos sob a epigraphie—*instrucção*.

Noticias d'Odemira

Recebemos do nosso estimavel correspondente d'Odemira, a engraçadissima carta que transcrevemos, e resume ella os acontecimentos mais palpitantes alli succedidos, e que os srs. odemirenses poderão comprehender perfectamente.

Amice.
Novidades muitas, vagar pouco, «Evolução» errada. (este. Divino mestre, recebia insultos, aquelle, padre, insulta) assim é que é.

Impressionou correspondencia, muita gente chorou. Padre, menos febre, fez crise doença, ha esperanças salva-o. Temos cá um Rodrigues, feroz! Não se sabe classificar, escrevem-se sociedade Geographia Lisboa. Esperamos resposta.

Chegou chefe-fiscal inquirir pandegas dos fiscos; queriam homem com arroz!! Caçaram aquelle em S. Theotónio, este aqui. Indigestão grande, mal fiscos. Obras caes com dinheiro, bem; estrada ajuda, melhor. Governo é nosso amigo.

Pelicia faz festas Zé. Tem «Liberdade» falle. Adeus. A' ultima hora. Vem homem Lisboa ver bicho. Entusiasmo de bombo e pratos. Contarei correio. Odemira, fevereiro de 1882.

(Do nosso correspondente)

Alcobaça, de Fevereiro de 1882

Pela primeira vez que tenho a honra de escrever para o seu jornal, cumpre-me chamar a attenção da imprensa para um facto que caracteriza de um modo claro a ignorancia e má fé dos homens que em geral costumam ser chamados a exercer as funções de vereadores municipaes.

E já sabido que entre nós se não cura dos verdadeiros interesses do paiz, que são lançados á margem para em seu logar florescerem os interesses de politicas mesquinhas e de politicos sem consciencia e sem pundonor.

Não é só nas altas regiões officiaes que os bandarilheiros se ostentam impunemente; graças ás bellissimas instituições que nos regem, tambem as provincias são o theatro das mais torpes especulações, e onde os interesses do povo são despresados, para sómente se cuidar dos interesses pessoais.

Ordinariamente as nossas camaras são um aggregado de individuos analfabetos a quem a politica d'aldeia sentou nas cadeiras de vereadores, e á frente dos quaes se apresenta cheio de orgulho balofo, um figurão que se intula o *chefe do partido*, que reúne ao cargo de vereador o de substituto do administrador do concelho, e que com o cerebro cheio de ócas pertencções, dirige os negocios do municipio como qualquer indio do Brazil dirigiria um ministerio de botucudos. Estes sujeitos têm muitas vezes a petulancia de sonhar com uma cadeira em S. Bento por já lhes parecer acanhada a de presidentes da camara que aviltam, e basofiam por toda a parte com as suas intimas relações com os ministros que os sentam á sua mesa e a quem concedem todos os favores que uns cerebros desmiolados podem imaginar.

Eu conheço um n'estas circunstancias; um verdadeiro palhaço que falla com os braços, com as pernas, com a cabeça, com todo o corpo emfim, pondo em risco os respeitaveis narizes dos circunstantes, mas que (mirabile dictu!) não é capaz, de exprimir uma só ideia!

Ahi está a quem geralmente são entregues os negocios mais importantes de um concelho.

Ahi está porque em Alcobaça se despreza tudo quanto é nobre, tudo quanto poderia impulsional-a para o verdadeiro caminho do progresso material e intellectual.

O facto a que me refiro no principio d'esta correspondencia é o seguinte:—Já decorreram mais de tres annos que falleceu em Lisboa o dr. Brillhante, deixando um capital consideravel na companhia de seguros Aigle, para ser convertido em titulos da divida consolidada, cujo rendimento seria applicado para a instrucção superior de alguns rapazes do concelho.

A camara d'Alcobaça, segundo as disposições testamentarias do dr. Brillhante, ficaria administradora d'esses fundos. Até hoje porém, a camara, que tem tido tempo para tractar de eleições e de outras banalidades, não se dignou dar um só passo para receber esses fundos que representam um consideravel melhoramento para esta terra, respondendo a quem a censura por este indigno procedimento, que *nenhum interesse tira com a administração d'esse capital*. O que entenderão os illustres camaristas por interesses da camara? Serão os interesses municipaes ou pessoais?

Entenderão por interesses da camara os abusos praticados vergonhosamente nas obras da Piedade, uma penitenciaria em miniatura?

Entenderão por interesses da camara, abafarem a syndicancia que se promovia aos documentos e actos da mesma e em que se

diziam altamente comprometidos varios individuos que andaram supplicando para que tal syndicancia fosse abafada, como de facto foi, mas escandalosamente?

Entenderão ainda por interesses da camara o monopolio dos açougues nas mãos de parentes que vendem ao publico carnes doentes e magras?

Poderiamos citar outros muitos factos interessantes para a camara d'Alcobaça, mas reservamos-os para outras correspondencias, visto ser preciso verberar energicamente os abusos excessivos que diariamente se praticam n'esta terra.

Temos a accrescentar que nos consta que a companhia de seguro de vidas onde se acham ainda os fundos legados pelo dr. Brillhante á camara d'Alcobaça, escrevera ha pouco tempo a esta, censurando-a por não ter promovido a recepção d'esses fundos.

O que fez a camara depois d'isto? Nada. É necessario que um *motivo poderoso* tenha influido no animo dos srs. camaristas para assim procederem.

Nós, porém, que não temos *motivos poderosos* para nos calarmos, accusaremos a camara d'Alcobaça em quanto ella praticar actos menos dignos, e não entrar no verdadeiro caminho que a deve conduzir ao merecimento do respeito publico.

(Do nosso correspondente)

Noticias de Santarem

Amigo.

Enceto a prometida correspondencia, narrando-lhe um facto que teve logar n'um dos ultimos dias, e a que julgo dever dar-se publicidade, para satisfação dos clericos, em quem estas noticias produzem uma notavel irritabilidade nervosa—Eis o facto:.

Manuel Theodosio e Carolina Pereira, residentes na freguezia da Povoia d'este concelho, quizeram constituir-se em familia segundo o Rito da igreja catholica o que lhes foi negado, por que sendo pobres e miseraveis, não tiveram a quantia de 18\$000 reis para effectuar essa união. Permanecendo na ideia de o fazerem legalmente serviram-se das disposições contidas nos artigos 1072., e 1075 do Codigo Civil, verificando-se na administração d'este concelho no dia 31 de janeiro ultimo, o contracto civil de casamento, sendo testemunhas Paulo Freire Gameiro, empregado publico e residente em Santarem e Domingos Xavier Madeira, logista e residente na Povoia, freguezia d'este concelho, assignando a rogo dos conjuges Cesar Augusto de Valladaes e Alfredo Candido Cordeiro, empregados publicos e moradores em Santarem.

Na mesma occasião foi-lhes entregue o producto d'uma subscrição, que tinha por fim o minorar-lhes as suas circunstancias, na importancia de 11\$000 reis que segundo consta, empregaram na compra d'alguns objectos de serviço domestico e de utensilios agricolas. Foi uma acção bastante louvavel que praticou o nosso amigo Paulo Freire Gameiro, pondo em execução tão sublime ideia.

É tambem digna de todo o louvor a amabilidade e cortezia com que foram tractados pelo digno administrador o ex.º sr. dr. Antonio Pessoa d'Amorim.

Tambem nos consta serem mais tres os camentos que em breve se realisarão pela forma da lei civil.

Os padrecas que tenham paciencia, porque só elles são os culpados.

Partiram para o Alemtejo em viagem de recreio os ex.ºs srs. Joaquim da Costa Malleito e João Victorino de Carvalho; que suas ex.ºs se divertam é o que nós apeteçemos.

Na assembleia geral do Monte-Pio que teve logar no dia 29 de janeiro ultimo, houve larga discussão de que fallaremos com mais vagar.

O tempo para a agricultura vae um tanto aspero, por falta de chuvas.

Acha-se arborizado o sitio de Traz do Tejo, o que é um melhoramento para esta povoação, attendendo a que além de embellezar aquelle local, deve mais tarde ser um passeio muito regular, pelo que felicitamos a camara e particularmente o vereador o sr. Adrião da Costa Malleito.

Basta por hoje, mas até breve.

Lagease.



A EVOLUÇÃO

SEMÁRIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A. Comte, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 208.

N.º 13

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ... 300 reis.

COIMBRA, 20 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

DESEQUILIBRIO POLITICO

Serão as instituições monarchicas compatíveis com o grau de cultura que hoje existe em Portugal?

Antes de procurarmos responder a esta questão, precisamos e desfazer uma objecção baseada no atrazo mental do povo portuguez.

Os defensores da monarchia, annullados quando a questão versa sobre principios, recorrem quasi sempre como argumento decisivo e triumphante ao seguinte: A republica é o governo dos povos illustrados, o nosso povo é profundamente ignorante, logo a republica não nos convém.

Não desconhecemos quanto uma boa parte do nosso povo se acha distante do nivel geral de cultura.

Ha entre nós perto de tres milhões de analfabetos; as populações ruraes jazem n'um profundo estado de atrazo, que o nosso regimen centralista se dispõe a proteger, e os direitos politicos são exercidos inconscientemente e a sabôr de influencias externas.

E' verdade isto e muito mais; mas perguntamos: este estado de atrazo em que vós, senhores monarchicos, tendes consciante ou inconscientemente trabalhado por manter o povo, será realmente um motivo para que se não procure pela republica um estado de cousas mais satisfatorio?

Nós encontramos n'este argumento a condemnação de toda a vossa obra, a confissão cathogorica da vossa impotencia.

Até hoje tendes empunhado as redeas da governação, todos os elementos vitaes do paiz tem aguardado a vossa direcção, seguindo o vosso impulso.

Quantos erros, quantas miserias, quantas actividades pervertidas, quantas capacidades annulladas!

Portanto o estado de cultura, baixo, deploravel que levanamente apresentais, longe de vos servir, compromette-vos — é a vossa obra.

Por ventura a causa da instrucção popular perderia com o estabelecimento da republica? Não, evidentemente; ninguem se atreverá a affirmar-o.

Para que allegar, pois, o atrazo mental contra uma instituição que mais que nenhuma se propõe allivial-o?

Demais, sejamos positivos, em todos os paizes, ainda mesmo n'aquelles onde a instrucção é mais largamente proporcionada, existem milhares de eleitores, cujo papel se cifra em secundar a acção da classe verdadeiramente directora, da classe a que pela sua illustração se achá confiada a iniciativa politica.

Demonstrado, pois, que chega a ser

contraproducente o argumento fundado na ignorancia das massas e que para resolvermos o problema acima posto devemos attendr exclusivamente á parte mais illustrado do paiz, vejamos se o seu nivel intellectual, que representa o estado mental da nação, corresponde ao estado politico, á monarchia.

Quando tivermos constatado a falta de correspondencia n'estas duas ordens de factos e chegado pela aproximação dos progressos realísados na ordem scientifica, litteraria, economica, com a marcha dos progressos politicos, á conclusão que a monarchia é um anachronismo, teremos demonstrado a insania dos seus propugnadores, o empenho baldado dos que pretendem arcar com a corrente fatal da evolução.

Existe uma estreita solidariedade entre as diversas ordens de phenomenos, por que se revella a vitalidade de um povo; e, se por qualquer influencia perturbadora alguma d'ellas é retardada, mais violenta é a volta ao equilibrio.

E' o que se tem dado com todas as revoluções politicas que se apresentam com caracter de permanencia e não são tentativas de algum caudillo audacioso.

O abalo social, tempestuoso, violento, ao mesmo tempo sublime e horrendo de 1789 não é mais do que o restabelecimento do equilibrio dos phenomenos da ordem politica, que não tinham seguido a evolução economica, scientifica, etc.

Ao passo que na politica campeava a a velha formula cesarista *'Etat c'est moi'*; na esphera puramente especulativa Didrot, d'Alembert, Voltaire, Helvetius e d'Holbach, uma *troupe* luminosa de revolucionarios, dominavam os espiritos.

Na Economia politica havia os trabalhos de Quesnay, Adam Smith, Turgot e Say, e o movimento scientifico era dirigido por sabios eminentes como Lavoisier na Chimica, Franklin e Volta na Phisica, e Linneu e Buffon na Historia natural.

A emancipação politica de França foi a resultante luminosa das novas noções introduzidas em todos os ramos de conhecimentos humanos.

E como o seu desenvolvimento se achava comprimido pela acção absorvente e egoista da dynastia dos Capetos, o seu raiar foi tumultuoso e violento.

Ora nós entendemos que a formula monarchica não corresponde aos progressos alcançados em todos os outros ramos de actividade.

Approximando de um lado o estado da evolução politica de hoje com a evolução de antes de 1789, e do outro os progressos realísados fóra d'este campo até nossos dias, com os correspondentes áquella data, chegamos á conclusão de

que a transformação das instituições politicas d'aquelle tempo não era mais necessario do que a transformação de nossos di as.

Era grande o desequilibrio de então, mas que enorme o de hoje!

Apesar de fóra da politica se ter operado uma renovação quasi radical, o actual regimen politico não é nada superior á constituição da grande assembleia legislativa.

Que progresso em todas as ordens da actividade! Na Economia politica que caminho andado desde Quesnay a Karl-Marx, Bastiat, Proudhon e Carey. Na ordem, material um assombroso desenvolvimento de todos os meios de communicação, um pasmoso alargamento de commodidades, os caminhos de ferro, os vapores, as machinas, substituindo o rabalho braçal, innumeras necessidades facticias amplamente satisfeitas!

Na historia natural, os ousados trabalhos de Darwins Haeckel, forcejando dia a dia por attingir o verdadeiro estado de positividade á custa dos dados que a paleontologia e a archeologia laboriosamente vão accumulando. No campo contrario temos os importantes trabalhos de Quaterfages, Wurchow, etc.

Na Chimica e na Phisica, os equivalentes substituidos pela theoria atomica, e estabelecida a unidade das forças phisicas.

No campo sociologico propriamente dito, a ficção do Contracto social substituida pelos trabalhos positivos e renovadores de Comte, Spencer, Letourneau etc.

A solidariedade humana lucidamente definida e traduzida na palavra grandiosa — Humanidade.

A liberdade e igualdade despidas das neblinas da metaphisica e tomando o caracter de verdadeiros conceitos positivos, baseados nos dados da biologia: a liberdade deixando de ser arbitrio, para se transformar n'uma condição impreterivel de progresso e ordem: a igualdade deduzida da consideração fecunda que a sociedade é um organismo e para a sua vida e desenvolvimento é igualmente indispensavel o exercicio de todas as funcções.

A fraternidade fundada na solidariedade.

Todas as origens sociaes, a da propriedade, da familia, da religião, da linguagem deduzidas da anthropologia, da archeologia, da linguistica, da etnographia e etnologia e de todas as sciencias comparadas a que cada um dos phenomenos sociaes tem dado objecto.

Em tudo isto, que thesouros de descobertas e de pontos de vista desconhecidos do seculo XVIII!

Ora é d'esta falta de parallelismo, rapidamente esboçada, que encontramos

entre o desenvolvimento de principio politico e o de todos os outros ramos da actividade, que nós chegamos á determinação da necessidade urgente d'uma transformação politica, que seja a synthese e resultante de todo o movimento extra-politico, sob pena de um dia termos de soffrer os effeitos d'uma crise violenta, d'uma equilibração brusca.

As nossas Colonias

Lemos no *Diario de Noticias* o seguinte: Lourenço Marques e o Transwaal

«Consta por carta de Africa Oriental que a Inglaterra accetára a sujeição ou tomará posse do territorio do Mossuete, entre o nosso dominio de Lourenço Marques e o Transwaal. Esta noticia é grave.»

Não admiramos nem para nós é surpresa este procedimento da Inglaterra para com nosco; lastimamos porém que o *Correio da Noite*, órgão do partido poogresista, mencione este facto tão friamente e até certo ponto queira arrogar censura ao partido regenerador; era melhor deixar cair a mascara e dizer com toda a franqueza: — o partido regenerador com o tractado de Lourenço Marques vendeu, ou, como melhor lhe queiram chamar, as nossas colonias d'Africa oriental, e nós, o partido progressista, sancionámos essa venda, reconhecendo o mal que d'ella provinha; mas como desejavamos conservar-nos no poder e a approvação do tractado era imposta por um alto personagem, submettemo-nos.

Esta é a verdade, e o partido progressista em tal assumpto nada deve dizer, porque o seu procedimento lhe tirou toda a auctoridade.

Bem diz o nosso povo: —tão bons são uns como outros.

O partido progressista, quando opposição gritava contra o tratado de Lourenço Marques; chegado ao poder fal-o approvar pela camara dos deputados, e fal-o-hia approvar pela camara dos pares, se para isso tivér a tempo.

O partido regenerador, quando opposição, grita, esfalla-se a demonstrar que o caminho de ferro de Torres era uma *tratada*, um escandalo; servia apenas para remunerar com pingues gratificações alguns trunfos do partido progressista.

Eit-os no poder—uma das coisas que primeiro é apresentada para em breve ser approvada é o caminho ferro de Torres em condições talvez mais onerosas; em vista d'isto não sabemos o que dizer nem o que pensar.

Eles lá se entendem, são todos muito bons sujeitos, approvam hoje o que hontem rejeitaram, e parece-nos, em breve jogarão os dados para verem quem poderá alcançar o resto d'esta esfarrapada tunica que elles á porfia hão de a-abar, se o nosso povo não despertar, e se não resolver acabar com aquella mascarada de S. Bento, que actualmente não é outra coisa a chamada representação nacional.

«A proposito: porque não veiu ainda o ministro inglez, cuja chegada proxima o *Diario de Noticias* anda annunciando ha mezes? porque saiu de Vigo a esquadra inglesa sem vir fazer-nos a sua habitual visita?»

—A estas interrogações do mesmo órgão do partido progressista, a que já nos referimos, respondemos:

Não veio o ministro inglez porque a Inglaterra que conhece os nossos estadistas, os que lhe venderam Lourenço Marques, e sabe como elles a temem, e bem aprecia a importancia que certo individuo tem em resoluções de tal ordem, quer fazer-nos vencer de ella não continuará a dispensar-nos os seus bons officios, que nos tem custado Bombaim, e com ella a nossa India toda, Tanager, e quasi nos iam levando a Africa oriental.

As consequências da bella alliança ingleza têm-se manifestado nas mais pequenas coisas.

Não veio a esquadra ingleza ao Tejo?!

Chore o povo, chore o senado, deite-se lucto nacional; já os navios inglezes não sulcam as nossas aguas!

Se os partidos de qualquer cor em vez de pensarem n'estas puerilidades, tractassem de fazer, que tivéssemos armada, navios que mostrassem, como n'outras eras a nossa gloriosa bandeira em todas as nossas colonias onde a custo se vê de seis em seis mezes, melhor fora.

Não veio a esquadra ingleza ao Tejo e o Tejo chorou; alguém teve o costumado ataque de diabetes, as inscripções baixaram etc.

E de mais!

A Inglaterra vai estabelecer uma barreira entre as nossas colonias da Africa oriental e o Transvaal, consequencia de uma das condições do tractado de Lourenço Marques, que por nós ainda não foi aceite, e contra isto não se levanta um membro qualquer do parlamento! porque para o celebre tractado todos cooperaram, hoia lhes seja mas... se a esquadra ingleza não vem ao Tejo!...

Os nossos amigos inglezes fizeram agora na Africa oriental o mesmo que já em tempo pertenceram fazer em Cabinda. Chegaram alli dous navios de guerra inglezes; o commodoro foi a terra e a troca de alguma fazenda, algumas caixas de genebra conseguiu induzir o mambuco Ronda que então dominava no litoral a prometter-lhe a venda d'aquelle paiz, que elles sabiam ser nosso: estas machinações chegaram aos ouvidos do Barão de Cabinda (Manuel Puna) e do coronel honorario Francisco Franque, que marcharam logo para o Chinga, na bahia de Cabinda, e alli chegaram a tempo de poderem obstar a que o mambuco assignasse um titulo de venda que o commodoro trazia já consigo. O commodoro gritou, ameaçou: Manuel Puna fez-lhes ver que o mambuco não podia vender o que lhe não pertencia; isto que fez um pequeno regulo d'Africa, não o pôde fazer o nosso governo!

Servem-se de assumptos tão importantes apenas como armas politicas para no parlamento ostentarem os seus dotes oratorios, embora sacrificando o paiz. E de lhes dizer *res, non verba*.

No proximo numero faremos algumas considerações sobre algumas coisas que um sobrinho do sr. Fontes escreveu em um comunicado para o *Diario de Noticias*, acerca da porção de territorio a que nós temos direito na Africa occidental.

Já estava composto este artigo quando recebemos noticia de que o illustre deputado Augusto de Castilho fallou sobre este assumpto no parlamento.

Honra lhe seja.

Devemos tambem dizer que o sr. Fontes chamou a pergunta do illustre deputado, ex-governador de Lourenço Marques, *uma surpresa*.

São assim os nossos estadistas, quando alguém lhes aponta as suas faltas o seu deslexo em coisas de tanta monta respondem:

Não estamos prevenidos, é uma surpresa!

Lisboa que passa

II

Exposição de quadros modernos na *Sociedade de Geographia*, aberta ha um mez por iniciativa d'um grupo de valerosos artistas, e catalogada artisticamente por Alberto de Oliveira, um intelligente rapaz sessenta ou setenta pequenos quadros de paisagem, em que profusamente, esses pinceis luminosos espargiram talento, alegria e frescura.

Além de Silva Porto, já cumprimentado pela proza de toda a critica portugueza, boa e má, erudita e ignorante, sincera e pedantesca, figuram brilhantemente n'este certa-

men da cor, os artistas Ramalho e Malhó, e depois d'estes, outros rapazes de merito, capazes de progressão, e em marcha para um futuro orvalhado dos mais offegantes triumphos—J. Pinto, Vaz, Christino, Girão etc.

Ramalho é discipulo de Silva Porto; Malhó estudou primeiro com Anunciação, e com Silva Porto depois. Ambos paisagistas de talento, sem outros estímulos que uma grande vontade ao trabalho e trez ou quatro paisagens do mestre. Ha tres annos não faziam coisa digna de menção. Hoje deixam vibrar já nas suas telas uma pouca de personalidade, muitissimo vigor, e grande observação da natureza.

A luz de Ramalho é alegre, hilariante e triumphal—os seus quadros riem de frescura incomparavel, n'uma pitoresca confusão. Nada mais penetrante, mais inquieto, mais vivo, que as suas arvores com as suas folhagens e relvas, onde ha transparencias, hymnos e doces scenas intimas, em que a paixão dos vegetaes torvelinha em abraços e beijos, efflorescencias e noivados, fecundações e sazonzamentos. Quantos cambiantes se entrevêem na luz solar decomposta, quantas scintillações e quantas volatas entoam os campos da Peninsula, na quadra primaveral, tudo n'essas pequenas telas está fixado e surpreendido com doida alegria e selvagem graça.

Ramalho é um rapaz de poucas fallas, fortemente enformado, olho penetrante, bom sorriso, um ar de bondade franca, nascida provavelmente da sua educação de provincia. A formidavel *pose* romantica, em que se deificavam os artistas de outro tempo, levando-as ás garridices do *toilette*, ás attitudes espantosas, aos desdenhos pelo resto do mundo, desapareceu felizmente da litteratura e da arte, o que nos permite, no curto tempo de que dispomos, estudar completamente, n'uma hora de cavaco intimo, qualquer homem de letras, qualquer critico, qualquer romancista, qualquer escultor ou pintor. Todo este mundo de illuminados se humanisa e se simplifica, n'uma candidez, n'uma probidade, n'uma quasi rudeza, natural e sincera. Podemos já hoje sorrir como de papões artificiosos—dos coletes escaletes de Th. Gautier, dos cerimoniaes de apresentação que Musset exigia aos adorados que solicitavam um *shake-hands* dos seus, da bengala de Balsac, ornada d'um castão de turquezas, e dos esmeros peravilhos, effeminados e postiços, do brilhante Almeida Garrett. Actualmente são os escriptores d'um tão facil acesso, que deixou de ser premio grande de loteria, o seu convívio, e esta evidencia quotidiana, longe de os apertar do respeito publico, bem ao contrario, reabilita o merito verdadeiro e sanciona o legitimo talento—sómente os balofos, são prejudicados, em tão permanente exposição.

Monteiro Ramalho, é um artista com quem sympathizo extraordinariamente. A sua mocidade rebilha nas suas obras, toca d'um casto mimo os seus grupos de arvores, as suas aguas e as suas flores—rejuvenesce e retempera, a natureza que se olha, a travez do seu pincel colorista e quente.

Na exposição da Sociedade de Geographia, tem este artista duas telas deliciosas—o pomar de Antelmo, e um capincho qualquer do Alentejo. O pomar sobretudo, meu Deus! A simplicidade do assumpto, deixa resaltar a exuberancia, a franqueza e o primor da execução.

O chão é uma relva interrompida aqui e além, por valetas por onde se faz a rega das arvores.

No primeiro plano, o caseiro está cavando, e o olhar do espectador vai correndo doidamente, infantilmente, em delicias serenos e ebriedades bucolicas por sob o laranjal picado pelos fructos de ouro, e sob olaias vestidas das suas dalmaticas cor de roza. Ilusão completa de perspectiva e sabia distribuição de luz!

No céu azul, com profundas transparencias de fluidez musical, esgarçam-se nuvens brancas, pedaços de plumagem de cygne, que as auras d'uma tarde lucida e clara, rodopiam por uma forma caprichosa. Este quadro diz mais, no seu palmo e meio de comprido e nos seus vinte metros de horizonte, que a *Primavera* do senhor cardeal-patriarcha Castilho, e as trovas do Beranger—Palmeirim—ambos já fallecidos.

Anunciação, o grande animalista, era um doente—e a doença fazia derivar a bondade candida e meiga do seu pincel, n'uma tristeza planturosa e invencivel. Nos olhos dos seus novilhos e dos seus cordeiros, retratou elle a profundeza constellada, contemplativa e vaga, dos seus olhos de pintor. E esta expressão dá um encanto penetrante a essas figuras resignadas de pupilla que por serem intelligentes sentem, e não podendo pela linguagem contar as suas emoções, as vão referindo pelas reverberações do olhar. Malhó, herdou os animaes de Anunciação, deitando-os a pastar nas paisagens de Silva Porto. Eis quasi o que se pensa deante do seu grande quadro—a *Seara invadida*, que figurou já na exposição de Madrid. No primeiro plano um grupo de novilhos pasce em milhos tenros. O chão está semeado de pequenas flores e colmos pisados. A esquerda ha uma arvore já nos planos rebatidos do fundo, e para além a grande seara esfuma-se na sombra parda e fria, que cahe d'um céu toldado de pesadas nuvens. É soberbo o horizonte d'essa formosa tela. O campo, visto na sombra d'um aguaceiro eminente, tem uma amplitude sem limites, em que o milharal se condensa smorzando do verde ao pardo.

Acho os novilhos amarelados de mais, como se tivessem rojado na agua barrenta das regueiras, e sem o tom rozado da carne pouco vestida de pello.

A anatomia dos animaes é excellente, porém, feita com uma larga maneira, que me encantou.

Gosto tambem muitissimo do *Breijo*, onde ha um céu e um horizonte maravilhoso.

Pinto e Christino expõem quadrinhos de palmo, bom colorido, muito gosto. Girão tem um encantador quadro de gallinhas.

Em rezumo—esta exposição é um excelente primeiro capítulo para a historia da pintura moderna em Portugal.

VALENTIM DEMONIO.

MORS-AMOR

Eu que obedeço a um Deus, que rio dos acasos, e que sei respeitar as grandes leis fataes, que annunciam no berço as lousas sepulchraes, e predizem n'aurora as sombras dos occasos,—

eu sinto dentro em mim uma tristeza infinita da quando penso que tu, oh minha doce amada, hasde talvez em breve, exangue, inanimada, occultar sob a terra a tua face linda,

para que o roseo alvor dar tuas carnes frescas, se denigra e macule ás libações dos vermes, e que enfim, do teu corpo, os membros, nós, inermes prestem aos vegetaes orgias byronescas!...

Mas não. Tu não irás ser pasto das raizes, se, quando se apagar a luz dos olhos teus, inda poderem dar mil lagrimas os meus... oh! não, tu não irás ser pasto das raizes,

que eu quero possuir, religiosamente guardadas n'uma urna, em vaso precioso, as cinzas do teu corpo esplendido e farnoso...

Eu quero possuir teu corpo eternamente!

E se um dia a saudade, a nostalgia, a dor, me lacerar do peito as fibras doloridas, então hei de sorver-te as cinzas resequidas, para que me dê morte o que me deu Amor!

Coimbra

A. RODRIGUES BRAGA.

O «AFINAL DE CONTAS» DE FR. JOÃO

(O MEU PRIMEIRO CONTO)

Era um quarto pequeno de paredes alvas e nuas.

Uma janella rasgada dava livre entrada aos borbotões de luz que o inundavam; de lado, havia uma porta que deitava para um corredor interior. A mobilia era pobre e desigual—uma mesa de pinho, uma cadeira de braços, uma estante com uns livros latinos e velhos, e alguns de direito; dois bairús collocados em frente deixavam ao meio a porta.

Este aposento era o predilecto de fr. João. Escolhia-o para alli dormir as suas sempre amadas folgas, sentado na sua commoda cadeira, e ás vezes para não deixar crear bórboros os livros, ou passar boas horas desapercibidas, a pensar na vida passada e no futuro.

Lembrava-se com saudade dos bons tempos de noviço, da vida regalada de então, comparada com a monotonia e desalento de hoje. Engordara muito mais, estava obeso de formas e de intelligencia; não podia demorar-se em raciocinios, que o fatigavam sem os entender; habituára-se a uma vida material, achava-a superior a todos os encantos d'um espirito lucido e educado no trabalho.

Amava o cavaco baixo, preferia a loja onde a vida alheia era o thema forçado, se formavam ou desfaziam reputações, e a sua lingua sempre afiada não perdoava a menor falta a um mortal, que uma vez errou.

As trindades saia para saber das novidades do dia.

Hoje faltou-lhe o somno, um pensamento o perseguia; esforçava-se por fazel-o desaparecer, mas era estimul-o mais. Sentado, a cabeça encostada na mão direita, n'um dormitar lento, revolvía-se diante de si todo o seu passado com os sonhos dourados de mancebo e os desenganos d'uma realidade oppressora.

De repente sacudiu a cabeça, elevou os olhos ao tecto e, como que tomado d'uma resolução, preparava-se a escrever, e... escrevia:

«Vinte annos! quem me dera tel-os agora! Então, eram os sonhos sorridentes d'uma vida feliz; era um grande mundo que se abria a meus olhos e tinha a explorar; eram as ambições que enchiam todo o meu pensar; era o desejo d'um futuro repleto de attractivos e delicias, que se havia de tornar hoje n'um desengano que me faz descrer!

Sim, eu queria os vinte annos, eu queria esse sonhar de creança que olhava para o futuro e esperava, e projectava um viver racional—para mim—e aos olhos dos outros honesto.

Estava no seminario então. A austeridade reinava desde o edificio até nossas barrigas; rezavamos muito e sabiamos pouco; a ignorancia era a companheira inseparavel de todos nós; as doutrinas do Evangelho não se sabiam comprehender, os exemplos ali inscriptos eram-nos desconhecidos.

Não se escolhiam vocações para um ministerio tão puro, tão santo como o sacerdocio; escolhiam-se rapazes, a quem a falta de meios não podia dar outra educação. Assim são os padres como... eu! Os nossos ideaes, filhos d'um espirito enfermico, d'uma educação ignorante, das nossas faculdades asphixiadas, são... materialidades apenas!...

Eu queria uma abbacia rica, um paçal novo e commodo; uma ama guspa e acciada que adivinhasse todas as minhas vontades, todos os meus desejos; queria enfim uma vida satisfeita das necessidades do corpo.

O meu quarto havia de ser alegre, cheio de luz e aceio, mobilado com simplicidade e exhalando um bom cheiro a roupas lavadas.

Queria o maximo rigor na hora da comida, no meu vestuario, na minha missinha quotidiana, na minha vida exterior, emquanto a intima se entregasse ás expansões do homem que era.

Havia de ser um horticultor, e... um especulista até! Um sem numero de pretensões.....

Realisou-se um dia o meu ideal; tudo foi a principio, emquanto os meus instinctos n'uma lucta desesperada com a razão a não

foraram; mas, depois que a venceram, a desgraça perseguiu-me.

Occorrem-me os mais pequenos prome-nores do meu primeiro viver: ah! um dia, por exemplo, era eu só á minha modesta me-za; de pé a criada, moça anémica e franzina, d'um aspecto alegre e sympathico, inter-rompia-me repetidas vezes com perguntas indiscretas; queria saber quaes as comidas mais appetecidas por mim, se gostava do jantar assim, ou se d'outra maneira; entre-tinha-me emfim aquella curiosidade com pretensões a agradar e a tentar. Eu respon-dia ás suas perguntas com desembaraço e d'uma das vezes disse «afinal de contas o jantar está bom, por consequencia continúa a fazel-o assim». Como ella ria por este mo-do estranho de me exprimir! e eu fingindo zangar-me, pretendia conter o riso.

Enquanto a criada arrumava a cozinha, fumava eu o meu cigarro; depois sentava-me n'uma cadeira baixa, poisava a cabeça no seu collo, e, ao passar-me os seus delica-dos dedos por entre os meus cabellos, sentia que uns calafrios me percorriam todo o cor-po, como se recebesse um choque electrico; a sensibilidade, excitada a principio, amorte-cia a pouco e pouco e eu dormia porfim.....

A tarde, depois do sol posto, ia ao quin-tal ver as pequenas plantas que tanto attra-hiam as minhas attentões; gostava de lançar a semente á terra, vel-a germinar, nascer e crescer depois a planta; amava-as como se fossem minhas filhas. Tinha-me sido pro-libido o amor de pae mas não me foi o de cultor.

Passavam-se bem estes dias que ainda pre-fizeram annos, mas desde que não tive a energia necessaria para conter-me, que as minhas vocações se manifestaram multiplas, perdi-me n'um abysmo insuperavel!

A igreja deixou de me despertar cuida-dos, a missa deixei de dizel-a muito dias, e o habito levou-me a esquecer-a até; o Bre-variario jazia desancado e incolume, e eu.... entregava-me nos braços do profano, e quan-to tenho peccado e sido punido!...

Ergueram-se de todos os lados e soaram a meus ouvidos, como o retambar do tro-vão, as acres accusações do juizo publico; e eu, esmagado pelo desprezo, excommu-nado da igreja, era um cão vadio, sem arrimo e sem destino!

«Não me davam treguas!! e... esse revol-ter d'um passado saudoso, e também de-gradante, desejal-o-hia mais ver jazer sob o peso enorme do esquecimento, para não me avivar o desejo de vingança e arreme-car-me para onde os mãos tem o seu lugar... para o inferno!

Ha muito me desempárra a paz da consci-encia, primogenita das boas acções.

Sentia-me desalentado, perseguia-me não sei se o remorso, se Deus, se um homem! ah! faltava-me já a ousadia d'outra ora... ti-nha medo!...

Aqui, cabiu-lhe a penna da mão; a lucta de pensamentos tão discordantes e aterra-dores attingira a meta. Alguem o observava; no seu rosto lia-se o soffrimento pela sua contracção, e, extenuado, não podia continuar tão penoso trabalho. O seu organismo era por vezes atacado de contorsões violentas que o faziam estremecer.

Pobre homem! pensava o observador, tal-vez os remorsos te escruciem já; quão gran-de deve ser o teu padecer, se é verdadei-ro!

Foste cruel para com os pequenos e des-graçados, vingativo para os teus inimigos... hoje soffres o castigo dos teus males!

São esses que opprimiste que velam pela tua punição.

Deixavam-n'o. Fôra ouvira-se um profun-do gemido, e a penna reassumia a ardua tarefa de obedecer como que a uma neces-sidade imperativa:

«Só, sem Religião, sem Fé, um apostata! Caminhava, não para a esperanza que con-duziria á Redempção, mas para a descrença que conduz ao sepulchro!

As longas vigílias, os tenazes jejuns, a mortificação do corpo, abateram-me a vida organica e moral.

O canção era grande, o somno atrazado. Uma noite dormi: de manhã ao acordar sen-ti-me outro, a imaginação no seu incessante trabalhar, apresentava-me carreiras para a gloria e bom nome. Eu via-se perpassar in-diferente, até que uma se arreigou em meu espirito. Demais, era accommodada á minha

posição de sacerdote, a escolhida; poder-me-hia regenerar ainda, e era uma ambição que tinha.

Lembra-me ter lido que Jesus Christo reanimára os cadaveres, eu pretendia rehabi-litar os homens perante Deus e o mundo, e approximar-me assim dos seus exemplos altruistas.

No fóro divino era já advogado das almas peccadoras; no fóro profano queria ser o dador da liberdade aos infelizes. Era uma elevada comprehensão da minha missão na terra: nm servo de Christo e um libertador do genero humano.

Fui feliz a principio; as minhas orações eram attendidas e os milagres succederam-se.

A freguezia era numerosa, e as escolas enriqueceram-me.

Neste facto natural, não tardou que a inveja ou odio concentrado visse—interesse e usura. O forte desejo de me amesqui-nhar não parára aqui: notavam-se os meus defeitos de linguagem, o exaggero de repe-tições e a predilecção de «afinal de contas e por consequencia». Criticavam e riam mu-ito os insignificantes.

É verdade, que o entusiasmo e o gosto proprio de ouvir-me, ás vezes não os conti-nha eu; esquecia-me que orava por horas, e com a substancia d'essas duas expressões, e que *afinal de contas* conseguia convencer o jury, arrebatá-lo auditorio, fazer vacillar a justiça, e por consequencia libertar um homem, que ainda poderia ser util á socie-dade.

Ah! prendem-me a esses dias de gloria saudosas recordações!

Agora, eis-me encerrado dentro d'estas quatro paredes, só com os meus pensamen-tos, que me roem como um cancro, sem fam-ilia e sem amigos! mas... tenho por com-panheira a perseguição, é um espectro que me segue ainda.

O futuro que me espera, oh! é uma noite escura e tempestuosa de rigoroso inver-no, em que as faiscas brilham como punhaes brandidos por forcosos braços de athleta, que procura descarregar sobre o meu cor-po adiposo repetidos golpes á luz da chama que se atea.

Ergueu-se de subito. A penna jazia espeta-da no soallo, e elle como um louco olhava o dia que ia declinar. Reinava um socego crepuscular, a imaginação voava, voava a immensas alturas para em breve ser nada no pó em que se desfazia; a melancholia contrastava com o estado de espirito e da natureza; e queria ir atraz d'esse dia que foi, queria acabar também. E, porque? Ah! pensava agora em toda a sua vida; aquellas nuvens que cobriam o horizonte, e não deixavam ver os ultimos raios de sol, n'essas nuvens via uma ameaça, e não poderia raiar já para elle o sol da felicidade que o allumiou; hoje julgava-se um desgraçado, amanhã não seria dada, o futuro.... era uma som-bra!....

Pensava assim o frei.

COMBRA

Ivo FELIX.

LISBOA

17 de fevereiro de 1882

O homem a quem se fez guerra aberta para não ser reeleito vereador do municipio de Lisboa, comquanto lhe tivesse prestado serviços grandiosos, o homem por causa de quem foi annullada a eleição da junta de pa-rochia de S. Paulo, pois o seu nome figurava como membro eleito d'ella, apesar dos es-forços que os monarchicos continuaram fa-zendo para o não deixar sair deputado, en-trou no parlamento e pronunciou n'uma das ultimas sessões da camara dos deputados, um discurso que é o objecto de todas as conversações nos diferentes centros politicos, e que foi elogiado por toda a imprensa e considerado como o melhor discurso da actual sessão legislativa. E isto apesar de já terem fallado o sr. Fontes e muitos outros primeiros estadistas do seculo!

O partido republicano portuguez é con-stantemente guerreado por todos os indivi-duos que mais ou menos directamente estão ligados á monarchia, a sua imprensa vive

sob a pressão de querellas, as suas reuniões são sempre dissolvidas ou perturbadas pela policia, os cidadãos que militam nas nossas fileiras são perseguidos; tudo isto fundamen-tado em que queremos a anarchia, a desordem, em que somos uns facinoras que é preciso exterminar. Mas esse partido, esses, cidadãos que o formam, onde quer que sur-gem fundam escolas e bibliothecas, realisam as suas manifestações d'um modo imponen-te e ao mesmo tempo pacifico, d'esse o mo-mento em que não sejam perturbados pela policia; nos seus jornaes é que o povo en-contra alguma cousa para se instruir; são elles os primeiros a pedir o cumprimento das leis, a protestar contra o máu exercicio d'ellas e os que fallam com moderação, os que pronunciam os melhores discursos.

Conclue-se de tudo isto que nos encontra-mos n'uma lucta aberta entre um mundo velho que desaba e o qual querem amparar a todo o transe praticando toda a casta das tropelias, e um mundo novo que vem sur-gindo amparado por homens com a serenidade que dá o convencimento profundo de que se trabalha a favor d'uma ideia que se lia de impôr á sociedade não pela força, mas sim pela ordem evolutiva e fatal das coisas.

O nosso distincto correigionario Elias Gar-cia, tomando a palavra na discussão da res-posta ao discurso da corôa, pronunciou um discurso que foi ouvido com a maxima aten-ção pela camara e pelas galerias. O mes-mo succedia a Rodrigues de Freitas, era tambem o unico deputado respeitado por toda a camara, e que tratava todas as ques-tões a uma altura verdadeiramente patrio-tica.

O sr. Elias Garcia fallou sobre todos os pontos do discurso da corôa, estranhando tambem que não houvesse uma referencia ao celebre tratado de Lourenço Marques, que tanto havia agitado a opinião do paiz.

Protestou contra os ataques á liberdade de imprensa e á liberdade de reunião feitas sob a dictadura do sr. Sampaio, o antigo membro das juntas revolucionarias. Foi ne-cessario que o representante do partido re-publicano no parlamento fallasse para que esses actos de violencia fossem censurados e se pedissem d'elles strictas contas. Tanto melhor para nós, só temos a congratularmo-nos por esse facto.

O povo que apprenda n'estas lições que lhe vão dando os deputados republicanos que elle ainda a muito custo elege; já tem dois exemplos bastante frisantes, já vê que tanto o sr. Rodrigues de Freitas, o deputa-do republicano pelo Porto e como sr. Elias Garcia, o deputado republicano por Lisboa, são os unicos representantes seus que tratam dos interesses do paiz com verdadeiro des-interesse, os que são respeitados por toda a camara pela sua posição independente, pela sua illustração, pela sua inteireza de ca-racter; estes dois deputados recordam-nos os patriotas das constituintes, os heroes revolucionarios de 20 e de 36, que a monar-chia constitucional tem conseguido afastar do parlamento, fazendo-os substituir por uns analphabetos, uns idiotas a quem os gover-pagam com 3005000 réis annuaes, como se paga a qualquer amannense, os serviços que elles lhes prestam nas votações.

A entrada d'estes dois homens na camara é um leve symptoma de renascimento nacio-nal e mostra-os que o povo portuguez pro-cura emancipar-se; que elle prosiga perse-verante n'esse caminho; esforcemo-nos to-dos por ter como nossos representantes, como nossos legisladores *homens* e não *cousas*.

— Faz amanhã dois annos que morreu Carlos Campeão dos Santos. Este nosso in-feliz correigionario, ignorado de muitos, com-quanto contasse pouco mais de 20 annos d'idade, havia prestado já serviços muito uteis á causa republicana. Foi o introductor da imprensa na cidade de Thomar, terra da sua naturalidade, publicando e semanario desassombradamente republicano *A Eman-cipação*. Iniciou assim o movimento repu-blicano em Thomar, d'onde já sahiram duas manifestações perante a urna nas eleições de deputados de 1879 e 1881.

Carlos Campeão era um apostolo desen-teressado e entusiasta das ideias republi-canas, e preocupando-se sempre com o de-senvolvimento d'essas ideias não só publi-cou aquelle semanario (52 numeros) como tambem promoveu uma serie de conferen-

cias inaugurada por Teixeira Bastos. Esta conferencia foi publicada n'um folheto *A Bibliotheca da Emancipação* que Carlos Cam-peão tencionava continuar.

Prestemos homenagem á sua memoria, tra-balhando sempre para o proximo advento da republica!

ANTONIO FURTADO.

A missão dos padres terminou

Le monde marche, voilà le mot de la creation, depuis le brin d'herbe jusqu'à l'étoile, et depuis l'étoile jusqu'à l'homme.

E. PELLETAN.

A necessidade d'uma religião é de tal modo indiscutivel, que segundo o d'zer d'um philosopho esclarecido, se esta não existisse teriamos de invental-a. Mais ou menos perfeita, conforme o grau de adeantamento do povo que a sustenta, ella tem existido em todos os tempos e logares.

O povo de Israel, incontestavelmente o mais civilisado no seu tempo, era tambem o que mantinha as noções mais exactas em materia religiosa, embora supposesse o seu Deus armado do raio e involto no mysterio; pois isto era a consequencia de se achar ainda no periodo theocratico e serem domina-dos os homens pelo sobrenatural.

Esta ideia d'um ser inferior arrasta, como consequencia logica, a obediencia, a adora-ção—o culto, em fim, prestado a esse ser.

E d'aqui provem a existencia d'uma clas-se de individuos destinados a sacrificar nos altares as victimas que o povo julgava se-rem mais do agrado dos seus deuses.

Os Levitas em Israel, os Magos no Egipto, os Kaliphas no Oriente e os padres entre nós têm sido os que mais de perto têm lida-do com Jehovah, Isis, Mahomet e Christo.

Mas, se a perfeição d'uma religião é di-rectamente proporcional á cultura do povo que a abraça, os propagadores e conserva-dores d'essa devem ser, senão superiores, pelo menos iguaes aos mais illustrados—de-vem ser a vanguarda e os principaes moto-res do progresso.

Esta verdade é soberanamente imposta á nossa intelligencia, é indiscutivel.

Christo, comprehendendo melhor que nin-guem no seu tempo, as leis do progresso, at-tendeu a isto ao implantar a sua philosophia.

Foi esta a rasão porque elle, ao mos-trar ao povo verdades d'uma transcendencia superior ao espirito da epoca, educou os discipulos que deviam continuar dignamente a sua obra atravez dos seculos, seguindo a evolução das intelligencias.

Esta doutrina, cheia de mysterios n'alguns pontos, fez baquear os idolos, pulverizando seus pedestaes de superstições.

Os espiritos começavam a illuminar-se com a diffusão das ideias produzidas pela paz, quasi universal, que então se disfru-ctava.

O carró do progresso, levado pelas aguias romanas, soffreu um grande impulso, que lhe foi imprimido pela palavra mansa e con-vincente do louro Nasareno.

Mas era necessario que alguém continuasse o grande commettimento por elle emprehen-dido.

Para isso creou e instituiu os apóstolos da sua doutrina; mas disse-lhes: *vos estis sal terrae... vos lux estis mundi... vós sois o sal da terra.... vós sois a luz do mundo*, pala-vras que, segundo a vossa interpretação, padres, significam que sois a incorrupção, a justiça, a virtude e a intelligencia perso-nificadas.

Adduzis mesmo este texto para demons-trar a excellencia da vossa missão; mas esquece-vos accrescentar a pena que vos é im-posta, dado o caso de não estardes á altura d'essa missão.

E essa pena dil-a o evangelista, duas li-nhas mais a baixo, e é: que para nada mais valeis do que para serdes lançados pela por-ta fóra e calcados a pés.

E vós tendes cumprido essa missão?... Tendes sido o symbolo da incorrupção?... Tendes pregado a verdade?

A historia e a observação todierna res-pondem a isto:

Os padres não só têm querido travar o progresso, negando-o, collocando no fim dos evangelhos um—*non plus ultra*—constante-

mente desmentido em todos os ramos do saber humano; mas até têm deturpado com falsas interpretações e practicas ridiculas algumas das verdades ensinadas por aquelle de quem se dizem representantes.

Em vez do progresso o retrocesso!

O grande philosopho, se agora voltasse ao mundo dos vivos, imprimir-vos-hia na fronte o latégo com que expulsou os vendilhões do templo.

Entre estes e vós ha apenas esta differença: aquelles faziam leitão de coisas profanas em logar sagrado e vós, no mesmo logar, mercadejaes as coisas que dizeis sagradas.

Especulaes com as consciencias demasiado crentes.

Fazeis bem; pois fareis isto impunemente!

O tempo dos milagres passou. Já não desce o fogo do ceu para vos castigar, como desceu a lepra a Giezi, que recebeu a oferta de Naaman, e a morte repentina a Simão Mago.

Para que disse Christo—*gratis accipistis, gratis date*—se o evangelho é letra morta, quando offende os vossos interesses?!

Por uns estropeados latins que resmungais á beira do caixão, não recebeis vós com mãos avaras o dinheiro ainda orvalhado de lagrimas?

Não consta que Christo recebesse dinheiro pelas obras que fazia ou pelas verdades que ensinava; porém os seus discipulos rezam officios aos ricos, deixando que os pobres vão para a sepultura sem a musica plangente dos responsorios.

Vam mais descansados; e além d'isso aquelles pagam e estes não têm dinheiro para a agua benta.

Mais cantochão d'um lado e mais descanso do outro, compensam-se; e realisa-se assim a egualdade christã.

Mas por o Christo não voltar não vos alegréis, não haveis de ficar sem o castigo merecido.

O latégo será substituído por uma luz brilhante, a da verdade, que vos fará fugir para a sombra, esclarecendo a consciencia do povo.

E necessaria, e vai apparecendo, nova religião e apóstolos mais devotados e mais á altura da sua missão.

Vós, que chegastes a dizer pela bocca do jesuita Moya, que o furto de trinta reaes castellanos é peccado mais grave do que a sodomia, doutrina que a Universidade de Paris classificou de—falsa e horrivel a pios e castos ouvidos—sendo a sodomia, no dizer de Tertuliano, furia dos appetes carnaes, vós, repito, deffendendo crimes reveladores de tamanha bestialidade, deixaste de ser a *lux mundi* e o *sal terrae*; por tanto deveis soffrer o castigo annuciado por Christo—deveis ser postos fora do convívio humano, deveis ser aniquilados.

O vosso reinado passou. O christianismo deve ser refundido no cadinho da intelligencia; e vós, que deturpastes aquella doutrina, não podeis comprehender as novas ideias.

A historia já vos marcou no livro dos condemnados com traços rubros, cor das vossas fogueiras.

Resta applicar-vos o castigo predicto pelo apóstolo Paulo, que previu o caso do *sal* se corromper: *Neque in terram neque in sterquilinum utile est (sal), sed mittitur foras.*

Isto é terminante.

Para nada mais servis, nem para fazer guano.

A vossa missão terminou.

COIMBRA, 12 — 2 — 82.

A. R. NOGUEIRA.

mental de toda a republica digna d'este nome. É a voz da nação inteira exprimindo a sua vontade sobre as cousas que interessam toda a nação.

Na verdade, como a lei que deve regular os interesses publicos não pôde ser estatuida por todos os cidadãos reunidos, e como elles não podem dirigir ou assegurar-lhe todos a execução, são forçados a confiar este cuidado a alguns d'entre si; mas estes não são mais que seu mandatarios, e o mandato de que são investidos é necessariamente limitado, temporario, revocavel. É pois sempre em defniva a vontade do povo que se exerce por meio d'estes legisladores ou d'estes funcionarios, que exercem o poder em nome d'elle, e apenas obram como seus delegados.

O povo permanece assim o que deve ser no governo republicano: seu proprio senhor. Conserva toda a soberania que lhe pertence, e de que não podia despojar-se senão suicidando-se. Pôde é certo, delegar as funções d'essa soberania em certas condições determinadas, mas não a abdica por isso. E fica soberano.

O suffragio universal, que deriva necessariamente do principio da soberania do povo, substituida á d'um monarcha ou d'uma aristocracia, não exprime sem duvida na practica ordinaria, senão a vontade da maioria dos cidadãos, porque é bem raro que todos concordem em ter um só e mesmo voto. Mas esta vontade não é por isso menos soberana, pois que não haveria sociedade politica possível se a minoria não se sujeitasse ás decisões da maioria. Sob pena de ver a republica fraccionar-se em tantas partes quantas fossem as vontades divergentes, e abysmar-se assim na anarchia, é preciso admitir a lei das maiorias. É n'esta lei que se resolve forçosamente o principio da soberania popular, e é por conseguinte esta lei que é em definitiva a base do governo republicano.

Segue-se d'aqui que a maioria tenha o direito de fazer o que lhe aprouver? Não, ella não tem o direito de opprimir a minoria, nem esmo um só cidadão. A maioria do povo atheniense podia condemnar Socrates a beber a cicuta, esta condemnação não deixava de ser um crime. A soberania do povo não significa que o povo ou a maioria do povo possa fazer tudo que lhe agrade. Teriamos então o despotismo do numero; e o despotismo, ou do reinado do alegre viver, quer seja exercido por Cesar ou por uma multidão, é sempre um attentado contra os direitos dos cidadãos. O respeito d'estes direitos, que deve ser a regra do governo republicano, limita pois a soberania popular, a menos que não se pretenda que esta soberania está por si mesma fora da acção de toda a lei. Acima d'ella estão as leis eternas da justiça, as unicas soberanas, no sentido absoluto d'esta palavra; quando ella as viola, cessa de ser legitima e respeitavel.

Resulta tambem d'aqui que o suffragio universal não pôde ter a virtude de amuitiar um crime publico, como por exemplo, o golpe d'Estado de 2 de dezembro. Pôde sem duvida, no limite marcado pela justiça, desfazer o que fez; mas não poderia mudar o mal em bem, e fazer que a violencia se torne o direito.

Qualquer que seja, de resto, a origem do despotismo monarchico, e qualquer que seja o nome que el e tenha, rei ou imperador, o suffragio universal não pôde sancional-o; porque todo o poder absoluto é uma usurpação aos direitos do cidadão, e o povo, consagrando-o, abdica-se a si mesmo, o que é contradictorio.

E i resumo, instituido para representar os direitos de todos e assegurar uma justa administração da causa publica, o suffragio universal falta á sua missão e volta-se contra si mesmo, quando se torna um instrumento de despotismo.

JULIO BARNI

Secção Pombalina

Abrimos esta secção para registrar os factos que soubermos se vão dando com relação á commemoração do centenario de Pombal.

Este grande facto occupa hoje todas as

atensões da classe illustrada do nosso paiz e por isso intendemos do nosso dever informar os nossos leitores de todas as resoluções que se tomarem com relação a este importante assumpto.

Em Lisboa o programma está quasi concluido e a commissão da redacção ficou composta pelos srs. Carlos Tavares, Lourenço Cayolla, Manuel Goulard de Medeiros, Augusto Tavares e Antonio Leite.

Deve ter sido apresentado em assembleia geral dos estudantes de Lisboa. Brevemente daremos conta d'elle.

Em Aveiro os artistas que tomaram a iniciativa do monumento a José Estevão, resolveram adherir á commemoração do centenario.

Aqui já reuniu a commissão encarregada de examinar as propostas tendentes á celebração do centenario e de elaborar um programma. Do resultado daremos noticia.

NOTICIARIO

Vai para mais de meio anno que a commissão que promoveu o monumento a Camões, se não reúne, nem dá o devido destino ás cordas que foram offerecidas por occasião da inauguração d'aquelle monumento. Qual a razão?

Desejavamos que algum nos elucidasse sobre tal assumpto.

Medicina velha e medicina nova:—Intitula-se assim o recente livro do eminente professor de Napoles, Marianno Semmola. Este notavel livro é o repositario da mais fina critica medica, sobre a influencia evolucionista que as novas conquistas da therapeutica e da pathologia, têm exercido sobre a velha medicina tradicional cujos dogmas ainda assim, não foram, nem podem ser, de todo postergados pela sciencia hodierna. O espirito positivo da epoca dando nova direcção á sciencia de Hypocrates, soube respeitar os dados da velha clinica, colhidos pelos homens eminentes das gerações medicas.

O livro de Semmola tem produzido extraordinaria sensação no mundo scientifico, e deve ser possuído por todos os medicos que presam a sua missão e acatam as ultimas descobertas.

Este livro vai ser traduzido pelo nosso distincto amigo Narcizo Alberto de Sousa, bacharel formado em Philosophia e quintanista de Medicina n'esta Universidade.

Certos de que a traducção não deixará nada a desejar, em vista da competencia do nosso amigo e do estremo cuidado com que elle a faz, desejamos poder possuil-a o mais brevemente possível.

Recebemos e agradecemos um folheto intitulado *Sutario Negro*, onde se analysam desfavoravelmente os actos do Bispo do Funchal.

Falleceu no dia 5 do corrente, victima d'um typho, o mallogrado e infeliz mancebo Guilherme Frederico dos Santos Abreu.

Não damos esta noticia com a habitual serenidade e frieza do noticiarista; pelo contrario, manifestamos, dolorosamente commovidos, o respeito que a memoria do finado inspira aos admiradores do verdadeiro merito.

Dezoito annos apenas! e tinha justificado a esperanza que nutrimos de o ver subir, pelo seu valor pessoal, vencendo as difficuldades que decerto tentariam fazer desanimar e quebrantar a rectidão do seu caracter de tempera finissima.

Auxiliando com uma persistencia quasi incrivel no trabalho a sua intelligencia pujante, muito deve a sciencia lamentar a perda que acaba de soffrer, nas fileiras de seus heroicos pugnadores.

Reunindo — como reunia — aos dotes intellectuaes, de primeira ordem, finas qualidades de coração, é duplamente sensivel o desgosto que acaba de ferir quem de veras o adorava e estremecia.

A sua ex.^{ma} familia e ao sr. dr. Alexandre

Bastos, que esta perda abalou profundamente—a expressão affectuosa de verdadeiro e entranhado sentimento.

Transcrevemos do *Diario de Noticias* sem mais commentarios o seguinte:

«Ouvimos que se mandou archivar o processo do celebre cahique *Luz do Dia*, que agora ficará sendo *escuridão da noite*. Estes negocios de grosso contrabando são sempre muito emaranhados. Disse ahi, não sabemos que jornal, que antes do aprisionamento d'este mysterioso cahique, desembarcára uma grande partida de contrabando em Caxias. Bom será que não desembarquem outras depois.

Matricularam-se no concelho de Rio Maior durante o anno lectivo de 1880 a 1881 no ensino primario 147 varões e 67 meninas. —Nem um só alumno foi digno de ser dado prompto!!

Pedimos á camara de Rio Maior a sua attenção para este facto que é realmente desconsolador.

Confiamos que o sub-inspector providenciará da sua parte, como fôr de justiça.

Diz o *Diario Illustrado*:

Foi hontem (13) entregue ao sr. vigario geral de Beja uma queixa contra um padre de Odemira.

Esperamos de s. ex.^a a devida justiça.

É este o nosso desejo tambem, e estamos certos que se se attender ás leis ecclesiasticas, terá este reverendo de ser punido.

Esperamos correspondencia em que se tracte d'este assumpto, para esclarecimento dos nossos estimaveis leitores.

COMMUNICADOS

Percorrendo as columnas do *Seculo* de 3 do corrente deparei com um communicado (cujo auctor ignoro) que me fez logo em acto continuo lembrar os bailes de mascarar que n'esta cidade se tem dado; parece não ter nada uma cousa com a outra mas a meu ver não succede assim.

O auctor do alludido communicado falla em tantas cousas e tão bem ligadas e expressas que me confesso ignorante a ponto de não perceber quasi cousa alguma do mesmo; será um inigma, charada ou logographo tal communicado? seria elle feito á saida ou no dia immediato ao de algum baile de mascarar em que os cerebros estão mais ou menos pesados pelos vapores da... dança? ou terá o auctor impenho em se mostrar ignorante relativamente ao assumpto de que tratou? eu confesso que não sei por qual hei de optar, todavia, em resposta, direi que o auctor antes d'ir para as columnas d'um jornal faria bem em ler se não os estatutos da sociedade a que se refere pelo monos o § 3.º do artigo 7.º que está bastante ao alcance de todas as intelligencias.

Terminando, pois, peço ao caro auctor mais benevolencia para com os *taes rapazes*, porque elles podem dizer-lhe *falta pouco e bem, ter-te-hão por quem* é isto um adagio muito antigo que é de crer o nosso amigo aproveite.

Tavira, 7 de fevereiro de 1882.

S.

ANNUNCIOS

VENDA DE PROPRIEDADE

VENDE-SE uma propriedade com casa de habitação, terra de sementeira, arvores de fructo e oliveiras em Santo Antonio dos Olivaeas, defronte do Arraial. Tracta-se com Francisco da Silva, morador na mesma casa.

COIMBRA—Typ. de Santos e Silva.



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1.º pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

N.º 14

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

EXPEDIENTE

Prevenimos os srs. assignantes das provincias que ainda se acham em debito de que vamos proceder por meio do correio á cobrança das assignaturas de duas series de 15 n.º do nosso semanario.

MAIS IMPOSTOS

O sr. Fontes Pereira de Mello acaba de apresentar na camara electiva um relatorio ácerca da fazenda publica, e oito propostas cujo fim é onerar o paiz com mais um encargo annual superior a 2000 contos.

Este facto, diz um jornal regenerador, produziu em todo o reino uma impressão agradável. O mesmo jornal accrescenta que o sr. Fontes não fez, no seu relatorio, alarde de sciencia, revelando apenas sinceridade e franqueza.

Effectivamente o sr. Fontes pôz de parte os seus conhecimentos financeiros, e seria realmente difficil invocal-os para justificar os impostos que propõe. De resto, o illustre estadista, com a admiravel intuição dos espiritos superiores, reconheceu que era desnecessario elucidar o paiz: este devia receber com agrado as suas medidas financeiras.

É um caso novo o de uma nação sobrecarregada de impostos gostar de pagar mais; mas dá-se, graças ao talento do nosso ministro da fazenda, e á apreciação do espirito publico, feita pelos jornalistas regeneradores.

O relatorio confessa que o estado da fazenda publica não é prospero. Na verdade, dizer que um paiz com um deficit de 2000 contos; dizer que um paiz, que paga de juros 13:500 contos, sendo a sua receita ordinaria de 28:500; dizer que um paiz, cuja divida é superior á somma das dividas da Suissa, Grecia, Dinamarca, Suecia e Noruega; dizer que um paiz n'estas condições goza de vida financeira desafogada e livre seria produzir uma affirmacão tão falsa, que nem mesmo a um ministro da coróa se permitiria fazel-o.

N'estas circumstancias o que convém que se faça? A necessidade mais instante, diz o relatorio, é extinguir o deficit, e contra elle ha só o imposto, que é o onus, ou a bancarrota, que é a deshonra. A reduccão das despesas excessivas e á suppressão das inuteis, n'uma palavra, á economia, não attende o estadista. Os governos passados fizeram tudo o que era possivel n'este sentido. Conclusão: para evitar a deshonra só temos um meio, —recorrer a novos impostos.

Não ha justificacão mais cabal. A economia é, com effeito, impossivel.

Como se pôde supprimir a despeza de 100 contos feita com a dotação do sr. D. Fernando por ter sido rei, e a de 16 contos com a do sr. D. Augusto por ter sido herdeiro presumptivo da coróa?

Como se pôde reduzir a despeza de 100 contos feita com o corpo diplomatico para elle valsar nos salões aristocraticos ao som da musica de Strauss?

Como se hão de evitar despesas como a de 1000 contos gastos com a visita de Alfonso XII?

Como se hão de evitar despesas como a de 200 contos para reparos nas cavalariças reaes?

Como se hão de arranjar maiorias, sem gastar dinheiro nos subsidios e na compra de votos?

Como se ha de dar incremento ás obras publicas, sem encher os bolsos dos ladrões famintos?

De modo algum; é evidentemente impossivel.

Demais, o paiz está relativamente rico, diz ainda o sr. Fontes.

É uma opinião que respeitamos. Verdade é que muitos portuguezes, fartos de tanta riqueza, emigram para o Brazil, a ver se empobrecem por lá; é certo tambem que os habitantes da região vinicola do norte se acham na terrivel expectativa de verem o phyloxera invadir-lhes as propriedades, deixando o maior numero d'elles nas mais precarias circumstancias; é ainda um facto averiguado que nas provincias do sul o rendimento agricola tem sido, ha annos, quasi nullo. Mas isto, já se vê, são factos sem importancia que em nada prejudicam a opinião exposta.

O ministro diz ainda no relatorio que seria coerente com as suas idéas, extinguindo totalmente o imposto do rendimento, mas que não o faz, porque não é prudente fazel-o. Ora, se o sr. Fontes não julga prudente fazer o que pensa, parece-nos que pensa mal.

Que diremos a respeito dos impostos que se propõem? Que, recaindo sobre objectos de primeira necessidade, vão aggravar consideravelmente as circumstancias dos contribuintes menos favorecidos da fortuna. Estão n'este caso os impostos sobre o sal, sobre o assucar e sobre as bebidas alcoholicas.

O imposto sobre o sal é, ha muito, um imposto condemnado. A Inglaterra, a Allemanha e a Belgica já o aboliram.

O imposto sobre o alcool fez paralyzar um grande numero de industrias nos Estados-Unidos. Ha, porém, quem pretenda justifical-o, considerando-o um obstaculo á embriaguez. E, todavia certo, que, apesar dos fortes impostos com que a Inglaterra quiz reprimir este vicio, o consummo das bebidas alcoholicas augmentava cada vez mais,—o que levou á

conclusão de se julgarem taes impostos perfeitamente inefficazes.

Em Portugal só se recorre a emprestimos e a impostos. A economia já deu o que tinha a dar. Dil-o o sr. Fontes, ministro da fazenda.

Os partidos monarchicos precisam de gastar dinheiro com a sua clientela, que lhes pede constantemente a paga dos serviços prestados. D'aqui o systema de esbanjamentos, que leva fatalmente a pedir dinheiro, seja por que modo fór.

É por esta razão que o pedido de novos impostos não nos suprehendeu. Se esse pedido não é talvez tão agradável para o paiz como pensam os jornalistas governamentais, é com certeza muito logico. Tem pelo menos este merito.

O Jesuitismo e o centenário

Quando em um dos passados numeros da Evolução, sob o titulo — O centenário de Pombal,—publicavamos um artigo tendente a despertar o fervor no seio d'essa irrequieta mocidade que não podia ficar alheia á celebração da memoria do grande marquez, já então se nos afigurava que n'um meio de tão encontradas opinões, n'esse convivio de tão diversas aspirações nasceriam attritos contrarios á apothose de Pombal.

É que a Universidade não é propriamente uma escola, como alguns a querem considerar, mas um embrechado d'institutos, a que falta a unidade caracteristica d'uma escola. Por isso em todos os tempos vimos lavar dissensões entre os membros da Universidade, vimos o antagonismo constante entre os lentes e os alumnos — aquelles procurando a todo o transe agarrar-se ao passado symbolizado nos trajes, nas praxes, nas ideias; estes, mau grado dos seus mestres, marchando sempre na vanguarda do progresso. Em dadas epochas essa opposição em gerado guerra aberta, como na grande luta entre o absolutismo e a liberdade, em que os venerandos depositarios da sciencia — salvas excepções honrosas — não hesitaram em bandear-se sob o pendão do despotismo. Entre os proprios alumnos lava a divisão; mas — devemos dizel-o — o desaccordo dá-se apenas de uma faculdade para com as restantes, d'aquella que significa o estacionamento, a negação do progredior para com as outras que almejam a luz e que avançam sem parar. Os dissidentes n'essa invejavel commuidade de aspirações generosas são os theologos.

Como prova d'esta dissidencia vimos ha pouco alguns cultivadores da *soi-disant* sciencia theologica levantarem-se, unicos, a combater a projectada commemoração ao marquez de Pombal. Vimos ss. ex.ªs arrotarem a indignação da academia, pôrem-se em desaccordo com as ideias manifestadas na solemnidade magestosa do *clausuro pleno* pelos pontifices maximos da Universidade e pretenderem que o homem acatado por toda a Europa, que o portuguez de nome mais universal depois de Camões não tem jus a um centenário!

Qual haverá porém sido a ideia que impellio os illustres escrutadores dos segredos da essencia divina a opporem-se á corrente que leva os estudantes portuguezes n'uma entusiasta, ainda que não piedosa romaria

á memoria do ministro de D. José? Será que ss. ex.ªs, mais esclarecidos do que os seus confrades, sob o influxo da celestial sciencia, vejam mais claro do que toda a academia portugueza? Será que no cerebro de ss. ex.ªs esteja implantada a ideia de que só os artistas tenham direito a estas esplendidas commemorações que hoje têm o nome de centenários? Não o cremos, porque ss. ex.ªs não podem pretender a injustiça de deixar em esquecimento ingrato a memoria dos que beneficiaram a humanidade por modo diverso d'aquelle de que usam os cultivadores da arte. Será então que ss. ex.ªs não vejam no marquez de Pombal um nome de assaz universalidade, como se requer nos homens a cuja memoria são consagrados os centenários? Tambem não, porque a isso responde o mundo, affirmando que da historia portugueza conhece tres nomes immorredores — Camões, Gama e Pombal. Ou será que ss. ex.ªs, filiando-se agora no partido ultra-avancado, pretendam que o marquez de Pombal para ser grande, para ser benemerito da patria, devera ter-se antecipado aos revolucionarios francezes e fazer, elle só, o que tres gerações não lograram ainda totalmente executar? Tambem o não cremos, porque ss. ex.ªs não ignoram a chronologia e conhecem sufficientemente a historia para não exigirem de Pombal as ideias de Gambetta.

Se porém nenhuma das razões apontadas actuou na mente dos illustres theologos para os decidir ao arrojado passo que ha pouco deram, como nos explicaremos o extranho facto? A explicação vamos achal-a n'um conhecimento raro, rarissimo nos factos de um partido que a todos parecia morto, mas que desperta agora depois de um longo, pesado somno. O partido de D. Miguel de não esquecida memoria acaba de constituir em Lisboa um centro cuja missão é combater pela palavra fallada e escripta a ideia do centenário de Pombal! Tocou-se a rebate nos arraiaes da velha milicia absolutista e, como a esta anda invariavelmente unida a grey papista e reaccionaria, os theologos universitarios julgaram-se solidarios no movimento e pertenderam protestar perante a academia, mas foram corridos. Faz dô pensar que peitos onde o calor da juventude deve fazer pulsar com força o coração toda a vez que se tracte de recordar as glorias da patria, do velho Portugal que estrangeiros debalde querem aviltar, pulsem ao contrario pelo interesse de uma forma governativa immoral e anachronica, pelo interesse de uma corporação aviltada e odiada, qual é o jesuitismo que, de mãos dadas com os restos do outr'ora forte partido miguelino, ousa ainda erguer a hedionda cabeça contra a memoria do grande estadista que o eliminou da Europa e do mundo!

Vergonha é dizel-o, mas o dena-o a verdade — o jesuitismo comprehendeu a elevadissima significação moral da proxima commemoração de Sebastião de Carvalho, mediu o alcance do golpe que o centenário vae descarregar-lhe, arreceiou-se d'elle e bradou ás armas, achando echo em alguns alumnos da propria Universidade!

É decorrido um seculo e o instituto jesuitico não pôde ainda esquecer a valentia com que o marquez de Pombal arcou com elle, levando-o de vencida na luta. Agora que se tracta de recordar ao paiz as funestas consequencias da doutrina jesuitica e se procura fazer comprehender á nação que o jesuitismo não morreu, mas que se revolve

oculto e se insinua traiçoeiramente na sociedade portugueza, violando a lei que o manda sair de Portugal — o jesuitismo mancomunou-se com todos os elementos reaccionarios e clama contra as festas do centenario.

A questão é momentosa. De um lado todos os liberaes que sentem o inimigo minando a surda e pacientemente o solo; do outro as fileiras jesuíticas tentando escravizar mais uma vez o povo emancipado. É mister que ninguém se illuda que ninguém julgue morto ou inerte o jesuitismo; cumpre abrir os olhos e protestar bem alto contra a invasão negra que já alastra todo Portugal em despeito da lei pombalina que ainda não foi revogada.

Trave-se impavidamente a lucta, que por nós temos a lei e o direito, enquanto o jesuita se acha fóra do direito e das leis.

Encontram-se hoje alguns espiritos optimistas que, encarando tudo por um prisma cor de rosa, cuidam a sociedade tão adeantada na vereda do progresso que não ha recelar por ella uma nova dominação clerical e jesuítica. O palladio das liberdades creem-no elles tão seguramente guardado que não admittem haja ainda quem pense em nol-o roubar. Fundados n'isto, bramam que é escusada a defesa contra os ataques do jesuitismo, que ao jesuita se deve conceder a liberdade de viver e espanejar-se á luz do sol. São estes espiritos quem na sua boa fé nos tem introduzido em casa as viboras da reacção ultra-montana, fazendo-se mister a cruzada anti-jesuítica encetada em Lisboa e continuada em Setubal e no Porto.

Na invasão jesuítica em Portugal são dois os pontos a discriminar—o da lei e o do direito. O da lei é assaz claro e bem expresso. Depois das duas bullas com que em 1741 o papa Bento 14.º fulminou os jesuitas, uma em fevereiro e a outra em dezembro, censurando acremente e exprobrando á companhia de Jesus a compra e venda dos indios na America, commercio em que não escrupulizavam aquelles que, devendo ser os apóstolos da liberdade e egualdade humanas, só o eram da escravidão dos corpos e das consciencias, foi nomeado o cardeal Saldanha visitador e reformador do instituto jesuítico pelo mesmo papa em 1 d'abril de 1758. Logo em junho d'esse anno o cardeal, pelas syndicancias a que procedem, tantos crimes e taes irregularidades encontrou no procedimento dos religiosos da companhia que bem justificadas ficavam as duas anteriores e insuspeitas bullas do papa. A consequencia foi a immediata prohibição aos jesuitas de pregar e confessarem em todo o patriarchado. Pouco depois, em agosto de 1759, o papa auctorisava D. José a proceder contra os jesuitas incursos nos crimes de que as syndicancias os declaravam reus. Chegou o dia 5 d'outubro do mesmo anno e foi publicada a lei que expulsou, com auctorisação do monarcha, os religiosos jesuitas do territorio de Portugal e seus domínios, lei que até hoje, não foi revogada por disposição alguma legal. D'onde se colhe que os jesuitas expulsos de Portugal pelos crimes, alguns dos quaes vergonhosissimos, de que foram convictos, invadem este paiz contra uma lei expressa que elles deveram respeitar.

O outro ponto é o do direito. Não hesitamos em negar ao jesuita o direito d'estanciar n'um paiz; porque a actividade imposta ao jesuita pelos estatutos da companhia é incompativel com a liberdade humana. E, se as leis d'uma nação devem garantir aos cidadãos a sua liberdade, removendo todas as peias que alguém queira pôr ao exercicio d'essa liberdade, é claro que as leis devem intervir, paralyzando a acção do jesuita, expulsando-o do territorio; porque o jesuita, onde quer que se ache, é obrigado em consciencia e por *coeca quadam obedientia* a trabalhar segundo as vistas da companhia.

Que a actividade do jesuita é incompativel com a liberdade humana sabem-n'o todos. Bastará lembrar que o jesuita, como todo o ultramontano, pregando que o espirito não pôde por si ser juiz em materia de justiça, em materia de direito, tendo por isso de submeter-se á tutela perpetua de Roma, vai destruir as bases em que assenta o moderno edificio social, levantando acima do direito dos povos o direito do papa, negando ao povo o direito d'intervir na direcção da sociedade e creando o absurdo do direito divino. Eis em duas palavras o programma

do jesuitismo e da reacção, programma que foi executado na sua quasi plenitude durante a idade media, antes ainda da fundação da companhia, e no principio dos tempos chamados modernos, sob os reinados de Luiz XIV e XV de França. Eis porque não hesitamos em afirmar que a actividade do jesuita é incompativel com a liberdade humana, pois que não podemos julgar compativel com a liberdade o que é attentatorio d'ella.

Apesar porém de reconhecer esta verdade, ha quem peça tolerancia para o jesuita, esperando talvez chegar a convencel-o do seu erro e convertel-o á communhão das gentes. Ha quem pretenda que ao lado da escola dirigida pelo jesuita se levante a escola liberal, para que os funestos effeitos da doutrina jesuítica sejam destruidos pelo influxo benefico da doutrina da liberdade. Para que havemos porém de crear-nos novas difficuldades, quando podemos cortar a raiz ao mal, expulsando o jesuita, para o que temos por nós a lei e o direito? E, como poderemos annullar os desastrosos effeitos da doutrina jesuítica? Pela escola não, porque os discipulos da escola jesuítica não são os discipulos do mestre liberal. Pelo jornal—dizem—, pelo jornal que melhor se presta á polemica, ou pelo livro que pôde bem ser de combate. Este argumento, que mais d'uma vez temos ouvido allegar, tambem não colhe, porque ha um facto terrivel que por si só bastara para a condemnação do jesuita. Este, que quasi nunca vem ao jornal fazer a luz, ou antes combater a luz, ordena aos seus discipulos, aos seus dirigidos, que se abstenham de ler doutrinas contrarias ás que lhes ensina e; para melhor effectuar o seu intento, pesando sobre as consciencias, fulmina a excommunhão aos recalcitrantes e cita o *index* onde são apontados os livros e jornaes cuja leitura é defesa aos fieis.

De que servirá pois o jornal e o livro na lucta contra a influencia jesuítica? Se logramos impedir que os não seduzidos o venham a ser, não podemos contudo salvar nenhum dos já colhidos na rede maldicta. E d'aqui concluiremos tambem que, se os partidos mais extremos em politica devem tolerar-se, ainda quando reconhecidamente pregam o erro, o jesuitismo não pôde pretender arregar-se o mesmo direito; porque enquanto todas as outras opiniões se apresentam á luz da publicidade no jornal e no livro, podendo ahí facilmente ser combatidas e refutadas, por lhes não ser defeza a leitura das doutrinas contrarias, o jesuitismo, por querer ser exclusivista a todo o transe, fica fóra da lei, perdendo o direito á tolerancia.

Para que de algum modo se podesse conceder ao jesuita a liberdade de acção, fóra mister que a sociedade empregasse os meios de que aquelle lança mão, isto é, requerer-se-hia que a sociedade constituísse um sacerdocio profano com o prestigio terrorista que o padre ainda tem nos animos pouco esclarecidos e que descesse a trabalhar nas trevas como o jesuita, escravizando as consciencias, eliminando a razão e fazendo volver o mundo á infancia primitiva. Mas isto seria um impossivel, porque seria a negação da liberdade e, procurando subtrahir o povo á acção deleteria do jesuitismo, iriamos lançar-n'um embrutecimento não menos pernicioso do que o fanatismo religioso. Contudo esta fóra a unica maneira de luctar com armas eguaes contra o jesuita; por isso, reconcilhendo o absurdo de o combater pela palavra e de o reconduzir á verdade pela razão, só nos resta combater-o expulsando-o do territorio, assegurando a nossa liberdade e cumprindo o que a lei e o direito nos impõem.

Que os iniciadores do centenario do Marquez de Pombal, compenetrados da justiça que lhes assiste, não desistam da empreza encetada, protestando bem alto contra a invasão da seita negra e empenhando todo o paiz na lucta da liberdade contra a escravidão das consciencias.

Lisboa, fevereiro de 1882.

PAULA NOGUEIRA.

A Exposição d'Arte Ornamental

Quinze salias amplas, cheias de metaes, e fascinantes do colorido ardente dos dourados, ostentam milhares de riquezas fabulo-

sas, thesouros de pedrarias, montanhas quasi phantasticas d'ouro, de prata, com mil arabescos phantasticos, que fazem encher aquellos recintos de notas estravagantes de admiração.

Entra-se e pasma-se. Ha as cinzeladuras modestas, castas, d'uma singeleza de formas encantadoras, que nos estão a recordar os tempos medievae; os baldaquinos, as ogivas vertiginosas, os flôres encadeados que caminham espiritualmente para o céu, mostrando-nos a loucura religiosa da idade media; o desenho sensual, pantheista, as bellas carnações de mulheres, os contornos engrinaldados e graciosos da Renascença!

Arte da melhor, de todos os tempos e de toda a forma, está alli a recordar o poderoso e rico paiz que fomos enquanto nos dedicavamos com interesse ao desenvolviment-artístico e industrial. E com uma especie de recolhimento saudoso, que percorremos aquelles salões onde as maravilhas artisticas se amontoam n'um contraste *frappant* das nossas riquezas passadas e da decadencia progressiva em nossos dias. É sobretudo em objectos religiosos que a exposição é rica. Do meio d'aquella profusão de ornamentos de igreja, de custodias, de baculos, de cruzes, sobresaem muitos e valiosissimos *specimens* de mobiliario, de ceramica, de vestuario, de joalheria, de fayanças, de decorações; mas os seus prodigiosos valor e bom gosto são uma pequena nota no meio da grande symphonia, executada pela instrumental immensa da arte religiosa. Levaram-nos por muitas occasões, as nossas preciosidades artisticas, os exercitos invasores, e os presentes régios a estranhos, como por occasião da estada de Junot, entre nós, enquanto a familia real fugia cobardemente para o Brazil, com thesouros de raridades...

Mas lá está no meio da sala G a custodia de Belem, esse primor inestimavel de ourivesaria, destinada em tempo pelo governo das *economias* a ser derretida na Casa da Moeda, por ter dois contos de réis em ouro: os doze apóstolos, estão orando de joelhos, em volta, n'uma postura mystica, concentrada; por cima das suas cabeças ha todo um mundo de ogivas, de arcos cortados, de rendilhados gothicos, uma especie de filigrana vacillante, n'uma estrophe arrebatadora, trazendo-nos á memoria os ditos tempos manuelinos. Ao pé, ha um dis-corde encantador: é a cruz de D. Sancho, toda ella simples, despretenciosa, a traduzir uma fé candida e serena, enquanto se avin-sinha d'ella, orgulhosa, a cruz do morgado de Bragança, vergada ao pezo da pedraria scintillante de raios e de colorido, e da sua esmeralda enorme! A da Patriarchal, mais longe, é um modelo unico, tem uma estatura de gigante, herculea; mais cem, mais centenares de custodias mosqueam as salas de reflexos fulvos d'ouro e de prata, graciosas nas suas ornamentações trabalhosas, nos seus grupos microscopicos de santos e de santas timidias nos seus vestuarios esguios.

Depois, alinham-se ao longo das salas A e C os grandes paramentos de veludo carmezim, de seda, cheios de bordaduras a ouro; as colchas da India, riquissimas, requebrando-se luminosas e molles; a notavel dalmatica da igreja matriz de Ponta Delgada, á capa de asperges da Sé de Vizeu com brocado d'ouro; as colchas de relevo com grandes desenhos heroicos, dos seculos XV e XVI; as rendas *au point de Venise*, da Bibliotheca d'Evora (?), outras mais, finissimas, tenues como teias de aranha: e as rendas de pellica, romeiras em arabescos, a romeira em pellica da Bibliotheca d'Evora, e mais outras, bellas igualmente.

Depois abrem-se os missaes, expondo a rotundidade, das suas lombadas em estantes de prata lavrada de flôres graciosos, as Biblias deliciosas de pinturas, os manuscritos illuminados, mostrando o amarellado do pergaminho, onde os miniaturistas pizeram toda a sua paciencia e talento. D'estas paginas sagradas duplamente pelo tempo e pela arte, vem um sopro benefico e parece que senti-mos uma boa e intima satisfação ao admi-

(1) Segundo nos disseram. Por occasião da nossa visita á Exposição, ainda não estava publicado o catalogo; é por esta mesma razão, que pôde haver aqui ou alli algum erro de procedencia, em todo o caso desculpavel, cremos.

X. P.

rarmos as paginas do Missal de Estevão Gonçalves, onde grupos de anjos, de santos e de monges desfilam por illuminuras de pagina inteira ou entrelaçados em recantos de flôres, de janellas gothicas, sahindo de dentro de rosas, de nuvens transparentes, e tudo isto dourado, prateado, d'um colorido ingenuo, mas divino, fresco como d'agora, nos céos de cobalto, e nos cordeiritos cor de rosa.

As salvas de prata e outros metaes apparecem á roda, cheias de relevos, de flôres batidas, de ornatos em turbilhões, accumulando armas, assumptos guerreiros e piedosos, pondo em toda a parte exemplos primorosos de cinzeladura. Para contrapor, figurinhas mundanas resplandecem na alvura do *biscuit*. Mulheres nuas, bachantes, de formas delicadas, raptos de Venus por Faunos, raparigas que olham maliciosamente, rindo; assumptos ligeiros, sem grande dispendio de imaginação artistica, mas tentadores; em cima de mesas, e *etagères*, alguns exemplares de ceramica da antiga fabrica do Rato, exhibem-se; ha vida n'aquelles roliços corpos de pequerruchos nutridos, que parecem ser bem diabolicos. Em *vitrines* a antiga relojoaria portugueza ostenta magnificos productos, desde os relógios, de tamanho de gamellas para o bolso, até aos mais microscopicos, alguns de bellos esmaltes, e boas fabricas; leques portuguezes antigos, de finissimas e artisticas varetas de marfim, madreperola, ouro, prata em cinzelados delicados, e boas pinturas sobre o setim.

Admiram-se os grandes pratos esmaltados, que em creio serem do estylo renascença, com muito vigor de colorido, e correcção de desenho, extremo engenho de ornamentação em alguns. Na sala B ha as preciosas colleções da Hespanha: as magnificas armaduras de Felipe III, o grande vaso esmaltado de azul, estylo granadino, e segundo diz uma nota d'elle attribuido ao seculo XIV. Ainda se apresentam alguns magnificos exemplares: contadores de ébano, alguns evidentemente portuguezes, de marfim com embutidos trabalhosos, *specimens* da antiga ceramica do paiz, em vasos, espelhos, pratos, grupos em barro, do seculo XVI, muito bem compostos, com certa originalidade e gosto não vulgar, mesmo. Candelabros de bronze byzantinos, com effeitos de desenho magnificos, outros puro Renascença; poucos exemplares de armaria, mas em compensação, adereços, vestidos, broches, pentes, brincos, quadros bons, de batalhas, e alguns de retratos, de cabeças expressivas, pintados com liberdade; e outros da escola de Grão-Vasco; milhares de outros objectos de formas accentuadamente artisticas, fazem a decoração indiscrível d'aquelles salões fascinantes de colorido, pondo matizes variiegados, de côres chromaticas, dando um tom pitoresco e guerreiro áquelle *pele-mêle* de preciosidades artisticas, como se estivessemos nas antigas e famosas festas do Oriente. Como n'um abraço intimo, para completar o deslumbramento, os arabescos e as folhagens de talha dourada abrem-se magestosos e largos n'uma arcada triumphal.

Por toda a parte a scintillação da joalheria: as pedras preciosas, prismaticas, os rubis, os diamantes finos, os brilhantes, as saphiras, as grandes esmeraldas, abrindo olhos enormes d'uma expressão estravagante: todo aquelle sequito de pedraria, scintillante de reverberações, n'uma hallucinação de cor espantosa!

Porto, 1882.

XAVIER PINHEIRO.

Secção Pombalina

No Porto reuniu-se a sociedade de *Instrucção* para resolver sobre o modo de celebrar o centenario.

Foi eleito pelos estudantes de Faro uma comissão encarregada de elaborar um programma de festejos para celebrar o centenario. Ficou composta dos srs. J. Mendonça Brandeiro, Guerreiro dos Santos, Bento Marfim, Leote Tavares, José Alexandre, Francisco Viegas, Teixeira Gomes, e Benevides de Amorim.

Que os estudantes que fazem parte da comissão, alguns dos quaes temos o gosto de conhecer, se compenetrem da alta signi-

feição d'este centenário e da sua feição puramente democratica e anti-jesuítica, e se não deixem levar por influencias reaccionarias, que actualmente se lhe não de oppôr, é o que nós ardentemente desejamos.

Por occasião do centenário, o sr. Soares Romeu Junior, tenciona publicar um livro, do qual só tira cento e vinte exemplares, para offerecer a algumas associações no Rio de Janeiro de e Portugal, á imprensa portugueza e brazileira e ás pessoas de suas relações.

A camara municipal de Grandola resolveu celebrar o centenário, com uma conferencia sobre o grande estadista, com illustrações, etc.

A sociedade litteraria — Alexandre Herculano — resolveu para commemorar o centenário — 1.º Que o numero do Boletim da mesma sociedade relativo ao mez de abril se publique no dia do centenário. 2.º Que se façam conferencias na sala da sociedade, tendo por assumpto a vida, obras, melhoramentos e reformas do grande estadista. 3.º Que no dia do centenário se realice uma sessão solenne. 4.º Que a sociedade se faça representar no prelo civico. 5.º Que se abra uma subscrição entre os socios, e que o producto d'ella se offereça á grande commissão academica.

Elegeram-se uma commissão para tratar dos trabalhos relativos ao centenário a qual ficou composta dos srs. Alexandre Mimoso Ruiz e Carlos Augusto Ferreira.

O Gremio Moderno de Aveiro, utilissima instituição, inspirada na mais nobre missão civilisadora, e composto de individuos muito intelligentes e activos, resolveu commemorar no dia de maio proximo o centenário de Pombal, abrindo n'aquella cidade uma exposição de objectos de arte ornamental, e de industria, existentes no districto.

O projectado certamente será organizado com objectos comprehendidos nos seguintes grupos em que ficará dividido.

1.º Specimens de arte ornamental antiga e moderna; 2.º Monumentos historicos; 3.º Raridades bibliographicas; 4.º Productos da industria fabril; 5.º Productos da industria ceramica; 6.º Productos da industria extractiva; 7.º Productos da industria textil; 8.º Productos das bellas-artistas.

O primeiro grupo é dividido em dez secções: objectos de metaes preciosos; objectos de metaes não preciosos; armaria e caça; aprestes de cavallaria; esculptura decorativa; mobilia ornamentada; mosaicos; bordados em tecidos; esmaltes; incrustações e porcelanas de qualquer procedencia; illuminuras e encadernações.

O segundo grupo tem apenas uma secção: monumentos historicos do districto.

O terceiro grupo tem quatro secções: jornaes publicados no districto; livros raros; autographos; pergaminhos com illuminuras.

O quarto grupo divide-se em tres secções: chapéus, papel e vidro.

O quinto grupo, tem duas secções: objectos não vidrados e objectos vidrados.

O sexto grupo tem quatro secções: metallurgia, argillas e esmaltes; materiaes de construcção; combustiveis.

O setimo grupo comprehende tres secções: tecidos de linho; tecidos de lã; tecidos de algodão.

O oitavo grupo divide-se em seis secções: miniaturas; architecturas, desenhos quaesquer; gravuras e artes de reproducção; estatuaria não decorativa.

A Associação dos funcionarios publicos resolveu por unanimidade, sob proposta do sr. Andrade d'Almeida, adherir á celebração do centenário do marquez de Pombal.

O sr. Dias Ferreira, presidente da associação, nomeará a commissão encarregada de executar a proposta.

Eis a carta que a commissão de Lisboa dirige Aos estudantes e á colonia portugueza do Brazil:

«As grandes commoções que affectam a alma d'este povo, quer tenham por movel a centelha do genio fulgurando através do esquecimento de muitas gerações, quer representem um preito humilde ou grandioso, tributado a um vulto superior que imprimiu á sociedade portugueza um movimento regenerador, despertam sempre um echo de sympathia em toda a parte onde existe um portuguez, onde quer que haja herdeiros da gloria ou responsaveis do futuro d'esta nação. No Brazil, onde a cruz e a espada dos nossos maiores, em intima alliança, patentearam ás multidões selvagens o rendilhado portico da civilização moderna; n'essa bella terra onde as famosas vergontas do antigo genio portuguez florescem em todo o seu esplendor, e perpetuam n'uma assimilação constante o caracter e as tendencias dos dois povos, é ahí que vão repercutir-se com mais intensidade as alegrias e os desalentos do velho mas glorioso Portugal.

Diz-se-hia um filho robusto, generoso e dedicado em toda a exuberancia da sua vitalidade, mas que, por entre as ovações e triumphos que o cercam, em meio da sua opulencia ruidosa, reserva sempre um brinde de entusiasmo affectuoso aos manes dos seus antepassados.

Assim o demonstrou, ha pouco, no jubileu camoneano.

Irmãos e patricios: Trata-se de consagrar para a immortalidade um homem que, ha cem annos, marcou no meio social portuguez o vestigio indelevel da sua administração.

A classe academica de Lisboa apossou-se d'esta ideia, e resolveu dar-lhe uma realisação condigna; entendeu que o melhor e mais util monumento, que se pôde levantar á memoria do Marquez de Pombal, seria um Instituto de Ensino Livre, onde a sciencia se ministrasse aos espiritos, liberta de todas as peias theologicas ou metaphisicas que o ensino official ainda respeita.

D'este modo a obra de Pombal, seria prolongada e avivada entre nós, e a sociedade portugueza colheria d'esta commemoração festiva um resultado immediato.

Está nomeada pelos estudantes de Lisboa a commissão abaixo assignada para trabalhar n'este sentido.

O nosso primeiro pensamento foi abrir uma subscrição publica em Portugal e no Brazil.

Appellando para a vossa generosa illustração, temos a certeza de interpretar os sentimentos de fraternidade que ligam duas nações amigas; e ao mesmo tempo julgamos corresponder á calorosa manifestação com que os estudantes d'esse imperio premiarão os nossos esforços no centenário de Camões.

Ninguém melhor do que vós comprehendendo a justiça das nossas intenções, assim como não podiamos escolher melhores evangelisadores para a nossa ideia.

Ás colonias portuguezas ligamos a identidade de patria; aos indefesos obreiros que n'esse paiz lutam pela emancipação dos espiritos sentimo-nos estreitamente unidos, identificados pela santa irmandade do trabalho intellectual e pela comunidade das aspirações.

Pedimos portanto aos estudantes das diversas escolas d'esse imperio, assim como á colonia portugueza, o distincto obsequio de abrirem subscrições, cujo producto deverá ser entregue até ao fim do mez de abril.

A todos vós um aperto de mão.

Lisboa, 26 de janeiro de 1882 — Associação Academica, rua dos Fanqueiros, 286.

1.º **A commissão academica**

PELO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS

João Augusto Barata — Bartholomeu Salazar Moscoso — José Agostinho Pereira e Sousa, vice-presidente.

PELA ESCOLA POLYTECHNICA

Lourenço Caldeira Gama Lobo Cayolla — Anotnio Leite Cardoso Pereira de Mello Junior, 1.º secretario.

PELA ESCOLA MEDICA

Carlos Tavares, presidente — Augusto Faustino dos Santos Crespo, thesoureiro.

PELA ESCOLA NAVAL

Pedro Berquo — José Francisco da Silva, 2.º secretario

PELA ESCOLA DO EXERCITO
Augusto Alves Tavares — Antonio Lopes Branco — Manoel Goular de Medeiros — João Egydio Lomelino de Freitas.

PELO INSTITUTO AGRICOLA
João Viegas Paula Nogueira — João Eduardo Portugal Pereira da Silva — Eduardo Coelho Junior.

PELO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL
Alfredo d'Ascenção Machado — Julio Maria Baptista.

PELA ACADEMIA DE BELLAS ARTES
Jorge Pereira Leite — José Gonçalves Viana.

PELOS CURSOS DE INSTRUCCÃO SECUNDARIA
Augusto Rodolpho — Felisberto Alves Pedrosa — Arthur Pinto da Rocha — Francisco Luiz Teixeira — Antonio Jacintho de Mello Junior — José Victorino de Andrade Neves — Alfredo Pereira Caçador — Julio Augusto Martins — Guilherme Joaquim Momm Barreto.

LISBOA
24 de fevereiro de 1882

Não frequento a camara dos deputados porque as minhas occupações quotidianas não m'o permitem, mas segundo li nos jornaes da noite, foram hontem apresentadas pelo sr. Fontes as suas propostas financeiras. O relatório que as procede, entre muitas outras cousas bonitas, diz que é para extinguir o deficit que o governo propoe novos tributos. E sempre este o pretexto que se busca para ir tirando mansamente a pelle ao pobre contribuinte, mas o deficit e a dívida h crescem cada vez mais.

E assim succederá emquanto não vier a epoca em que se faça boa administração n'este paiz para matar o deficit o que um bom governo tem a fazer é eliminar despesas superfluas e inuteis e fomentar o desenvolvimento da industria, da agricultura, e de outras fontes de riqueza publica.

Exigir a um povo, pequeno e pobre como somos, todos os annos mais sacrificios para sustentar uma realza que nos custa mais de 1000 contos annuaes, um exercito que para nada serve, pois que está desarmado e indisciplinado, uma classe inactiva que vai formando proporções assustadoras, é querer esgotar de vez a paciencia do contribuinte. E não são legitimas as revoluções! Deve fuzilar-se a canalha quando ella se revolta contra esta horda que está explorando em seu proveito pessoal o melhor do seu trabalho?!

Mas por fim o povo portuguez está contente e applaude tudo isto. Não tem elle contribuido para sustentar no poder todos estes governantes? Não tem eleito a maioria do sr. Fontes, a maioria do sr. Braamcamp?

Tem feito tudo isso porque lhe apraz; de modo que nada tem a queixar-se dos seus representantes; o peor é que aquellos que tiveram a dignidade, a independencia e o bom senso sufficientes para protestarem contra a continuação d'esse governo monarchico constituem o bando de exploradores que se encontram nos tres casos estatuidos pela lei de recenseamento politico. Os varios centros republicanos tem soffrido as consequencias.

Está a terminar a epoca em que os cidadãos podem requerer a inclusão de seus nomes nos cadernos do recenseamento eleitoral; as respectivas commissões, informadas pelos regedores, pelos parochos e quejandos galopins eleitoraes, eliminaram os nomes de todos os cidadãos que lhes pareciam serem republicanos, com quanto pudessem gosar dos seus direitos politicos; muitos conhecemos, cujos nomes foram eliminados e que se encontram nos tres casos estatuidos pela lei de recenseamento politico. Os varios centros republicanos tem annunciando constantemente que trabalham pelo cumprimento da lei n'estes casos; não sabemos se todos têm cumprido com esse dever, mas esperamos que nenhum cidadão tenha a queixar-se da negligencia dos centros, mas só da cynica patifaria das commissões.

—Recolheu-se ao hospital militar da Es-

trella o distincto general reformado Giberto Antonio Rolla com o fim de procurar allivio aos soffrimentos que cada vez o torturam mais. Ainda ha pouco tempo nos dizia este nosso honradissimo correligionario que ia melhorando e esperava em breve voltar á politica activa; infelizmente essas esperanças crêmos que se não realizarão. O desenvolvimento do partido republicano enthussimava-o, e o velho republicano de 48, um dos raros companheiros de Henriques Nogueira que sempre respeitou a sua memoria, queria collaborar n'estes trabalhos, incitar-nos com os seus exemplos, animar-nos com os seus conselhos.

—Sabemos que hoje se deve verificar uma reunião dos delegados de diversos centros republicanos da capital a quem está confiada a missão de organisarem o directorio do partido; como em tempo já lhes disse, a opinião mais accete é a da convocação d'um congresso de todos os centros e jornaes republicanos do paiz, d'onde saía a nomeação d'esse directorio e as bases fundamentaes do seu trabalho.

—Depois de amanhã realizar-se-ha no amphitheatro da Escola Polytechnica a reunião academica em que será apresentado o programma elaborado pela commissão de estudantes para esse fim nomeada.

—Não me recordo de mais facto algum, cuja noticia os interesse, pois que a semana foi tambem falha de acontecimentos, foi quasi toda absorvida pelos brincados carnavalescos que n'este anno, segundo notam os amadores, correu bastante estúpido e sem saborão.

ANTONIO FURTADO.

NOTICIARIO

De novo declaramos que a redacção d'este jornal não assume a responsabilidade dos artigos que venham assignados. Essa responsabilidade fica inteira e completa a cargo dos signatarios.

NOTICIARIO

A congregação do Index determinou que seja prohibido aos catholicos a leitura dos bellos trabalhos de Emilio Burnouf e de Renan sobre a historia das religioes.

Que ingenuidade! Não se convenceram ainda os catholicos de que fructo prohibido é fructo apetecido. O que elles conseguem com isto é augmentar o numero de leitores das referidas obras. Um serviço que a sciencia tem a agradecer-lhes.

No artigo do nosso estimavel collaborador Paula Nogueira, intitulado *O jesuitismo e o Centenario* diz-se que a faculdade de theologia é adversa á celebração do Centenario de Pombal. Devemos dizer que, quanto assim se tenha pensado, a referida faculdade não faz, n'este ponto, cousa commum com alguns dos seus membros que reprovam esta commemoração.

Os estudantes do lyceu de Braga vão pedir auctorisação para usarem de capa, batina e gorro.

Temos em nosso poder alguma collaboração anonyma. Pedimos desculpa de não a termos publicado, mas não o podemos fazer porque não publicamos cousa alguma n'aquellas condições.

No ultimo numero da *Evolução* saíram muitos erros typographicos. Effeitos do carnaval, que não quiz passar desaperecebido para nós.

Começou a publicar-se em Lisboa o periodico *Dos Naciones*, bilingue e destinado a defender os interesses Hispano-Portuguezes. É propriedade e orgão da Sociedade hespanhola «*Porvenir*», recentemente fundada para proteger os subditos hespanhoes resi-

dentem em Lisboa. Não se ingere em politicas, e promete usar de inalteravel imparcialidade nas suas criticas.

Tem a sua sua administração na rua da Conceição, 139-2.º—Lisboa.

Agradecemos a visita e desejamos-lhe longa vida.

Foi hontem o 82.º anniversario do primeiro poeta, não só da França mas do mundo inteiro, de Victor Hugo. Da nossa obscuridade dirigimos-lhe os protestos da nossa admiração reverente.

Recebemos o n.º 4 do 2.º anno da *Coimbra Medica*. Summario:—A Rocha, *Algumas considerações geraes sobre o diagnóstico das molestias medullares*—J. Nazareth, *A variola em Coimbra* (continuação)—A. Rocha, *A Revista de Medicina Dosimetrica*—A. Ignácio Simões, *Synopse das orações feitas no hospital da Universidade no anno escolar de 1881-1882* (continuação)—F. A. R. de Gusmão, *Jacob de Castro Sarmiento* (continuação), *Congresso Medico de Londres, Miscelanea*.

Recebemos os n.ºs 2 e 3 do *Pero Gallego*, que continua cumprindo magistralmente o seu programma.

Foi-nos obsequiosamente offerecido pelo sr. dr. F. Ferraz de Macedo um exemplar do seu livro *O Homem Quaternario e as civilizações Prehistoricas na America*. Agradecemos penhorados a distincta offerta.

Tendo em vista o respeito que nos merece o nome do auctor e não podendo desde já formular uma opinião conscienciosa do livro, reservamo-nos para quando, depois d'uma leitura mais demorada, o podermos fazer, com melhores fundamentos.

A edição saiu da Imprensa Nacional e é tão boa como as melhores edições estrangeiras.

Esteve divertidissimo o carnaval este anno em Santarem. De dia notava-se em toda a cidade uma concorrencia e uma animação extraordinaria.

Duas mascaradas allasivas, uma ao traido de Lourenço Marques e outra á actual situação fontista deram muito nas vistas e foram applaudidissimas.

Grupos de mascarados, bem vestidos e com alguma *verve* passavam constante ente virgindo chufas e entreitando a multidão de passeantes, que se movia com dificuldade nas estreitas e tortuosas ruas da vestida Scalabis. Pela tarde o tiroteio de pòs, de tremoços seccos e de bisnagas tornou-se vertiginoso.

Mas se os dias decorreram alegremente, muito melhor se passaram as noites. Houve quatro magnificos bailes, dois no Club Santareno, e nas noites de 18 e 20 e nas de domingo e terça-feira gorda na Assembleia Militar. É tão indescritivel a animação e o brilhantismo d'estas *soirées* como inexprimivel é o sentimento de saudade e de recordações que sentimos. Se no Club a mobilia e a decoração davam ás salas uma maravilhosa apparencia, na Assembleia Militar a liberdade, que se gosava e o caracter familiar das suas reuniões sobremaneira nos agradaram.

As damas elegantemente vestidas com simples e vistosas *toilettes* faziam realçar o brilhante aspecto das sallas rodeadas de enormes espelhos, que reflectiam em todas as direcções aquelle multiplice e bello *ensemble* de luzes, de decorações e de formosuras.

As direcções tanto do Club, como da Assembleia, damos os parabens por terem proporcionado aos scalabitanos o ensejo de assistirem a *soirées* tão animadas como pompasas. O serviço em todos os bailes foi abundantissimo, variado e optimamente effeituado.

O baile de 20 terminou, depois de se ter dançado com frenez, durante sete horas, por um *cotillon* graciosamente dirigido pelo sr. Brito, dignissimo official de artilheria 3, retirando-se todos depois das 6 horas da manhã.

Entre as noventa senhoras e cento e tantos cavalheiros que assistiram a estas *soirées* lembra-nos ter visto as ill. ex.ªs srs.ªs

marqueza de Bellas, viscondessa de Andaluz, D. Marianna Roquette, D. Palmira Nobre, D. Germana Lergio, D. Sebastiana Azevedo, D. Conceição Lisboa e filhas, D. Patrocina Callado, D. Antonia e D. Henriqueta Franco, D. Luiza e D. Gabriella Rebello da Silva, D. Eugenia Mello, D. Santana Germano, D. Theodolinda Barboza, D. Helena Ramos, D. Julia Anachoreta, D. Adelaide e D. Guilhermina Silveira, D. Adelia Moncada, D. Maria do Carmo Mayer Caldas d'Almeida Ferreira, D. Silvina Mayer Caldas, D. Innocencia Mayer Caldas, familias Caldas, Bizarro, Barboza, Falcão, Canavarro, Carvalho Ramos, Montez, etc, etc.

E os seguintes cavalheiros: governador civil, secretario geral, visconde d'Athouguia, major Azevedo, D. José Angeja, D. José de Paiva, dr. Meneses, dr. Silva, Pedroso, Carvalho Ramos, Montez, dr. Peixoto, dr. Anachoreta, João Canavarro, Francisco Marecos, José Sergio, Amancio Alpoim, Ernestino de Sá Nogueira, Faustino de Sá Nogueira, Callhamaz, Antonio Amaral, Bizarro, Callado, Serras da Conceição, Conceiro, Zepherino Falcão, Alberto Deslandes, Antonio Silveira, Francisco Silveira, Brito, Alfredo Ferreira, capitão Nobre, capitão Ramos, Antonio Barboza e muitos outros cujos nomes ignoramos.

A. B. V.

Centenario de Pombal

ASSEMBLEIA GERAL DOS ESTUDANTES DE LISBOA

Acabo agora mesmo de assistir á sessão dos estudantes de Lisboa, em que foi approvedo o programma dos festejos para o centenario do Marquez de Pombal. Posso já dar aos leitores da *Evolução* uma ideia das partes que o compõem. Antes de tudo porém manda a verdade que se diga que este imponente a sessão da Academia, e que n'ella se revelaram talentos brilhantes, além dos que já eram conhecidos; e tudo nos leva a crer que terá um resultado brilhante a patriótica empresa de que a academia se encarregou. Durante os debates que só foram longos na questão de expulsão dos jesuitas, e na parte em que se falla no cortejo civico, tivemos occasião de applaudir o sentido rasgadamente avançado em que todos os oradores se manifestaram. De modo que a classe academica parece resolvida a occupar no nosso paiz o lugar que em toda a parte tem conquistado com as suas iniciativas e com a sua influencia sempre sympathica.

Se estas notas não fossem escriptas na febre da ultima hora, não perderíamos esta occasião de nos esprañar em muitas considerações a proposito da attitude que vão tomando os estudantes. Fica para outra vez; agora vou dizer-lhes de que consta o programma.

Abre com um relatório onde se justificam todas as ideias que com elle se querem realisar. N'elle insiste-se principalmente sobre a reforma da instrução, sobre a expulsão dos jesuitas, e mais que tudo sobre a fundação d'um *Instituto de Ensino Livre*. Depois seguem os detalhes pela ordem seguinte:

No dia 6 abertura da exposição academica de desenho e pintura.

No dia 7 congresso academico para tratar da federação portugueza e da reforma do ensino.

No dia 8 cortejo civico nacional; e á noite sarau no theatro de S. Carlos, onde se espera que appareça o côro orpheonico d'ahi.

No dia 9 passeio fluvial em honra dos estudantes de fóra e inauguração do *Instituto de Ensino*.

Seguem-se depois os pedidos que tem de ser feitos ao governo, varias disposições secundarias todas tendentes a commemorar dignamente esta grande data.

Eis aqui em que se resume o programma da academia de Lisboa, para cujo desempenho a commissão executiva conta com o apoio de todos os estudantes e do paiz. Está a partir o correo; é urgente terminar.

Até breve.

Lisboa, 26 de fevereiro de 1882.

BINOCULO.

Noticias d'Odemira

Na minha ultima correspondencia contei-lhe resumidamente o que por aqui havia de novo.

Hoje umas pequeninas cousas que não merecem a luz da publicidade, e tudo vai correndo na sua rotina ordinaria.

De proposito tenho-me abtido de fallar-lhe no juizo geral, que os nossos patricios fazem da *Evolução*; da curiosidade com que é lida; da critica favoravel ou desfavoravel que lhe é feita. Só lhe conto o seguinte: ha uns dias, aconteceu apparecer aqui um só numero da *Evolução*; pois não imagina o interesse que havia em lel-o; os pedidos e empréstimos succederam-se. O dono estou certo de que o não pòde ler n'esse dia; só no seguinte chegaram os numeros para os assignantes.

Na doutrina politica podem não concordar, mas reconhecem o merito dos artigos de fundo e d'alguns litterarios.

Ah! esquecia-me já que o espaço é pouco, e o assumpto a tractar grande.

Nada mais, nem nada menos, do que do sr. prior-procurador!

Lembram-se ainda os srs. odemirenses d'umas correspondencias insertas na *Liberdade* e que se referiam ao sr. prior porque era procurador, e ao sr. procurador porque era prior? Pois bem; essas vão ser o thema das noticias de hoje com mais alguma cousa.

Ao sr Vigaglo Pro-Capitular de Beja

Ao dirigirmo-nos hoje a v. ex.ª temos a certeza de que já sabe que um parcho d'uma freguezia da sua diocese exerce o cargo de procurador no juizo d'Odemira.

Sabe-o v. ex.ª por um meio legitimo; as prescrições da lei, parece-nos terem sido attendidas rigorosamente, para que se não levantasse a menor duvida.

Agora esperamos anciosos a justiça de v. ex.ª. Contudo se d'ahi não vier, temos ainda outros tribunaes a que recorrer, e só depois de chegarmos ao ultimo, desistiremos das nossas tentativas.

O praso da espera não pòde ser longo, pois desde o dia 13 até 28 de fevereiro, ha tempo mais que sufficiente para uma deliberação, que é im mediata.

(Continúa.)

(Do nosso correspondente)

Alcobaça, 24 de fevereiro

Dizia-lhes, na minha correspondencia passada, que era altamente censuravel o procedimento da camara d'Alcobaça, deixando acintosamente de promover a recepção do capital legado pelo dr. Brilhante ao municipio com o fim de serem educados superiormente alguns rapazes d'esta terra, que tão mal sabe comprehender o nobilissimo empenho do illustre medico, que via na instrução o mais forte apoio da civilização moderna.

Folgo de ver que alguns jornaes deram já publicidade a este facto, que eu considero, não simplesmente de interesse local, mas de interesse geral, porque a instrução de alguns individuos, vae necessariamente reflectir-se no desenvolvimento intellectual e no progresso de todo o paiz.

Cumprindo a promessa de ir pondo em relevo os actos da camara d'Alcobaça, enquanto esta se não mostrar digna do respeito e da consideração publica, ahi vou desenrolando o tristissimo sudario dos seus feitos, que bem poderiam servir de modelo a todas as camaras monarchicas, no desprezo, da lei e da moralidade. Entre nós parece-nos perfeitamente uniforme e coherente o procedimento de todos os monarchicos, quando se tracta da administração dos dinheiros publicos.

Todos os nossos governos entendem por bem depennar os cofres da nação; todos elles tem desviado do thesouro sommas enormes para fins occultos, e sem auctorisação legal, e pelo amplo oesophago dos ministros, passa diariamente uma grande parte dos rendimentos nacionaes.

A camara d'Alcobaça, firmada provavelmente no exemplo superior, quer agora macaquear os governos, desviando sommas avultadas do cofre municipal, e gastando á larga e sem auctorisação os dinheiros que deviam ser destinados aos urgentissimos melhoramentos de que esta terra care ce:

É publico que a camara esbanjou na estrada da Maiorga a Alpedriz cerca de dois contos de reis a mais do orçamento destinado á construcção d'aquella estrada.

Em que consumiu a camara esse dinheiro? Com que auctorisação gastou uma somma consideravel para um municipio de rendimentos diminutos?

Quem predomina é a lei ou a vontade arbitraria de qualquer individuo? Tracta-se de satisfazer caprichos pessoases, ou de dar desenvolvimento a uma terra que, tendo abundantissimos elementos para progredir, se vae mergulhando n'uma apathia desoladora, depois que a direcção dos seus negocios mais importantes cahiu nas mãos da ignorancia e da má fé?

E, enquanto a camara, ou quem n'ella predomina, faz desaparecer os dinheiros do municipio, os desgraçados professores de instrução primaria tem quasi pedido esmola porque deixaram de lhes pagar 7 ou 8 mezes os exignos ordenados.

Isto, além de uma vergonha, é uma immoralidade revoltante.

Gasta-se o dinheiro sem auctorisação e sem destino definido, e deixa-se entregue á miseria uma classe que em geral não tem outros recursos além dos miseraveis ceitos que lhe são atirados como a esmola do avarento!

Mas, para que nos havemos de admirar? Já sabemos que a camara se horrõisa quando ouve fallar de instrução, o que prova não ser este o seu forte.

Está até muito longe de o ser.

Continuemos porém a ver qual é o forte da camara, ou de quem a governa.

Ha mezes, que fugiu d'aqui um amanuense a quem o publico accusava de se apossar fraudulentamente dos rendimentos do municipio. A camara sabia-o: porque não foi demittido este empregado? A camara conservando-o não conheceu que poderia ser considerada connivente nas fraudes praticadas pelo amanuense?

E que fez o outro rubicundo empregado da camara? Não só se calou, por ter receio, segundo dizem, de que fosse publicado um documento que deveras o compromettia, mas até procurou encubrir essas fraudes depois de as haver descoberto.

Por isso a syndicança foi abafada!

Agora outra pergunta.

O sr. presidente da camara tem os olhos fechados, ou convém-lhe estas patifarias?

Tudo isto é uma verdadeira orgia, e se não ha providencias que ponham cobro a estes vergonhosos desmandos; se não ha quem tome contas a uma camara d'estas, seja ao menos a imprensa que a arraste pelos cabelos e a exponha no pelourinho da vergonha á indignação publica.

Devemos dizer, em abono da verdade, que a camara d'Alcobaça tem homens de probidade reconhecida, que não se curvam ás imposições auctoritarias de qualquer vagabundo, nem se deixam arrastar pelas suas parlengas velhacas.

O carnaval correu aqui com pouca animação. É uma velharia que vae desaparecendo, e restringindo-se ao agradável passatempo das reuniões familiares, e aos pingues jantares regados pelo de Torres.

Diz-se que vão ser transferidos, reciprocamente, os governadores civis de Leiria e Castello-Branco. Tramoias politicas de que teremos occasião de fallar.

Dizem-nos que o parcho de Famalicão ao annunciar á missa que se ia estabelecer n'um lugar da freguezia uma feira de gado, pedira para que a elle concorressem todas as bestas da terra, pois que elle tambem lá iria trocar o seu cão e a sua creada, *Si non é vero é bene trovato*.

Chegou ha dias vindo do Brazil o sr. Padre Cruz, sendo esperado por numerosos amigos que sabem apreciar devidamente as suas bellissimas qualidades.

Relativamente aos bacellos philoxerados, importados do Douro e que já tem sido objecto de discussões nas camaras, fallarei na proxima correspondencia, assim como de outros assumptos que precisam de ser conhecidos do publico.

(Do nosso correspondente)

A EVOLUÇÃO



Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

SEMÁRIO REPUBLICANO

E. DE HARTMANN, *Philosophie de l'Inconscient* t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, *Classification des sciences*, pag. 119.

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, *Cours de Philosophie positive*, t. 6. pag. 298.

N.º 15

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 6 DE MARÇO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

EXPEDIENTE

Prevenimos os srs. assignantes das provincias que ainda se acham em debito de que vamos proceder por meio do correio á cobrança das assignaturas de duas series de 15 n.ºs do nosso semanario.

O PARTIDO CLERICAL

O partido clerical tem dado ultimamente alguns signaes de vida. A formação de um centro legitimista em Lisboa e os protestos contra a celebração do centenário de Pombal fizeram de novo lembrar um partido, que a todos parecia esquecido para sempre.

Não nos iludamos, todavia, com estas manifestações: ellas são como o ultimo estertor do agonisante, como os extremos lampejos d'uma luz que se extingue. O clericalismo póde ainda conservar por algum tempo certas apparencias de vida, mas, na realidade, elle morreu, ha muito, vencido pelo moderno poder espirital que se chama — a sciencia.

Se em tempos que mais prosperos lhe corriam não o póde suster no lento mas constante declinar a penna genial do grande publicista Joseph de Maistre; se em todas as nações o espirito clerical foi arrancado das consciencias, onde se radicára, á custa de tanta lagrima e de tanto sangue, — como poderão agora em Portugal uns miseros pygmeus fazelo recobrar alento e chamal-o de novo á existencia?

Não o podem, de certo, por mais desesperados que sejam os seus esforços. A civilização moderna é incompativel com dogmas stultos: as doutrinas em que o clericalismo assentava o seu poder caíram perante a simples força da verdade.

O providencialismo da Igreja não encontra logar na serie ininterrupta dos factos, que se desdobra sem solução de continuidade. Todos os acontecimentos, insignificantes ou sublimes, são manifestações de forças preexistentes que se transformam ou accumulam; não ha saltos, não ha milagres nem na natureza nem na historia.

A Igreja falla-nos em apparições milagrosas; mas o historiador estuda os documentos, e dos factos que ella dá como certos não encontra o minimo vestigio.

A Igreja descreve-nos a ressurreição dos seus heroes; mas, como nota um escriptor distincto, nunca ninguem viu levantar-se um cadaver, ao contacto do escarpello, sobre a mesa d'um theatro anatomico.

A Igreja considera milagrosa a força de animo dos seus martyres; mas a

sciencia afirma, pela bocca de Mantegazza, que a impassibilidade d'um martyr no ultimo supplicio é apenas a equação de duas energias oppostas que equivalem a zero.

A Igreja apresenta-nos Jesus, filho de Deus, prégando aos homens uma religião imprevisita e nova; mas os orientalistas vão encontrar nas mais antigas civilizações os traços primordiales do que ha de mais puro n'essa religião, e Lepsius, traduzindo o *Ritual dos Mortos*, patenteia á humanidade muitos principios ditos do christianismo escriptos centenas de annos antes do apparecimento de Jesus.

A Igreja faz do homem um ente decaído, que viveu outr'ora, n'um eden legendario, no estado de absoluta felicidade; mas a sciencia demonstra que o homem é um ser eminentemente perfectivel, e que, em vez de se degradar, elevou-se do infimo grau da animalidade até ao esplendor da civilização moderna.

Como quer, pois, o partido clerical subordinar ás suas doutrinas o espirito d'um seculo que faz da sciencia o seu unico brazão?

O fanatismo é uma causa de decadencia, e Portugal é um bom exemplo d'esta affirmação. O fanatismo tem dividido o genero humano, causando os mais deshumanas de todas as guerras — as guerras religiosas.

As crengas divergem de povo para povo, de religião para religião. A sciencia é uma para todos os paizes. É sobre ella unicamente que se poderá fundar um regimen de prosperidade. São estas as aspirações da humanidade, que ha muito almeja por viver, sob o indiscutivel poder espirital da sciencia, na harmonia perduravel da paz e da verdade.

Na camara dos deputados tem-se tratado com calor da eleição de Mangualde.

Propuzeram-se dois candidatos o progressista, o sr. Francisco de Albuquerque, e outro governamental, o sr. Ponces de Carvalho.

Aconteceu que ao mesmo tempo se fizeram em Mangualde duas eleições: uma pelo recenseamento de 1881, pela qual sabiu eleito o candidato progressista, e outra pelo recenseamento de 1879, que indicou como deputado o candidato governamental.

Ora, mandando a lei fazer a eleição pelo ultimo recenseamento, parece concluir-se que o deputado legal é o progressista. Entendeu, porém, o contrario a honesta e perita comissão de verificação de poderes.

Era preciso excluir das camaras um deputado da opposição, a maioria precisava de mais um servo docil e obediente, era esse tambem o desejo d'um diplomata estrangeiro, e tanto bastou para que, calcando impudentemente a lei, fosse declarada nulla a eleição da opposição.

A comissão de verificação declarou nullo o recenseamento de 1881, deu por extraviado o de 1880 e approvou a eleição feita pelo de 1879. É simples, mas será legal?

Primeiramente a declaração da nullidade do recenseamento de 1881 não era da sua attribuição, como se deduz da lei eleitoral. Admittindo contudo que tal faculdade lhe pertence, a eleição teria de fazer-se pelo recenseamento de 1880.

Mas isso era ainda inconveniente, não fazia arranjo aos altos interesses governamentais e ao legitimo desejo do tal diplomata; por isso o administrador de Mangualde foi encarregado de forjar um documento para provar o extravio do recenseamento de 1880.

Querel-o o governo, ordenal-o ao seu delegado tão impudente como elle, e apparecer o documento com todas as exterioridades legais, o mesmo foi, que n'esta bella terra não ha nada impossivel para os partidos que se encontram no poder.

A 3 de agosto de 1881 o administrador de Mangualde, acompanhado de duas testemunhas auctorizadas e independentes, um escriptorio da fazenda e um feitor da companhia *Viação do Vouga* lavra um auto em que se reputa extraviado o recenseamento de 1880.

Ao lado d'este documento d'uma veracidade mais que duvidosa, apresenta a opposição tres documentos authenticos d'onde se prova que o juiz e delegado de Mangualde e os peritos por elles escolhidos viram e leram na secretaria da camara o recenseamento de 1880, nos dias 10, 15 e 19 de agosto de 1881, isto é semanas depois de o administrador declarar que tal recenseamento havia sido subtraído.

A estes factos verdadeiramente edificantes de moralidade e respeito pela lei accrescem outros.

Na sessão do dia 27 propoz o sr. Saraiva de Carvalho que se permittisse ao sr. Albuquerque defender a sua eleição. Esta proposta, fundamentada nos principios mais rudimentares do direito natural e do decoro, era clara e terminantemente auctorizada pelo regimento das camaras, que permite a qualquer deputado vir á camara, depois de constituida, defender a sua eleição, quando d'esta se proponha annullação.

Não obstante, 53 senhores deputados votaram contra a proposta. É torpe, mas não é extraordinario.

Ha mais. O sr. Marianno de Carvalho, na sessão de 28, adduz documentos authenticos que provam não ter havido eleição no cotelho de Nellas, sendo por consequencia falsas as actas que se apresentam, e propõe que se annulle a eleição.

Os dois contendores accordaram em que se não fizesse eleição em Nellas, estipulando os votos que cada um contaria para si.

Este acervo de illegalidades foi finalmente approvado para honra e gloria do parlamento portuguez na sessão de quarta feira.

É preciso ter os olhos muito fechados á verdade e á justiça para se approvarem actos de tal ordem.

Ainda assim alguns membros da maioria não tiveram coragem para sancionar este acto monstruoso.

Ora nós entendemos que quando no seio d'um regimen politico a lei é tão abertamente violada e a arbitrariedade assim impera, tal regimen está perto da sua dissolução.

Deixa de consultar-se o eleitor e dispõe-se soberanamente do seu voto!

Tolera-se a influencia e pressão d'um diplomata estrangeiro na constituição das camaras!

A soberania e a representação nacional, o que ha de mais augusto para os povos li-

vres, tornaram-se entre nós cousas irrisorias!

Por este caminhar não sei onde chegaremos.

As nossas Colonias

Se bem nos recordamos, em 1877 quando governador de Loanda Caetano d'Albuquerque o então consul inglez na provincia de Angola reclamava d'aquelle funcionario força e auctoridades para irem ao Zaire prender e instaurar um processo criminal a um subdito inglez.

Para alli marchou a canhoneira *Tamega* levando a bordo o juiz dr. Leitão, o delegado do procurador regio, etc. D'este pedido evidentemente se deduz por parte da Inglaterra o reconhecimento dos nossos direitos áquella região; assim o comprehendeu o governador Albuquerque, que presuroso satisfez os desejos do consul inglez. Desde então, durante o governo d'aquella prestante auctoridade cuja sabia administração ainda hoje apreciam os que residiram, e ainda hoje residem nas colonias, todos os mezes viamos no Zaire um navio de guerra portuguez, inquirindo das questões que poderia haver entre os brancos e indigenas, e isto muito concorreu para que estes relembassem o respeito que deviam a Portugal.

É pelos inglezes contestado o nosso direito, como já tivemos occasião de dizer, ao territorio comprehendido entre o Loge e a margem esquerda do Zaire; mas muito mais contestado é o territorio comprehendido entre a margem direita d'este rio e o rio Cacongo, e apesar d'isso o consul inglez reclamava do nosso governo a sua intervenção para castigar um subdito inglez residente na margem direita, em territorio, segundo elles, neutro, e aonde podiam ir procurar aquelle individuo e castigar-o segundo as suas leis. Não o fizeram, imploraram das auctoridades portuguezas esse favor; reconheceram pois o nosso direito. E o que fizeram os governos de então e os que se lhe succederam? nada, não se aproveitaram d'este bom ensejo para por uma vez terminarem a questão que existe entre Portugal e Inglaterra acerca dos nossos direitos a Cabinda e Malembó, isto é, ao territorio comprehendido entre a margem direita do Zaire e o rio Cacongo, e todavia a *já bem velha carta* diz pertencer-nos.

É que as leis entre nós só servem para se lèrem ou para serem interpretadas ao bel-prazer dos governos que continuamente se succedem, e desacreditam, não com o desejo de bem administrar, mas apenas com o fim de estarem em condições de bem se governarem.

Na occasião em que se deu o facto a que acima nos referimos, bem podia o governo deixar no Zaire auctoridades que continuassem a vigilância que lhe era pedida pelo governo inglez aos actos dos europeus alli estabelecidos, não se fez assim, nem se fará; porque os nossos governos longe de bem administrarem as colonias em que temos auctoridades reconhecidas, só pretendem alienal-as, meio mais facil de bem administrar segundo as theorias dos nossos estadistas.

Quando a Inglaterra procura por todos os meios estabelecer-se nas nossas possessões intrigando por todas as formas e feitos contra nós, aproveitando-se para isso da ignorancia e necessidades dos indigenas, os nossos go-

vernos não só lhe entregam aquellas a que já temos direitos incontestados, mas abandonam a sua voracidade aquellas a que temos direitos tão bons e valiosos, como tinhamos a Bolama e a Lourenço Marques.

A maior parte dos nossos governantes não conhecem as nossas colonias; por isso não as sabem administrar, d'ahi o fazerem como os fidalgos arruinados por má administração das suas casas, abandonam-as, deixam-as sem cultura, e não tardarão os matos maninhos a invadir-as, e elles em seguida a vendel-as até por fim se encontraram na miseria, fallando sempre dos seus primos da sua casa de tal e tal que já está nas mãos dos seus criados: nós, para gloria dos nossos estadistas, em breve estaremos no mesmo estado, se o povo não olhar pelo que lhe pertence: fallaremos em Vasco da Gama, Affonso d'Albuquerque, etc., e como a carta, também mencionaremos a conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India!

No entanto a nossa fiel aliada vai tirando o que pôde ao seu bonacheirão aliado, faz bem; porque bem conhece a gente que tem estado, está e talvez continue a estar á frente da governação, para nosso mal.

O ministro inglez não está em Lisboa! Grande desgraça!

Um jornal, representante do partido politico que se diz avançado—o progressista—estremece com esta ideia. Em vez de aconselhar o governo actual a que despreze a alliança ingleza que só nos tem sido sempre onerosa, a que procure outra mais vantajosa, que não nos faltaria do outro lado do Atlantico, serve-se da frieza das relações diplomaticas inglezas para comnosco como arma politica, para atacar o governo para que nossa desgraça ali está no poder.

Gostavamos de mais lealdade e dignidade nos partidos políticos que se degladiam não pelo interesse do paiz, mas pelo proprio, infelizmente.

AUGUSTO BARBIER

Falleceu, ha pouco tempo, mais este bravo lutador da pleiade romantica. Pertencendo á turba insurreccionada d'esses grandes artistas que aturdiram os ouvidos classicos com a musica estridente de estrophes sonoras de canticos d'amor, d'epopeias revolucionarias, de canções primorosas, Augusto Barbier tinha um lugar distincto nas fileiras dos denodados lutadores do novo ideal. Em seguida á revolução de julho enrista a lança adamantina de guerreiro da justiça social, e apparecem os *Iambes*.

Transcrevemos adiante um brilhante soneto da segunda parte—*Il Piauto*—do seu livro *Iambes et Poèmes*—a parte serena, calma d'esta magnifica obra, onde elle nos cristalisa em estrophes profundas e scintillantes, dando-lhes todo o relevo, os perfis dos grandes artistas italianos.

É Angelo com a grandeza athletica, imponente dos velhos prophetas, levantando os grandes poemas da forma, arrancando ao bloco inanimado a mais viva expressão do poder creador.

É Corregio dando ás physiomonias, com o seu toque ao mesmo tempo suave e profundo, este segredo—*a graça*.

É Raphael:

Ovale aux longs cheveux sur un long col monté

definindo com o seu eterno genio a belleza na sua comprehensão mais ideal e completa.

É Leonardo de Vinci—o grande poeta, o grande pintor da *Gioconda*.

É Leonardo de Vinci, cuja sublime natureza é, segundo o poema:

*Semblable à l'astre d'or, qui dans la route immense
Montant et s'abaissant toujours plein de puissance
Fertilise la terre en éclairant les cieux.*

Theophilo Gautier dedicou a A. Barbier algumas brilhantes phrases, como elle as sabia fazer, na sua *Histoire du romantisme*.

Quando a morte colhe um poeta como Barbier, sente-se nas regiões da arte um vacuo immenso, que só devemos tentar preencher lendo e relendo as suas obras, como uma compensação á perda do author.

LE CORRÈGE

Nourrice d'Allegri, Parme, cité chrétienne,
Sois fière de l'enfant que tes bras ont porté!
J'ai vu d'un œil d'amour la belle antiquité,
Rome en toute sa pompe et sa grandeur
païenne;

J'ai vu Pompé morte, et comme une Athénienne,
La pourpre encor flottant sur son lit déserté;
J'ai vu le dieu du jour rayonnant de beauté
Et tout humide encor de l'onde ionienne;

J'ai vu les plus beaux corps que l'art ait revêtus;
Mais rien n'est comparable aux timides vertus,
A la pudeur marchant sous sa robe de neige;

Rien ne vaut cette rose à la fraîche couleur
Qui secoua sa tige et sa divine odeur
Sur le front de ton fils, le suave Corrége.

CAMBIANTES

CONFIDENCIAS

Voltavam do passeio.

A tarde descaia serenamente, deixando umas pequenas nuvens vermelhas, rubras, de formas irregulares e esguias, sobre os pinheiros sombrios que limitam o horizonte pelo lado do occidente. Havia um resto do calor intenso d'um sol d'agosto, e uma atmosfera abafada, immovel. As plantas roubavam abundantemente a seiva á terra, e as flores, pendidas da sua haste, lançavam perfumes. Na extensa planície, via-se onde e onde uma pequena casa branca, cuja chaminé lançava uma columna azulada de fumo, que ia dissipar-se mais acima. Sentiam-se os cantos agudos das aves que atravessavam o espaço em largos vôos, e o zumbido dos insectos em volta das arvores.

O rio, como uma larga lamina de prata, perdia-se por entre os salgueiros, n'uma das suas innumeradas voltas, e a estrada marginal ia esconder-se além, n'uns pequenos montes escaldados e vermelhos, como uma enorme fita muito branca do pó.

As raparigas voltavam da fonte com os cantos á cabeça, todos enfeitados de hastes de trepadeiras e flores do campo, pousados sobre uma rodilha vermelha e preta. Soltavam gargalhadas jovias e batiam as palmas n'uma expansão d'alegria franca; ás vezes, uma d'ellas começava um canto em toadilha popular, e seguiam então unidas, entoando um unisono melancolico e suave.

Voltavam pela estrada, depois do passeio costumado sentindo-se fatigados. Andavam devagar, fallando baixo, e parando a meudo, enquanto contavam as partidas do seu tempo de seminario.

Aquellas faltas á reza, pela manhã, quando tocava a *matina*, apesar da austeridade do perfeito, um velho padre d'olhos, muito negro e trigueiro!

Que de saudades!

É sorvendo estrondosa e regaladamente uma pitada:

—Boas tempos!

E na aula de canto-chão! o que elle fazia ao padre-mestre, um santo, coitado!

De pé, deante da estante de pão preto, onde estava aberto o livro, o padre dava-lhe o tom n'um pequeno lamiré que tirava d'uma caixa escura, e elle cantava-lhe a canavarde! E apertava as mãos nas ilhargas, sobre a ampla batina, para se rir á vontade.

—No seu tempo não se fazia d'isto—dizia para o companheiro, um padre mais novo—agora já não ha rapazes.

—Tambem se divertiam muito, tornava o outro; ás noites, depois de tudo soegar, reuniam-se n'um quarto, e, á luz dos seus candieiros de lata, bebiam e fumavam.

Uma vez chegaram a jogar.

E contava as pequenas intrigas do corredor e as peripecias das horas de recreio.

—Tudo isso nada é para o que nós faziamos, dizia o mais velho. E partidas amorosas!?

E o padre assobiava, como se quizesse significar alguma cousa extraordinaria.

Começavam então as confidencias.

As fugas pelo claustro, pé ante pé, muito cosido á parede, sustando a respiração, até á porta. Ahí, *untava* a mão ao porteiro, o que o tornava d'um silencio absoluto.

Todos o julgavam a dormir, mas elle corria mundo....

Que noites!

E o outro olhando de soslaio para quem passava:

—Cautela, que o não ouçam.

E n'um tom de familiaridade, chegando-se muito, contou tambem uma que lhe acontecera no Alemtejo, quando estava cura n'uma aldeia.

Era uma senhora bonita, sua confessada. E pousando a mão no hombro do companheiro com um assomo de tristeza:

—Ai collega, tempo que não vólta!

O outro sorria sorvendo uma farta pitada. Passava então uma rapariga da fonte, toda esvelta e fresca.

—Boas noites.

—Quem é? perguntou o mais velho arregalando os olhos.

—E uma das minhas confessadas, respondeu o outro piscando maliciosamente o olho direito.

Mas de repente, tirando o barrete:

—Per signum crucis....

Soava a primeira badalada das Ave-Marias.

Entravam na cidade.

COIMBRA

FERNANDO COUSIN.

As duas sextilhas que abaixo transcrevemos são da traducção d'uma primorosa comedia de Coppé—*Le Passant*, que os nossos dois distinctos poetas A. Feijó e Luiz de Magalhães estão fazendo, traduzindo o titulo por:

Minuto d'Amor

Canção de Zenetto

Eis abril o mez do idyllio!

O Sol regressa do exilio,

cantam os melros farçolas,

e na manhã, pura e leve,

chovem os flocos de neve

das brancas pennas das rôlas...

Doce amada, segue a esteira

da borboleta ligeira

para commigo vir ter,

perdida n'um sonho vago,

sob as arvores do lago

onde as corças vão beber.

Instrução

O edificio escolar é hoje uma questão momentosa e importa vel-a de frente, sem rebucos nem contemporisações. Faz parte do vasto arsenal da pedagogia, d'essa arte que se incumbem de formar homens e cidadãos.

A casa escolar tem sido objecto nos últimos tempos de profundas discussões. Não ha decorrido ainda—longo espaço de tempo, que se travou renhida pugna a respeito d'uma das primordias condições a que deve satisfazer a casa d'aula, entre um distincto professor no *conservatoire des arts et metiers* e um director do *Laboratoire d'ophtalmologie* na Sorbonne.

Mas se n'um ou n'outro ponto ainda não ha regras fixas nem preceitos definidos, sobejam aquellas em grande numero de circumstancias, que á primeira vista parecem indifferentes e que são da mais subida importancia encarada pela physiologia, sciencia que vai dia a dia assumindo os foros de positiva, baseando as suas leis na observação e na experiencia.

Desde a escolha do local, destinado á edificação da escola até ao mais miudo, mais insignificante utensilio n'ella empregado, tudo requer sciencia e arte, tudo está sujeito a disposições fixas, a regras inquebrantaveis que muito importam á proficuidade do ensino, á manutenção da saúde dos infantes, ao seu subsequente desenvolvimento, ao vigor do homem, á conservação da sociedade.

Educar creanças é fazer sementeira de cidadãos; e a sociedade sem homens prestimosos e validos, de espirito esclarecido e braço robusto degenera, cõe, aniquila-se.

Isto é já agora axiomático. Nem Gregos nem Troianos procuram negal-o. As duas es-

colas que eternamente se debatem, dão as mãos n'este terreno, como se elle fóra campo neutral. Nos meios porém, no uso de tal axioma, nos fins para que tendem, é que surgem as intransigencias, é que se levantam as discordancias, é que a razão não pôde abraçar a ambas.

Muito ar, muita luz e regular temperatura são condições essenciaes n'uma casa d'aula. Mas é preciso que esse ar seja puro, apropriado ás necessidades da economia animal, mas é preciso que essa luz demande escola e escolares sob determinada conta e feição, que não seja excessiva, e incida de modo que não deforme e altere os orgãos da visão; mas é preciso que esta temperatura não seja fixa, immutavel, antes, á vontade e segundo as necessidades thermicas do ambiente, se modifique e adopte ás condições da vitalidade.

O arejamento e ventilação, a iluminação e gradação thermica, dependem da localidade do estabelecimento escolar. A sua exposição concorre poderosamente para a boa distribuição d'aquelles elementos de vida. Não basta porém que o sitio seja bem exposto, é urgente que seja são, que não fique nem em contacto, nem nas visinhanças d'um lugar insalubre, deletério, que nenhum obstaculo permanentemente embarrace a circulação do ar, nem restrinja o accesso da luz, nem impossibilite a penetração dos raios solares, que constituem os factores necessarios da sanbridade do edificio.

Pôde dizer-se, pois, que a casa escolar deve construir-se n'um local saudavel, que não deve construir-se senão ahí, e que toda a vigilancia é pouca n'este sentido.

Os materiaes empregados na construção devem ser dispostos de modo que possam constantemente conservar-se em bom estado. Embora a alvenaria, as madeiras e mais adjuntos sejam da melhor qualidade e isemptas de qualquer vício, desde que constituem paredes, tabiques, tectos, sobrados, etc etc., vão sendo infectionados pelos miasmas que resultam dos proprios actos da vida, pelos productos da respiração, pelos diferentes gazes e effluvios, que se desenvolvem no incessante exercicio da machina animal.

Ora os materiaes hão de ser mais cedo ou mais tarde impregnados d'esses corpos deletorios e tornar-se-hão por seu turno um poderoso elemento de infecção. É pois indispensavel escolher os materiaes que melhor resistam a semelhante infiltração e dispo-los de forma que mais seguramente obstem á penetração d'aquelles agentes infectantes.

Devem portanto escolher-se de preferencia os materiaes que pela sua textura mais apertada, mais densa, menos esponjosa, não permitam tão facil entrada aos miasmas, não deixando nunca de revestir as faces internas das paredes com substancias, susceptiveis de se amassarem sobre si mesmas e de se alisarem a ponto de reduzir todas as asperesas a que mais facilmente adherem os miasmas.

Madeiras duras e inductos densos são recursos efficazes e que não exigem grandes despesas.

Todas estas cautelosas disposições serão inuteis se não houver cuidado em prevenir a acção dos miasmas e a sua accumulção no interior da casa d'aula por meio d'um conveniente arejamento.

Comprehende-se bem que a frequencia escolar precisa de ser interrompida para dar occasião á entrada de frequentes e abundantes correntes d'ar, que não só atravessem toda a casa, mas ainda vão incidir sobre todas as superficies ambientes.

Para realizar este *desideratum* estabelecem-se sobre duas faces oppostas da aula largas aberturas, munidas de vidraças moveis.

Por via de regra, as casas escolares, fechadas ao terminar os trabalhos de um dia, abrem-se tão sómente no dia seguinte quando as creanças vão para logo invadir-as em massa. Todos os effluvios vitais ahí permanecem e successiva, gradual e diariamente sommiados, vão tornando insalubre aquellas casas.

Ao entrar-se n'ellas, como que se abafa, a respiração difficulta-se, a cabeça estonteia-se, a propria vista se perturba.

O habito, só o habito, deixa ahí perma-

necer; mas esse habito é adquirido á custa da saude dos innocentes alli abrigados durante 6 horas consecutivas.

(Continúa.)

NOTICIARIO

Fez acto de licenciado no dia 4.º o sr. dr. Luiz Pereira, formado em Philosophia, Mathematica e Medicina.

Propõe-se á faculdade de Medicina. S. ex.ª manifestou ainda d'esta vez quanto é verdadeira a alta reputação em que é tido o seu talento.

O partido regenerador vai em maré d'infelicidades. Chegou finalmente a governar porque os progressistas assim lo querem Talvez isto pareça extranho, mas nós sabemos de pessoa a quem prestamos inteiro credito, que o sr. Fontes estimaria bastante ser empurrado do poder por uma opposição vigorosa do partido progressista; mas este também quer por sua vez observar de palanque os tregeitos do povo a pagar impostos; lançados pelos regeneradores. Os progressistas, que cairam já no laço, fogem e não manifestam tendencias a cair pela segunda vez.

Tambem nos disseram que os progressistas estão decididamente resolvidos a constituir-se em dictadura e publicar para logo no *Diario* official as reformas politicas que ora promettem.

Se assim for, cremos que bem avisados andarão elles. Nós gostamos d'essa attitud, porque vemos n'ella conquistas de subido apreço em prol da democracia.

O partido constituinte continuará indefinidamente na expectativa, porque os regeneradores e progressistas entendem que a paratruha se assemelha á herca que se agarra de veras e suga o partido a que se for enlear. A corça tem tambem a seu respeito vagas desconfianças e lembra-se dos factos de 19 de maio e do papel politico que então representou o sr. Dias Ferreira. Tudo conspira contra a sua ascensão ao poder. Veremos o desfecho d'esta politica monarchica que attende principalmente ás suas conveniências.

Ha tempos que viamos construir-se no Gaes uma cocheira da Companhia do sr. Natividade. Fazia gosto ver como n'uma terra tão apathica e inimiga de empresas como Coimbra se levantava uma construção ao mesmo tempo dispendiosa e revelando um certo gosto.

Tivemos occasião de ver a ordem e limpeza com que tudo se achava disposto. Tinha-se acabado de montar um telephone entre a cocheira e o escriptorio da empresa.

Pois ha dias foram os fios cortados. Alguma vingança ou inveja de espirito forte...

Em Cubos, freguezia de Mangualde morreu uma mulher com 111 annos de idade.

Ha factos que honram sobremaneira quem os pratica. Entendemos que dar-lhes publicidade é um dever que se nos impõe.

Em Alcanena, concelho de Torrès Novas, o ex.º sr. José Luiz Machado acaba de realizar uma acção que muito o nobilita.

S. ex.ª affiançou um seu patricio n'uma quantia de mais de cem mil reis. O affiançado não pôde satisfazer o pagamento em occasião opportuna. Hoje que a sua situação financeira melhorou, sem todavia chegar a ser prospera, o affiançado quer pagar em pequenas prestações. Apresenta a primeira e recebe do fiador esta nobilissima resposta: «Guarde a prestação e peça quando quiser um recibo de saldo de contas.»

Registre-se e tanto basta.

Ha tempos espalhou-se um boato de que se achava doente o illustre republicano sr. Rodrigues de Freitas; tivemos o gosto de ver a noticia desmentida pouco depois.

Actualmente corre o mesmo boato. Ficamos nutrindo os mais ardentes desejos de ver em breve restabelecida a saude do nosso estimavel correligionario.

Segundo lemos na *Democracia*; á cadeira de litteratura grega e latina do curso superior de lettras concorrem os srs. Freitas e Costa, Santos Valente e Pinheiro Chagas.

O ultimo d'estes cavalheiros é a segunda vez que concorre a uma cadeira d'aquelle curso. A primeira vez concorreu á cadeira de litteratura moderna com os srs. Luciano Cordeiro e Theophilo Braga. Depois d'isto já tem feito, como socio da academia, parte do jury que examina os candidatos ás cadeiras d'aquelle estabelecimento de ensino.

O sr. Santos Valente é um latinista distincto, a quem se devem trabalhos litterarios do mais alto valor.

O sr. Freitas e Costa, medico e litterato dos mais apreciados, dotou as lettras portuguezas com essas *Filigranas* admiravelmente trabalhadas, em cujo numero encontramos a primorosa traducção do *Festim Romano*, de Petronio.

Vão brevemente começar os estudos do ramal do caminho de ferro da Beira que vai de Coimbra á Figueira.

Em Santarem realisoa ha pouco o jesuitismo uma façanha inaudita.

Um cidadão que havia casado civilmente, foi escommungado pelos padres, que pozeram uma povoação inteira em alarme, mandando tocar os sinos a rebato. Forçaram estes bons sacerdotes do altar o regedor a prender um homem que se casara á face das leis do seu paiz!

O commissario de policia quiz proceder contra este attentado monstruoso e foi detido pelo governador civil, que assim favorece a reacção. Não vai mal o sr. visconde d'Andaluz, que se mostra á verdadeira altura da gravidade das circumstancias. Esperamos do nosso dedicado correspondente minuciosas informações e faremos então os commentarios que o caso requer.

Podem desde já contar connosco o governador civil e reaccionarios do seminario de Santarem.

A companhia do Theatro Principe Real dará brevemente tres recitas no Theatro Academico, levando á scena a *Mascotte* e o *Pompon*. No Club já se acha aberta a assignatura.

Nos Estados Unidos, lado sud-oeste, encontra-se uma planta, vulgarmente chamada, — *Planta-bussola*.

As folhas d'esta planta têm a propriedade de se voltarem para o norte e servem de guia aos caçadores e outros habitantes dos campos que não possuem nem têm á sua disposição uma agulha magnetisada.

As duas estremidades marcam com a maior exactidão o norte e sul, emquanto que a parte superior e inferior, em vez de olharem a terra e o ceu, estão voltadas para este o este. O tronco atinge uma altura de 5 a 6 pés e sustenta grandes flores amarellas.

O nome scientifico d'esta curiosa planta é *Silphium baciniatum*.

Recebemos o numero 3, correspondente a março de 1882, do *Jornal de Horticultura Pratica*.

Traz, além d'outras gravuras e artigos de grande interesse scientifico, o retrato de Carlos Darwin, acompanhado de biographia escripta pelo lente d'esta universidade, o sr. Julio Henriques.

Está felizmente restabelecido da doença, de que ultimamente foi atacado, o sr. Horacio Ferrari.

Felicitemos do coração o nosso distincto amigo e collaborador.

Centenario do pintor Murillo—Prepara-se em Sevilha o projecto de commemoração do centenario de Murillo. Foi n'aquella cidade que nasceu o celebre pintor em 1617 e falleceu em 1682 resultado da queda d'um andaime, onde pintava para o altar-mór do convento dos Capuchinhos os Esponsaes de Santa Catharina. O projecto da festa propõe uma exposição de todas as telas de Murillo,

que se podessem obter, reunindo-se ao mesmo tempo diversos quadros dos mais importantes pintores modernos. Por ultimo, organizar-se-ha um concurso artistico.

A Associação dos funcionarios publicos elegu seu vice-presidente por uma grande maioria o nosso illustre correligionario, sr. José Elias Garcia.

Para presidente foi escolhido o sr. general Mello Breyner.

Em Lisboa tracta-se de realizar um grande comicio, destinado a pôr em luz os erros alvares das recentes medidas financeiras e levantar contra elles um forte protesto.

O comicio é tanto mais opportuno quanto é verdade que o governo pretende fazelos sancionar pelos mesmos processos que adoptou na approvação do tractado de commercio, etc.

As importações e exportações da Inglaterra em livros, gravuras, quadros, e outros objectos d'arte, atingiram, em 1876, os valores, indicados pelos algarismos que se seguem:

	Importações	Exportações
Livros.....	3.752:475	22.045:975
Gravuras.....	1.250:375	18.714:075
Quadros, desenhos e photographias....	13.739:025	7.548:725

Os livros e gravuras importados vem principalmente da França e da Alemanha; os quadros, desenhos e photographias são enviados pela França e Belgica. Os livros exportados dividem-se assim: — Australia, 8.353:400; India, 1.994:450; America do Norte (sem os Estados-Unidos), 4.702:570; America central e do Sul, 1.000:175; Estados-Unidos, 4.799:159; Europa e diversos, 4.496:250.

O tempo tem corrido com uma irregularidade extrema.

A momentos d'um bom sol de primavera succedem-se rijos aguaceiros, por vezes acompanhados de saraivada.

Os catholicos que tanto reprovaram as commemorações civicas chamadas centenarios, elles que tanto temeram que ellas substituissem as solemnidades religiosas, parece que já mudaram de opinião. Segundo lemos n'um jornal preparam-se para celebrar com toda a pompa o centenario de Santa Threza.

Diz o *Jornal da Noite*, n.º 3340:

«Quinteto de Cristal — Com esta denominação vai brevemente debutar uma sociedade composta de 5 dos nossos artistas, alguns dos quaes fizeram parte da *Sociedade d'Ocarinistas Portuguezes* que depois de se fazerem ouvir em 1876 aqui e em algumas das nossas cidades principaes, percorreram quasi toda a America do Sul n'uma viagem artistica de mais de um anno.

Este novo instrumento composto de 420 copos, comprehende uma extensão de mais de 4 oitavas com todos os intervallos chromaticos, e é dividido em 3 partes distinctas, sendo 2 sopranos, 1 tenor, 1 barytono e 1 baixo.

Os artistas que compõem esta sociedade são os srs. Julio Taborda, iniciador da ideia e inventor do instrumento, Carlos Wintermentel, J. Evangelista Neumayer, Alexandre Ferreira e Ferreira Braga.

Consta-nos ser muito agradável e completo o seu effeito geral. Desejamos portanto que os esforços d'estes dedicados cultores da mais bella das artes sejam coroados do melhor bom exito.»

Quanto a nós antecipamo-os em felicitar pela brilhante coroação de seus esforços arrojados os instituidores do *Quinteto de Cristal*.

Sophia, Bertina a nihilista russa que tanto deu que fallar e que fora condemnada a vinte annos de trabalhos forçados na Siberia, conseguiu evadir-se d'este paiz e chegou ha poucos dias a Genova.

Recebemos o 1.º numero da *Orgia*, por Gomes Leal. É um folheto de 97 paginas, nitidamente impresso. Trata com bastante espirito de alguns dos ultimos acontecimentos politicos.

Na assembleia nacional de França acaba de ser approvada a proposta de lei, pela qual é abolido o juramento religioso em toda a França. D'ora em diante a formula do juramento limita-se ao seguinte: «Prometto fazer justica e dizer a verdade».

O centenario de Fröbel — Reunio-se no dia 18 do mez passado a «Sociedade de Instrucção» do Porto para tractar da solemnisação do centenario do nascimento d'aquelle grande educador. Convocou para aquella reunião, os membros do conselho, professorado official e particular, directores dos collegios e membros da imprensa.

Depois de uma larga discussão que durou tres horas, e em que tomaram parte, entre outros cavalheiros os srs. Silva Albuquerque, Simões Lopes, Joaquim de Vasconcellos e Vieira de Castro sobre o programma a seguir, apurou-se em summa o seguinte:

Que se celebre uma sessão magna no dia anniversario de Fröbel, fazendo-se conferencias em que se exponha o methodo do grande pedagogo, e material de ensino; que se publique uma biographia com um retrato de Fröbel, biographia que será escripta pelo sr. Rodrigues de Freitas, que já accedeu ao convite que se lhe fez para isso; que essa biographia seja distribuida gratis, ou pelo preço minimo do custo, aos que concorrerem á solemnidade; que se mande uma saudação telegraphica á familia de Fröbel, no dia do centenario, e depois outra escripta ou impressa, bem como á escola de Friedland.

Resolveu-se tambem nomear uma commissão, para promover uma subscrição publica, com o fim de se fundar uma escola Fröbel e jardim da infancia n'esta cidade.

No dia 2 fez acto de licenciado o sr. Wenceslau Lima que se propõe á faculdade de Philosophia.

Prevenimos os nossos estimaveis collegas da *Galeria Republicana* de que não receberemos os seus dois numeros.

Tambem deixámos de receber o ultimo numero do *Contemporaneo*.

Deve brevemente sair á luz a primeira parte do poema *Antichristo*, pelo sr. Gomes Leal. Intitula-se a *Cidade do Mal*.

Na ultima eleição para os corpos gerentes da Associação dos jornalistas foram eleitos os seguintes srs:

Presidente o sr. Consiglieri Pedroso, vice-presidente o sr. Fernando Pedroso; secretarios os srs. major Brito Rebello e Laborde Barata; vice-secretarios os srs. Costa Goodolphim e Cunha e Sá; thesoureiro o sr. dr. Carvalho Monteiro.

No dia 4 cahiu um raio na igreja de Santo Antonio dos Olivares. A torre que alli se anda construindo foi poupada. Os estragos não são importantes, como se podia esperar.

Começaram a publicar-se em Lisboa mais tres jornaes o *Estandarte*, o *Espectro Republicano* e o *Malhete*. Os dois primeiros são republicanos e o terceiro é orgão da maçonaria.

Deu-se ha dias em Paris uma prova de dedicação sublime da parte dos alumnos da faculdade de medicina.

Na rua de Mont-Parnasse um carro esmagou as pernas de um transeunte. Foi immediatamente transportado para o hospital Cochin, onde lhe foi feita a amputação pelo sr. Th. Anger, que disse ser necessaria a immediata transfusão de sangue, em consequencia da hemorragia violenta de que o ferido fora atacado.

Em vista d'esta observação, logo o alumno, mr. Lassigne se offereceu ao medico, que dispoz os aparelhos e lhe tirou cerca de quinhentas grammas de sangue. Mr. Lassigne não tardou a sentir os symptomas da syncope, em vista do que um outro alumno, mr. Bataillard, se apresentou para fornecer o resto do sangue necessario.

Grças á dedicaçào d'estes dois rapazes, salvou-se uma vida.

Publicações recebidas

A «Canastilla Infantil». Summario — A primeira educaçào, por Emilia Real. — A Virgea (poesia), por Josepha Barrientos. — Uma recordaçào, por Josepha del Canto. — Lenda dos papagayos, de Raul de Najac. — Explicaçào das Gravuras. — Gravuras — La niña mendiga. — Palacio del Louvre. — Tres modelos de juguetes — Encage á crochet etc. uma gravura a côres.

Administraçào — Cité Trévise — 8 — Paris.

«Encyclopedia Republicana» — Paginas 49 a 80. Traz magníficos artigos por Theophilo Braga, Alberto Bastos, Annes Baganha, Xavier de Paiva, Reis Damaso, Teixeira Bastos e Arruda Furtado.

O 1.º n.º do «Henrico» Boletim da Sociedade Litteraria — Alexandre Herculano — Traz um retrato de pagina de Alexandre Herculano e magníficos artigos e poesia de Rozendo Carvalho, Alexandre Ruiz, Mac-Grégor, Julio Baptista, Marte de Anvers, Albino Caldeira, Fra-Diavolo, Augusto de Avellar Machado, Donesor liagra.

Cada numero de 8 paginas, custa 70 reis. Toda a correspondencia dirigida a Seabra dos Santos, Travessa do Santo Amaro, 35

O n.º 14 do «Commercio e Industria» folia illustrada com retratos e biographias. Este numero traz o retrato do sr. José Antonio d'Almeida Mourão, distincto industrial da Covilhã, cuja biographia é escripta pelo sr. Antonio de Menezes. Traz um artigo de Gomes da Silva e o artigo «excellencias do trabalho» transcripto da «Sciencia para todos».

O numero do *Journal de Agricultura e sciencias correlativas* correspondente a fevereiro. O summario é o seguinte:

Secção agricola: — O morangueiro. — Sobre a plantaçào da vinha. — Meios preventivos do peronospora viticola. — Nova maquina de limpar sementes. — Aperfeiçoamento nas maquinas aratorias. — As ampelopsis ou plantas semelhantes á vide. — Curiosidades: Correccào da acidez dos vinhos. Um meio de conservaçào das uvas. — Chronica agricola.

Secção de medicina veterinaria. — Ankyse. — Caracteres e aptidões das raças bovinas portuguezas: Raça algarvia. — Eccos veterinarios: Envenamentos de cavallos com pão bolorento. Febre amarella na especie bovina. Birra no ar no gado bovino. O tœnia meridioanellada no homem.

* Esta publicaçào assigna-se no Campo dos Martyres da Patria, 132, Porto.

Secção Pombalina

Na quinta feira reunião da commissào Pombalina no Club Academico.

A sub-commissào composta dos srs. Henriques da Silva, Leopoldo Mourão e Pedro Gaivão encarregada de estudar as propostas e de apresentar um parecer para servir de base ao programma, submetteu á discussào um relatório dos seus trabalhos que foi approvedo com pequenas alterações. Da acta da sessào extrahimos o seguinte: Fica assente: 1.º — que se realice uma sessào solemne anti-jesuítica em que tomarão parte todas as classes de Coimbra, e onde se apresentem as grandes reformas de Pombal e se proteste d'um modo solemne e vehemente, contra a indifferença dos governos superiores que não tem posto em execuçào as medidas por elle tomadas contra os jesuitas. 2.º — um sarrão litterario e musical no Theatro Academico. 3.º — que se mande fazer um retrato do marquez que se collocará no gabinete do

Club. 4.º — que se publique um jornal em numero unico no dia do centenario. 5.º — que se nomeie uma commissào composta de alumnos de todas as facultades para estudar um projecto de reforma dos estudos universitarios.

Ha mais alguns pontos que não mencionamos, visto que havemos de publicar na integra o programma que será posto á discussào e votaçào na proxima quinta feira.

Ficou composta dos srs. Antonio Centeno, Luiz de Magalhães, Antonio Feijó, Carlos Avila e Sebastião Peres, a commissào encarregada de redigir o programma.

A MORTE DE MEU IRMÃO

(2 DE MARÇO DE 1883)

Pobre Ramiro!!! 46 annos apenas... um rosario de perolas espalhadas, perdidas entre as vegetações d'um cemiterio!!! Uma lousa encobrindo uma aurora de esperanças... o sorriso esmorecendo n'uns labios rosados, frescos de mocidade e de seiva... um enigma bruscamente decifrado pela inconsciencia d'uma lei fatal... o horror, as lagrimas, o luto e a desolaçào succedendo ao meigo fulgor d'uma alvorada esplendida.

A tempestade, medonha, terrivel, liemal, toldou n'um instante o céu da tua existencia, limpido, sereno, recamado de estrellas, que irradiavam phosphorescencias, scintillações de luz e risos de creança....

Extranha aberraçào das leis que deviam regular a vida!! A campã aberta em seguida ao berço que mal cessou de ser embalado....

O tumulo é o berço da natureza; mas é um berço tetrico, fixo, immovel, que transuda liquidos decompostos em logar das lagrimas. Embala-o a noite com o ciciar das folhas dos cyprestes; os ventos e o piar sinistro das aves nocturnas substituem o canto suavissimo das mães....

Irmão e amigo, innocente victima da morte injusta, cruel, desapiadada, repousa ahí n'essa gelada mansão, que amanhã, depois, quando a saudede vier substituir a dôr que agora me inutilisa.... eu irei em piedosa romagem ao cemiterio colher os goivos que brotarem da tua campã; e no perfume que elles extharem aspirarei ainda o calor da tua juventude, a seiva purissima que te animava o corpo.

Lisboa 5 de Março de 1882.

Augusto Tacares.

ODEMIRA

Ao sr Vigagio Pro-Capltular de Beja

É hoje a segunda vez que nos dirigimos a v. ex.ª, para o fazer sabedor da ultima resoluçào que tomámos:

Que o praso estabelecido até 28 de fevereiro se alongasse por uns dias mais de março, aproveitando esta occasião para dizer a v. ex.ª, que o consideramos conivente nos abusos, que, em nosso juizo, tem commettido o seu subordinado, o prior da egreja de S. Salvador de Odemira, se não der uma manifestaçào de que se importa com o documento legal que lhe foi apresentado.

Além d'isso daremos ao publico uma prova do que dizemos, esclarecendo-o.

As leis ecclesiasticas ha muito apregoadas, que dispõem sobre o caso sujeito são: Const. do Arceb. de Lisboa L.º 3.º t. 3.º — Const. do Bisp. do Porto L.º 3.º t. 4.º — Const. do Bisp. do Algarve L.º 3.º Cap. 21.º — Dizem o seguinte: — «Os parochos, especialmente sem coadjutor, não pôdem ser advogados no fóro secular em causa secular, excepto em causas suas ou de seus parentes em gráu proximo, e dos seus prelados, assim como sendo a causa a bem dos pobres, orfãos, viuvãs e pessoas miseraveis, se o fizerem por caridade e sem salario.

Só pôdem responder de direito nos processos em suas casas.»

D'aqui se vê que, se se attender ás leis a que estão sujeitos os sacerdotes, este, não só não a cumpre, porque não tem advogado

em algum dos casos apresentados na lei, mas viola-a porque advoga nos casos exactamente contrarios, e violando a lei tem de ser punido, logo....

E, a pratica? vamos ver.

O sr. procurador está no tribunal defendendo um seu cliente; no meio do seu entusiasmo, n'um d'aquelles bellos discursos que nós lhe temos ouvido, apparece um seu freguez que necessita do sr. prior para socorrer com o santo viatico um doente, ou para baptisar uma creança, etc....

Pergunta-se: como pôde o sr. procurador e prior satisfazer immediatamente a estas duas obrigações?

O sr. procurador no exercicio do seu cargo foi fazer uma demarcaçào n'uma propriedade distante da villa, e succede que durante esse tempo, o sr. prior é chamado para ministrar a um seu freguez uma das muitas necessidades de christão.

Pergunta-se: não estando sua rev.ª em Odemira, e não tendo coadjutor como pôde desempenhar os seus ministerios? É perfeitamente impossivel responder a estas duas perguntas!

E, a rasão sabem qual é? Não se admite nas duas hypotheses estabelecidas a collisào; não podendo optar por uma, porque falta á outra obrigaçào, e havendo dois cargos *in carne una*, cujo desempho é immediato porque a lei assim o determina, conclue-se facilmente que este *heroe* falta as suas obrigações, abusa portanto.

O sr. Vigario Pro-Capltular tem sido informado de tudo isto, por algumas vezes, e até hoje ainda não deu uma satisfaçào condigna.

Pois sr. Vigario, affiançamos a v. ex.ª, que se a nossa queixa não for attendida em Beja, ha de ir ao Arcebispo de Evora e ao Nuncio de S. Santidade, e se ahí não for ainda attendida recorreremos aos tribunaes civis, pois que estes tomal-a-hão em conta e a sua obrigaçào ha de ser cumprida.

Corre aqui como certo, que a queixa enviada ao sr. Vigario foi entregue ao prior em questào.

Nós não a vimos, mas affirmaram-nos isto. Achavamos melhor, que a demissào lhe fosse antes entregue... era mais legal e... mesmo mais moral.

Ao sr. curador dos orphãos em Odemira

Chamamos a attençào de v. ex.ª para um facto que se deu no dia 21 de janeiro de 1882, quando v. ex.ª estava fóra da comarca, no gozo de licença.

Tractava-se da reforma da partilha no inventario de Custodio da Graça, do monte dos Pezos, aldeia de S. Luiz, e tomou conta d'este trabalho como procurador, o padre de que vimos de fallar.

A fortuna é pouco mais ou menos de 8.400\$000 réis, são quatro os herdeiros, tres orphãos e madrasta.

A esta pertence-lhe a sexta parte da herança, sendo apenas 7.000\$000 réis divididos pelos orphãos. Ora o sr. procurador que tomou conta da causa d'estes, gratificou-se com a bagatella de 90\$000 réis, o que nos parece um abuso e grande. Temos presente um documento legal que o proprio sr. procurador assignou.

Pôde ser que nós nos enganemos no nosso juizo, em todo o caso em virtude do art. 221 do Cod. civil cumpre ao sr. curador «ser ouvido em tudo que diga respeito aos direitos e interesses dos menores» e por isso informe-se v. ex.ª e esclareça este facto fazendo resaltar a verdade, para não haver duvidas de reputações.

Odemira, de 1882.

(Continúa.)

(Do nosso correpondente)

Santarem

A *Evolução* é aqui verdadeiramente apreciada, porque sabe tratar os altos problemas politicos á luz d'uma critica imparcial e fina e emprega uma linguagem que honra e nobilita a imprensa.

Não pretendo adular nem lisongear a *Evolução*, mas não posso deixar de saudar esses rapazes d'uma consciencia illibada, de uma honestidade incontestavel e de prin-

cipios rasgadamente democraticos que são a alma e o sustentaculo de tão distincta folha periodica.

— Dado este cavaco, que eu de ha muito trazia arranjado no espirito, passo a dizer-lhe d'esta cidade o que me parece digno de ser publicado.

— N'uma correspondencia de Santarem, dada a lume na *Evolução*, fazia-se a analyse dos homens que geralmente se suppõem de maior importancia politica n'este circulo. Quem quer que escreveu a correspondencia, a que alludo, conhecia mais ou menos a vida intima da politica d'esta terra, mas nem todas as suas apreciações se me afiguram rigorosamente exactas.

Quando na citada correspondencia se fallava do grande valor politico do sr. Mello, eu disse de mim para mim:

Estas palavras eram verdadeiras se fossem referidas a uma epoca que vae distante em que o sr. Mello valeu muito. Hoje é diminuto o seu poderio e elle proprio tem a consciencia da sua fraqueza, buscando alianças, ora com os progressistas, ora com os regeneradores. O sr. Mello perdeu em Alcanede um influente eleitoral que valia e vale 400 votos. Perdeu em Alcanhões um pharmaceutico, seu amigo dedicado, que, nas occasiões difficeis, levava aos eleitores as suas receitas e conseguia em troca uma somma consideravel de listas que fazem deputados e cararas municipaes. Perdeu, no Malhou, Sebastião Leite, que representava 100 votos seguros, que ninguem lhe roubava.

Nesta cidade perdeu João de Almeida, homem que sabia ser amigo. A influencia do sr. Mello em Almoester está destruida pelos influentes do ex-deputado pelo Cartaxo. Ora, em vista d'estas considerações, que ninguem poderá contestar, eu sou d'avisio que o sr. Mello não pôde hoje ser considerado ao par dos srs. Pedroso e visconde d'Andaluz.

Quem merece as honras de primeiro tentado politico em Santarem (circulo) é um homem, de quem nada se falla e que quasi ninguem vê envolvido nas grandes questões. Esse homem chama-se — Joaquim Miranda.

— Pelo que respeita ás diabruras do sr. Mello para com o chefe do partido progressista n'esta cidade, dr. Napoles, são ellas de tal modo repugnantes que enjoam; mas é certo tambem que ellas não beliscam sequer o honrado caracter do sr. dr. Napoles.

Essas recrimidações biliosas assemelham-se ás balas que a soldadesca atirava ás pyramides do Egypto, que recuavam sem magoar o alvo e vinham cravar-se nos atiradores inconscientes e estupidos.

— Produziu aqui notavel impressào a noticia explicativa da eleiçào á Junta Geral do dr. Pedroso pela Barquinha. Para mim foi uma surpresa, confesso-o. Eu sei que um sujeito das relações intimas do dr. Pedroso quiz manifestar que o correspondente não era exacto n'aquelle sentido. Eu julgo-me auctorisado a confirmar a veracidade da noticia, porque soube que a essas negociações assistiram dois cavalheiros que muito préso. Um d'elles foi deputado progressista pelo circulo de que a Barquinha faz parte o outro é aqui muito conhecido, comquanto viva actualmente em Lisboa. — Quem pensar e reflectir um pouco extranha com razào que a Barquinha, onde predominam os progressistas, elegeisse procurador um cavalheiro da opposiçào!!!!

Não temos a presumpçào da profecia; mas não é difficil prever a aliança politica do sr. Pedroso com o illustrado chefe do partido progressista d'esta cidade.

Podem objectar-me que o sr. Pedroso é constituinte e portanto é difficil a junção politica com a Granja.

Respondo que os constituintes estão e estarão longe do poder; que estar eternamente na opposiçào, distante, muito distante do poder, traz consigo um desespero surdo, que asfixia e aniquila. — Ora o sr. dr. Pedroso, como habilissimo medico, conhece perfeitamente o estado do partido constituinte e sabe applicar-lhe o medicamento apropriado.

— Despeço-me até á proxima semana, se os meus bons amigos o permitirem.

(Do nosso correpondente)



A EVOLUÇÃO

SEMANARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pode deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 17

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Cada serie de 15 numeros 300 reis.

COIMBRA, 20 DE MARÇO DE 1882

PUBLICAÇÕES
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Couraça dos Apostolos, n.º 29.

ANNO 1.º

O COMICIO

Está fazendo um anno que o paiz inteiro se levantava n'um extraordinario e energico movimento de patriotismo contra uma infamia governamental, o tratado de Lourenço Marques.

E esta memoravel agitação, tão gloriosa como qualquer das suas datas historicas, tinha recebido o impulso fecundo do partido republicano.

É uma pagina de brilho na historia d'este partido esse grito de alarma pela integridade nacional, esse appello supremo ás consciencias honestas na vespera de um grande desastre.

Por toda a parte encontrou elle um echo sympathico, e o paiz pôde ainda repellar a vergonha que lhe queriam infligir.

Actualmente o partido republicano, seguindo as suas tradições honradas, aponta á reprovação do paiz as ultimas medidas do ministro da fazenda.

Em evidente opposição com os dados da sciencia financeira, e importando a flagrante injustiça de incidirem especialmente sobre as classes menos providas, que são as mais numerosas e aquellas precisamente que se tornam mais dignas de favor, não podiam deixar de encontrar em nós a opposição que merecem.

Não nos move o pensamento ignobil de lisongear os interesses de certas ou certas classes, em detrimento de outras, que por ventura nos sejam menos afieçadas, nem tão pouco somos levados por meros intuitos proselyticos.

É sim a comprehensão do estado lastimavel em que vemos as finanças, e a importancia superior d'esta questão fundamental, que não poderá ser resolvida sómente pelos expedientes gastos, e irrealisaveis por ventura, que o sr. Fontes apresentou ha pouco; mas por um largo systema de reformas em todos os ramos da administração financeira, sob o ponto vista de uma repartição mais equitativa e de bem entendidas economias.

São estas igualmente as aspirações do paiz mas vemos que não são as da maioria parlamentar.

Que fazer, pois, quando o governo com a sua maioria compacta e subservente, sahida do sophisma e da corrupção do suffragio se mostra em claro antagonismo com a legitima vontade nacional?

O expediente que actualmente pôde produzir resultados mais convenientes é sem contestação a realisação de grandes comicios.

N'estas reuniões pacificas e imponentes, conquistas preciosas da democracia, a soberania nacional afirma-se de uma maneira eloquente; o povo vae ouvir da bocca dos seus tribunos mais queridos as

palavras de cordura e dignidade que devem servir-lhe de norma na consecução das suas justas aspirações.

Foi inspirada n'estas ideias que a illustrada redacção do *Seculo* promoveu e realisono dia 12, com a coadjuvação da imprensa republicana da capital, um comicio extraordinariamente concorrido, destinado a discutir as propostas de fazenda.

É sabido o que então se passou: mais de 4000 cidadãos teriam assistido ao comicio, se o edificio para elle destinado os tivesse podido conter; os srs. Theophilo Braga, Magalhães Lima, Manuel d'Arriaga, Silva Lisboa, Augusto de Figueiredo, Gomes da Silva, Reis e Sousa, Agostinho da Silva e Jacintho Nunes demonstraram o estado cahotico da nossa administração financeira, a necessidade de reformas e economias etc. etc.

Nomeou-se uma comissão composta dos srs. Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga, Jacintho Nunes, Silva Lisboa e Magalhães Lima, afim de elaborarem uma representação ao parlamento, que já foi entregue.

N'essa representação, digna e elevadamente concebida, expõe-se a opinião contraria ás propostas do ministro da fazenda e termina-se invocando o patriotismo da camara que exige a sua rejeição.

O grande numero de assignaturas que cobriram a representação e as unanimes e calorosas manifestações de adhesão com que o auditorio recebia as palavras dos oradores mostram quanto é profunda a contrariedade que as propostas encontram no povo de Lisboa.

Mas não é só na capital que a opposição se manifesta; vae-se declarando com intensidade em quasi todos pontos do paiz, como testemunham o grande numero de telegrammas de adhesão enviados ao *Seculo* os recentes acontecimentos de Braga, onde o commercio fechou os estabelecimentos, e os projectados comicios em varios centros de commercio e industria.

Folgamos de ver a nobre attitude do partido republicano; como se vão desenvolvendo os habitos de cordura, em nada incompativeis com a dignidade e direito de reacção contra quaesquer erradas medidas governamentais.

Só assim poderá destruir-se o velho preconceito que definia democracia como synonymo de anarchia e rapina, no qual naufragaram á sombra esterilizadora do paço, talentos privilegiados como o de A. Herculano.

Discurso pronunciado na camara electiva em 15 de febreiro pelo deputado republicano, o sr. José Elias Garcia.

E, se me é permitido n'este momento, agradecerei, porque me esqueceu ha pouco

quando me referia ao sr. Palmeirim, agradecei, digo, as expressões com que s. ex.ª recordou o nome d'um homem que se sentava n'estas cadeiras, que foi meu companheiro, cujas qualidades sempre respeitei e admirei, e que tão cedo desapareceu do mundo.

Não posso, pela commoção que sinto, prestar a verdadeira homenagem áquelle bello e admiravel character, (*Muitos apoiados*) tão bello e admiravel como o de Antonio Alves Martins, de quem não tenho senão que recordar-me dos momentos em que encontrei, da sua parte, as maiores provas de amizade e deferencia, provas de confiança nas confidencias que era capaz de ter, como sabem os que trataram com elle.

Differentes medidas são apontadas na resposta ao discurso da corôa, umas que se referem á instrucção publica, outras ao exercito; e, ao mesmo tempo, allude-se ao tratado de commercio com a França, ácerca do qual o illustre deputado, o sr. Palmeirim, entendeu não ser mais competente para falar do que eu.

Nada direi ácerca das propostas sobre instrucção publica. Reservo-me para as examinar quando o governo as trouxer á camara; e por esta occasião confesso que senti muito que o sr. ministro do reino, quando ha dias apresentou uma proposta de lei ácerca de instrucção, não aproveitasse o ensejo de assignalar d'uma maneira mais larga e mais ampla as suas aspirações, que são nobres, ácerca da instrucção primaria. Da secundaria esperaremos, mas da instrucção superior e da instrucção especial ainda se não disse uma unica palavra.

Vem tambem indicada no projecto de resposta a reforma do exercito, mas afigura-se-me que o sr. ministro da guerra poderia dar-nos a noticia de que effectuaria uma reforma que é a mais essencial, a instituição do serviço obrigatorio, sem o qual não haverá nunca perfeita igualdade, sem o qual não pôde haver no nosso exercito aquelle espirito patriotico que é indispensavel a todos os povos.

Sinto, pois, que não esteja mencionado este principio, que é absolutamente necessario para o exercito.

Não sei se ainda virá esta reforma, mas lamento que ao menos não se tivesse consignado este principio.

Ha outro esquecimento notavel n'este projecto, que é o registo civil, (*Apoiados*) que n'um dos ultimos ministerios regeneradores s. ex.ª trouxeram ao parlamento, e de que parece terem-se esquecido agora.

O registo civil é uma necessidade absoluta reconhecida ha muitos annos, cada vez mais reclamada pelo povo, e que attendida encontrará o applauso de todos os espiritos liberaes.

Não quero cansar a camara com o exame especial d'estas medidas, porque mais tarde nós teremos occasião de apreciar-as, se por ventura ellas forem reduzidas a projectos: porque muitas vezes vemos indicadas no discurso da corôa umas certas medidas e, se mais tarde formos percorrer os archivos parlamentares, veremos que não foram cumpridas essas indicações.

Com relação ao tratado de commercio com a França occorre-me fazer uma observação ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Sabe v. ex.ª, e sabe a camara, o que se passou na sessão secreta; não o sabe o publico, nem o referirei.

Sabem v. ex.ª, a camara e o publico que o tratado foi approved n'esta casa.

Não se disse ainda aqui, mas tem-se refe-

rido d'uma maneira tão authentica, que me parece se não pôde duvidar de que novas negociações se vão entabolar, para que o tratado seja modificado.

Mal me parece que a camara diga que examinou e approvou o tratado, quando antes de ser ratificado, ha de ser modificado.

Parecia-me melhor que se não dissesse isto.

Pedia ao illustre relator da resposta ao discurso da corôa que se dignasse redigir este trecho da resposta de modo que se não dissesse que tinhamos approved d'uma maneira para depois approvar de outra. Parecia-me isto conveniente.

O sr. Manuel d'Assumpção: — É a verdade.

O orador: — Não direi n'este caso que nem todas as verdades se dizem; mas ao menos é costume para nós, nas cousas intimas que nos entristecem, ainda mesmo que sejam verdadeiras, não as revelar.

Com respeito ao tratado de commercio, por haver novas negociações, e ter o tratado de voltar aqui novamente, chegará o ensejo de melhor estudar as reclamações dos industriaes, e ao mesmo tempo será melhor estudado e considerado o inquerito a que se procedeu, podendo-se então decidir com mais acerto, porque poderão todos com mais conhecimento de causa fallar sobre este assumpto.

Agradecendo a extrema benevolencia do meu illustre amigo o sr. Luiz Augusto Palmeirim, que me apontou como sendo eu o que represento aqui melhor as industrias d'esta terra, as classes operarias, as classes trabalhadoras, peço licença para lhe dizer que considero todos os deputados como representantes do povo, (*Apoiados*) porque em não supponho que possa haver, sem industrias e sem trabalho, quaesquer governos ou quaesquer camaras. (*Apoiados*.)

Tres pontos foram aqui principalmente considerados com respeito á feição politica que caracteriza este governo.

Um d'esses pontos é a organização ministerial que se deu no intervallo da sessão parlamentar.

Outro ponto é o uso feito pelo governo, na ausencia das côrtes, de funções legislativas.

O terceiro ponto, que define perfeita e completamente a situação, e que a define até ao ponto de assignalar na maioria uma divergencia, é o relativo ás reformas politicas.

Poucas palavras direi sobre estes pontos, porque não quero de forma alguma cançar a attenção da camara.

(Continua.)

Litteratura

As *Meridionaes* do sr. Marcellino Mesquita são um estimavel trabalho.

Não tem uns grandes rasgos d'originalidade; é o que se chama um livro facil, que não traduz grandes locubrações, mas que não tem por este facto menos valor. A facilidade com que os versos correm é uma das characteristics d'este auctor agradavel. Não ha na junção das palavras, na construcção dos versos estas asperezas, estas dissonancias, esta falta de melodia que se dá com alguns, que, não tendo a musica e a suavidade da forma, antes merecem ser appellados de versejadores do que depoetas, nome este que cabe aos faceis, aos espontaneos.

Ha mesmo n'algumas passagens do livro uns laivos de ironia temperada de graça infantil como na seguinte:

Não mexas ahí Luiz
Que a mamã não quer, vê lá.
Ora... a mamã não tem querer,
Quem te disse isso?

O papá.

Transcreveremos no proximo numero a poesia — *Nini* —.
Não gostamos muito da seguinte estrophe d'esta poesia:

Os seus olhos innocentes
São azues; mas d'um azul
Assim da côr do luar;
Um pouco mais carregado,
Assim um azul esverdeado
Como que azul verde-mar.

Isto não é facil; tem este defeito que deve sempre evitar-se: deixa conhecer que são precisas palavras pouco proprias para encher.

Em compensação a ultima estrophe da *Nini* é um primor, é um mimo de colorido fresco...

Damos um aperto da mão ao nosso estimavel collega junctamente com uns sinceros parabens.

S. G.

PRECE

Na tua bella face
Como o carmin se tece!
Quizera ouvir-te a prece
Que o labio murmurasse...

Se em ondas se alastrasse
O sol, que ora esmaece,
No Azul, quando entardece,
E o Azul se afogueasse,

Tão cheia de meiguice
Não sei... talvez não fosse
A côr que então surgisse...

Meu Deus! Como ella trouxe
Auréola tão doce
Ao meu viver supplice!

LUIZ OSORIO.

CAMBIANTES

IDYLLIO

O dia terminava.
Havia uma claridade pallida do pôr do sol, formando grandes sombras muito escuras, e uma larga fita vermelha era como que o remate do azul celeste por sobre o oceano.

Uma tenue neblina ia cobrindo os valles, e ao longe, muito longe, como um pequenissimo brilhante perdido, apparecia um ponto luminoso—uma estrella. Os passaros chilreavam em torno das arvores, saltavam de ramo em ramo, davam pequenas corridas pela atmosphera, e vinham pousar no ninho piando meigamente para os filhos ainda implumes.

Sentia-se em baixo o cantar das lavadeiras, acompanhado pelo barulho monotonico do rio, e pelas pancadas da roupa sobre as pedras de lavar, umas largas pedras gastas e muito brancas do sabão.

Pela encosta, n'um estreito carreiro que desce o monte aos zigs-zags cercado de silvas e choupos, vinha mansamente um rebanho; algumas ovelhas, na frente, traziam presas ao pescoço grandes campainhas escuras pelo tempo, guiando as outras que as seguiam muito unidas, trazendo atraz de si os filhos a saltar e a comer as folhas das trepadeiras, que saiam por entre as silvas.

Um enorme cão branco, felpudo, seguia vagarosamente o rebanho, olhando-o com um mixto de amizade e interesse, ou como se quisesse ver se faltava alguma ovelha; ás vezes, depois d'uma pequena corrida, parava adiante á espera do dono, agitando a cauda em signal de contentamento.

O pastor, um rapaz novo, ainda imberbe, era trigueiro, de fartos cabellos pretos despendeados, cobertos por um chapéu grosseiro; trazia o fato roto, com remendos em algumas partes, e umas grossas botas com grandes pregos, todas brancas do pó; levava

uma comprida vara sobre o hombro, segura por uma das pontas com a mão esquerda, e na outra mão uma flôr do monte, de largas petalas azues.

A encosta terminava por uma pequena ponte tosca, feita de taboas lançadas de margem á margem com encostos de páu, uns troncos de pinheiros pequenos ainda com a casca.

Em seguida o caminho continuava limitado por uns muros de verdura; aqui uma flôr de trepadeira, além uma madre-silva, parece que espreitavam por entre os outros vegetaes, lançando os seus aromas aos que passavam. As vezes, onde e onde, via-se, por sobre a espessura das silvas, a larga flôr branca do sabugueiro, ou a espalhada folha da figueira, suspensa d'um braço esguio e torto.

Depois havia um pequeno largo cheio de sovereiros altos, sombrios, de grandes ramos quasi sem folhas; ao lado, uma pequena fonte, cavada n'uma pedra escura, com um cano de madeira, fazia um leve barulho monotonico; e em frente uma casa de apparencia simples.

Era uma casa muito branca, rodeada de flôres e arvoredos, tendo apenas uma porta e duas janellas, n'uma das quaes estava encostada uma pequena aldeã. Tinha os olhos vivos, azues, os cabellos louros desordenadamente caídos pelas costas sobre um grande lenço vermelho, que vinha crusar-se no peito, deixando á mostra um alvo collo bem feito.

Espreitava ansiosa por entre as arvores para o caminho, com uma grande insistencia, como se quizesse vencer o crepusculo. Depois o rosto animou-se-lhe ao ver o branco mastim felpudo, e tirou do seio um botão de rosa d'um vermelho desmaiado.

O pastor chegava ao pé da janella, sorrindo, abrindo os labios para lhe fallar, mas ella pozera o pequeno dedo sobre a bocca, como se lhe dissesse que o ouviam lá dentro.

Estendeu o braço, deu-lhe o botão de rosa ainda quente do calor do peito, e elle entregou-lhe a larga flôr azul, como um grande calix em que lhe desse a alma.

A fonte continuava na sua monotonia; sentiam-se por cima os ultimos gorgueios das avesinhas, como um doce acalentar aos seus pequenos filhos.

O pastor continuava, e ao fim do largo, ao virar, ao esconder-se por entre os atos choupos do caminho, voltou-se para traz e lançou á rapariga loura um grande olhar eloquente no seu silencio.

Ouvia-se muito ao longe o côro das lavadeiras n'uma toadilha popular.

Coimbra

FERNANDO COUSIN.

A doutrina dos jesuitas

Tractando-se actualmente da celebração do centenario do marquez de Pombal, d'esse homem que curvou com mão potente a cerviz d'uma seita odiosa, que pertendia arrojadamente absorver a sciencia e as instituições, alguns retrogradados têm tentado impedir esta manifestação solemne d'um povo que paga uma divida contrahida ha um seculo.

Embora as dissensões partidarias obstem a que se preste opportunamente a homenagem devida ao genio, não podem contudo calar a opinião dos seus admiradores; e esta opinião, latente durante um certo periodo, irrompe triumphante manifestando-se brilhantemente pela glorificação do heroe.

A Inveja matou Camões á fome; o odio, estupidamente beato, tirou das mãos de Sebastião de Carvalho o leme que elle só governava com mão firme.

Chegou porém o dia da justiça. A consciencia do dever começou por affugentar as sombras que queriam empanar-lhe o brilho.

Apenas alguns sectarios do estacionamento intellectual saíram dos cantos escuros do edificio, onde este homem derramara tanta luz, para com as vestes negras absorverem os raios do seu nome glorioso; mas enganaram-se.

Estas grandes manifestações reveladoras d'um adeantamento nas instituições do povo, vão necessariamente de encontro aos que negam o progresso e especulam nas trevas com a ignorancia da plebe.

E, como bem disse n'este jornal o sr.

Paula Nogueira—o jesuitismo bradou ás armas, achando echo em alguns alumnos da Universidade—.

Este facto é lastimoso, comtudo não nos espantou; pois veio o golpe feril-os mesmo na occasião em que a seita jesuitica tenta instalar-se em Portugal, d'onde tinha sido expulsa por aquelle cuja memoria vamos recordar ao povo.

Sucedeu-lhe o mesmo que ao Judeu Errante. De toda a parte expulsa, e de todos os lados a voz—anda, anda...

Por isso, como dissemos, não nos admirou que elles gritassem ás armas.

O que nós não sabemos explicar é como alguns theologos d'esta Universidade defendem os jesuitas e ao mesmo tempo se dizem—catholicos, apostolicos, romanos—.

E o motivo d'esta ignorancia é porque, percorrendo diversos pontos da doutrina e moral jesuitica, achamos tal opposição á doutrina e moral christã e por tantas vezes foi aquella condemnada pela igreja, que nós nos admiramos como ha gente que se diga jesuita e ao mesmo tempo catholica.

E senão vejamos. Os Donatistas, Novacianos, Luciferianos e Priscillianistas foram condemnados por toda a igreja como schismaticos por terem querido constituir uma seita á parte separada do resto da igreja; e comtudo os jesuitas fizeram o mesmo.

Pois nas suas constituições ordenam elles—que se algum dos seus se apartar do sentimento commum da igreja, deve n'este caso estar pela difinição da Sociedade.

Por isto bem se vê, que, para os jesuitas, acima do sentimento da igreja estão as decisões da sua seita.

Para que prégam então o primado de S. Pedro?

No capitulo geral congregado pelos jesuitas no anno 18 da sua fundação, em 1558, Diogo Lainas, corrupto geral da sociedade, mandou publicar um decreto no qual se ordenava aos seus *subditos* que se fizesse uma *summa* de theologia que parecesse mais accommodada aos tempos.

Luiz de Molina foi o primeiro que em Lisboa no anno de 1588 imprimiu o seu livro—*Da Concordia da Graça e do livre Arbitrio*.

N'este livro Luiz de Molina expoz principios inteiramente oppostos á doutrina de S. Agostinho sobre a vida e moral christã.

Era tal a doutrina de Molina exarada n'este livro que os quatro Bispos francezes, de Mont-pellier, Senez, Mirepoix e Bolonha, na memoria publicada em 1716, disseram:

—O livro de Molina é a triste epocha em que foi atacada tanto a paz da igreja como a sua antiga doutrina.

Pois este auctor, apartando-se dos seguros caminhos da escriptura e da tradição, não poz reparo algum em publicar um *systema* segundo o qual pôde o homem sem escrupulo repartir entre si e Deus a gloria da sua salvação; e gloriar-se da cooperação do seu livre arbitrio e da graça.

A doutrina de Molina foi seguida por quasi toda a Sociedade soffrendo alterações cada vez mais offensivas á doutrina e moral christã.

Dizem os discipulos de Molina—que o livre arbitrio do homem é que como soberano dispõe da divina graça.

Emquanto que S. Agostinho diz que o homem depende da graça de Deus não só para poder obrar o bem, mas tambem para que effectivamente o execute.

De maneira que, segundo este padre, o merecimento do homem é um effecto da graça que não só nos ajuda para obrarmos meritoriamente; mas que a mesma graça constitue um merecimento.

E os discipulos de Molina ensinam que, embora a graça nos ajude a obrar bem, comtudo não é esta que determina o procedimento do homem; mas que este é que segundo o livre arbitrio dirige bem ou mal as suas acções.

Se o homem chega a vencer a tentação então é que vem a graça a auxiliá-lo; ao passo que S. Paulo ensina que a graça é anterior a esta deliberação.

Este systema fez com que a moral fosse tão laxa que, referidos os seus effectos na

† Lib. de gratia et Libero Arbitrio, Cap. XIX e XV.

assembleia geral do clero francez em 1655, os Prelados taparam os ouvidos.

E a igreja pela bocca de Innocencio XI e Alexandre XII condemnou-a em 2 de março de 1679 e 24 de outubro de 1686.

Este systema é essencialmente o mesmo que o dos probabilistas; pois estes igualmente medem a obrigação do homem pelas suas forças, quando entregue a si mesmo.

Continuaremos a analysar a doutrina jesuitica demonstrando a sua opposição com a christã.

Coimbra, 16—3—82.

A. R. NOGUEIRA.

Boa Esperança.

Se promettes descer por momentos o teu olhar celeste á miseria do mundo por que transitamos, pela minha parte serei breve.

N'um dia da penultima semana, dois alumnos da *Escola Moderna* foram confessar-se e, em seguida, commungaram. Momentos depois, o sachristão encontrou no pavimento da igreja as duas particulas que o prior havia collocado nas linguas respectivas.

Este facto, que não somos levados a apresentar pelo merito da noticia—espalhada por todas as folhas—, originou diferentes explicações. Dizem uns que a expectoração é signal de tosse; outros ha, que, com grande força de razões, pretendem taxá-la de heretica.

Sem vislumbre de mordaz ironia, entendo ser interessantissima esta questão. E, para te fallar francamente, doce *Esperança*, sinto-me inclinado, por sympathia talvez, para o grupo que diz—terem os 2 confessados expectorado por heresia. E a viva attracção, de que me sinto dominado pelo teu modo de resolver o problema, não me parece difficil de explicar.

Dizem os outros, os visionarios, os utopistas—o que faz não estar na graça do Senhor!—que o caso «particula-fôra» se deve attribuir a uma constipação e a mais causas não menos nebulosas e intrincadas. Ora na verdade está saltando aos olhos que aquelles infelizes mancebos, animados pelo *espírito máu*, presas d'uma idéa diabolica, foram arrastados na corrente do seculo, que nada respeita,—o malvado. E que admira, se eu proprio já ouvi duvidar da pureza de teus artigos—idéias velhas e aguas modernas? se os impios sublinham com sorrisos menos orthodoxos a tua profissão de fé, a beatitude tuas *columnas*, a unção de tuas palavras, que muito é que arrastassem com o seu exemplo pobres victimas inexperientes, que nem tinham para salvaguarda um expositor de tuas doutrinas, que ignoravam talvez a tua existencia?

Isto quanto á explicação do caso; n'este ponto cumpre-me reconhecer-te lealmente grande vantagem sobre os teus adversarios. No que me parece que não adiantas nada é no *tractamento*. Estou contigo, no diagnostico; discordo, no recetuario.

E verdade que elles, no seu desvairamento, nem sequer aconselham um xarope; mas tu, tambem, o que fazes? convidas os catholicos, que afinal não têm culpa nenhuma, a reunirem-se no templo e lá dizes o que elles hão de fazer.

Ora eu que te conheço, meiga *Esperança*, não hesito em acreditar no resultado que poderás obter. Horrorisarem-se os paes de familia com os erros infiltrados pelo maldito liberalismo, e, assim, correrem ao templo é certamente magnifico; pela minha parte, fico maravilhado. Simplesmente me parece que ha um ligeiro equivoco: applicar o remedio a todos, exceptuando os dois individuos, atacados de heresia ou de tosse.

Creio bem que, se os teus contrarios não me tivessem reservado a gloria de indicar o xarope, se elles se tivessem já lembrado, não te offereciam, nem a mim uma colherzinha de peitoral; mas unicamente aos citados alumnos da referida escola.

E é o mais natural; agora, pretender que um remedio qualquer—pastilhas ou catechese—influa em individuos que nunca o experimentaram é levar a originalidade até á facecia, é fazel-a perigar em absurdo.

Cabindo em ti, reflecte, velha amiga, reflecte um pouquinho—uma vez não faz mal—e dize-me, em tua consciencia, se ainda avanças a mesma opinião.

Caso que sim, só me resta felicitar-te pela preciosidade de teu engenho.

Admirador fervoroso
BIBINET.

Instrução

Outra condição indispensável é que a casa d'aula seja propícia ao trabalho. Cumpre attender a variadas circumstancias que n'este sentido se produzem.—Trata-se de alcançar com ellas o aproveitamento do trabalho, do grande motor, do maximo capital, sem deterioração da maquina que alli está, não só a funcionar já, mas a montar-se ainda, creando-se e desenvolvendo-se para futuras produções de força viva.—Trata-se de alcançar que o infante esteja muito á mão do mestre, que nada o distraia ou affaste do trabalho para que elle emprega a maior somma d'applicação; n'uma palavra, que a creança se entregue momentaneamente ao estudo.

Aqui vem, pois, a proposta a questão da abertura da aula, da commodidade dos assentos, da boa disposição das carteiras, da extensão da superficie da casa, da capacidade da mesma, da sua temperatura excessiva, quer alta quer baixa, da quantidade de luz, insufficiente ou aggressiva.

—Está hoje reconhecido por quantos pensam seriamente sobre estes assumptos que assim como ha uma architectura com as suas regras especiaes, de igual modo ha architectura escolar. Só falta realisá-la, põ-la em acção, executá-la.

—Ainda hoje, em bastantes casas d'aula, mormente nas freguezias ruraes, não é raro ver a caduca mesa rectangular e as creanças defrontando-se nos dois maiores lados do rectangulo, recebendo uns a luz de frente e outros como que attestando a sua indifferença por aquelle com as costas voltadas para o tenue feixe de raios solares, que alli conseguem ainda penetrar.

Em regra, estas casas são frias e humidas no inverno e não possuem meio algum de abrandar os rigores de tal temperatura.

—No estio é ahí intoleravel o calor e a falta de meios de ventilação, a ausencia de janellas, abertas em duas faces oppostas, tornam insupportavel a residencia alli, por diminutissimo tempo que seja.

Mas, referidas as condições que se nos asseguram essenciaes em relação á hygiene da escola, diga-se ainda do modo pratico como se constituem taes condições productivas.

—As melhores instituições, as leis mais sabias, tornam-se estereis, se na execução lhes falta a sciencia d'applicação. Assim a escola-modelo tornar-se-ha inutil, a boa localisação e os melhores meios de ventilação serão frustrados, se no regimen escolar não forem seguidas as regras que a philosophia assentou como fundamentaes.

E não são d'hoje algumas d'ellas, têm curso e pratica longa nos paizes mais adiantados; e na Allemanha sobretudo deram de ha muito já a sua prova real.—Não apontamos a Allemanha só por obedecer cegamente ao dominio da moda, que parece determinar hoje que em tudo e por tudo se cite aquella nação.

E que a sciencia não tem patria e não se melindra o amor proprio, indo busca-la onde se ostenta riquissima de ensinamentos uteis.

Demais a hygiene pedagogica foi creada por esse distincto medico allemão que os seus contemporaneos denominaram o Nestor dos medicos da Allemanha. Foi elle quem concorreu mais do que qualquer outro para que a educação physica entrasse nos dominios da medicina. Para conseguir esta transformação radical nos habitos até então seguidos, o distincto medico tornou-se philosopho e com os seus vastos conhecimentos de physiologia edificou sobre uma base sólida a verdadeira pedagogia. Hoje cuida-se pouco da hygiene, ordinariamente sacrificada á ambição, e quem sabe que homens dão á sociedade essas creanças debeis, estioladas, escrofulosas, definhadas, nervosas já gastas antes da lucta e que nas escolas foram obrigadas a fazer tudo, excepto o que é preciso fazer para serem sans, robustas e vigorosas.

Mas, voltando a falar da pureza d'ar que é mister existir na casa d'aula, dissemos o que nos pareceu conveniente da ventilação, que não é possível fazer-se com o systema adoptado.

—As horas d'aula, cinco ou seis, sem interrupção, constituem um vicio que não é bastante repellir nem condemnar, pois que é forçoso banir e sem delongas.

Acima d'uns certos interesses menos justos está a saúde d'esses innocentes que alli estão encarcerados, em viciosas attitudes, em prolongadas tensões do espirito, em continuada immobilidade durante seis horas ininterruptas de cada dia.

Clamam os melhores pedagogistas que na escola elemental as occupações devem ser attractivas, variadas e alternadas de modo que nem o espirito se enfade, nem o corpo se moleste ou vicia. Não obstante obrigam-se os infantes a 6 horas d'aula sem uma pausa, sem um intervalo de recreio ao ar livre!!

—E' inutil objectar-se que as creanças não trabalham durante esse tempo, porque o facto é que alli se conservam n'um estado de immobilidade e de inacção, de todo o ponto nocivas á sua saúde.

Em França cuida-se da instrução e aprecia-se em mais subida conta a saúde dos infantes, como é facil de verificar n'uma circular que ha pouco tempo se publicou, não julgando rebaixar-se o ministro quando vem regular este assumpto e uniformisá-lo em toda a França.—Quando alli se mandavam interromper por meio da recreação os exercicios physicos, porque se achava demasiado o trabalho consecutivo de 3 horas, nós retrocedemos em tal materia, permitindo a junção de 6 horas de trabalho!!! Nos regulamentos d'este ensino em França prescreve-se que depois de 2 horas d'estudo deve haver descanço de 10 a 15 minutos.—Um repouso de 10 a 15 minutos, diz o ministro francez a quem nos referimos, é indispensavel ás creanças, porque o movimento é uma necessidade, porque é impossivel, apesar da diversidade dos exercicios escolares, conservar-lhes a attenção desperta durante horas.

Um medico da Suissa já demonstrou que os discipulos das escolas de Bâle e Zurich, tendo um recreio d'alguns minutos apoz cada hora de trabalho, são tão docéis, senão mais do que os que não vivem n'este prudente regimen.—Na propria Suissa, onde o ensino primario reclama os maximos cuidados, tambem se adopta, como na Inglaterra, o systema do Half-Time.

(Continua.)

DITOS E PHRASES

Entre um fidalgo e um financeiro:

—Devo dizer-lhe que sou um homem de qualidade.

—E eu um homem de quantidade, repliça o financeiro.

—Qual é o cumulo da precaução?

—Travar um dialogo.

Fazer crer aos outros que somos apenas mediocrementes finos é ter dado um grande passo de finura.

Um dito de Voltaire.

Quando Rousseau lhe leu a *Ode á posteridade*, obteve por unica resposta:

—Eis uma carta que não chega ao seu destino.

Dois irmãos, nada espirituosos, frequentavam os salões de certa dama.

Perguntando-se qual lhe parecia preferivel, respondeu:

—Quando converso com um, prefiro o outro.

Talleyrand, sahindo do conselho de ministros, encontra um indiscreto, que lhe pergunta o que se passou no conselho.

—Passaram-se 4 horas, respondeu tranquillamente o diplomata.

Calino está noticiarista.

Ahi vai um documento:

«Sahi para Lisboa o governador civil d'este districto, ficando a substituí-lo o respectivo substituto.»

Authentico.

O casamento apreciado por um amator de vinhos:

—Cazar é fazer de 2 vinhos bons uma mistura ruim.

NOTICIARIO

Saudamos, com enthusimo sincero e verdadeira sympathia, os promotores da festa brilhantissima, que para Guimarães é duplamente honrosa. Queremos referir-nos á *Sociedade Martins Sarmento*, que no dia 9 de março inaugurou solemnemente o periodo da sua existencia.

Realisar uma ideia tão proficua como a do ensino e honrar-se, ao mesmo tempo, glorificando com publicas homenagens o seu filho mais dilecto, um dos mais celebres investigadores da sciencia, é comprehender nobre e dignamente o papel que modernamente está confiado aos homens de valia superior.

E Martins Sarmento merece a consagração que acaba de receber. Quem, como elle, foi o Mecenas da nossa archeologia—na feliz expressão de Consiglieri Pedroso—, quem, como Martin Sarmento, cultiva a sciencia de modo tão distincto é credor de ver o seu nome ligado a um estabelecimento scientifico.

E tarde para descrevermos a festa. Diremos apenas que a camara municipal reuniu em sessão extraordinaria, annuindo ao pedido que recebera do sr. dr. José da Cunha Sampaio, presidente da nova sociedade. Aberta a sessão pelo sr. dr. Motta Prego, pediu a palavra o sr. Cunha Sampaio que historiou rapidamente os trabalhos preparatorios da sociedade, agradeceu o poderoso auxilio que de todos havia recebido para effectivar o seu projecto.

Depois do sr. presidente da camara haver realçado as vantagens que podem auferir-se da nova instituição, fallou novamente o sr. Cunha Sampaio, dirigindo-se aos professores e alumnos presentes, que certamente recordarão suas palavras de affectuoso conselho.—Teve logar em seguida a distribuição dos premios—livros, em cuja capa se lia, impresso a ouro, o seguinte:—*Premio—Sociedade Martins Sarmento—1882.*

Enumerar os fins da sociedade é fazer o seu elogio. São elles: «1.º tributar homenagem aos merecimentos scientificos do grande archeologo, eminente litterato e prestimoso cidadão, a quem as letras e a patria devem muito, o ex.^{mo} sr. dr. Francisco Martins de Moraes Sarmento; 2.º—procurar desenvolver a instrução no conselho de Guimarães, intercedendo com os poderes publicos e municipaes para nos serem facultados os estabelecimentos necessarios ao seu deramamento, e galardoar, por meio de premio, os alumnos e professores que mais se distinguirem no adiantamento d'ella»

A noite, recita. Graças á vocação de notaveis amadores e á intelligente actividade do sr. Barão de Pombeiro, que recitou—*A Mosca*, de Fernando Caldeira, o espectáculo que se compunha, mais, do drama *O Anjo Maria* correu maravilhosamente e os sympathicos mancebos, a quem fora confiado o desempenho, foram alvo de gratas expansões—flores, poesias etc.

Seja-nos permitido reunir á estrondosa ovação d'aquella noite, ao electrico frenesi d'aquella enthusiasmo a cor realidade de nossos parabens, pela maneira, como correram as festas, e pela justiça que traduzem a um trabalhador infatigavel e benemerito. Viva Guimarães.

Viva a *Sociedade Martins Sarmento.*

O governo actual continua a perseguição aos republicanos começada pelo seu antecessor.

Foi querellada a *Folha do Povo* e ainda um artigo ainda do supprimito *Trinta*.

Á *Orgia*, do sr. Gomes Leal, acontecen o mesmo.

O sr. Magalhães Lima e o sr. dr. João Rodrigues dos Santos foram presos no Club Fernandes Thomaz.

Isto assim vai bem e o que desejamos é que continue.

O sr. Fontes faz questão ministerial se as camaras recusarem approvar as suas estuendas medidas financeiras.

S. ex.^a bem sabe quanto é docil e submissa a maioria que fabricou, mas não pôde roubar-se a estas exhibições de um supremo ridiculo.

Poupem-se as burras aos capitalistas mas arranquem-se os magros ceitis que talvez ainda existem nas algibeiras dos que não são mimosos da fortuna. Que importa isso ao olympico sr. Fontes, se o povo é um sumarento limão? Contae, srs. monarchicos, com a justiça popular que se approxima e que não cede a imposições algumas, venham donde vierem.

Grassa com bastante intensidade o sarampo no concelho de Torres Novas. Abundam em Santarem as bronchites e pneumonias.

Communicam a este jornal que no concelho da Figueira da Foz ha professores d'instrução primaria que não receberam ainda os ordenados de janeiro e fevereiro, bem como *esperam* ha 9 mezes pelas gratificações que a lei lhes garante.

A camara devêra ser mais sollicita no cumprimento das suas obrigações e o sr. ministro do reino não tem vagar para attender a estes abusos, porque os syndicantes, sim os syndicantes, trazem-no envolvido em profundas cogitações.

Falaremos n'este sentido mais d'espaco.

Saiu o segundo fasciculo de philosophia racional que o sr. Pedro Monteiro, distincto professor do lyceu central de Lisboa, anda publicando. As suas doutrinas estão em harmonia com as indicações dos programmas officiaes do ensino secundario.

Não consta que estejam ultimados os programmas para os concursos dos professores dos lyceus.

Já era tempo. Naturalmente estão em incubação demorada, mas hão de sair obra prima. Coisas da nossa instrução que tão franca sollicitude merece aos partidos da monarchia, que nos regem.

Mais cuidado, meus senhores.

No concelho de Coruche frequentaram regularmente as aulas de ensino primario em 1880 a 1881—185 varões e 51 meninas. Ficaram promptos no fim do anno 12 alumnos, sendo 4 approvedos em exame de admissão aos lyceus.

Matricularam-se no corrente anno lectivo no lyceu de Santarem 46 alumnos. As disciplinas de legislação civil e latim, 2.^a parte, não são frequentadas.

Temos em nosso poder uma correspondencia da Ribeira de Santarem, a que hoje não podemos dar publicidade. Sairá n'outro numero.

Um jornal regenerador não acha bonito que, ao analysar as medidas de fazenda, se falle nos 1000 contos gastos com a vinda do rei de Hespanha.

Extranhar-se que um paiz que tem um deficit de 2000 contos gaste 1000 sem necessidade alguma é facto realmente extraordinario. Mas um facto mais estupendo ainda é o de um vate, que em seu trovar maldizia reis e padres, defender hoje padres, reis e... o sr. Fontes.

Falleceu em Loulé o pae do nosso excelente amigo dr. Joaquim de Sousa Leal. Sentimos.

Fundou-se ha pouco em Vienna um importante estabelecimento industrial denominado *Qistoria Vinnense*, cujo fim é proporcionar aos seus habitantes leite e seus productos em perfeito estado de pureza. Leva o leite a casa dos consumidores; recebe diariamente 6000 litros de varios pontos da Austria.

O sr. João de Deus vai brevemente publicar um livro de poesias intitulado *Despedidas do Verão*. É editado pela casa Bertrand.

Falleceu no Algarve o sr. Joaquim João Judice. Completára em 1881 o curso da Escola do exercito, tendo sido despachado alferes havia poucos mezes.

Lastimamos do coração a perda d'este pobre amigo, tão digno de melhor sorte.

Brinde do Diario de Noticias. É collaborado pelo apreciados escriptores nacionaes M. Pina, Theophilo Braga, Fialho d'Almeida, Gervasio Lobato, Pinheiro Chagas e Eduardo Coelho. Se nos é permitido especialisar, notaremos o precioso trabalho, que Fialho d'Almeida inscreve «*Roubo*». É um estudo magnifico.

Na Pesqueira organisou-se uma commissão succursal da que ha tempos existe na Régua e que tão louvaveis esforços tem revelado, no patriótico fim de aliviar o estado lastimoso em que se encontram os viticultores do Douro.

Secção Bombalina

Não tivemos conhecimento da carta, que nos foi dirigida pela commissão publica de Coimbra, a tempo de a podermos publicar neste numero.

Fal-o-hemos no seguinte, acompanhando-a das reflexões que julgamos convenientes.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos: O *Estudo*, novo jornal, nitidamente impresso e que revela magnificas intenções. — Desajamos-lhe longa vida, e o aperfecionamento de que se mostra susceptível.

A Coimbra Medica — Sumario — A. Rocha — A *Revista de Medicina Dosimetrica* — J. Nazareth — A *variola em Coimbra* — Manuel Aguedo — A *tisana do Zittmann em Fato* — F. A. Rodrigues de Gusmão — *Rasgo sublime de humanidade* — *Honrosa prioridade* — *Coincidencia notavel* — *Medicos Gotosos* — *Revista de jornaes* — Eugenio A. N. Eliseu — *Hospitales da Universidade de Coimbra* — Fernando de Mello — *Hospicio de Coimbra* — *Miscellanea*.

Os numeros 5 e 6 do Pero-Gallego — Sumario do ultimo numero é o seguinte: *Recomendações d'hygiene* — L. d'Oliveira — *Bibliographia* — D. Tarroso — *Philosophia da existencia* — Pereira Freitas — *Atravez d'Espanha y Portugal* — Rocha Paris — *Lisonjas* (poesia) — M. Barreiros — *Pelo Minho* — Dehelnireau — *Primores* (poesia) — Alberto Cruz — *Vingens* — Viriato Silva — *Historia* — Reis Lemos — *No parlatorio*.

Noticias de Odemira

Ao ensetarmos um dia esta lucta contra um padre que tão mal interpreta os seus deveres, nunca pensámos no original caminho que tomaria, nem nos procedimentos injustos que se revelariam.

É para lastimar o exemplo, que o ex.^{mo} vigario pro-capitular de Beja nos acaba de dar, de como sabe cumprir o elevado cargo que exerce.

Se um dia, sr. vigario, um seu subordinado se insurgir contra os seus mandados por uma falta commettida, não lhe achará razão em lhe recordar elle a justiça com que costuma proceder? É no seu silencio, não se verá a condemnação do procedimento de v. ex.^a, pois que é humidade demasiada para um superior?!

Éra inadmissivel para nós a hypothese d'uma censura a um acto de v. ex.^a, que demais se fundava na lei e n'um exemplo frisante a todos os que estão sob sua alçada. Enganamo-nos, porém, e hoje resta-nos proseguirmos no nosso intento, batendo a outras portas, e deixando bem gravado aqui o desacato que se faz á lei e á moralidade!

A nossa questão ao presente, nem é do sr. prior ser procurador, ou do sr. procurador ser prior. É a illegalidade e incompatibilidade d'estes dois cargos n'um só individuo, e o seu exercicio regular impossivel Ou seja prior só, ou só procurador, é o que queremos.

Quando ha pouco ainda o sr. prior dizia que por um capricho preferia a procuradoria á Igreja, não chegava a comprehendêr que o nosso vehemente desejo, é que seja uma só individualidade; e mais pouco nos importa, havemos de cantar victoria, fique certo...

Mas... ainda nos queremos importar, sim, porque n'essa preferencia, mostra bem os cuidados e desvelos que a sua posição e destino lhe merecem, e ao publico a verdade das nossas affirmações, a que outr'ora o sr. prior chamava *mentiras... calumnias...*

O tempo, para que nós appellámos então, deu o seu *verdictum*; e hoje ninguem dirá que eram falsas as nossas asserções, como verdadeiras as suas.

A conclusão ultima, a que havemos de chegar em seu tempo, é que o reverendo, nem devia ser prior, nem procurador, mas cavar batatas na terra dos *prétinhos d'Ingola*.

Prosequiremos.

Odemira, 1882.

(Do nosso correspondente)

Alcobaça, 8 de março

Tem aqui produzido certa impressão as minhas humides correspondencias e isto pela simples razão de não estarem n'esta terra costumados a ver censurar na imprensa os actos illegaes e arbitrarios que impudicamente se praticam a cada momento, sem que um protesto energico se levante contra aquelles que não sabem ou não querem saber cumprir os seus deveres.

Admiram-se por ver que um habitante d'Alcobaça ousa arrancar a mascara do rosto dos que a exploram em beneficio proprio, e apresenta em toda a sua nudez hedionda aquelles individuos que tem unicamente em vista, não a prosperidade da terra, que adoptaram, mas um fim puramente egoista e interesseiro. É preciso que os habitantes d'Alcobaça comprehendam que não tem necessidade de directores estranhos; que devem abandonar a tutela degradante a que alguns se tem submettido; é preciso que reconheçam que os seus verdadeiros interesses dependem da sua união e boa vontade, e não da cega adhesão aos caprichos de quem procura humilha-los e se ri d'essa humilhação.

Vamos continuar com a missão a que nos propuzemos.

Ha tempo foi transferido d'aquí o escrivão de fazenda, Lino José Ferreira da Costa.

A causa da sua transferencia foi aquelle empregado querer cumprir a lei.

Vendeu-se uma propriedade por 5:000\$ reis, como um dos proprios vendedores confessou.

O comprador foi pagara contribuição do registro, declarando tel-a comprado por 2:500\$000 reis.

O escrivão de fazenda, tendo conhecimento da fraude, mandou avaliar a propriedade. O louvado por parte da fazenda publica avaliou-a em 4:500\$000 reis, e o da parte em 2:500\$000 reis.

Havia portanto necessidade de um louvado desempatante, mas este guardou o processo de avaliação, e até hoje nada mais se fez.

O escrivão de fazenda foi tranferido e a fazenda publica prejudicada. Justiça de mouro, está claro. Parece-nos que o ministerio publico e o sr. ministro da fazenda nenhum mal fariam tomando conhecimento do facto.

A este respeito só isto, por agora.

O rubicundo empregado da camara lamentou-se com ares beatificos de o havermos accusado.

Pois, para provar a sua innocencia, contamos a historia por meudos. Muito antes da fuga do amanuense, declarou o dito rubicundo a varias pessoas que aquelle mandava pedir aos taberneiros dinheiros e generos, promettendo pagar por elles o imposto do cacifo que não pagava, recebendo sempre o seu presuntio, a sua pinga e outras coisas appetitosas com que regalava o *beatius venter*.

Constou que a camara reunira em sessão

secreta por este motivo; que reconhecera a veracidade do facto, mas, como convinha ao illustre presidente que o amanuense exemplar continuasse, a camara emudeceu!

O rubicundo que até alli era inimigo do amanuense, tornou-se seu amigo, depois que lhe constou que este possuia um documento que o poderia fazer viajar até ás costas africanas. *Similes cum similibus congregantur*.

Veremos agora se o beatifico rubicundo ainda se lamenta.

—Relativamente á transferencia do sr. governador civil de Leiria, diz-se que a causa pela qual o transferem, é não querer s. ex.^a transigir com os politiqueros das diversas localidades, relativamente ao livramento de rapazes apurados para o serviço militar, e a outras pretensões de igual moralidade.

—As obras da torre do mosteiro, arruinada ha tempo por uma farsca electrica, vão continuando regularmente. No pateo estão-se aparelhando as cantarias que devem ser collocadas na torre do norte que, segundo a arrematação, tem de ficar concluida em maio. A cupula do lado sul está concluida.

—No dia 4 foram as auctoridades judicias d'aquí, proceder a um exame em Henrique Cronford Rodrigues, de S. Martinho, que ha tempo perdeu a razão.

—A chuva caiu aqui em abundancia e os campos promettem colheita favoravel, se o tempo continuar a correr-lhes bem.

—Está bastante doente o sr. padre João Correia, que tem exercido as funções de vigario da vara.

Foi ha dias sacramentado, receando-se bastante pela sua vida.

As suas melhoras é o que intimante desejamos.

—Os bacellos phylloxerados importados do Douro e que estavam plantados, havia mezes, sem que a auctoridade administrativa solicitasse o seu exame, já foram mandados arrancar e queimar por ordem do sr. inspector da phylloxera.

(Do nosso correspondente)

Alcanena

Permittam os intelligentes redactores da *Evolução* que um assignante certo peça a publicação das seguintes palavras.

—Reunem-se todas as noites no escriptorio do amigo João de Deus uns patricios meus, homens d'idade avancada, dotados dos melhores sentimentos, e discutem invariavelmente as coisas commerciaes d'esta terra, as questões agricolas, as vantagens ou inconveniencias do tempo, quando vai humido ou de estiagem. Quando o sr. João de Deus, homem que os membros d'este *Club* respeitam e consultam, manifesta qualquer indicio do encerramento da sessão, convergem, como que por encanto, as attentões geraes para a politica. João de Deus addia e suspende immediatamente o acabamento do amigavel cavaco.

—Então é que é ver fervilhar as pitadas, discutem-se à *vol d'oiseau* as mais finas qualidades de rapé e quasi sempre vence n'este pleito um rapaz sympathico, bem vestido que em regra apparece, quando os trabalhos vão concluir. O cavalheiro, a que me refiro, chama-se João Luiz Machado.

Hei de descrever cada um de per si e creio que todos nos hão de permittir essa liberdade, porque não ha que censurar; antes teremos occasião de elogiar.

O que desde já fazemos é pedir ao sr. Ramos que não deixe ficar de pé algumas accusações que por ventura se façam ao partido liberal, de que é um defensor acerrimo.

É provavel que começemos pelo dono da casa, mostrando o papel que elle alli representa, não obstante a opposição violenta que durante as sessões lhe faz o socio effectivo d'aquelle club—o amigo e mano João Goxo.

Tencionamos tambem apreciar o club proximo que mais ou menos significa uma reacção, uma dissidencia. N'este prevalecem os dilectos do voltarete e manilha; no outro predominam as grossas pitadas.

Solicitamos com o maximo empenho da camara de Torres Novas promptas providencias com respeito ao preenchimento do partido medico em Alcanena, onde grassa com intensidade espantosa o sarampo e onde fal-

tam os socorros da medicina com a promptidão que seria para desejar.

Fiamos que a illustrada vereação envidará quanto antes os seus esforços em ordem a remediar esta falta, que tão sentida se faz.

Ruth.

Chamusca

Ao amabilissimo e immerecido convite d'essa redacção devo ponderar que nas pequenas terras de campo é grande o arrojo de ser-se independente e inaudita a temeridade de escrever para um jornal republicano. Esta palavra sóa ainda asperamente aos ouvidos de muitos individuos mais inconscientes do que retrogrados, mais automatos do que monarchicos, mais indifferentes do que rebeldes.

Póde haver milhares de republicanos em Lisboa e Porto, e centenas nas cidades mais importantes do paiz, entre todas as classes sociaes desde os lentos dos cursos superiores até ao modesto professor primario! póde existir em toda a Europa culta essa visível fermentação crescente das ideias democraticas abalando os thronos, e obrigando os reis a uma permanente contradação de paradas e entrevistas; póde Bismark ser derrotado pelo socialismo radiando das proprias Universidades; póde o Czar esconder-se em um palacio blindado, tremulo de medo pelo invencivel e mysterioso nihilismo; póde haver vinte nações republicanas e 120 milhões d'individuos prosperando sob essa forma de governo; póde haver essa lucta titanica do direito contra o privilegio, da justiça contra o absurdo; mas o que não é licito, é defender essas ideias nas pequenas localidades onde homens *serios e prudentes* ou antes egoistas e inconscientes veem com maus olhos todo aquelle que, *rara avis*, traçou uma linha de inflexivel convicção determinada pelos sentimentos patrioticos, pelas verdades da sciencia e pela dignidade indispensavel ao que deseja justificar o seu nome de homem, em tornar-se, muitas vezes sem necessidade vital, um manequim, um titere nas mãos da politica nacional, a mais devassa e degradante de todas as politicas possiveis.

N'estes pequenos centros de vida, o republicano não é considerado um homem como outro qualquer; os ignorantes de todas as classes julgam ver n'elle a cor vermelha, o incendio, o sangue, a guerra e a guilhotina; as theorias de liberdade, d'igualdade, de fraternidade e paz soam mal aos ouvidos d'aquelles que com olhos fitos no interesse proprio ou nos *politicos* que d'elles se servem para os seus fins, nunca reservaram uma hora para reflectirem, sob o criterio dos principios absolutos, acerca dos motivos que o levam a seguir um partido, de preferencia a um outro. Não importa; o futuro fará a devida justiça.

Pela minha parte saúdo a *Evolução* e os seus redactores como se devem saudar as ideias sinceras e generosas.

Chamusca, 12-3-82.

Santarem

Em Santarem acaba a vereação municipal de praticar um acto de favoritismo. A junta escolar, composta dos srs. Silva, Serrano e Santos, officiou á camara no sentido que se lê: «Em cumprimento do disposto no § 4.^o do art. 229.^o das leis de 2 de maio de 1878 e 11 de junho de 1880, esta junta participa á ex.^{ma} camara da presidencia de ex.^a se acham vagos as cadeiras de Achete (Verdelho) dos dois sexos, e as do sexo masculino no Valle e nas Abitureiras, não tendo ainda sido creadas as do sexo feminino d'estes dois ultimos logares. A junta tem a honra de consultar a ex.^{ma} camara na transformação d'estas seis cadeiras em tres escolas mistas, por lhe parecer estas no espirito da lei. A ex.^{ma} camara deliberará co no entender mais conveniente».

A camara porém não se dignou conformar com estas justissimas indicações da junta escolar, e, soprada pelos mandões politicos, sobrecarrega o municipio para anichar afilhados e garantir votos.

No proximo numero faremos as considerações que o caso requer.